

CONSTRUÇÕES



ABC

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CANDIDATOS
DE INSTITUTOS E GRUPOS DE ESTUDO FILIADOS A IPA

CONSTRUÇÕES

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE CANDIDATOS**

Editora: Denise do Prado Bystronski
Revisão de português: Jô Aparecida Santucci
Capa – Arte: Liziane Leite Cruz
Editoração: Luiz Cezar F. de Lima
Impressão: Gráfica Editora Pallotti

Data de impressão: abril de 2009
Tiragem: 1200 exemplares

Construções / Associação Brasileira de Candidatos, (organizador). – Porto Alegre: Associação Brasileira de Candidatos, 2009.
235 p.

Vários autores
Bibliografia.

1. Psicanálise. I. Associação Brasileira de Candidatos. II. ABC. III. Título.

CDU: 159.964.2 (061.3)

Bibliotecária responsável: Margareth Lourdes Dallagnol
CRB/ 10 - 1449

Construções

É com muita satisfação que a Associação Brasileira de Candidatos concretiza este projeto que reúne trabalhos de colegas em formação psicanalítica dos 12 Institutos, incluindo um Grupo de Estudos e 7 Núcleos de todo o Brasil. Trata-se antes de tudo de uma reunião, de um encontro, neste livro, de diversos olhares em diferentes momentos do desenvolvimento das formações em psicanálise, como tão bem ilustra nossa capa. Ao mesmo tempo uma composição de singularidades e de uma pluralidade que constitui um todo.

Em anos anteriores, a ABC já se organizava no sentido de criar vias de registro para as produções científicas de seus candidatos lançando trabalhos em CD. A forma, a mídia virtual em sua condição de espaço dinâmico poderá parecer mais adequada à categoria de registros de quem, como aprendiz, rascunha percepções sobre as teorias, a clínica, o fazer e o fazer-se, constituir-se, em psicanálise. Percepções por essência em movimento, em formação. Saberes que têm sentido em um tempo dado, sujeitos a transformarem-se frente a um novo texto, a uma nova supervisão, um novo seminário. Essa condição de um pensar possível dentro de um tempo, que pode ser estendida para a produção do conhecimento em geral, fica potencializada na experiência intensa e revolucionária que constitui o período de formação, e por isso a destaque.

Um livro é um objeto sólido. Consultamos os livros em busca de conhecimento, de sábias idéias, consolidadas após uma história. “Estar nos livros” pressupõe, de alguma maneira, uma categoria alcançada. Lemos os livros dos mestres, dos cientistas, dos artistas. As páginas dos livros em geral trazem em si, mesmo que questionáveis, pressupostos de verdade. Pensando assim, de que serve um livro em construção? Que não mostra o já aprendido mas como se está aprendendo, não mostra o já pensado e assegurado e sim descreve como está se organizando o pensamento? Que elementos compõem este livro, este todo a que chamamos Construções?

Imaginemos uma casa construída com tijolos trazidos, um a um, por diferentes mãos, compostos por argila e água de diferentes solos e fontes do país, em diferentes graus de cozimento ou secagem, diferentes pesos, densidades, formatos...um mais assentado, exigindo uma base de apoio, outro posto como um pião em giro constante, outro concebido como areia ... Imaginemos uma construção impossível, composta de vários projetos em movimento, alguns trazendo cálculos e coordenadas, outros ainda um esboço ou um devaneio... Casa na praia, cabana no frio, apartamento *hi tech*, um templo, uma biblioteca, uma parada de ônibus... construção formada por partículas diversas de um país constituindo cada parede, cada página do nosso livro. Uma construção de gerúndios, realizada dentro da mente do analista em formação.

Na experiência de reunir os artigos como editora deste livro, trabalhos escolhidos pelos representantes de cada Associação de Candidatos e enviados para mim, dei-me conta do impacto que cria o múltiplo, o diverso, a exuberante heterogeneidade, o tamanho do Brasil! Busquei agrupá-los a partir de algumas categorias, como tentamos organizar os livros em uma biblioteca, para ajudar o olhar e a alma a dar conta do todo, a conceber uma hipotética idéia de unidade.

Assim temos trabalhos com uma temática institucional e ligada às vicissitudes da formação. Também trabalhos clínicos retratando experiências em análise ou de entendimento de pressupostos psicanalíticos em atendimentos de adultos e de crianças. Ainda os trabalhos teóricos e exercícios de psicanálise aplicada e por fim, mas não menos importantes, trabalhos de pesquisa em Psicanálise. No capítulo final deste livro temos uma visão panorâmica com o excelente levantamento de dados objetivos que descrevem semelhanças e diferenças nos Institutos de Psicanálise de nosso país.

Não se trata de um conjunto de sínteses ou de representações definitivas da essência da formação psicanalítica desse ou daquele lugar, apesar de nos possibilitar um retrato, um instantâneo dos olhares em movimento. Existem, contudo, perguntas implícitas na ideia que a existência deste livro suscita, e que tem estado presentes nos constantes encontros de candidatos: Existe algo em comum nas diversas formações analíticas no Brasil? O que é uma formação analítica? Como se constrói a identidade analítica? De que elementos essenciais ela é composta? Qual o espaço para o novo? Para o diferente? É claro que não temos as respostas... Estamos aprendendo a perguntar...

A busca de uma identidade implica, entre outras tarefas essenciais, a busca de um sentimento de pertencimento, com as identificações, desidentificações, acolhimentos e rupturas pertinentes em relação a um modelo.

Em julho de 2008 os representantes de candidatos de todo o Brasil se

reuniram, à convite da ABC, para um encontro de três dias em Porto Alegre. O objetivo ia além do óbvio, nos conhecermos pessoalmente, trocarmos ideias, experiências, falarmos da forma como trabalhamos, com o que sofremos, com o que nos entusiasmos... Tantas questões e curiosidades mútuas já seriam razão suficiente para um Encontro Nacional de Candidatos. Porém havia ainda outra motivação. Nós nos reunimos todos para um encontro com a IPA, encontro factual e simbólico, na medida em que esta representa uma meta comum e materializa o sentimento de pertencimento à “Instituição Psicanalítica”. Estava acontecendo a visita do *board* da Associação Internacional de Psicanálise a Porto Alegre, cidade de seu presidente Cláudio Laks Eizirik, a quem somos imensamente gratos e que viabilizou, a pedido da ABC, um encontro exclusivo dos candidatos brasileiros com os doutores David Tuckett, Arthur Leonoff e Fernando Weissman, ligados ao comitê de ensino e supervisão da IPA, com quem, dessa forma, os representantes e demais candidatos presentes puderam trocar ideias sobre a formação, suas diferenças, sua eficácia. Foi nessa reunião em Porto Alegre que foi aprovada a ideia, já cultivada por nossa diretoria, de comemorar os 15 anos da ABC através do registro do encontro desta mistura brasileira de unidade e diversidade em um livro... que aí está!

Gostaria nesse momento de deixar meu profundo agradecimento aos colegas de diretoria da Associação Brasileira de Candidatos – à Catherine Lapolli, à Léia Klöchner e ao Eduardo Méndez – pela luta conjunta e pela grande confiança em mim depositada para levar a cabo a tarefa de “cimentar” este livro. Ser organizadora de um livro de tal monta exige a participação de muitos colaboradores e estimuladores, não é tarefa solitária. Assim, quero deixar registrados minha admiração e agradecimento aos Drs. Cláudio Rossi, presidente da FEBRAPSI, e Sérgio Nick, representando aqui a história dos 15 anos da ABC como seu primeiro presidente. Ambos aceitaram prontamente o convite para participar da apresentação deste livro, com um entusiasmo que certamente reforçou a confiança no projeto em desenvolvimento.

Um especial obrigado aos Representantes de Candidatos responsáveis pela seleção e envio dos trabalhos, e colegas do Brasil inteiro com os quais pudemos realizar tantas trocas durante todo o processo, cujo engajamento permitiu que a ideia virasse realidade. Aos diretores de nossas Instituições Psicanalíticas que apoiaram esta iniciativa; à diretoria da SPPA, que permitiu que pudéssemos contar para auxílio na realização deste livro com a secretária de seu Instituto, Margareth Dallagnol, que também trabalhou com afinco como bibliotecária responsável por esta edição, a quem agradeço em nome da ABC. Também a gratidão ao trabalho primoroso de Liziane Leite Cruz, responsável pela capa, Jô Aparecida Santucci

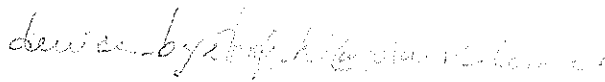
pela revisão de português e Luiz Cezar F. de Lima pela cuidadosa e paciente tarefa de editoração, e finalmente à Maria Isabel dos Santos Saizer, secretária da SPPel que nesta gestão secretaria a ABC, pelos envios de emails e correspondências que garantiram a manutenção de nossos contatos com os colegas de todo o Brasil.

A composição deste livro vai além dos autores, inclui a todos que, em interação, dividem “construções” no caminho para um fazer psicanalítico de qualidade.

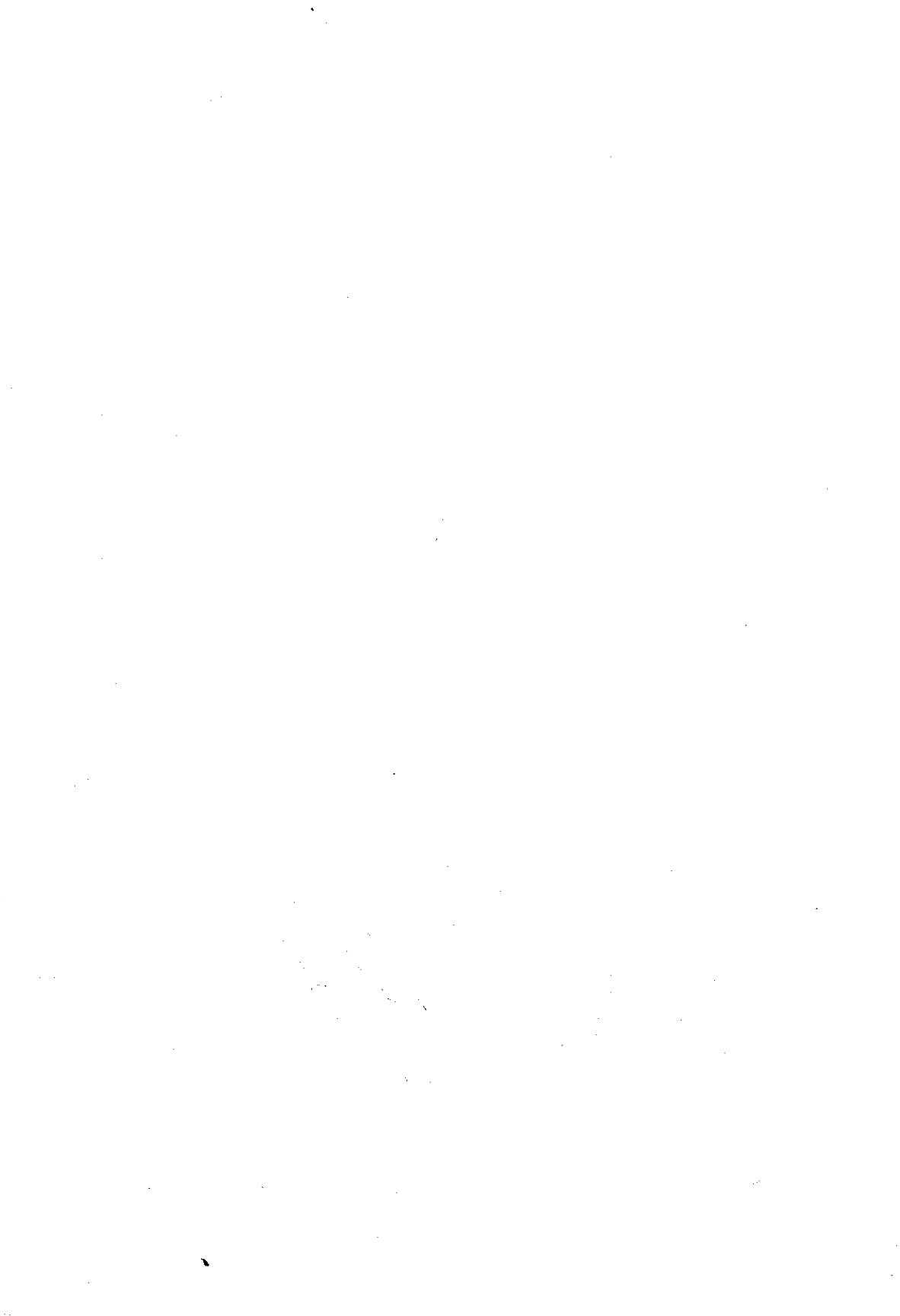
Entre, sintá-se à vontade e aproveite a leitura.

Denise do Prado Bystronski

Secretária da Associação Brasileira de Candidatos
Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre



Apresentações



Palavra do Presidente da FEBRAPSI

A Associação Brasileira de Candidatos ao comemorar 15 anos de existência resolveu publicar este livro, escrito por profissionais que fazem sua formação psicanalítica nas sociedades brasileiras componentes da Associação Psicanalítica Internacional (IPA).

Essa decisão inovadora abre um novo espaço de reflexão no âmbito das publicações sobre a Psicanálise. A formação psicanalítica é um processo que interfere profundamente na vida dos que a ela se submetem e cria situações peculiares que precisam ser descritas e debatidas. A importância da formação é, também, enorme na transmissão e no desenvolvimento da Psicanálise e muito tem sido escrito sobre ela do ponto de vista dos professores e dos analistas didatas. Esta publicação inaugura um novo vértice: as coisas vistas pelo olhar dos que a ela se submetem, no momento em que isso acontece.

Se do ponto de vista científico é indiscutível a importância deste livro, do ponto de vista da política institucional ele é quase revolucionário.

Sou do tempo em que somente depois de qualificado e aceito como membro de uma sociedade é que o profissional tinha o direito de chamar seu trabalho de Psicanálise. Acreditava-se, ainda, que durante a formação as pessoas ficavam num certo estado de regressão e por essa razão seria melhor para elas, para suas análises e para a instituição que ficassem um pouco recolhidas até que elaborassem a transferência. Hoje as coisas mudaram muito nesse sentido. Os candidatos (esse é o nome tradicional dado aos que fazem formação psicanalítica) participam intensamente das atividades das sociedades e, na verdade, já se tornaram indispensáveis para seu bom funcionamento. Não raramente profissionais de grande experiência clínica e com muitos anos de análise pessoal frequentam nossos institutos de formação. Alguns são professores em outras instituições e outros pessoas de prestígio no meio cultural e científico. No entanto, foi necessário que a ABC tomasse a iniciativa para que o estranho e anacrônico silêncio editorial fosse quebrado.

Com alegria a Febrapsi recebe a novidade. Que os candidatos ocupem o espaço que lhes pertence e que o usem com liberdade e determinação. A Psicanálise brasileira será a grande beneficiada por isso.

Cláudio Rossi

Presidente da Federação Brasileira de Psicanálise

Janeiro de 2009

Dezembro/2008

S U M Á R I O

Construções

Denise Bystronski / 5

APRESENTAÇÕES

Palavra do Presidente da FEBRAPSI

Cláudio Rossi / 11

Palavra do Primeiro Presidente da Associação Brasileira de Candidatos

Sérgio Nick / 13

A Associação Brasileira de Candidatos completa 15 anos...

E, afinal, para que serve a ABC?

Eduardo Brod Méndez / 15

ARTIGOS

Um quarto eixo potencial para a formação

Maria Nilza Mendes Campos / Instituto de Psicanálise Virgínia L. Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília / 25

A pessoa do analista em criação e o desejo de ser mãe durante o processo de formação em Psicanálise

Estefânia Sarubbi, Joselane A. T. Campagna da Silva, Paula Francisca de Andrade Mittelstaedt / Instituto de Psicanálise da Sociedade de Psicanálise de Mato Grosso do Sul / 33

O conflito estético – algumas aproximações

Maria Carmelita Teixeira Gorski / Núcleo de Estudos Psicanalíticos de Santa Catarina / 41

Espelho meu, existe alguém mais bela do que eu? (Percursos do Narcisismo na Clínica Psicanalítica)

Lourdes Negreiros / Núcleo Psicanalítico de Fortaleza / 53

Quando a escuta é analítica: sobre escuta em Psicanálise

Carla Brunstein / Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre / 71

Caso-limite e limites do acaso: obstáculo e senha

Sandra Luiza Nunes Caseiro / Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto / 83

Quem sou eu, quem é o outro?

Denise Junqueira / Instituto de Psicanálise da Associação Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro Rio-4 / 97

A Psicanálise na compreensão da personalidade psicótica
Rosa Maria Dal-Bó de Carvalho, Vanessa Dal-Bó de Carvalho / Núcleo Psicanalítico de Florianópolis / 105

Traduzindo o brincar, a dupla analítica revela os inconscientes
Kátia Barbosa Macedo / Núcleo Psicanalítico de Goiânia / 119

Os pa (is) cientes e o analista. Um encontro pensável
Adriana Maria Nagalli de Oliveira / Núcleo Psicanalítico de Campinas e Região / 131

O Pequeno Hans discutido e sentido entre o passado e o presente
Celso Gutfreind / Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre / 141

Pulsão: caminhos e descaminhos na construção de um conceito freudiano
Heloiza Cabral Vargas / Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro / 151

O futuro de uma ilusão e o embate entre mitos e logos
Beatriz Andreiuolo / Instituto de Psicanálise da Associação Psicanalítica Rio-3 / 159

Recordando, repetindo e elaborando na Psicanálise e na cultura de hoje – uma investigação em diálogo a partir da diferença kantiana entre pensar e conhecer – verdade e significado – na obra de Hannah Arendt e W. Bion
Glaucia Pessoa / Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro / 167

O ritual da memória e o ciclo do universo: um ponto de reflexão
Eveline Braga Nogueira / Núcleo Psicanalítico de Maceió / 175

Filicídio ou suicídio?
Rossana Nicolliello Pinho / Grupo de Estudos Psicanalíticos de Belo Horizonte / 181

Vinícios ao som de Freud, Bion e Winnicott
Catherine Lapolli / Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Pelotas / 195

Pensando em Chapeuzinho Vermelho
Maria Valéria da Silva Coelho / Núcleo Psicanalítico de Aracajú / 207

Dores intestinais substituindo dores psíquicas
Walkiria Nunez Paulo dos Santos / Instituto de Psicanálise Durval Marcondes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo / 217

Panorama da Formação Analítica no Brasil
Léia Maria Silva Klöchner / Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, **Patrícia Cabianca Gazire** / Instituto de Psicanálise Durval Marcondes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo / 227

Palavra do primeiro Presidente da ABC

Era o ano de 1989. Fui chamado para participar de uma reunião durante o Congresso Brasileiro de Psicanálise da atual Febrapsi, como representante dos alunos de minha sociedade, onde lutávamos por uma integração maior entre as várias representações. Lá, foi surgindo um grupo entusiasmado de candidatos e analistas, empenhados em criar uma “ABP” dos candidatos. Lembro que o José Iencarelli era um dos coordenadores da reunião, trazendo várias razões para a criação de uma entidade como essa. Desde o início, me agradou muito à idéia, pois eu via que no congresso surgiam intercâmbios riquíssimos entre candidatos, principalmente no que tange à questão institucional de cada instituto. A experiência de um grupo trazia subsídios para os problemas de outro: soluções “geniais” se mostravam pouco viáveis uma vez que já tentadas sem sucesso em outra região. Tudo isso fervia como a dizer: “troquem, discutam, façam circular as idéias!”

Sai da reunião certo de que a ABC tinha que ser criada. Fui um dos que se empenharam para que a ideia não morresse ali. Marcamos outra reunião, já deliberativa.

São memórias que, como sonhos, se esvoaçam; e temo estar fazendo algum tipo de desconsideração. Do que me esqueço? De quem?

Da reunião saímos com uma diretoria formada; eu como presidente, Germana Delamare como vice-presidente, Pedro Gomes como secretário, e Julia Levi como tesoureira. Cargos de dois anos de duração, com rodízio entre as regiões/sociedades. Aproveitamos o que dava certo na ABP e saímos com uma linha de ação: preparar um estatuto, ver como receber contribuições, planejar melhor o próximo pré-congresso, preparar um projeto de intercâmbio científico entre os candidatos, ter um logotipo, eram algumas das nossas tarefas. Acho que nos incumbimos bem dessa primeira diretoria. Formamos um grupo produtivo e entregamos a diretoria nas mãos de Maria Cecília Pereira da Silva com um forte sentimento de que a ideia tinha transformado-se em algo concreto, vivo, com grande potencial para durar.

Hoje, quando me vejo convidado a escrever essas poucas palavras sobre a ABC, sinto que um sonho se tornou realidade. Aos colegas candidatos que se ocupam da ABC hoje, deixo a minha mensagem de que vale a pena estarmos ligados, trabalhando juntos. Este livro é um grande exemplo de criação conjunta, do que pode surgir de um grupo que se une numa tarefa...

Sérgio Nick

Secretário da FEBRAPSÍ

Janeiro 2009

A Associação Brasileira de Candidatos completa 15 anos... E, afinal, para que serve a ABC?

Poder ser Candidato é um desafio, uma conquista e um privilégio! É muito difícil conseguir arcar com a carga psíquica e de trabalho da formação psicanalítica, mas é também muito interessante a possibilidade de recomeçar estudos, rever a maneira de trabalhar, repensar conceitos. Ou melhor, se usarmos os ensinamentos de Bion sobre o pensar, muitas vezes pensamos de verdade pela primeira vez coisas que achávamos que pensávamos. Ser Candidato é estar na posição de alguém que reconhece suas limitações, que percebeu ao longo da prática clínica a necessidade de superação, de reformular a própria mente e a maneira de trabalhar para dar conta de compreender os profundos sofrimentos humanos, desenvolver capacidades para lidar com desencontros e infelicidade alheia. Isso tudo torna um Candidato uma pessoa com características admiráveis, um profissional digno de respeito e valorização. O processo da formação psicanalítica é muito exigente, porém vencer as sucessivas etapas de ser Candidato traz um sentimento de maior plenitude profissional e pessoal. Nós, Candidatos, merecemos comemorar, desfrutar as características dessa etapa de vida: cheia de esforços, fonte de satisfações, para quem puder e souber dela beber.

Imagino que tais questões possam ter estado na origem do desejo de agrupar-se e de compartilhar alegrias e dificuldades: nasceu a Associação Brasileira de Candidatos (ABC), que em outubro de 2008 completou 15 anos. Penso que a ABC se tornou uma força a mais para a Psicanálise brasileira, pois traz a ela muitas possibilidades de contribuição. Além de poder ajudar a tornar a formação mais suportável, mais prazerosa, e assim contribuir para o êxito dos Candidatos em tornarem-se psicanalistas, a ABC pode funcionar como a porta-voz de um precipitado de idéias e questionamentos que evoluem ao longo dos anos. Por exemplo, o próprio nome “Candidato”, consagrado pelo uso para “os da casa” no meio psicanalítico, continua sendo controvertido. Para “os de fora” soa estranho que um profissional com experiência psicoterápica ou psiquiátrica por vezes extensa se apresentar como “Candidato” e como tal permanecer não raro por cerca de uma década! Para os Candidatos, aprendi que o maior incômodo do nome é o fato de que é difícil, na intenção de ligar-se à International Psychoanalytical Association (IPA), por ser uma instituição séria e reconhecida

internacionalmente, fazer o enorme investimento afetivo, de tempo e financeiro que exigem a formação psicanalítica, e ser designado por um termo que representa e afirma uma relação de não pertencimento. Em reuniões da diretoria da ABC com representantes de Candidatos em 2008, em Assembléia e reuniões via internet, a maior parte dos colegas Representantes das Associações de Candidatos dos Institutos das Sociedades e Núcleos Brasileiros concordou que ser apresentado com a denominação “Membro do Instituto de Psicanálise” denotava um vínculo mais significativo com a instituição. Penso, porém, que apenas mudar o nome e cumprir com as formalidades da Análise “Didática”, dos Seminários e da Supervisão não transforma um “Candidato” verdadeiramente em um “psicanalista” em formação ou em treinamento pela IPA. O processo da Formação de Identidade Psicanalítica que passa pelo sentimento de pertencimento à “Família Psicanalítica da IPA” é longo, exige mudanças profundas, processos internos mais do que externos. Acredito que a ABC tem um papel primordial na construção de um sentimento de “irmandade” que propicia ou facilita vivências afetivas que complementam essa “Formação”. Passo a contar um pouco da minha experiência pessoal para me explicar melhor.

Formalmente, a minha vinculação oficial à Sociedade Psicanalítica filiada à IPA ocorreu através da carta na qual dizia que eu tinha sido aceito para ser “Membro Candidato” do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPel) e poderia iniciar os seminários em agosto de 2005, ou seja: dar a partida para minha formação psicanalítica.

Poucos dias antes do começo dos seminários, com um forte desejo de conhecer mais a Psicanálise e as pessoas ligadas a ela, lá estava eu no 44º Congresso Internacional da IPA no Rio de Janeiro. Mas, apesar do meu entusiasmo inicial, e de em alguns momentos estar acompanhado da minha futura colega de seminários e atual colega de diretoria da ABC, Catherine Lapolli, me senti sozinho e perdido no congresso, não conseguindo me conectar com as desconhecidas pessoas e a complexa linguagem psicanalítica. Sinto não ter a tempo conhecido a International Psychoanalytical Studies Organization (IPSO), pois era a organização de Candidatos envolvida no evento e que contava com Candidatos brasileiros na diretoria. Até hoje lamento ter perdido uma “histórica” festa organizada para os Candidatos: “lugar legal com vista bonita, boa comida, bebida e música, gente de todos os lugares se entrosando”... Mas que só fiquei sabendo pelos muitos colegas que conheci depois e lá haviam estado.

Voltando a Pelotas, iniciando os seminários, fui eleito pelas colegas representante da minha turma de Candidatos. Tal fato colocou-me um encargo que eu desconhecia. O que seria “representar os Candidatos do instituto através

da Associação de Candidatos (ACan)”? A secretária da Sociedade passou a me encaminhar e-mails e assim comecei a conhecer a ABC, que, na época, estava divulgando o XX Congresso Brasileiro de Psicanálise, que seria realizado em Brasília, em novembro do mesmo ano. Organizada e acolhedora, preocupada com maior participação e integração entre todos, a diretoria da ABC, juntamente com a ACAn de Brasília, cuidou de detalhes como: buscar-me no aeroporto, hospedar-me na casa de Candidato, dividindo o quarto com outro e reembolsar minha inscrição no Congresso. Havia sido organizada uma reunião com Representantes de Candidatos das outras sociedades brasileiras, onde conheci as duas colegas gaúchas, Candidatas dos Institutos da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBP) e da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), Léia Klöchner e Denise Bystronski, respectivamente. São essas colegas que, juntamente com a Catherine, atualmente completam o grupo que divide comigo as tarefas da diretoria da ABC. Eu havia recebido a pauta dessa reunião com antecedência e assim pude consultar o diretor de meu instituto para obter esclarecimentos, pois teria que falar sobre como era a formação no meu instituto e ouvir como eram as outras. Apesar dos aspectos formais contidos na pauta, outros aspectos mais emocionais ampliavam e empolgavam a livre discussão. Depois tivemos festas, almoços, jantares, *happy hours*, passeios com os colegas Candidatos, tornando os momentos em que assistíamos às atividades do Congresso muito mais leves, vivos e interessantes.

Em seguida ao Congresso, as colegas da Diretoria da Associação de Candidatos da SBP de PA organizaram o I Encontro de Candidatos do RS, e fui convidado para fazer parte da mesa. Quando releio o texto que escrevi para o evento, cujo tema era “Ecos do Congresso Brasileiro de Psicanálise em Brasília”, evidencio o marcante contraste de minhas vivências no Congresso Mundial no Rio com aquelas, mais integradoras e estimulantes de Brasília. Conheci pessoas de todas as sociedades, pude encontrar pares, modelos, interlocutores, amigos, parceiros, receber ou dar dicas de quem assistir, o que valia ou não a pena ler, psicanalítico ou não... Percebi que a tal ABC orientava meus passos, facilitando minha integração para um bom aproveitamento do congresso, antes, durante e depois dele... E essa experiência aumentou minha paixão pela Psicanálise e a minha vontade de andar por perto da ABC.

No ano seguinte, chamado a uma reunião de representantes dos Candidatos, no Rio de Janeiro, pela nova Diretoria da ABC, que eu já havia conhecido e eleito no Congresso de Brasília, me sentia ainda mais motivado pelo fato de, apesar de Pelotas ficar fora do eixo das capitais, também estava sendo incluída e estimulada: senti-me reconhecido e pertencendo... Fatos como encontrar novamente os colegas,

juntando o útil ao agradável, fazendo amizades, discutindo aspectos por vezes técnico-científicos e por outras pessoais da formação, deixaram-me com a alegria de ocupar um lugar especial no cenário psicanalítico nacional. Mesmo sendo um pouco tímido, meu entusiasmo era tal que passaram a brincar que eu poderia ser o novo presidente da ABC. Para minha surpresa (e susto!), os colegas levaram isso adiante, com a ideia de compor uma chapa gaúcha com Candidatos dos dois outros institutos do RS. Passei a trabalhar a ideia internamente e depois num longo processo de convívio, discussões e reflexões com colegas das Associações de Candidatos de Pelotas e de Porto Alegre.

Continuando o Ciclo de Encontros de Candidatos no RS, tivemos mais um na SBP de PA, um na minha SPPel e, fechando o circuito, um evento na SPPA. Já tínhamos a chapa definida e seria oficialmente apresentada para todos os colegas. Ansioso e cheio de dúvidas, teria que falar algo e me perguntava: Mas e agora!? ABC!? É o quê? E serve para quê? Os dias que precederam o evento foram de muita expectativa. Acordava ainda mais cedo para, antes de estudar para os seminários, escrever um texto sobre o que havia ficado em mim da ABC e como atuar compondo sua diretoria, buscando aliviar a tensão que a futura responsabilidade desconhecida me trazia. Intitulado “Reflexões sobre Experiências Iniciais na Instituição Psicanalítica: ABC pra quê?”. Usei esse texto como inspiração para este que abre nosso livro e cito um trecho: “Uns mais fora, uns mais dentro da instituição psicanalítica encontram-se os Candidatos. Numa posição difícil, mas interessante... Como os próprios ‘Candidatos’ à instituição se apoiam e se reforçam? Para o que está instituído na Psicanálise, qual a importância das críticas e dos questionamentos de quem chega de fora, sem comprometimento maior com ela e observa o seu funcionamento? É possível renovar, aprimorar, ser como o adolescente questionador, que propõe mudanças? Como se organizam, se fortalecem, se associam, se dissociam ou se desorganizam os Candidatos? Como se unir, como sofrer as vicissitudes, mudanças, transformações e se envolver sem perder a capacidade de estar de fora, de uma certa distância, mergulhar e sair? Como unir um grupo heterogêneo de Candidatos, uns iniciando, uns há dez anos em formação? Uns querendo muito ser, fazer parte, uns querendo mais o título, uns sentindo-se mais analistas do que Candidatos, uns analisando-se ideológica e apaixonadamente, outros cumprindo o tempo da sua “Análise Didática”, que é parte dos quesitos da formação, nesse caso limitando-se a cumprir formalidades... Suscetíveis aos mesmos problemas de todos os grupos humanos, uns atribuem-se valores, poderes, distinguem-se, separam-se... Qual o norte da ABC e como não perdê-lo? Quais os objetivos gerais que interessam a todos os Candidatos associados à instituição ABC? Como atingi-los, com que técnicas ou instrumentos:

encontros, discussões, reuniões, assembléias, festas?

O art. 2º do Capítulo I do Estatuto Social da Associação Brasileira de Candidatos, que se encontra na Ata de Constituição da ABC, diz:

– “A ABC tem por objetivo congregar e promover a maior integração possível entre os psicanalistas brasileiros em formação, visando o aprimoramento de seus Cursos de Formação Psicanalítica nas Sociedades filiadas à International Psychoanalytical Association (IPA), assim como representá-los junto a organizações internacionais congêneres”.

Sublinho os aspectos que julgo mais importantes sobre os fins da ABC: Congregar, integrar para aprimorar a formação. Em outras palavras, falando à moda gaúcha, a principal função da ABC parece ser “camperear os Candidatos”. Tal tarefa diária, atributo do típico homem do campo “gaúcho”, implica dar atenção, dedicar-se no zelo do rebanho espalhado por extensos territórios, tentando não deixar ninguém desgarrar, atento ao bem-estar de todos na busca do crescimento saudável.

Volto ao texto que escrevi como Ecos do Congresso Brasileiro e transcrevo o último parágrafo: “Por fim, no meu primeiro Congresso Brasileiro de Psicanálise, ouvi e vi coisas bastante emocionantes, vários psicanalistas são meio artistas, meio poetas. Sinto que volto fortalecido, motivado, algo de vital circula em mim, o tal sangue, lá citado, que nutre e me faz pensar, com a sensação de que não estou me metendo em nenhuma furada, estou no meio de gente que é mais ‘do bem’... E, posso dizer, ressaltando a finalidade de sua existência, que a ABC, promovendo a união dos Candidatos, teve uma enorme importância para que, no conjunto todo (do ponto de vista científico e cultural, turístico, histórico, político e de convívio social), este tivesse sido o melhor congresso de que já participei.”

Achei que intuitivamente eu já tinha decifrado parte da função da ABC naquele momento. Pelo Estatuto, faltaria traduzir a função de Representar junto a outras organizações. Seriam elas a já citada IPSO e a Organização de Candidatos de América Latina (OCAL)? É claro que o contato entre organizações com funções afins só pode promover o enriquecimento mútuo, portanto é função da ABC não só representar, mas estimular a integração dos nossos Candidatos com outros de outros países. Alguns colegas acreditam que a principal função da ABC seria a interface com a Febrapsi. E será? Acho esta uma função fundamental: temos cada vez mais acesso à Febrapsi, participamos de frutíferos espaços como os pré-congressos, antes não acessíveis a Candidatos. Nela estaremos no nosso futuro... Mas certamente ela divide espaço com outros objetivos. Penso que criar e manter um espaço próprio para Candidatos, onde possam ser cultivados aspectos específicos dessa categoria, é muito saudável. Sente-se e comenta-se sobre um

clima de maior liberdade, descontração e autenticidade quando fazemos atividades entre Candidatos, mesmo que a discussão seja científica... De qualquer maneira, qualquer que seja a organização em interface, penso que o importante é estar muito envolvido com os Candidatos, e ter o cuidado de levar e trazer as idéias, propiciando trocas, intercâmbios, enriquecendo o processo da Formação Psicanalítica.

O presente livro, *Construções*, proposto como maneira de marcar os 15 anos da ABC, registra um momento da Psicanálise brasileira através dos Candidatos que publicam sua peculiar maneira de pensar e sentir a Psicanálise: durante o processo da *Construção* de uma identidade psicanalítica. Seu lançamento no XXII Congresso Brasileiro de Psicanálise (de 29/04 a 02/05/2009), no Rio de Janeiro, busca cumprimentar e agradecer a, partilhar e comemorar com todos os envolvidos no longo processo de *Construção* da ABC de hoje.

No dia 14 de outubro de 1993 foi fundada a ABC. Nos arquivos encontramos uma foto histórica, intitulada “início da gestação da ABC”, no ano de 1978, coincidentemente 15 anos antes da fundação da ABC. Nessa reunião de Candidatos da época, estava presente o atual presidente da Febrapsi, Dr. Cláudio Rossi, a quem, como forma de reconhecimento por seu interesse e dedicação por nossa formação, convidamos a ser um dos apresentadores desta publicação. (Foto 1 – Dr. Cláudio Rossi, o primeiro à esquerda)



Também convidamos para escrever algumas palavras o Dr. Sérgio Nick, atual secretário da Febrapsi, que foi o primeiro presidente da ABC. Esperamos

com isso abarcar aspectos históricos que não acompanhamos e que compõem o nosso passado institucional.

Com toda a carga psíquica e de trabalho que a formação exige, o desafio de acrescentar substanciais compromissos administrativos ao escasso tempo de um Candidato é uma difícil tarefa. Penso que eu e as colegas da Diretoria da ABC nos dispusemos a empreender esse esforço, aprendemos a conviver e desenvolver uma força de trabalho baseada em reflexões grupais. A minha homenagem a nós mesmos é esta foto no Café Aquários, em Pelotas, um pouco antes de nossa reunião mensal (Foto 2 – A Diretoria da ABC 2008/2009, Denise, Catherine, Léia e Eduardo).



Buscando uma maneira de comemorar o aniversário da ABC, partimos da ideia da Denise de editar um livro. Essa proposta passou a ser *Construída* seguindo e reunindo vários significados ligados à função da ABC: um espaço de inclusão, de valorização da produção de artigos com tema de livre expressão, visando uma integração nacional de colegas. Convidamos todas as Associações de Candidatos das 12 Sociedades, 1 Grupo de Estudos e 11 Núcleos do Brasil a incluir um artigo de escolha livre. Agradecemos imensamente o compromisso dos colegas que contribuíram com os trabalhos. Ofereceremos um exemplar do livro para cada um dos mais de 550 Candidatos atualmente sócios da ABC.

Por certo estamos dando evolução ao trabalho de Candidatos anteriores e nos sentimos privilegiados por isso. Os colegas da gestão 2002/2003 já haviam feito uma publicação de trabalhos de Candidatos em CD – II Revista ABC, encontrada nos nossos arquivos, à qual se segue nossa publicação em papel na forma de um livro. Quem sabe essa proposta possa ter continuidade e ser desfrutada por novas gerações de candidatos...

Terminando a tarefa de apresentar este livro, representando a Diretoria da ABC, reconheço que me manifestei de uma maneira pessoal e coloquial. Percebo que nunca senti tanta necessidade de manifestar minha opinião do meu jeito quanto na condição de Candidato. Às vezes brinco dizendo que estou resgatando meu “gauchismo”: um jeito mais simples, direto e informal. Acho que na experiência da formação psicanalítica consigo livre expressar-me (pelo menos por escrito, onde fica mais fácil apagar alguns “excessos”), encontrando respaldo nos mais diferentes âmbitos: no jeito literário, pessoal e conversado de Freud, que venho desfrutando nos seminários; no ideal e atitude de respeitar diferenças de meu analista; no jeito claro de emitir opiniões, de se posicionar de meu supervisor e finalmente respaldado em tudo o que tentei descrever neste texto sobre a importância do convívio com os colegas Candidatos... E se não for muita pretensão achar que represento um pouco do que é ser Candidato no momento atual no Brasil, sinto que vivenciamos uma experiência com mensagem de liberdade. E penso que viver plenamente a condição de Candidato ajuda a, usando as palavras de Etchegoyen, ir encontrando o Analista que existe dentro de cada um de nós...

Eduardo Brod Méndez

Presidente da Associação Brasileira de Candidatos
Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Pelotas

Artigos

Um quarto eixo potencial para a formação

Maria Nilza Mendes Campos

Instituto de Psicanálise Virgínia L. Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília

O trabalho tem o objetivo de refletir sobre o engajamento na vida institucional e o processo de formação em Psicanálise. São destacados as vicissitudes transferenciais da análise de formação, o desenvolvimento da capacidade crítica e a construção do sentimento de pertencimento. Sugere-se a possibilidade de criação de um espaço acolhedor e não-alienante, que possa abrigar a diferenciação e a identidade, tal qual o espaço potencial de Winnicott.

“É fato que a fábrica de pensamentos é como o tear de um tecelão, em que um movimento do pé move milhares de fios, em que a lançadeira sobe e desce sem cessar, em que os fios escorregam invisíveis, em que mil nós se formam de uma só vez...”. *Fausto*. Goethe

Este trabalho foi escrito para o Pré-Congresso de Psicanálise, que se realizou no XXI Congresso Brasileiro de Psicanálise, em Porto Alegre. Ele foi apresentado na mesa com o tema “O sentimento de pertencimento na situação analítica”, proposta pela Associação Brasileira de Candidatos, visando tratar das questões relativas à ausência de engajamento institucional por parte dos psicanalistas em formação, que se expressa, seja na ausência em reuniões científicas e seminários, seja no desinteresse em ocupar lugares na vida institucional. Aqui, pretende-se questionar quais as condições que poderiam favorecer essa posição dos psicanalistas em formação diante do processo de formação, bem como o que poderia criar dificuldades na apropriação desses espaços?

O lugar institucional circunscreve uma posição bastante paradoxal. É que, se por um lado se funda numa hierarquia, onde lugares estabelecidos e valores são definidos, gerando tensões nas trocas entre os pares, por outro, é o lugar de sustentação da identidade autônoma, onde se torna possível a troca, a produção e a interação entre o grupo.

As idiossincrasias produzidas pela hierarquia, próprias da vida institucional, estiveram presentes desde o começo da psicanálise. Aqui, vale ressaltar a especificidade da instituição psicanalítica, onde as transferências e resistências não se reduzem ao *setting*, implicando ressonâncias psíquicas, que se desdobram nas relações pessoais. Os desdobramentos dos investimentos ancorados na transferência induzem a uma identificação uniforme, com a submissão a ideais, de antemão estabelecidos, e provocam uma nefasta rede de animosidades, ressentimentos e rivalidades. As vicissitudes do modelo de formação nos confrontam a uma pluralidade de transferências com diferentes membros da hierarquia, que podem ser devastadoras se não pudermos nos distinguir.

Na “História do Movimento Psicanalítico”, Freud (1914) analisa as rupturas teóricas e políticas da história da psicanálise. Nela estabelece o campo da psicanálise, deixando uma margem para o surgimento das diferenças. Ao referir-se à transferência e à resistência, assinala que “qualquer linha de investigação que reconheça esses dois fatos e os tome como ponto de partida de seu trabalho, tem o direito de chamar-se Psicanálise, mesmo que chegue a resultados diferentes dos meus” (p. 26).

Kupermann (1996), em “Transferências Cruzadas”, analisa os efeitos produzidos pela transferência a Freud, e as transferências de Freud, no processo de institucionalização da Psicanálise. Salienta o fato de que a promessa implícita num modelo de formação, representada por lugares definidos e respostas asseguradas, gera um projeto de formação alienante, na qual a transferência aos demais está ancorada na transmissão vertical de uma geração a outra, em idealizações, e em redes de poder, geradores de tensão permanente entre os pares.

Ao tratar do funcionamento das instituições psicanalíticas, Soroka (2001) aponta para a criação do Comitê Secreto por Freud, como o berço de atitudes que até hoje acompanham a Psicanálise, geradoras de ambições, turbulências e competição, induzindo modelos de produção mais submissos, produzindo relações de poder, propiciadoras de identificações uniformizantes. Para o autor, a verticalidade própria da formação nas sociedades ensejaria a reconstrução do mito totêmico, reproduzindo a horda primitiva indiferenciada, em que o pai, representante máximo da potência sobre os filhos, exerce seu total controle. Dessa forma, o desejo de onipotência de uns se associaria à demanda de proteção de outros, esterilizando “o potencial criativo, aprisionando o pensamento científico, levando a uma pseudo-identidade do analista” (p. 1076).

No que concerne à formação do psicanalista, por sua vez, a instituição apresenta-se como um espaço privilegiado. O lugar onde, por excelência, deveríamos poder falar em nome próprio. E, falar em nome próprio implica necessariamente esbarrarmos no encontro com a diferença, com o outro, com suas transferências, suas experiências distintas e posições contrárias as nossas. O espaço institucional deveria ser o local por excelência de exercício da própria Ética da Psicanálise, que se caracteriza pelo encontro com a alteridade. Assim, favoreceria que os encontros se dessem como troca e não como ameaça e perseguição. Afinal, é na convivência institucional que se estabelecem as relações sociais, as trocas, a interação e o reconhecimento dos pares, favorecendo a sustentação da identidade de cada um e do grupo. O engajamento institucional é necessário não só como reconhecimento social, mas, sobretudo, pela possibilidade de nos retirar do isolamento a que nos impõe a prática clínica, não raro conduzindo a um entrenchamento narcisista. Precisamos do outro, não podemos ser analista só no consultório. Ali é um espaço no qual somos convidados a nos reservarmos, a recuarmos narcisicamente. É a instituição o espaço onde se cria, onde podemos trocar nossas impressões, nossas angústias, compartilhar nossos dilemas e toda essa gama de sentimentos represados em nossa prática clínica.

De outra parte, não podemos perder de vista o fato de que a Psicanálise é uma experiência que não se dá de forma isolada do mundo, e que, ao

compartilharmos o mesmo mundo de nossos pacientes, as dificuldades identificadas neles também podem estar alcançando-nos. Denise Bystronski, em comunicação pessoal, se indaga se a dificuldade em se vincular, própria das novas patologias contemporâneas, constituindo psiquismos cada vez mais narcisistas, não estaria presente nesta desafetação dos colegas em seu próprio percurso?

Dessa forma, ausência de implicação e engajamento no seu processo de formação seria um sintoma do nosso tempo. Diante do ônus de conviver com o incômodo, com adversidades, o sujeito se confina em seu consultório, impondo-se um distanciamento limitador de suas possibilidades, mas protegido de situações conflitivas.

Constata-se, que, dessa maneira, a instituição seria apropriada em seu papel mais radical de assegurador de lugares, escamoteando a solidão e a angústia próprias do processo de formação, e impedindo um percurso individual, com seus efeitos imprevisíveis. E, nesse sentido, a instituição, tal como constituída em nossas sociedades, seria favorecedora desse comportamento, haja vista que de antemão os resultados estariam garantidos, reduzindo o investimento do sujeito em suas próprias ações e a possibilidade de construção de um saber sobre si mesmo. A adoção de um modelo hierárquico tal qual compartilhamos, e o impacto transferencial que acompanha a função do analista didata, tenderia a eliminar as diferenças, favorecendo a submissão ao invocar a fidelidade ao mestre, e inscrevendo o analista num sistema de filiação que pode tirar do paciente/analista em formação a liberdade de falar e de pensar em nome próprio e construir uma identidade singular? Nesse caso, a formação acaba por constituir-se numa reprodução sustentada pela identificação, se afastando do que, *a priori*, entendemos como a própria natureza da Psicanálise, qual seja, a constituição de uma produção singular, e não a repetição de um saber.

Também é preciso indagar se a instituição não estaria viabilizando tal situação, pois a homogeneização pode estar presente, inclusive, nos critérios da seleção dos analistas em formação, uma vez que se poderia escolher subjetividades compatíveis com seu próprio modelo, impedindo a inserção de singularidades distintas, e, assim, expelindo o elemento transformador. Não é demais lembrar que Marcelo Viñar, no penúltimo número do *Jornal de Psicanálise*, ressalta que “onde se ganha a qualidade humana é na diversidade”.

Como vimos acima, a Psicanálise nasceu dentro de controvérsias. Afinal, foi através de conflitos e tensões que o movimento psicanalítico se institucionalizou. Freud enfrentou grandes resistências, não só da sociedade em que vivia, como também dentro do próprio movimento psicanalítico, sendo este conhecido por suas divergências. Sejam elas entre Freud e Adler, Freud e Jung,

Melaine Klein e Anna Freud, Lacan e a IPA. Foi a ousadia e a inventividade de Ferenczi, Klein, Winnicott, Bion e Lacan que arejaram a Psicanálise com novas idéias.

A par das questões narcisistas que envolvem tais discordâncias, gostaria aqui de ressaltar a implicação e o investimento nelas existentes, uma vez que é a libido o elemento que mantém reunido o grupo, como já nos ensinara Freud em “A Psicologia das Massas e Análise do Eu”. A tensão permanente não necessariamente precisa ser tomada como inibidora do potencial criativo do sujeito, mas, sobretudo, o enfrentamento com as diferenças, por mais dolorosas e perdas que elas possam nos trazer, é também fundador da identidade de cada um no grupo. Retomando o que nos diz Pontalis (2003), precisamos estar constantemente em contratos com as diferenças.

Coloca-se então a questão de como pensar a possibilidade da construção de um espaço de liberdade, de mobilidade crítica, onde seja possível abrigar essas diferenças, sem que para isso tenha que se abdicar do que reúne e sustenta o grupo, que é a vida institucional?

É consenso que uma das idéias mais originais de Winnicott (1975) seja o conceito de espaço potencial. O termo é usado para se referir a uma área de experiência que se origina entre um espaço físico e mental, constituído na relação da criança com o objeto. A mãe, encarnada neste lugar de objeto, irá permitir a estruturação de um lugar psíquico, matriz de toda a experiência cultural e criativa do bebê.

Para Winnicott, a função da mãe seria, num primeiro momento, a de garantir ao bebê uma sustentação e um amparo para atender suas necessidades, tornando-se um ambiente seguro e acolhedor. Promovendo um suporte especular, a mãe, gradativamente, deverá permitir ao bebê a experiência da falta de seus cuidados, possibilitando a instalação de um espaço de compartilhamento entre o que o bebê concebe e o que ela lhe oferece, criando-se um território entre o interno e o externo, que não é nem dentro nem fora. Esse desenvolvimento sustentado enseja aquilo que Winnicott (1975) chamará de espaço potencial, que irá abrigar o objeto transicional e terá como função a simbolização da ausência materna.

Ou, num referencial mais freudiano, o sujeito começa a se colocar no mundo a partir de sua posição triangular, entre o olhar sedutor da mãe e o olhar interditor do pai, quando da entrada de outro, que descortina a alteridade, para as inúmeras possibilidades subjetivas que se abrem ante a descoberta de que se pode ser diferente entre os iguais.

A instituição deveria fazer um semblante de mãe suficiente boa, de parceira, de aliada na construção de outras referências, promovendo de maneira não

autoritária um espaço em que possam advir identidades distintas, próprias, e com isso favorecer um adensamento das transferências, sem que, com isso, a sua legitimidade esteja em questão.

A sugestão de Winnicott (1975) de que os paradoxos possam ser aceitos, tolerados e respeitados, e não serem resolvidos poderia ser aplicada também ao processo de formação. Processo este, ademais, próprio do ofício do psicanalista, como devir permanente, que não se restringe aos anos em que passamos até ingressarmos na sociedade, mas que tangencia todo nosso percurso.

Ogden (1995) ressalta que é no processo dialético que se encontra envolvida a criação da subjetividade. É no curso da diferenciação que podemos reconhecer o surgimento do sujeito. A conquista da consciência, ou seja, do sentimento de si, decorre da conquista da subjetividade, entendida como “um discreto senso de individualidade, pelo qual a experiência é sutilmente dotada da qualidade de que se está pensando os próprios pensamentos e sentindo-se os próprios sentimentos, em oposição a viver-se em um estado de reatividade reflexiva”.

O espaço potencial corresponde à idéia de um “vir a ser”, um espaço psíquico que ensaja toda a experiência criativa e transformadora do bebê, é nela que os processos criadores e o jogo se articulam, sendo o lugar por excelência “das experiências individuais da pessoa no meio que se lhe impõe” (Winnicott, 1975).

Por outro lado, será que não estaria faltando às instituições algumas das características da mãe suficientemente boa, de modo a favorecer um ambiente de sustentação sem forma muito definida, de acordo com as necessidades de cada um, respeitando seus limites, também a tomando como separada e diferente de si? Quando Winnicott nos fala do *holding* materno, e da capacidade da mãe em propiciar uma autonomia gradual ao bebê, nos adverte para que a qualidade dos cuidados maternos não se torne autoritário, de maneira que possam advir dali novas organizações subjetivas.

Penso que é nas discussões, na multiplicação das idéias, no equilíbrio entre identidade e diferença que se constrói a identidade do analista. E é ela que pode ser fundadora do sentimento de pertinência. O desafio institucional estaria em sua capacidade de abrir espaços que permitam maior horizontalidade nas relações, podendo se constituir não como uma construção acabada, mas como um devir, dentro da própria lógica do inconsciente freudiano.

As considerações aqui apresentadas sugerem que se proponha chamar um quarto eixo para a formação¹, qual seja, o engajamento na vida institucional.

¹ Essas idéias foram originalmente apresentadas no Boletim Informativo da SPB, maio/junho de 2006, Ano 9, nº 3.

Afinal, é pela participação na vida institucional que podemos falar em nome próprio, propor atividades e, assim, construir um sentimento de pertinência.

Encerramos, propondo que a possibilidade de convivência com as diferenças pode ser geradora da criação de uma instituição mais fraterna e democrática, capaz de constituir espaços mais produtivos e criativos. Na medida em que podemos nos apropriar dessa condição, a instituição deixa de ser um lugar de respostas asseguradas, passando a privilegiar uma formação permanente, apoiando-se em trajetórias singulares, dando a cada um a responsabilidade por sua formação e a responsabilidade pela construção de seu lugar de analista. □

Referências

- FREUD, S. (1914). A história do movimento psicanalítico, In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. (1921). Psicologia de grupo e análise do ego, In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 18. Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- KUPERMANN, D. (1996). *Transferências cruzadas – uma história da psicanálise e suas instituições*. Rio de Janeiro: Revan.
- OGDEN, T. (1995). Sobre o espaço potencial. In: GIOVACHINI, P. L. *Táticas e técnicas psicanalíticas: D. W. Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- PONTALIS, J. (2003). Laboratório central. In: GREEN, A. *Psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago.
- SOROKA, P. (2001). O dito e o não-dito. Estruturas Secretas e Ideologias nas Instituições Psicanalíticas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 35, n. 4, p. 1061-1078.
- WINNICOTT, D.W. (1975). *O brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, Imago.

A pessoa do analista em criação e o desejo de ser mãe durante o processo de formação em Psicanálise

Estefânia Sarubbi

Joselane A. T. Campagna da Silva

Paula Francisca de Andrade Mittelstaedt

Instituto de Psicanálise da Sociedade de Psicanálise de Mato Grosso do Sul

As autoras propõem uma reflexão sobre o seu processo de formação analítica, em um Instituto de Psicanálise que passou por um desenvolvimento de Grupo de Estudos à Sociedade componente da IPA. O enfoque proposto é o da formação psicanalítica e da pessoa real do candidato-analista e suas vicissitudes. As autoras contam a experiência de um grupo de analistas candidatas que geraram bebês no decorrer da formação, relacionando-a com algumas vivências grupais ligadas ao momento institucional e com as contribuições de autores psicanalíticos que auxiliam na compreensão do processo de vir a ser analista.

O interesse por esse tema surgiu ao participarmos de uma palestra, em outubro de 2007, com o Dr. Franco Borgogno na sede da Sociedade de Psicanálise de Mato Grosso do Sul.

Na ocasião, o Dr. Borgogno falava sobre a vida saudável de um analista, defendia a ideia de que o analista é gente e precisa ter cuidado para que não se esqueça disso durante a formação. Ele dizia que analista tem que ter filhos e se divertir; não dá para viver só a Psicanálise.

Suas palavras ficaram em nossas mentes, principalmente a afirmação de que analistas deveriam ter filhos.

Em nossa turma, composta por seis analistas candidatas (a quarta turma), como havíamos recentemente tido filhos, começamos a comentar que, quatro de nós geraram bebês durante a formação. E uma candidata que não os gerou se preocupava com o tempo que passava, e se ainda teria a possibilidade de gerá-los.

Refletimos sobre isso e várias associações surgiram. Foi nessa época que pensamos em escrever algo sobre o assunto. Quando soubemos do congresso em Santiago, com o tema “A Pessoa Real do Analista”, ficamos estimuladas a escrever o trabalho e apresentá-lo.

A pessoa do analista, segundo Levisky (1995, p. 62), refere-se:

Ao conjunto de atributos de personalidade, de experiências, de conhecimentos e de conflitos pessoais que o analista vive em sua prática clínica e fora do consultório psicanalítico, nas atividades institucionais, nas funções de ensino, pesquisa e/ou na psicanálise aplicada (...)

Nosso propósito é brincar um pouco com nossas associações e refletir de que modo estar gestante e ter filhos pequenos, durante o período de formação psicanalítica, nos influenciou na gestação e no nascimento de bebês analíticos e, portanto, em nosso modo de sentir e pensar a teoria e a clínica psicanalítica.

Trabalhamos com a Quarta Turma de analistas-candidatas em formação. Quatro de nós, como já foi mencionado, passamos pelo processo de gravidez. Pensávamos em como conciliar a maternagem com as oscilações emocionais e exigências que são naturais em um processo de formação psicanalítica. E mais: Seria uma atuação desta turma em relação à formação analítica? Ou seria um processo natural e cronológico, haja vista que as candidatas eram jovens e iniciavam também a formação de uma jovem família? Haveria uma relação entre essas gestações com a história desta turma?

Pensando no eixo principal de nosso trabalho, que *é o processo de criação,*

seria interessante pensarmos nos elementos envolvidos neste processo de produzir e “criar” algo, um novo conhecimento.

Winnicott (1960) nos mostra que os ingredientes fundamentais para que o indivíduo adquira o sentimento de ser alguém se encontram no início de seu desenvolvimento pela conjunção de fatores constitucionais (fisiológicos, neurológicos) e o amor ligado aos cuidados que recebe da mãe. A mãe, por meio da *preocupação materna primária*, e sua função de *holding*, é capaz de se identificar com seu bebê e proporcionar os cuidados básicos a este bebê que ainda não se vê separado desta mãe. Ela é peça fundamental para oferecer ao bebê a sua existência e o sentimento de pertencer a si mesmo. O eu real do indivíduo só se torna realidade com a capacidade bem-sucedida da mãe em responder ao *gesto espontâneo* do bebê, favorecendo a este a construção do seu *self verdadeiro*. O pai auxilia dando suporte à mãe para que a mesma possa se “preocupar” com este bebê.

Todo processo de criação e desenvolvimento implica, portanto, uma relação vincular. É no contato com o outro que percebemos nossa incompletude; e buscamos nos identificar com o outro idealizado para criarmos nossa própria identidade. Em nossa vivência, a relação vincular seria candidatos-aprendizes e instituição (pai-mãe).

Segundo Widlöcher apud Soares (2001), ao abordar o processo de aprendizagem analítica diz:

Na formação psicanalítica, bem como em nossa educação continuada, também encontramos estes mesmos fenômenos – nos identificamos com nossos analistas, muitas vezes imitamos o que eles fazem... Sofremos as imposições pela imaturidade, pelas intrusões e abusos que possam ocorrer. E precisamos nos vincular para que a aprendizagem ocorra. Precisamos assimilar o conhecimento em toda a sua plenitude, tornar nosso o que é do outro, e criar o que é próprio.

Faz-se necessário informarmos como foi o início de nossa história. Tivemos ciência da história de nossa turma depois de um tempo. A nossa sociedade, naquele momento, era um Grupo de Estudos e, portanto, sob o acompanhamento de um *Sponsoring Committee* da IPA. Na época, esse Grupo de Estudos havia aprovado 19 candidatas para dar início à formação, porém, como a instituição contava com pequeno número de analistas didatas, o *Sponsoring Committee* orientou que fosse feito um grupo menor. O resultado foi que os membros de nossa turma estavam ameaçados de serem “abortados” do sonho de serem analistas. Mas a solução

encontrada pelo GESP para esse impasse foi lutar para que houvesse duas turmas. Tem início então a Terceira Turma e após um longo período aflitivo para nós, de mais ou menos seis meses, sem que soubéssemos que já estávamos sendo gerados, somos comunicadas por meio de cartas da nossa aprovação para o início da formação psicanalítica. E “nasce”, assim, a Quarta Turma.

Faz-se interessante salientar esse fato, pois, durante muito tempo, o grupo viveu a fantasia inconsciente de exclusão, rejeição e menos-valia por não termos sido escolhidas e aprovadas para iniciar a formação com a Terceira Turma, imaginando que tínhamos algo de errado, não sendo o filho-grupo desejado. Idealizávamos um grupo perfeito e acreditávamos que não era o nosso.

Somente anos após o início da formação e que viemos a nossa história de nascimento e que, ao contrário do que pensávamos, fomos muito desejadas, esperadas, e que houve luta pela nossa existência. Descobrimos, nesse momento, que não éramos o filho-grupo desvalido e indesejado, nem a nossa Sociedade-mãe, rejeitadora, e sim, apenas jovem, mas forte e desejante o suficiente para nos ter. Pensamos também que, pelo fato de ter sido adiada a nossa “existência”, não podíamos ver que éramos desejadas não só pela mãe-Sociedade-instituição, mas também pelo pai-IPA-instituição. Essa fantasia grupal interferiu na forma da turma se relacionar com a instituição. Acreditávamos, inicialmente, que a instituição era má e perseguidora com o grupo.

Havia uma crença grupal inconsciente de que a solução dos problemas se daria na medida em que conseguíssemos evitar o perigo certamente proveniente de um objeto persecutório – interno ou externo ao grupo –, o qual deveríamos enfrentar, fugindo ou atacando. Qualquer investimento no grupo, se sentido como mal correspondido, despertava a ansiedade de perda e/ou fantasias de perseguição. A solução desejada apresentava-se não como uma conquista, mas como a evitação clara da dor, por meio de uma ansiedade baseada em temores paranóides.

Qualquer grupo, de acordo com Bion (1962), movimenta-se em dois níveis de funcionamento grupal: o grupo de trabalho e o de supostos básicos. O grupo de trabalho opera no plano consciente e é um nível de funcionamento grupal que está voltado para a execução de tarefas, procura modificar racionalmente a realidade, dentro do processo secundário, e, dependendo da frustração, será mais ou menos criativo. No plano inconsciente os supostos básicos ficam em estado latente. Nosso grupo, visando a evasão da realidade e da frustração, agia de acordo com o suposto básico de luta-fuga, pela crença de que o grupo se formou para se preservar e que isso só podia ser feito lutando contra alguém ou algo ou fugindo de alguém ou de algo.

Junto com o nascimento da Quarta Turma iniciam as produções de bebês

que foram gerados em uma sequência, um após o outro, entre o período de recebimento da carta de aprovação, e durante cinco anos da formação, foram gerados cinco bebês e destes, quatro nasceram. Comentávamos e até brincávamos quem seria a próxima a engravidar nessa turma tão fértil, como em uma brincadeira de “passa o bastão”, como se no imaginário grupal a produção de bebês não pudesse ser interrompida.

Esta turma possui algumas características interessantes analiticamente falando. Apresenta certo funcionamento oral, visto que sempre comemos durante os seminários. Segundo uma candidata, essa tarefa grupal de cada uma levar um lanche alternadamente aos seminários era a única tarefa que funcionava perfeitamente sem quebras de regras. Fato este questionado por muitos coordenadores dos seminários e até interpretado como um funcionamento fusional da fase oral, pois, estávamos em função materna primária como mães de verdade, e que influenciavam e até dificultavam a permanência nos seminários como grupo de trabalho.

Conforme o modelo relacional, a percepção do objeto promove o desenvolvimento da agressividade do bebê, em que ele sente desejo de morder o seio como uma fantasia prazerosa de contato. Também como uma fantasia de incorporação do objeto, estávamos, então, nos adaptando e incorporando o objeto. Outros se referiam a este comportamento oral como uma atuação do grupo e/ou como uma identificação com nossos bebês, um grupo-mãe com *preocupação materna primária*, segundo Winnicott.

Com o desenvolvimento, logo surgiram outras características, certa rebeldia às normas institucionais. Começávamos a dizer “não”. Essa fase do “não” e a tentativa de controlar o objeto-instituição nos causaram alguns prejuízos e também nos permitiram perceber que algo acontecia de errado com a nossa turma. A pergunta é: Por que tanta rebeldia com a nossa mãe-instituição? Ou o “não” estava ligado a uma fase de individuação segundo Mahler e, portanto, necessário para o nosso desenvolvimento? Ou estariam ligadas às nossas fantasias inconscientes de não aprovação e, portanto, não podíamos entrar em contato com os cuidados necessários desta mãe? Acreditamos que muitos fatores interagiram no nosso desenvolvimento.

Winnicott (1958) afirma que, quando ocorre uma fragilização momentânea ou circunstancial no ego, o indivíduo usa do objeto, ou cria situações para controlá-lo onipotentemente. Iniciar uma formação analítica é alarmar o ego, pois coloca o indivíduo diante de situações novas e desconhecidas.

Bion (1962) diz que num encontro ocorrem projeções de conteúdos internos que não estão codificados pela pessoa, são os elementos beta. Como são conteúdos

que não podem ser pensados, eles necessitam ser projetados ou evacuados. Esses elementos beta originam-se das sensações primitivas denominados de protopensamentos e que, se não forem elaborados, serão atuados por atos impulsivos ou por via somática. Por exemplo, nos seminários, apareceriam como dificuldade de realizar a tarefa de discussão, obstaculizando a aprendizagem.

A formação da pessoa real do analista inicia bem antes de qualquer processo de ensino, pois acreditamos que está intrinsecamente ligada a questões fundamentais do indivíduo, à ética e a uma atitude analítica de buscar a verdade em qualquer relação estabelecida. A necessidade de explicar às vezes o inexplicável. Como o que estamos fazendo ao tentar elaborar a nossa verdade interna, nesse encontro de candidatas-analistas, de vivermos a experiência “na pele” de construir a nossa identidade analítica.

De acordo com Fernandes & colaboradores (2003), a palavra “conhecimento” vem do latim *cognoscere*, isso é *co* = estar com + *g*, raiz do verbo *gignomai* = gerar + *noscere* = entender, ou seja, “conhecer” refere-se à curiosidade primitiva relativa ao mistério do nascimento e da relação dos pais em cada um.

Winnicott (1975) relaciona o brincar criativo das crianças com a capacidade de concentração no adulto. O tema do brincar tem relação direta com o da criação mundo. Para ele, a criatividade psíquica refere-se ao desenvolvimento da capacidade de formar símbolos e encontrar formas de expressão por meio de idéias, no diálogo com o mundo de realidade compartilhada. Assim, Winnicott funda as bases do seu pensamento no ato de criar, pois, tanto o objeto subjetivo quanto o objeto da realidade compartilhada são frutos da criação do indivíduo.

De acordo com Winnicott (1975), onde há confiança e fidedignidade há também um espaço potencial em que o bebê, a criança, o adolescente e o adulto podem preenchê-lo criativamente com o brincar. Por meio do brincar realizam-se coisas, não simplesmente pensar ou desejar, pois brincar é fazer. Brincar é a base da capacidade de discriminação necessária ao processo de aprendizagem criativo que envolve a autoria e a apropriação criativa de conhecimentos.

Nos termos Winnicottianos, brincar é essencial. Mas podemos perceber, em nosso grupo, um vivenciar reativo e não criativo, com dificuldades em “brincar” de um vir a ser analista. Um grupo com dificuldade para colocar seus pacientes em análise, para dar início às supervisões didáticas, para gestar a pessoa do analista.

De acordo com Winnicott:

Não existe tal coisa chamada bebê, significando com isso que, se decidirmos descrever um bebê, nos encontraremos descrevendo um bebê e alguém.

Um bebê não pode existir sozinho, sendo essencialmente parte de uma relação. (Winnicott, 1949, p. 99).

Da mesma forma, não existe tal coisa chamado paciente sem um analista e vice-versa. E por um longo período de tempo nos sentimos inférteis enquanto mães-analistas para gerar pacientes analíticos-bebês. Em contrapartida, havia no grupo a constante geração de bebês e a ambivalência se fez presente entre ter filhos analíticos e postergar os biológicos ou o contrário. E os filhos analíticos foram os postergados.

Conclusão

Pensando em nossa pergunta inicial – se a produção de bebês seria uma atuação dessa turma em relação à formação analítica ou seria um processo natural e cronológico das candidatas que são jovens e iniciavam também a formação de uma jovem família –, acreditamos que a nossa vivência de recém-mães-candidatas, em uma formação psicanalítica, incrementou as nossas fantasias, pois vivíamos uma fase natural do autismo e simbiose normal com os bebês, segundo Mahler (1958). E, como afirma Winnicott (1956), uma preocupação materna primária. Esse estado em que nos encontrávamos prejudicou inicialmente nosso desempenho enquanto candidatas, pois atuávamos projetando na instituição os nossos sentimentos de agressividade por escolhermos em alguns momentos estarmos voltadas para a instituição e não para os bebês. A produção dos bebês, porém, nos assegurava da nossa capacidade produtiva e criativa.

Buscávamos dar conta de tudo em nossas vidas, como em um ato onipotente de ser mãe, mulher, analistas colegas. Negando algumas vezes as nossas limitações, e principalmente o medo de não vir a ser um analista.

Nossa história não acaba aqui, pois somos filhas desta instituição e agora, sem medo ou exigência interna, estamos próximas de forma ativa e madura de nossa família-instituição. Acreditamos que algo de bom ocorreu, pois crescemos e pudemos elaborar por meio deste trabalho “o algo sem nome” que tantas vezes nos assombrava.

Para finalizar, agradecemos o Dr. Borgogno e outros, analistas, supervisores, coordenadores de seminários, por terem estado exatamente no tempo certo de encontro com as nossas inquietações, o nosso *timing* analítico, que já estavam em um processo elaborativo, e que pudemos, assim, colocar em palavras os nossos sentimentos, fantasias.

Desejamos encerrar com esta poesia do psicanalista Cyro Martins, que o Dr. Zimermann apresenta em seu livro *Fundamentos Psicanalíticos*, teoria, técnica e clínica:

*“Pois fica decretado a partir de hoje que terapeuta é gente também,
Sofre, chora, ama e sente e, às vezes, precisa falar.
O olhar atento, o ouvido aberto, escutando a tristeza do outro,
Quando às vezes a tristeza maior está dentro do seu peito.
Quanto a mim, fico triste, fico alegre e sinto raiva também.
Sou de carne e sou de osso e quero que você saiba isto de mim.
E agora, que já sabes que sou gente, quer falar de você para mim?” □*

Referências

- BION, W. R. (1962). *Experiências em grupos*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- FERNANDES, W. J.; SVARTMAN, B.; FERNANDES, B. S. (2003). *Grupos e configurações vinculares*. Porto Alegre: Artmed.
- LEVISKY, L. D. (1995). A pessoa real do analista. In: OUTEIRAL, J. et al. *Psicanálise Brasileira*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- MAHLER, M. S. (1972). Os antecedentes do processo de separação-individuação. In: _____. *O nascimento psicológico da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- SOARES, M. F. M.; SOLLBERGER, A. M. L. (2001). A formação da identidade do psicanalista. In: XIII SITE VISIT E II CIRCUITO CIENTÍFICO, 2003, Campo Grande. *Reunião Científica*. Campo Grande, GEPMS, 2003.
- WINNICOTT, D. W. (1956). Preocupação materna primária. In: _____. *Da pediatria à psicanálise - obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- _____. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- ZIMERMANN, D. E. (1999). *Fundamentos Psicanalíticos – teoria, técnica e clínica*. Porto Alegre: Artmed.

O conflito estético – algumas aproximações

Maria Carmelita Teixeira Gorski

Núcleo de Estudos Psicanalíticos de Santa Catarina

As experiências emocionais ocorrem tanto no sonho como na vida de vigília e definem a diferença entre a atividade humana e subumana. O seu significado, para Meltzer, se refere às relações humanas íntimas e resulta do encontro com a beleza e os mistérios do mundo. Trata-se da re-vivência do impacto estético sofrido pelo bebê ante a beleza da mãe. A maior ou menor capacidade negativa do bebê irá definir a aproximação ao objeto como um mistério a ser imaginado ou como um enigma a ser decifrado. Esta última quando predominante dá lugar a psicopatologias graves. A visão do conflito estético como estruturante da personalidade traz uma nova compreensão do processo analítico onde o conflito relacionado com o objeto presente se torna mais importante que àquele relacionado ao objeto ausente. O impacto estético também se faz sentir sobre o analista, sobretudo ao analista em formação, sujeito ao impacto diante da sua análise pessoal, frente à teoria psicanalítica e ante a beleza do método ao tomar os pacientes em análise.

Introdução

A leitura do capítulo “O que é uma experiência emocional” do livro de Meltzer, *Metapsicologia Ampliada*, despertou o meu interesse para o tema do conflito estético. Eu diria que este artigo causou um impacto estético em mim e aguçou a minha curiosidade para o estudo da obra de Meltzer e de autores que estudam sua obra, como Clara Nemas, Virginia Ungar, Raul Hartke e Juarez Guedes Cruz.

Inicialmente, abordarei a concepção de Bion sobre a necessidade de as experiências emocionais serem operadas pela função alfa. A seguir, discutirei o impacto da beleza do mundo para o recém-nascido e o conflito estético decorrente para fazer algumas aproximações com o tratamento analítico e com a experiência emocional do analista em formação ao entrar em contato com a beleza do método e da teoria psicanalítica. Ao fazer essas aproximações não tenho a pretensão da originalidade, uma vez que o próprio Meltzer faz essa analogia.

A experiência emocional

Bion (1962) nos diz que as percepções das impressões sensoriais e das experiências emocionais precisam ser trabalhadas pela função alfa para serem usadas pelo pensamento. Ou seja, as experiências emocionais devem ser processadas pela função alfa para formar as representações simbólicas a serem usadas em sonhos, pensamentos, memória, juízo, decisão e ação. Se as experiências emocionais não são processadas, haverá um incremento de estímulos que deverá ser evacuado da mente de alguma forma – alucinação, perturbações psicossomáticas, linguagem ou ações sem sentido e comportamento grupal (Bion, 1962).

Mas o que é uma experiência emocional? Bion (1962) nos diz que estas acontecem tanto no sono como na vida de vigília. Todos os eventos do desenvolvimento são experiências emocionais. Uma criança que aprende a andar, por exemplo, está tendo uma experiência emocional. Inicialmente, a função-alfa possibilita à criança o pensamento necessário para o ato de andar e também é responsável por torná-lo inconsciente e quando a habilidade de andar foi adquirida, liberar a consciência para novos pensamentos. Isso acontece com todos os aprendizados de habilidades que ocorrem no processo de desenvolvimento.

Meltzer ressalta que Bion nos aponta que as experiências emocionais

definem a diferença entre a atividade humana e subumana, entre atividade mental e cerebral. Existe uma diferença entre “experiências emocionais” e “estados de excitação” ou “bombardeio de estímulos”, dada pelos sentidos. Isso diz respeito não somente à quantidade, mas à qualidade da experiência sensorial. A inteligência dos bebês humanos permite que captem um sentido que outras espécies não são capazes de captar. Segundo Meltzer, esse sentido é o sentido estético. Diz ele: “Gostaria de afirmar, enfaticamente, que se trata do sentido estético; indubitavelmente, o bebê humano é capaz de responder ante a beleza do mundo e ante sua inevitável fragilidade” (Meltzer, 1986, p. 21, tradução da autora).

O sentido é um complexo de experiências perceptuais que não podem ser explicadas causalmente e devem ser exploradas pela imaginação através do uso da simbolização. O sentido deixa de ser causal e passa a pertencer ao universo do discurso onde nada pode ser provado, onde nada é correto ou incorreto. O parâmetro de diferenciação é individual – nos interessa ou não nos interessa e a proclamação de que algo é correto cai no antivínculo – K, porque aí entramos no campo da arrogância e da ignorância.

A emoção é a manifestação primária do “sentido”. A significação é a sua elaboração, dentro da imagem geral do mundo construída pela imaginação. Cada vez que uma emoção gera uma nova “ideia” desencadeia uma “mudança catastrófica” que se anuncia através de uma “ansiedade catastrófica”. A ansiedade decorre do fato de que toda a imagem do mundo deve reordenar-se para dar lugar à nova ideia.

Para Meltzer, o significado da experiência emocional sempre se refere às relações humanas íntimas e resulta de um encontro com a beleza e o mistério do mundo, provocando um conflito entre os vínculos de amor, L, ódio, H e conhecimento, K, e os vínculos negativos, – L, – H e – K. Esse encontro e o conflito por ele provocado são sentidos e experienciados como emoções que podem ser tão distintas quanto os objetos capazes de evocá-las (Meltzer, 1986).

O impacto da beleza e o conflito estético

No seu livro *A Apreensão da Beleza*, Meltzer e Willians (1988) dizem que nenhum evento da vida adulta nos desperta tanto o sentido de beleza e nos maravilha tanto com a natureza como os eventos da procriação. Nada se nos impõe tanto o mistério da experiência estética como a visão ordinária e costumeira de uma jovem mãe com seu filho nos braços. Meltzer nos diz que essa experiência ocorre desde que o homem viu a beleza do mundo. Portanto, desde que adquiriu

sua qualidade humana, já que, como já foi citado anteriormente, é a capacidade de vivenciar a emoção que distingue o homem. Essa experiência estética do mistério da vida é uma re-vivência do impacto estético que o bebê sofre diante da beleza da mãe.

E a mãe, como ressalta Cruz (2004), não é a mãe real, como a vemos com nossa mente adulta, mas sim a mãe da mente do bebê, que Meltzer chama da bela mãe devotada comum ao desenvolver a sua tese do conflito estético:

“A bela mãe devotada comum se apresenta ao seu belo bebê comum como um irresistível objeto de interesse tanto sensual como infrassensual. Sua beleza exterior, concentrada como deve estar nos seios e na face, complicados em cada caso pelos mamilos e pelos olhos, bombardeia o bebê com uma experiência emocional apaixonada, o resultado da sua capacidade de ver estes objetos como belos. Mas o significado do comportamento de sua mãe, da aparição e desaparecimento do seio e do brilho em seu olhar, de uma face em que as emoções passam como a sombra de nuvens pelo campo, é desconhecido para ele. Ele está, afinal de contas, em um país estranho, onde ele não conhece nem a língua nem as comunicações não-verbais usuais. A mãe é enigmática para ele; ela sorri um sorriso da Gioconda na maioria das vezes, e a música da sua voz alterna-se entre notas maiores ou menores. Como ‘K’ (de Kafka, não de Bion) ele deve esperar por decisões do ‘castelo’ do mundo interior de sua mãe. (...) Este é o conflito estético, que pode ser mais precisamente expresso em termos do impacto estético do exterior da ‘bela’ mãe, disponível aos sentidos, e o seu interior enigmático, que deve ser e construído pela imaginação criativa” (Meltzer e Willians, 1988, pp. 21-22, tradução da autora).

E como o bebê sabe que existe um “castelo” interior da mãe? Através da imaginação que se impõe de tal forma que todo bebê “sabe” que existe um mundo interior, o qual ele já habitou e de onde, dependendo do seu ponto de vista, foi expulso ou expelido. Assim, além de ter que esperar pelas “decisões do castelo”, não pode ser excessivamente otimista, pois já passou pela experiência de ter sido expelido ou de ter escapado desse lugar. Por isso, mesmo nos momentos de satisfação, a criança sente a mensagem da mãe como ambígua, uma vez que esta dá e tira, tanto as coisas boas como as ruins (Meltzer, 1988).

Meltzer se vale da formulação de Bion de mudança catastrófica, onde uma nova ideia se impõe à mente como uma catástrofe e para ser assimilada provoca uma mudança na estrutura cognitiva como um todo. A nova ideia se apresenta

como uma “experiência emocional” da beleza do mundo e sua organização extraordinária.

Essa formulação de Bion implica que há um conflito intrínseco entre os vínculos emocionais positivos e negativos que está sempre presente. No nível apaixonado, da emoção – nível da vida de sonhos –, o prazer e a dor estão sempre inseparavelmente juntos. “Este conflito essencial (a partir do qual a matriz do ‘aprender com a experiência’ evolui para produzir mudança estrutural em oposição a acúmulo de informação) deve encontrar sua representação simbólica (função alfa) a fim de tornar-se disponível aos pensamentos do sonho, à transformação em linguagem verbal (ou outras formas simbólicas, como nas artes) e à elaboração através da abstração, condensação, generalização e qualquer outro instrumento do pensamento sofisticado” (Meltzer e Willians, 1988, p. 20, tradução da autora).

A beleza e o mistério despertam a inteligência do bebê para conhecer a mãe, mas também despertam a estupidez e a inveja, o que Bion chamou de emoções negativas, ou desejo de “mal-entender”. Ou seja, o conflito se dá entre as emoções positivas, que Bion chamou de vínculos de relação L, H e K e as negativas – L, – H e – K, os antivínculos invejosos.

O cerne da questão do conflito estético é que este, como qualquer outro conflito, exige uma capacidade negativa que deveria estar sempre presente nas relações humanas íntimas. Isso é uma capacidade de tolerar o “não saber” e permanecer na incerteza, sem uma busca irritada dos fatos e da razão.

A capacidade negativa permitirá que o bebê tolere o não saber sobre o interior enigmático da mãe e possa desenvolver uma curiosidade pelo conhecimento, à imaginação criativa. Quando essa capacidade está comprometida, o conflito estético vai levar a uma curiosidade intrusiva. O bebê vai querer então penetrar no interior da mãe para desvendar o enigma (Meltzer, 1988).

A esse respeito é interessante a distinção que Nemas (2004) faz entre mistério e enigma. Esta autora pesquisou os significados dessas palavras e encontrou que mistério é algo inacessível à razão e que deve ser alvo de um ato de fé, enquanto enigma é um ditado ou conjunto de palavras de sentido artificialmente encoberto para que seja difícil entendê-las ou interpretá-las. Nemas discorda então de Meltzer de que, no desenvolvimento emocional, o objeto do conflito estético seja enigmático para o bebê. Considera que o conceito de mistério é mais adequado ao objeto estético e que este só se torna enigmático quando a capacidade de tolerar o desconhecido está afetada.

Dessa forma, pode haver duas aproximações ao objeto, de acordo com a maior ou menor capacidade negativa do bebê; uma em que a concepção do interior da mãe fica restrita à imaginação e há um mistério no objeto estético, e outra em

que a curiosidade em decifrar o enigma predomina e dá origem à intrusão onipotente e onisciente.

A aproximação ao objeto não deve ser vista somente em relação ao vínculo K, mas em relação a sua integração com os outros dois vínculos, L e H, como ressalta Raul Hartke.

“É importante sublinhar o aspecto qualitativamente singular da integração de L, H e K no conflito estético porque implica uma paixão que, ao mesmo tempo, em função da supremacia do desejo de conhecer, dá liberdade ao objeto. Quando predomina L, desejamos possuir e controlar o objeto; quando H, queremos evitá-lo ou destruí-lo e quando existe apenas K, tudo o que almejamos é adquirir maestria e domínio sobre aquilo que desafiou nosso conhecimento” (Hartke, 2004, p. 549).

Outro aspecto importante a ser ressaltado é a da reciprocidade do conflito estético, ou seja, não é só o bebê que sofre a experiência emocional do impacto estético. A bela mãe devotada comum, ao ver seu belo bebê comum, se sente “saudada pela beleza da aurora” (Meltzer e Willians, 1988), e é esta experiência de reciprocidade que permite ao bebê tolerar o conflito estético.

O impacto estético sofrido pelo bebê recém-nascido ante a beleza da mãe vai se repetir ao longo do desenvolvimento segundo o mesmo modelo. De acordo com Ungar (2004) o que distingue o aporte de Meltzer é que ele coloca a questão estética como central ao desenvolvimento da mente. Ou seja, a cada reencontro com o objeto, seremos tomados pelo impacto estético e sofreremos as agruras do conflito a ele inerente.

Psicopatologia do conflito estético

A concepção de Melanie Klein de fantasia inconsciente em bebês recém-nascidos implica que há vida mental e, portanto, pensamento desde os primeiros dias de vida. Os mecanismos de cisão e identificação projetiva, característicos da posição esquizoparanóide, como descritos por esta autora, têm uma função estruturante no desenvolvimento infantil. O seu uso inadequado, tanto insuficiente, como excessivo, tem um papel importante na gênese da doença mental grave.

O pensamento de Meltzer diverge da concepção de Klein de que a posição esquizoparanóide antecede a posição depressiva. Esse entendimento, segundo Meltzer, pressupõe um ponto de vista dirigido para o passado, para um objeto

perdido e não para o desenvolvimento, para a possibilidade de um objeto enriquecido que só a renúncia torna possível atingir. A visão da posição esquizoparanóide antecedendo a posição depressiva implica entendimento do desenvolvimento como estrutura linear de possessão e perda em vez de uma imagem complexa, capaz de juntar passado e futuro na experiência imediata. Nesse sentido, a fórmula de Bion $Ps \leftrightarrow D$, que implica a oscilação na integração e nos valores que devem ser atingidos durante a vida, traduz melhor a complexidade do desenvolvimento mental.

A concepção de Meltzer (1988) é de que o bebê, ao nascer possui todas as condições de integração e que o conflito estético e a posição depressiva são primários no desenvolvimento e a posição esquizoparanóide secundária e conseqüente à obstrução da percepção à surpresa pelo impacto estético diante da beleza do mundo – neste momento representado pela mãe.

Hartke (2004) destaca que a base primária de toda a psicopatologia é a fuga à dor causada pelo impacto do objeto estético e por seu conflito. Os mecanismos de defesa característicos da posição esquizoparanóide agem, pois, como movimentos de recuo diante do impacto do objeto estético.

Este autor aponta também para um aspecto, decorrente da visão do desenvolvimento de Meltzer, que traz uma mudança importante no entendimento do desenvolvimento e da psicopatologia. Isto é, a teoria do impacto estético implica que os conflitos mobilizados pela presença do objeto sejam mais fundamentais e importantes que os causados por sua ausência (Hartke, 2004).

Pacientes com patologias graves, borderlines, psicóticos e psicopatas, que tiveram um defeito fundamental no mecanismo de cisão, são incapazes da distinção entre o bom e o mau, ou são rígidos demais nesta diferenciação ou até mesmo promovem uma inversão nesta relação – o bom passa a ser mau e vice-versa. Bion nos mostrou que esse defeito se localiza na parte psicótica da personalidade e Meltzer, que esta falha está intimamente ligada a uma falha na apreensão da beleza (Meltzer e Willians, 1988).

Quando o impacto estético ocorre de maneira suportável, as cisões dos vínculos e do *self* em relação ao objeto estético correspondente à posição esquizoparanóide mantêm ativos os processos estruturantes de introjeção e projeção que permitem as trocas emocionais entre os mundos interno e externo, entre o *self* e os objetos. No entanto, quando o sujeito não suporta permanecer no estado de apaixonamento ocasionado pelo impacto provocado pelo objeto estético, o mistério do interior do objeto se transformará em um enigma a ser decifrado, provando o uso da identificação projetiva intrusiva para dentro do objeto interno, transformando-o em um claustro (Meltzer, 1992; Hartke, 2004).

Assim, os pacientes que atendemos em nossos consultórios apresentam uma psicopatologia que tem, para Meltzer, origem primária na fuga do dor proveniente do impacto estético. O impacto dos acontecimentos que provocam dor psíquica – a separação, a privação emocional e física, o conflito edípico, a indulgência, a superproteção, as perdas e outros eventos traumáticos – derivam o cerne de seu significado no processo de desenvolvimento como aspectos do processo de evitação do impacto da beleza e da intimidade apaixonada com outros seres humanos.

O conflito estético no processo analítico

Se entendermos que o conflito estético é fundante da personalidade, esta visão irá alterar a nossa compreensão do processo analítico e de nossos pacientes, conforme o próprio Meltzer:

“É necessário para nossa compreensão de nossos pacientes, para uma visão empática da insensibilidade, frieza e brutalidade que repetidamente brota na transferência e contratransferência, reconhecer que o conflito sobre o objeto *presente* é prévio em importância às ansiedades referentes ao objeto *ausente*” (Meltzer e Willians, 1988, p. 29, tradução da autora).

Cruz (2004) chama a atenção para a mudança de objetivos da análise imposto pelo modelo teórico de Meltzer, o abandono da busca da resolução dos sintomas ou dos traços de caráter como finalidade, para a busca de uma organização da personalidade marcada pela responsabilidade vinculada ao *insight*. O processo psicanalítico bem-sucedido implica, pois, a diminuição da tentação narcísica e na ampliação da dependência dos objetos bons. Este é, em última instância, um processo gradativo de diminuição da onipotência até o seu completo abandono.

Uma implicação dessa visão do processo, como salienta Hartke (2004), nos leva a compreender os movimentos imediatos do processo transferencial/contratransferencial como um processo de pensamento. Como analistas, lidamos com a capacidade ou a falta desta de pensar as experiências emocionais do presente imediato.

¹ Grifo de Meltzer.

Conflito estético do analista

Conforme o próprio Meltzer:

“É mais que uma analogia dizer que analistas têm o mesmo tipo de conflito estético no seu caso de amor com o método psicanalítico e sua teoria da personalidade e do processo terapêutico. Claramente o método, com seu caráter íntimo, privado, ético, cuidadoso, tolerante, de não julgamento, de continuidade, e espontaneidade e, de parte do analista, o sacrifício implícito, o comprometimento a reconhecer erros, o senso de responsabilidade diante do paciente e sua família – tudo isto que está envolvido na dedicação ao escrutínio do processo transferencial-contratransferencial – todas estas facetas, unidas por um esforço sistemático, fazem do método, inequivocamente, um objeto estético” (pp. 22-23).

E, sobretudo, o analista em formação fica sujeito a este impacto ao entrar em contato mais íntimo com a Psicanálise durante o seu processo de formação. Primeiramente sofremos o impacto do método em nossa própria análise didática, como pacientes. Em seguida, ao iniciar os seminários, a beleza da teoria se impõe, provocando o desejo de conhecer e a ansiedade provocada pelo dar-se conta da vastidão da produção teórica existente, do enorme volume de textos existentes, de temas apaixonantes. Precisamos fazer uso da nossa capacidade negativa, tolerar que não podemos estudar tudo, e aos poucos irmos construindo o nosso conhecimento.

Por último, entramos em contato com a beleza do método agora não apenas como pacientes, mas como analistas em formação, ao tomarmos nossos pacientes para os casos de supervisão. Mais ainda lidamos com o não saber, com o mistério da mente do paciente e com as nossas limitações e temos que contar com que a integração entre os vínculos L, H e K, tenha sido elaborada, pelo menos razoavelmente, em nossa própria análise pessoal, para podermos nos aproximar da mente do paciente em busca da compreensão como tão bem nos fala Virginia Ungar:

“Situado no vértice estético, o vínculo analítico é uma relação inédita na qual o analista se oferece como disponível para receber e compreender, mas com base na aceitação de suas próprias limitações ao conhecimento. Além disso, o que é transferido pelo paciente se constituirá num objeto

intuitível e conjecturável, mas com o reconhecimento de que há um interior inapreensível pelo sensorial” (Ungar, 2004, p. 541).

Ou seja, precisamos reconhecer nossas limitações como analistas quanto a conhecer a mente do paciente e poder formular nossas interpretações como tentativas de descrição e conjecturas imaginativas sem nenhuma aspiração à certeza.

Considerações finais

A teoria do conflito estético contribui para uma visão mais complexa e mais rica do processo de desenvolvimento com todas as suas implicações na psicopatologia – algumas delas muito sucintamente abordadas neste trabalho. Como não poderia deixar de ser, essa mudança teórica tem profundas implicações no modo como compreendemos e como trabalhamos com nossos pacientes.

Tomando um evento do desenvolvimento como a experiência de aprender a andar, podemos pensar que uma criança que aprende a caminhar sofre um impacto estético diante da beleza do mundo. O seu ângulo de visão do mundo fica muito ampliado, permitindo-lhe uma riqueza de imagens e a exploração do ambiente de uma maneira antes impensável. Essa ampliação da visão de mundo é semelhante a que acontece no tratamento analítico para o paciente e para o analista em formação.

Esta experiência se repete em todos os apaixonamentos em nossa vida, seja com os objetos de carne e osso, como com os interesses a que nos dedicamos com paixão. Eu destaco entre estes interesses a Psicanálise, que se apresenta como uma teoria apaixonante e como processo de tratamento, como experiência que promove uma ampliação da nossa visão de mundo com o conseqüente crescimento pessoal.

O método analítico é uma experiência estética que provoca a nossa curiosidade em busca do conhecimento do mundo interno de nossos pacientes. Assim como o bebê sofre o impacto diante da beleza da mãe e seu interior desconhecido, nós também nos defrontamos com o interior de nossos pacientes. Nesse sentido penso que é importante levarmos em conta a diferença, apontada por Nemas (2004), entre o desconhecido como um mistério ou como um enigma. Podemos procurar compreender nossos pacientes com o auxílio de nossa contratransferência ou como um enigma a ser decifrado. Esta última opção se apresenta como uma tentativa de desvendar o enigma, enquadrando o material que o paciente apresenta em teorias preconcebidas. Como analistas em formação,

impactados pelas teorias que estudamos nos seminários teóricos, estamos mais sujeitos a incorrer neste equívoco e tentar, dessa maneira, dar interpretações baseadas muito mais na teoria do que no material trazido pelo paciente.

Muitas vezes o material que o paciente nos traz é enigmático, como no exemplo clínico apresentado, exigindo o uso de nossa capacidade negativa e da contratransferência para compreender o que está acontecendo na sessão.

Um último aspecto do conflito estético, apontado por Meltzer e Willians (1988), que eu gostaria de comentar é o sentimento da ambiguidade da mensagem materna por parte do bebê. Este não sabe o que esperar da mãe, uma vez que esta tanto dá como tira, tanto está presente como se ausenta. A desconfiança surge, então, com a experiência emocional do impacto estético e não como reação a uma frustração prévia. Esta deve ser a origem de todas as desconfianças. Podemos pensar, portanto, que os pacientes podem desconfiar da análise e do analista justamente por este impacto e que a confiança vai sendo adquirida através da constância do método. □

Referências

- BION, W. R. (1962). *Learning from experience*. London: William Heinemann Medical.
- CRUZ, J. G. (2004). Donald Meltzer: sua influência em minha clínica. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 11, n. 3, p. 567-576.
- HARTKE, R. (2004). O último Meltzer: alguns fundamentos e implicações técnicas. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 11, n. 3, p. 545-565.
- MELTZER, D.; WILLIAMS, M. H. (1988). *The apprehension of beauty: the role of aesthetic conflict in development, violence and art*. London: Roland Harris.
- MELTZER, D. (1986). ¿Qué es una experiencia emocional? In: MELTZER, D. *Metapsicologia ampliada: aplicaciones clínicas de las ideas de Bion*. Buenos Aires: Spatia, 1994.
- . (1992). *Clastrum: una investigación sobre los fenómenos claustrofóbicos*. Buenos Aires: Spatia.
- NEMAS, C. (2004). O conflito estético na área dos valores: contraponto entre enigma e mistério. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 11, n. 3, p. 519-531.
- UNGAR, V. (2004). Meltzer e a questão do desenvolvimento. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 11, n. 3, p. 533-544.

Espelho meu, existe alguém mais bela do que eu? (Percurso do Narcisismo na Clínica Psicanalítica)

Lourdes Negreiros

Núcleo Psicanalítico de Fortaleza

A autora traz algumas reflexões sobre a experiência analítica com uma paciente que apresentava retraimento defensivo apoiado em arranjos emocionais predominantemente narcísicos. São comentados os impasses experimentados pela analista diante da manifestação de intensa ambivalência no desenvolvimento de vínculos emocionais por parte da paciente, o que influenciava de modo singular os movimentos transferenciais e contratransferenciais. Ansiedades referentes a momentos de separação, aparente descaso com as relações objetais e marcada intolerância diante de frustrações são alguns dos sentimentos acompanhados através deste relato, onde a necessidade de amor competia lado a lado com um temor de ser engolfada pelo outro. Freud, Winnicott, Green e Bion são alguns dos autores consultados na tentativa de compreender o funcionamento emocional da paciente.

“Morrerei antes de dar-lhe poderes sobre mim”.

Narciso

A primeira vez que vi Estrela ela tinha 16 anos. Encontrei uma jovem introspectiva, que estava vindo para análise a partir de um desejo da mãe, preocupada com suas dificuldades para se relacionar. Segundo a mãe, Estrela evitava situações sociais, não tinha amigas, sendo muito dependente dela para qualquer coisa. Por parte de mãe, era filha única, tendo seu pai três outras filhas de um primeiro casamento.

Nos primeiros tempos de análise, Estrela se mostrava uma garota extremamente contida, queixando-se apenas de uma tristeza que às vezes lhe aparecia do nada, mas que logo passava, desde que voltasse para casa e reencontrasse sua mãe. Não deixava transparecer nenhuma dor maior, não via necessidade de mudar em nada, não entendia porque tinha que gostar de sair, já que tinha tudo o que precisava em sua casa... Quando mencionava alguma queixa, era algo relacionado com a mãe:

– Faço tudo para agradar minha mãe, me esforço ao máximo para fazer tudo do jeito que ela gosta. Quero ser uma filha perfeita, mas não consigo agradá-la totalmente, sempre tem algo que eu esqueci de fazer.

Passados alguns meses, Estrela começa a falar frequentemente de sua admiração por uma colega de escola, **possuidora** de uma beleza de arrasar: era alta, tinha uma pele de bebê e um corpo perfeito: “Não sei como alguém pode ser tão linda e ainda simpática”. Respondendo a um comentário meu de que talvez ela falasse de uma beleza que gostaria de possuir, ela confirma e passa a se queixar da vergonha que tem de soltar os cabelos e se maquiar, pois **“todo mundo vai olhar”**.

– As coisas bonitas despertam olhares, e você fica sem saber se continua escondida atrás do seu cabelo preso ou se pode também mostrar a sua beleza e receber o olhar de todo mundo.

Seguiu-se, então, um período em que ela travava uma ambivalente batalha entre o desejo de manter-se encolhida, satisfazendo-se somente com o olhar da mãe, e a motivação para diferenciar-se, saindo da concha-mãe para o mundo, o que parecia representar grande risco de perda. Sobre o pai, Estrela raramente falava. Dizia ser um homem fechado, de poucas palavras, com quem ela pouco se relacionava. Eu percebia que falar do pai era sempre difícil e que a paciente demonstrava um ciúme extremo dos cuidados “excessivos” que a mãe dispensava ao mesmo.

– Minha mãe faz tudo pelo meu pai, ela adivinha o que ele quer. Tem dias que a minha casa fica cheia de gente; eles ficam bebendo, dançando, ouvindo música alta. Ela faz isso por ele, pois quando ele bebe, se solta, fica outra pessoa. Eu detesto isso, e ela adora. Aí eu me tranco no meu quarto e fico vendo tudo da minha janela.

Estrela parecia sentir uma inveja intensa da relação amorosa vivida por seus pais, experimentada como uma intrusão em sua fantasia onipotente de unidade perfeita com a mãe.

– Eu odeio isso, e o pior é que nessas horas ele vem se aproximar de mim, me chama de estrelinha, quer me fazer carinho. Quando ele está normal mal me olha e nem conversa direito comigo.

Nesse período, ficara clara para mim a ligação fusionada que a paciente mantinha com a mãe, alimentando-se da fantasia de possuir uma mãe perfeita, toda sua, sem haver lugar para nenhum outro, sem possibilidade de dividi-la com mais ninguém: uma mãe que antecipava os desejos da filha e servia de ponte entre ela e o pai. A mãe a compreendia e a interpretava para o “outro”. A mãe lhe bastava. Configurava-se assim uma relação de fusão idealizada num estado de narcisismo sem diferenciação entre o “eu” e o “outro”. Freud (1914), ao desenvolver os conceitos de narcisismo primário e narcisismo secundário, propôs-se diferenciar os caminhos possíveis do investimento libidinal. Designou como narcisismo primário o momento em que a criança inicialmente toma a si mesmo como objeto de amor, antes de se voltar para os objetos externos, e como narcisismo secundário o movimento de retorno ao ego dos investimentos feitos sobre os objetos. Para Klein (1952), desde o início observa-se uma disposição para as relações objetais, sendo o seio materno o primeiro objeto de amor, experimentado pelo bebê numa união primária indiferenciada com a mãe. Segundo Klein, no jogo de introjeções e projeções que permeiam as fantasias das primeiras relações, o bebê vai internalizando o objeto, sendo para este objeto internalizado que, nos estados narcísicos, acontece uma retirada, na busca por um refúgio ideal.

Tal como um bebê, Estrela imaginava que na relação com a mãe seria possível viver todo o amor que houvesse, numa completude sem faltas. Nessa fantasia de unidade permanente com a mãe, a participação do pai era negada, fosse como homem da mãe, fosse como um terceiro para quem Estrela poderia voltar-se, abrindo-lhe outras possibilidades de relacionamentos. Nesse período, as atividades sociais vividas por sua mãe com outras pessoas eram vistas como verdadeiras orgias, que invadiam o estado fusional compartilhado com aquela. Nas festas em sua casa, Estrela não suportava ver a “outra pessoa” que surgia, quando seu pai deixava para trás a figura apagada e transformava-se no homem

que encantava a mãe; transformava-se, enfim, no homem da mãe.

Winnicott (1951) afirma que, no início da vida, a mãe cria para o filho uma experiência de ilusão de onipotência, que será a base dos sentimentos de confiança que sustentam o bebê, até que ele possa exercitar a capacidade de se sentir só. Mas, após um certo período, a mãe precisa distanciar-se, permitindo que o contato com a realidade possa desenvolver a capacidade de tolerar a dor e a frustração que toda a experiência de separação envolve.

Estrela parecia resistir à intrusão da realidade, e a incômoda percepção de um casal parental que a deixava de fora, espiando pela janela, alimentava sentimentos invejosos, que culminavam com a percepção do outro como um perseguidor espreitando suas falhas, o que mobilizava um retraimento defensivo de natureza narcísica.

André Green (1988) enfatiza que o desenvolvimento de estruturas narcísicas se apóia na forma como a pessoa reage ao impacto das frustrações e decepções experimentadas na relação com o casal parental, atribuindo ao trauma o papel de estimulador do funcionamento narcísta. Desse modo, não suportando a realidade de um casal parental que a exclui, a pessoa pode desenvolver uma hostilidade básica às relações de objeto, sendo levada a um interesse exacerbado por si mesma e a uma carência de preocupação com o mundo externo. Assim, as profundas frustrações decorrentes das relações com os pais poderiam vir a atuar como elementos provocadores do retraimento narcísico. Como afirma Green (1988): “*Que objeto lhes resta para amar, senão eles mesmos?*” Passado algum tempo, a garota encolhida que chegara foi transformando uma postura apagada num cuidado minucioso com a aparência física. Foi desenvolvendo uma preocupação obsessiva com a pele, fiscalizando diariamente o rosto à procura de espinhas ou manchas e impondo uma disciplina rigorosa aos cuidados físicos. Os cabelos eram cuidadosamente escovados, e o rosto começou a receber uma maquiagem extremamente detalhada que, pouco a pouco, se transformou num ritual imprescindível antes de sair de casa para ir a qualquer lugar. Nesse período, as pequenas falhas estéticas eram combatidas com rigidez obsessiva, e o culto à própria beleza passou a ocupar o centro de suas atenções. O amor idealizado pela mãe estava sendo substituído por um amor por si mesma.

Ao final do segundo ano de análise, a paciente demonstrou algumas mudanças em seu comportamento: passou a investir nos contatos pela *internet*, iniciou novas amizades e começou a demonstrar interesse em “fazer uma turma”. Estrela começava a entrar em cena: seu isolamento inicial dava o lugar a uma socialização que apontava para um desabrochar.

No entanto, eu me questionava: que mudanças seriam estas? Para onde

elas caminhavam? Será que incluíam reorganizações internas ou seriam apenas “arranjos intelectualizados, improvisações de personalidade”, como refere Bion (1979)?

Indiferente às minhas inquietações, Estrela colecionava mudanças, exibindo-as como troféus. A Estrela apagada decidira brilhar... Seus relacionamentos, entretanto, eram marcados por uma rigidez defensiva, por meio da qual só oferecia partes de si mesma, partes lapidadas para serem olhadas, desejadas e admiradas.

É certo que, nesse momento, ela parecia investir mais nas pessoas, revelando, pela primeira vez, certo interesse por garotos. Havia um em especial que ela admirava a distância, sem qualquer motivação aparente para conhecê-lo, embora afirmasse sonhar com ele por várias noites.

Quando lhe indago a respeito de como seria conhecê-lo, ela se mostra desinteressada, dizendo que encontrar com ele *de verdade* não seria tão bom quanto em seus sonhos. “*Não quero namorar com ele, prefiro olhar para ele e imaginar nos meus sonhos.*” Estrela decidia então que não precisava de um relacionamento de verdade, mostrando-se satisfeita em cultivar um amor platônico no seio do qual criava, em sonhos, o parceiro ideal.

Nesse momento, interpreto sua tentativa de separar-se um pouco da mãe, indo à procura de outros relacionamentos, e ressalto o quanto isso é difícil, que por enquanto só dá para ela se relacionar com seus sonhos, ainda não cabia uma pessoa de verdade. Ela reagiu com uma hostilidade velada, dizendo que não sentia necessidade de namorar na vida real porque nunca encontrara alguém que valesse a pena. Lembro que, em suas palavras, também registrei a queixa, relativa a mim, de uma terapeuta que não valia a pena, o que me levou a questionar, muitas vezes, o papel que eu representava nos sonhos de Estrela e o quanto valeria a pena a tentativa de construir com ela uma possibilidade de se deixar tocar pelo outro.

Nesse período, a paciente enfatizava um evidente prazer pelas mudanças conquistadas, já que, segundo ela mesma dizia, “já nem se lembrava mais daquela garota desengonçada que fora um dia”. Algumas vezes eu lhe perguntava onde andaria aquela garota desengonçada que não podia ser lembrada. Ela respondia: “*Para que lembrar? Dá até raiva quando eu lembro de como era boba. Agora não. Sei o que quero e estou muito bem...*”

Movida por esse sentimento de “estar bem” é que Estrela, após dois anos de análise, me fala que “já não precisa mais vir aqui”. Para justificar-se, diz que não tem sentido gastar dinheiro com algo que já não é necessário. Esclarece de forma complacente: “*Não que você não tenha ajudado-me... Afinal, foi bom ter vindo às sessões, porque hoje, de tanto lhe escutar, já aprendi a conhecer as pessoas e já sei como me relacionar com elas.*”

Estrela não me falava de ter podido se conhecer melhor, mas de fazer uso do que ocorrera na análise para saber como lidar com o outro. Não aceitara minha proposta de conversarmos um pouco mais sobre sua decisão, encerrando sua análise no mesmo dia em que me comunicava o fato. Concluiu a questão dizendo que “*com certeza sobreviveria sem a análise, pois certamente uma boa análise não era para criar dependência em ninguém, e qualquer coisa voltaria, pois, afinal, nós não iríamos morrer*”.

As palavras de Estrela me instigaram incômodos sentimentos contratransferenciais, pois de um lado sentia-me abandonada sem aviso prévio e, de outro, percebia sua luta vital para libertar-se de qualquer vínculo dependente com outro: única saída para a angústia de perceber-se separada. “*Morrerei antes de dar-lhe poderes sobre mim*”, disse Narciso à encantadora Eco. “*Não morrerei se me afastar da análise e de ti*”, disse-me Estrela. Por outro lado, antes de se retirar, ela assinalou com certa ironia que não iríamos morrer, parecendo me solicitar garantias de que nós, como uma unidade fusionada, sobreviveríamos juntas, ainda que concretamente privadas de suas sessões... Garantias de que eu a esperaria, caso “qualquer coisa acontecesse”.

Quando um analista acolhe um paciente, oferecendo-lhe sua escuta e deixando-se tocar pela mente de outro, algumas vezes inevitavelmente se identifica e se emociona com seus conteúdos. Desse modo, quando a paciente escolheu interromper a análise, as fantasias contratransferencias me sugeriam que talvez o encontro de Estrela comigo não houvesse sido suficientemente gratificante para os seus anseios narcísicos. Será que ela não necessitaria de um objeto primariamente concreto, no qual pudesse inicialmente reconhecer-se? Será que o reflexo solitário de uma imagem idealizada inalcançável seria o único refúgio possível? Estaria o meu próprio narcisismo também sendo ferido pela constatação da incompletude do poder mágico das minhas palavras, que não souberem sustentar Estrela? As dores narcísicas passeavam pelos membros do par analítico, e eu me socorri de Bion:

“Haveria algo de muito errado com o seu paciente se ele não pudesse fazê-lo de bobo. Ao mesmo tempo, há algo de muito errado com o analista que não pode tolerar ser feito de bobo; caso o analista possa tolerar isto, se você puder tolerar ficar irritado, então você pode aprender algo” (1992, p. 114).

Estrela se vai e na minha cabeça deixa um verso: “*Mal começaste a conhecer a vida, já anuncias a hora da partida?*” (*Cartola*).

*Pisa, mas pisa devagar, pois estás pisando
nos meus sonhos mais queridos*
(Yeats)

Transcorridos dois anos, recebo um telefonema da mãe de Estrela, informando-me de que seu marido falecera abruptamente.. Ela me solicita que eu reserve um horário para a filha, pois esta deseja voltar para a análise. Acrescenta que, além da morte do pai, Estrela tomara conhecimento da existência de um irmão fruto de um relacionamento que o pai tivera fora do casamento. A mãe de Estrela ressalta que, em se tratando de um fato muito delicado, ela e o marido evitavam tocar no assunto, mantendo-o em segredo.

Fico impactada com as notícias, ao mesmo tempo que constato que Estrela, hoje com 20 anos, parece ainda se utilizar da voz da mãe para comunicar suas necessidades. Não fora ela a me telefonar, e sim sua mãe. Alguns dias depois, recebo Estrela e imediatamente percebo a dificuldade para acompanhar o sofrimento psíquico de alguém que não pode sofrer. Ela entra, cumprimenta-me com um sorriso suave e mantém-se depois num longo silêncio, após o qual me diz:

– *Nossa, você mudou! O cabelo está diferente, a sala está diferente. Já tinha esse quadro aqui? Acho que não era assim no meu tempo.*

– *Então muitas coisas mudaram; têm muitas coisas novas para lidar e talvez você esteja com medo que eu também tenha mudado muito e que o nosso tempo já tenha passado. Estamos as duas aqui tentando nos reencontrar..*

– *Eu fiquei com meu pai no hospital uma tarde inteira. Lembra que eu detestava hospital? Na noite em que ele morreu, eu estava dormindo e minha mãe só me contou de manhã. Ela não queria me assustar de madrugada; mas era bobagem, quando eu acordasse, eu não tinha que saber mesmo?*

– *Você pensa então que não adianta ficar dormindo, se uma hora você teria que acordar e saber... Parece que há coisas que sua mãe não pode viver por você.*

– *É... – Silêncio. – Mas sabia que eu tive uma surpresa boa? Eu tenho um irmão, acredita? Ele é quase da minha idade e eu nem sabia que ele existia. Encontrei com ele no enterro do meu pai; ele parece legal.*

Estrela então desenvolve uma fala excitada, exacerbando a alegria pela existência de um irmão, excluindo o contato com as possíveis angústias e hostilidades inerentes ao fato de que esse irmão denunciava uma traição do pai. Quanto à perda do pai, enfatizava exclusivamente o sofrimento da mãe, enquanto a sua dor parecia não existir. Algumas vezes mencionava que era triste a morte de

um pai, mas o fato era tratado como se fosse um repórter anunciando uma notícia em um jornal. Enquanto eu me via refletindo em busca de palavras que tocassem em seus sentimentos, ela parecia me dizer: “*O ideal é não sentir*”.

E foi assim que ela voltou após a perda de seu pai, como se nada demais tivesse ocorrido. Em minha cabeça, às vezes, ressoava sua última fala: “*Qualquer coisa eu volto*”. Qualquer coisa acontecera e ela voltara. Voltara sem aparentes conflitos, sem maiores ansiedades.

Freud (1938) chamou a atenção para um estado de mente que descreveu como a cegueira do olho que vê, na qual “sabemos e não sabemos” uma coisa ao mesmo tempo. Helene Deutsch (1942), por seu lado, refere funcionamentos em que esta postura de recusa é colocada no centro da vida mental do indivíduo, chamando-os de personalidade “como se”. Deutsch enfatizou o senso de irrealidade do relacionamento dessas pessoas com o mundo e consigo próprias, a ausência de conflitos e o contraste entre uma aparente capacidade de vivências emocionais e a evidente ausência de experiência interna. Segundo a autora, as personalidades “como se” nem fogem para a realidade externa e tentam escapar da sua mente nem se retiram para o mundo interno e procuram evadir-se do mundo exterior, permanecendo paralisadas entre os temores vindos de dentro e os temores vindos de fora.

Foi esse o tom predominante das sessões com Estrela nesse período, pois, já que as dores não podiam ser transformadas em afetos ou pensamentos, eram recusadas, submetendo-se à tendência negativa. As dores, o desamparo e a solidão absorviam a mente, e os relacionamentos ficavam contaminados pela suspeita e por refúgios persecutórios.

A paciente me relatava fatos desorganizadores e abruptos como se eles fossem verdadeiros apenas teoricamente, e quando eu tentava me aproximar de suas experiências afetivas ela se defendia atrás de uma fala mansa, pausada, sem nenhum conflito aparente. Em muitos períodos as sessões transcorriam sem maiores desassossegos, quando ela oscilava entre momentos de silêncios prolongados e relatos sobre impasses emocionais vividos por amigos. O problema geralmente era do outro, e a sua mente parecia estar sempre mantida sob um rígido controle, protegida em um certo lugar, livre das exigências da vida. Na contratransferência, eu sentia como se em suas sessões sempre faltasse algo vital, havia um clima de assepsia no ar que parecia falar de coisas não nomeadas, de impossibilidades de compartilhar sentimentos...

Um dia, após algum tempo observando um pequeno armário que mantenho sempre fechado, ela comenta que já descobrira o que estava contido dentro dele. Enfatiza que escutara outra paciente falando que o armário era para guardar as

histórias dos pacientes: *“Aquilo que só você sabe sobre nós: os nossos segredos”*. Continua, afirmando que só não entendia por que alguns sabiam o que estava escondido lá e outros não: *“Se vai contar, conte para todos. Quem garante que determinado paciente é mais confiável do que outro?”* Compreendi que Estrela estava então me trazendo suas dores: sua raiva diante do segredo escondido tanto tempo por seus pais; seu ciúme pelo fato de que uns sabem e outros ficam de fora. Seu sentimento de ter sido traída por seu pai (com um filho fora do casamento) e por sua mãe, que sabia e lhe escondia coisas. Seu medo de ter sido traída por mim, escondendo fatos dela e os revelando para outros. Faço uma tentativa de entrar em contato com a sua dor e digo:

– Estou aqui imaginando, Estrela, o quanto você está triste e zangada com seus pais, porque lhe esconderam tantos segredos, e acho que você está me pedindo que não faça isso também. Acho que você me diz: Lourdes, como posso lhe contar meus segredos, como posso saber se você é confiável, se você esconde de mim o que revela para outros? O que você vai fazer com as coisas que só você sabe sobre mim?

Após muitos encontros com Estrela, sinto que esse é um dos primeiros momentos em que ela se agita no divã, contorce os dedos das mãos e finalmente me retorna com um: *“Hã... hã...”*. Em seguida continua:

– Deve ser ótimo poder caminhar assim na cabeça das pessoas e ir adivinhando tudo o que elas pensam... Às vezes descobre até o que elas ainda nem pensaram... Eu penso em fazer Psicologia, eu tenho jeito pra essas coisas também... Mas é preciso ter cuidado, não é? Porque é meio perigoso entrar na cabeça dos outros!

Ao escutar Estrela, em algum lugar da minha própria cabeça recebi um alerta vindo de um ditado popular: *“Cuidado! Em terra desconhecida, pisa devagar”*. Acho que Estrela me alertava para o sentimento de perigo interno, vivenciado ao experimentar a sensação de que eu poderia haver penetrado em sua cabeça.

O medo correndo nas veias deixou tanta vida para trás...
(Carlinhos Vergueiro)

Nas sessões que se seguiram, a dificuldade da paciente para fazer o luto pela morte do pai se fez presente em inúmeras ocasiões. Inicialmente ocupava-se inteiramente com o sofrimento da mãe, preocupada com a persistente tristeza que esta manifestava.

– *A tristeza da mamãe parece que não vai acabar nunca. A casa toda fica cheia de tristeza.*

Com essas palavras, Estrela ia tentando me falar da sua tristeza enclausurada e da sua impossibilidade de chorar pelo pai.

Eu digo:

– *Então na sua casa já existe a tristeza da sua mãe, que enche a casa toda, e aí parece que não precisa que a gente pense sobre a sua tristeza... A tristeza da sua mãe vem aqui também pra suas sessões no lugar da sua tristeza, do seu sofrimento.*

Estrela reage com um silêncio prolongado. Finalmente fala:

– *“Eu não sei como é que faz pra sentir tristeza”.*

Entre comovida e impactada com a sua comunicação, resolvo lhe dizer:

– *Então, Estrela, quem sabe possamos pensar sobre isso, ajudá-la a encontrar a sua tristeza, ajudá-la a sentir sentimentos que são seus.*

Pouco a pouco ela foi então conseguindo nos trazer relatos das angústias vividas na relação com o pai, falando da dor por nunca ter conhecido direito seu pai e nunca ter sabido como se comportar diante dele. Em alguns momentos parecia referir uma culpa pela vivência de sentimentos ambivalentes relacionados com a partida do pai: a dor pela perda convivendo lado a lado com o prazer de viver enfim uma relação exclusiva com a mãe. Nesse processo, pôde enfim me comunicar a profunda decepção causada pela traição do pai, ressaltando que não pretendia se casar, pois o papel da mulher era sempre muito submisso, e ela não desejava anular-se por ninguém. Observo que seu sofrimento parecia estar encontrando palavras que o representassem, embora o discurso continuasse ainda muito desconectado da experiência emocional.

De outro lado não suportando perceber que a ausência do pai deixara um vazio que ela não podia preencher, vai desenvolvendo crescente irritação diante da impotência experimentada no intuito de resgatar a alegria da mãe: *“Não sei mais o que fazer pra minha mãe ser feliz; já me ofereci para viajarmos, mudarmos de casa, mas nada adianta. Parece que ela nunca mais vai superar a morte do meu pai... Assim não dá. Não adianta eu ficar do lado dela, tentar fazer coisas pra ela esquecer, se ela parece até que gosta de lembrar.*

Estrela ia me contando o quanto se esquivava de lembrar, pensar, chegar perto da dor. Foi assim que no descompasso estabelecido entre uma mãe que queria lembrar e uma filha que queria esquecer, foi se construindo um novo momento em que a paciente começou a fazer movimentos para viver uma separação. Estrela parecia ir se dando conta de que não cabia a ela a função de restituir a felicidade de sua mãe. Em uma sessão na qual permanecera bastante

silenciosa, ela me pergunta como eu reagiria se ela me revelasse algo que a maioria das pessoas condenaria, algo que a mãe dela nem poderia SONHAR: *“Pra falar a verdade, acho até que o que vou contar você já adivinhou.”*

Eu lhe digo que sinto que ela está me sondando para me contar algo especial, mas parece também que me avisa que eu não posso ser uma mãe que condena, e espera que eu seja uma mãe que adivinha e compreende, uma mãe que possa sonhar qualquer coisa por ela.

Foi desse modo que Estrela começou a me falar do seu desejo sexual por outras mulheres, dizendo que há muito tempo sente isso, mas que só agora tinha certeza de querer viver essas experiências. A partir de então ela decide engajar-se no que chamava de “mundo gay”, passando a viver relacionamentos homossexuais.

Nos primeiros tempos, defendia arduamente os ambientes gays, ressaltando o respeito e o cuidado com que era tratada pelos amigos, diferente do mundo “hetero”, onde, segundo ela, uma mulher nunca se sente segura, podendo ser abordada inconvenientemente por qualquer homem, sendo muito difícil nessas horas saber o que fazer.

– Os homens não respeitam, não aceitam recusa e ainda por cima vão logo pegando, agarrando, eu tenho horror a isso.

– Você me diz então que o mundo gay é seguro e que no mundo das mulheres você se sente cuidada, mas que fica difícil saber o que fazer no mundo dos homens. Os homens são diferentes, e essa diferença lhe assusta.

Ela concorda, mostrando-se pensativa, e eu fico me lembrando de que também quando seu pai se aproximava ela não sabia o que fazer, sentindo-se desconfortável e ameaçada. As questões edípicas que não puderam ser elaboradas no relacionamento com o pai parecem comparecer agora, no seu repúdio à abordagem masculina, influenciando sua escolha sexual e encaminhando seu desejo na direção de um mundo familiar: um mundo de iguais, onde não seria ameaçada pelas diferenças.

Ficara evidente, nos primeiros relacionamentos homossexuais vividos por Estrela, sua fantasia de pleno controle das experiências, sua convicção de que vivia relacionamentos de inteira completude. Não havia lugar para impasses ou decepções e, quando vivia alguma frustração, raramente trazia essa experiência para suas sessões. Qualquer vivência de possível sofrimento chegava sempre para mim como algo já superado, não necessitando mais de que pensássemos sobre ela.

Em meio a idealizações e negações de vivências, Estrela mantinha contatos com usuários de drogas e casais homossexuais de relacionamentos promíscuos, o que, em muitos momentos, apontava para escolhas que a colocavam em situações

de risco. Nesse período me vi tomada por aflitivos sentimentos contratransferenciais, entendendo que a paciente, ao compartilhar comigo os riscos que corria, estava de certo modo tentando transferir para mim a responsabilidade de cuidar dela. Numa sessão ela fala:

– Ninguém sabe onde eu ando, ninguém imagina o que eu faço, todo mundo pensa que eu sou a certinha. Às vezes é até engraçado quando eu penso o quanto ninguém me conhece. Minha mãe, então, coitada... ficaria perdida se sonhasse o que eu tenho visto. Graças a Deus ela não está lá para ver... Só mesmo aqui eu conto essas coisas, só você sabe realmente onde eu tenho andado...

Eu digo:

– Então, se só eu sei onde você tem andado, parece que eu sou a única que pode cuidar de você, mas fico como uma mãe perdida, que nem sonha o que pode fazer, pois afinal não está lá para ver... Fico então escutando o desejo que você tem de mostrar para as pessoas que pode desafiar os perigos e o medo que você tem de se machucar. Escuto você me falar: “Lourdes, cuida de mim, porque ninguém mais está sabendo onde eu tenho andado, até onde eu tenho ido pra me conhecer”.

Após alguns segundos de silêncio, percebo pela primeira vez Estrela desabar num choro. Não foi um choro como se costuma ver habitualmente... Seu choro parecia vir das entranhas: Primeiro apareceu como uma tosse... para finalmente emergir um choro engasgado, tirando-lhe o ar; tal qual os bebês quando tomam o choro. Fico profundamente impactada com a concretude daquela vivência, chego a imaginar que estou diante de um bebê sem respirar. Sinto-me como uma mãe que, num primeiro momento, fica aflita e impotente perante o sofrimento do seu bebê que ainda não sabe falar. ESTRELA NÃO SABIA CHORAR. Sinto-me impelida a dizer para ela que estou ali.

– Eu sei que está doendo muito, Estrela, mas você não está só. Eu estou bem aqui... Nós vamos atravessar isso juntas.

Erguendo-se rapidamente do divã, ela reage:

– Lourdes, o que foi isso? O que está acontecendo comigo?... Eu nunca tive isso... Por que eu estou chorando assim?... Eu nem sei por que estou chorando... O que eu estava falando antes disso tudo?... – Após alguns segundos de silêncio: *– Pensei que você não estava mais aí...*

Pude sentir o quanto o relaxamento das defesas narcísicas expunha Estrela a um profundo sentimento de desamparo, parecendo remetê-la a vivências de desintegração do *self*, nas quais predominavam sentimentos de embotamento e solidão.

Acredito que o narcisismo, como recurso para evadir-se da dor mental, é antes de tudo uma defesa. Para muitos, a única possível. Para Estrela, a única proteção contra a angústia de sentir-se ao mesmo tempo separada e dependente do outro, no caminho para crescer e vincular-se.

Ficara evidente, nos vínculos estabelecidos por Estrela, a ânsia por uma parceira que a admirasse, desejasse e se deixasse levar... sem questionar sua postura defensiva:

– Agora eu estou com uma pessoa que me adora e me compreende. Sabe, no começo eu não gosto que ninguém me toque lá... Você entende, não é? Na intimidade. E ela me respeita... Eu prefiro dar prazer... Procuo adivinhar o que a Luiza gosta... e sei como fazer... Com ela eu me sinto a mulher mais linda do mundo. A Luiza sempre me diz que eu devo adorar espelhos, pois deve ser bom ver uma pele tão linda. Ela me entende em tudo... Acho que com ela eu posso ficar para sempre... As outras não me entendiam, mas também não significaram nada. Por isso mesmo eu caí fora... Ela é diferente, morre de medo de me perder... Ela me adora!

Muitas vezes, escutando Estrela, eu me perguntava: “E ela, o que adora? O que deseja? O que almeja encontrar no outro?” Satisfazendo-se em seduzir sem se deixar tocar, negando os próprios desejos e investindo em adivinhar os desejos do outro, parecia ir resguardando uma sobrevivência narcísica que a protegia da dependência do objeto e da dor provocada por um possível desenlace com o mesmo. Não precisava sentir medo de perder. O medo era depositado na namorada: “É ela que me adora e teme me perder... Eu não me deixo tocar na intimidade”, parecia me dizer. Seus desejos ficavam embotados, dificultando um contato emocional com suas mais íntimas necessidades. Freud perguntara: “O que quer uma mulher?” Eu me perguntava: “Que mulher é essa que Estrela vem construindo? O que ela deseja? O que fazer para ajudá-la a encontrar seus caminhos? A partir de que referências, ou da falta destas, está se constituindo a sexualidade de Estrela?”

Ela se apresentava para o mundo com um rosto ostensivamente maquiado, parecendo compor-lhe uma segunda pele. Usava sempre calças compridas e caminhava de modo compassado. Todos os seus movimentos pareciam planejados, construindo uma figura etérea: suave, relaxada e bem-resolvida. Enquanto o rosto era alvo de intensos exames e retoques, o corpo era vestido de forma despojada, sendo deixado em segundo plano. Lembrava uma gueixa com seu rosto-máscara sedutor e um corpo encoberto. Ela afirmava:

– Eu odeio mulheres masculinizadas, nunca me sinto atraída por elas. As pessoas precisam entender que duas mulheres podem ser lindas e femininas e se amar sem que alguma delas precise se comportar como um homem.

Como estava construindo-se a feminilidade de Estrela? Sua ânsia de amor parecia não incluir o funcionamento masculino. Duas mulheres lindas, fusionadas, se bastavam, tais quais mãe e bebê nos primórdios da relação com o objeto.

Joyce McDougall (1983) afirma que os arranjos encontrados pelas fantasias homossexuais destinam-se a convencer a si mesmo e ao outro de que enfim alcançaram o segredo do desejo sexual: *“O segredo do prazer equivale à ilusão da criança incestuosa que imagina ser a menina dos olhos da mãe, em detrimento do pai desdenhado e a quem é outorgado o lugar de criança excluída e castrada”* (1983, p. 36).

Dito isso, poderíamos pensar que, diante do impasse edípico, prevaleceria a recusa em aceitar o fato de a mãe não possuir um pênis e a ilusão de que o pênis do pai não precisa desempenhar nenhum papel na vida da mãe. Como afirma McDougall: *“A crença de que os órgãos genitais dos pais não são complementares, e entre eles inexistente desejo”* (1983, p. 43). Penso que a roupagem mudou, mas a urgência do tema permanece a mesma: escapar das tramas da castração e das angústias inerentes a esta. O drama da diferença dos sexos e da interdição dos desejos incestuosos encabeça a estruturação da identidade, constituída desse modo pela aceitação da falta de algo e pela dependência do outro para amar e ser amado. Quando Estrela se descobre insuficiente para sua mãe, quando se depara com a sua falta, mobiliza uma busca incessante por esse falo ideal, que pode preenchê-la e que deve existir em algum lugar. Certamente que não cabia ao pai – objeto denegrado – albergar a fantasia de possuí-lo. O pai, desqualificado, castrado, fica então excluído como objeto do seu desejo, permanecendo a mãe como objeto idealizado, essência da bondade e da feminilidade. O casal mãe intocável-idealizada e pai ausente-desqualificado instiga uma procura incansável pelo objeto narcísico que viria a completar, preencher e contornar o sofrimento imputado pela castração. Feita a cisão que deposita no pai os aspectos maus e restringe na mãe a totalidade das coisas boas desejadas, aduba-se o terreno para uma escolha objetual em que o outro igual comparece como um achado mágico, restaurador do equilíbrio psíquico.

Penso que as parceiras de Estrela foram investidas ora da condição de saídas possíveis para o desinvestimento materno, ora da condição de barreiras protetoras contra os ataques imaginários dos homens, escapes diante das fantasias de atuação da sedução paterna. “Homens não aceitam recusa”, ela dissera. Então, para Estrela, não havia escolha. A escolha narcísica apresentava-se como a única possível para defendê-la das angústias vividas nas primeiras relações de objeto. Lançando mão da defesa narcísica, Estrela desconsiderava as relações objetais tanto externas

como internas, apegando-se a um frágil funcionamento onipotente, que muitas vezes a mantinha como expectadora da realidade.

Um certo dia, Estrela me conta que assistira a um programa durante o qual a entrevistada afirmara já fazer análise “há 15 anos... enfatizando que já não conseguiria viver sem ela...”. Interpelada então pela repórter se um dia ela não teria que parar, aquela respondera: “Não sei, acho que vou esperar o dia em que a minha analista me dispense.. me dê o bilhete azul... quando ela não me aguentar mais...”

A paciente comenta então que considerava isso um absurdo. “Onde já se viu não se ver sem uma analista!” Repudiando esse comportamento, me avisa que ela, ao contrário, já vinha pensando que já estava comigo há muito tempo: dois anos no período hetero e três anos no período homo, o que totalizava cinco anos de análise. “Já estava bom. Tinha uma namorada que a amava, tinha amigos e estava enfim conseguindo concluir uma faculdade”.

Dito isso, pede-me que acertemos quantas vezes ela ainda precisaria vir para sair da “forma direita”. Não queria repetir o que fizera da outra vez, quando partira sem me agradecer. “Não era mais ingrata.” Queria que decidíssemos juntas como deveria ser a sua saída, pois gostaria que eu soubesse que, hoje, ela era outra pessoa. Entre a vivência do impacto perante a reação impulsiva e a tentativa de me apaziguar com os nossos limites (limites do nosso par analítico) fui pensando que talvez ali estivesse realmente uma Estrela um tanto diferente. Pensei que ela parecia refletir uma mente mais integrada, mente capaz de gratidão. Estava ali me falando das suas duas partes, hetero e homo, talvez pedindo-me ajuda para juntá-las, pedindo-me autorização para partir sem ataques e sem medo de retaliações. Havia uma Estrela que, na nossa relação, só pôde aprender a brilhar até ali... Era hora de ir... quem sabe, em busca de outros horizontes...

*Traduzir uma parte na outra parte é uma questão
de vida e morte. Será arte?
(Ferreira Gullar)*

Em alguns momentos os pacientes nos fazem urgentes pedidos, às vezes encobertos por atuações impulsivas refletidas nas sessões de análise. Penso que, nesse momento, Estrela me pedia para considerar sua fragilidade egóica, ameaçada talvez pela iminência de um bilhete azul que eu – enquanto outro – poderia lhe imputar.

Nas vicissitudes dos arranjos particulares de suas relações com o objeto, ou era preciso sentir-se aderida a mim, como às vezes me sugeria: “*Às vezes acho que somos tão parecidas! Já reparou que sempre pintamos as unhas com o mesmo esmalte? Até dos mesmos filmes gostamos! Já te encontrei várias vezes no cinema*”, ou era necessário afastar-se, antes que a separação fosse consumada por mim, pelo meu poderoso bilhete azul. Novamente ela não aceita pensar um pouco mais sobre a decisão de deixar a análise, não permitindo concessões às suas defesas e enfatizando que precisava aprender a resolver as coisas sozinha.

Foi inevitável, na repetição da vivência de partida abrupta, o incômodo sentimento de vivenciar, como objeto descartável, as fantasias de incompetência e impotência ativadas pelos meus próprios anseios narcisistas. Penso que, com pacientes como Estrela, o analista muitas vezes fica entre os objetos excluídos e desvitalizados, alvo da reprodução de um mundo interno fragmentado, sem esperança de integração. Nesses momentos, o analista vê-se testado em muitas nuances de seus limites, precisando dar conta das suas próprias dores narcísicas. Sim, mais uma vez Estrela escapa... mais uma vez nossa história terapêutica é interrompida sem aviso prévio. Mais uma vez ela me faz experimentar a frustração de ser excluída abruptamente do seu mundo particular de relações objetais... “*Sem memória e sem desejo*”, recomenda Bion (1967). Sem refúgios e sem sofismas, eu reflito e compartilho com vocês. Também o meu narcisismo fora posto à prova inúmeras vezes na análise de Estrela, sendo exigido um constante e delicado exame das minhas questões internas, para que eu pudesse continuar disponibilizando as funções psíquicas a serviço das necessidades dela e não para reparar minhas próprias faltas.

Dessa vez, antes de retirar-se, Estrela me fala de um sentimento de gratidão e de um desejo de despedir-se. Ela finaliza: “*É como nascer. Mesmo que a gente não queira, um dia não tem que sair*”? Reflito que *sair* também poderia ser uma forma de comunicar um nascimento – um novo nascimento – um nascimento com uma saída “direita”, sem tantas dores. O nascimento permitido pelo bebê Estrela, que ainda se mostrava muito assustado diante da ameaça de vínculos estreitos, mas que também já se reconhecia capaz de sentir gratidão. O nascimento enfim que fora possível dentro dos limites particulares do nosso encontro analítico...

Estrela partia, quem sabe desejava outros nascimentos, quem sabe se despedia para poder voltar... □

Referências

- ANZIEU, D. *O eu pele*. São Paulo: casa do Psicólogo, 1989.
- DAVIS, M.; SHEPERD, R.; WINNICOTT, C. (Org). (1994). *Explorações psicanalíticas: D. Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- FREUD, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- _____. (1914). À guisa de introdução ao narcisismo. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v.1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- _____. (1915). Pulsões e destinos da pulsão. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v.1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- _____. (1938). Moisés e o monoteísmo – Esboço de psicanálise e outros trabalhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- GREEN, A. (1988). *Narcisismo de vida: narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta.
- KLEIN, M.; HEIMANN, P.; ISAACS, S.; RIVIERE, J. (1952). *Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.
- MACDOUGALL, J. (1983). *Em defesa de uma certa anormalidade: teoria e clinica psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- WINNICOTT, D. W. (1951). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- ZIMMERMAN, D. E. (1995). *Bion: da teoria à prática – uma leitura didática*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Quando a escuta é analítica: sobre escuta em Psicanálise

Carla Brunstein

Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Neste trabalho são estudados aspectos que compõem a escuta analítica, pois constitui elemento fundamental para a própria formação psicanalítica, contribuindo efetivamente para a compreensão do psiquismo do paciente. Para tanto, abordam-se aspectos relativos ao termo escuta, às ferramentas conceituais básicas, à escuta analítica atual e à dinâmica da escuta. Comenta-se a importância terapêutica de uma escuta desse tipo.

Saber escutar a poesia é como
saber escutar o discurso do paciente.
... a poesia não é sobre a experiência;
a vida da poesia é a experiência.
(Ogden, 1997)

1. Introdução

O trabalho em psicanálise implica a construção de uma identidade que, em geral, se organiza e modifica ao longo do tempo, ainda que uma motivação inicial oriente a busca desta atividade. Escutar psicanaliticamente constitui o reflexo dessa identidade que, a princípio, se apóia no tradicionalmente chamado tripé da formação: tratamento pessoal, supervisão e estudo da teoria e da técnica.

Sobre isso, muito já tem sido discutido e adaptado em consonância com momentos históricos, movimentos culturais e políticos, além de implementos caracterizados por aspectos evolutivos da própria psicanálise nestes contextos. Entretanto, ainda que sejam indispensáveis questionamentos constantes e atualizações de conceitos e práticas, há de se considerar que as bases lançadas pela psicanálise freudiana mantêm-se como origens a partir das quais surgem os novos desenvolvimentos científicos desta área. Quando um ou outro aspecto passa a ser mais valorizado em função da atualização de conceitos, definem-se fiéis seguidores do pensamento de Freud, ou dissidências marcantes.

Contudo, o que parece ser o resultado essencial da compilação de aportes teóricos, técnicos e pessoais é a possibilidade de o analista desenvolver uma *escuta* específica, condizente com uma postura analítica verdadeira, donde se supõe a capacidade de, metaforicamente, poder *escutar* de forma irrestrita os *sons* do discurso inconsciente encoberto pelo manifesto (Green, 1992). Poderá, assim, atentar aos diferentes movimentos psíquicos que ocorrem no *setting*, bem como a progressos e limitações, mantendo a condição criativa da mente.

A importância da *escuta* como instrumento da psicanálise já foi sensivelmente lembrada por Joseph (1982), quando fez referência a Freud, que se empenhou em compreender a vida mental, iniciando por “escutar seus pacientes, levando muito a sério tudo o que eles diziam [...] construía o significado inconsciente [...] das palavras, mas também do tom, dos gestos, etc.” (p. 144).

Para tanto, merecem destaque algumas ferramentas conceituais básicas que sustentam uma *escuta* específica como elemento fundamental do método analítico,

privilegiando o potencial terapêutico da relação, o que pode ser verificado desde contribuições clássicas como a atenção flutuante de Freud, as primeiras tentativas de compreensão da contratransferência, a constatação dos papéis induzidos pelo paciente no analista, as descobertas de Winnicott e Bion. Tais ferramentas serão abordadas aqui na medida em que constituem o caminho até a *escuta* analítica atual, ainda que merecessem maior aprofundamento. Além disso, a compreensão *dinâmica da escuta* poderá corroborar a proposta de construção de um referencial de escuta próprio.

2. Sobre *escuta*

Um dos significados do vocábulo *escuta* na língua portuguesa formal inclui um “estado de atenção, de vigilância” (Ferreira, 1986, p. 693). Transposto para a *escuta analítica*, tal vocábulo mantém o mesmo significado. Porém amplia-se para um *estado de vigilância* que procura captar estímulos como um caminho para integrar percepções e dar sentido aos sons que vêm das palavras originadas não somente da combinação de fonemas, mas também dos sentimentos. Um *estado de atenção* que permita estar ao mesmo tempo vigil e livre também para perceber os silêncios, as ações e as relações que vão, gradativamente, revelando-se no *setting* analítico e que transitam entre paciente e analista.

Dessa forma, permitir-se-á o analista, tal como Beethoven, “apesar dos sons que perde, estabelecer maior permeabilidade com a música que habita dentro de si” (Barbero; Corniglio, 1981, p. 84). Saber *escutar* diferentes formas de expressão contribui para capacitar o analista, alguém que, como os artistas, precisa saber captar o que há de mais profundo e além do verbal.

3. Ferramentas conceituais básicas

Para compreender a composição atual da escuta em psicanálise é fundamental lembrar algumas ferramentas conceituais básicas originadas de referenciais clássicos. Embora algumas muito tenham se transformado ou sofrido acréscimo ao longo do tempo, mantêm sua validade incontestável e auxiliam na construção de um aporte eficaz que corrobora intensamente os processos psicanalíticos, levando em conta as manifestações, no analista, daquilo que lhe desperta o paciente.

Na ampla literatura de Freud, desde os primórdios da psicanálise, verificam-

se movimentos que caracterizam a busca de uma forma de escutar os pacientes, gerando, conforme a experiência o exigia, mudanças teóricas e técnicas. Entretanto, a *atenção uniformemente flutuante*, base da escuta analítica, manteve-se como recurso técnico indispensável. Foi descrita por Freud (1912) como a condição de “simplesmente não dirigir o reparo para algo específico e em manter a mesma atenção uniformemente suspensa em face de tudo o que escuta” (p. 149-150). Acrescenta que essa seria a contrapartida do que é solicitado ao paciente, sugerindo-lhe que comunicasse tudo que lhe viesse à mente sem crítica ou seleção. Nessa época, Freud já começava a perceber, no entanto, que existiriam motivos capazes de prejudicar uma atenção deste tipo e, portanto, alguns materiais trazidos no discurso do paciente poderiam ser privilegiados em detrimento de outros. Isso porque a concentração voluntária da atenção em algum aspecto específico impediria as percepções de outras comunicações além das verbalmente manifestas, além de haver risco de submetê-las às inclinações do próprio analista. Recomendava, assim, que esse deveria apenas *escutar*, sem preocupar-se em lembrar ou não, deixando ecoar em seu próprio inconsciente as vibrações do inconsciente do paciente, permanecendo cômico das possibilidades de oscilação de seu estado mental. Essa parece ser uma constatação de Freud na procura da adequação técnica e em sintonia com o que vinha observando sobre o quanto o psiquismo do paciente mobilizaria afetos do psicanalista.

Tal constatação condiz com estudos subsequentes que se estendem para além da atenção uniformemente flutuante e dão origem a construções conceituais tais como a contratransferência, que passa a ser utilizada como importante instrumento de trabalho.

No conceito inicial clássico de contratransferência enquanto obstáculo ao tratamento conforme foi concebida por Freud (1910), esta ainda não havia sido integrada como uma possibilidade criativa de compreensão do paciente. Era considerada por ele uma dificuldade específica do analista de onde aconselhar que a melhor indicação, nesse caso, seria a própria análise do analista (Racker, 1957).

Porém, na década de 1950, principalmente, mas já com os desenvolvimentos de Heimann (1949) e logo com os de Racker (1957), a contratransferência passou a ser considerada instrumento fundamental de trabalho, tendo em vista que supunha um espaço interacional entre analisando e analista e que, portanto, implicava um potencial de comunicação que não poderia ser desprezado. Segundo Racker (1957), a contratransferência interage com a transferência e “ambas representam dois componentes de uma unidade que dão vida e que criam a relação interpessoal da situação analítica” (p. 55). Anteriormente Heimann (1949) já havia lançado esse

novo olhar quando se surpreendeu ao atentar para a postura de distanciamento e insensibilidade que procurava ser mantida por jovens psicanalistas da época no contato com seus pacientes.

No extremo oposto, ainda que discordando, a autora lembra Ferenczi e Balint, que cogitavam expressar abertamente ao paciente os sentimentos por ele provocados como uma forma adequada de utilização da contratransferência como instrumento de trabalho (Heimann, 1949, Manfredi, 1998). Heimann (1949), todavia, utilizou o termo “para designar a totalidade dos sentimentos que o analista vivencia em relação ao seu paciente”, na medida em que “é um instrumento de investigação dirigido ao inconsciente do paciente” (p. 172) e, nesse sentido, sim, poderia servir como um dos meios de acesso a conteúdos e sentimentos além dos manifestos sem, necessariamente, serem verbalizados ou atuados pelo analista, o que somente sobrecarregaria o paciente e em nada contribuiria para o tratamento. O analista, a partir de sua análise pessoal, deverá adquirir condições de suportar os sentimentos despertados em si, sem colocá-los para fora, como faz o paciente, mas utilizando-os como fonte de informação sobre o que, internamente, vivencia o outro. Dessa forma, o que introduz juntamente com Racker (1957) é a idéia de que o analista precisa estar livre para usar tais sentimentos como instrumento diagnóstico do que se passa na sessão e, por conseguinte, no inconsciente do analisando, com o fim de facilitar o processo analítico.

Com novas tentativas de compreensão das comunicações do paciente, Sandler (1976) e Joseph (1982) ampliam ainda mais as possibilidades da escuta analítica para além das manifestações verbais. Baseada nas formulações kleinianas da década de 1940, Joseph (1982) enfatiza que, ainda que os pacientes cheguem para análise manifestando uma busca consciente de compreensão, esta inevitavelmente estará sob a influência da relação estabelecida com o analista determinada pelo funcionamento psíquico do próprio analisando com suas relações de objeto, ansiedades e defesas. Reforça, então, segundo lembram Feldman e Spillius (1989), que é importante o analista reconhecer e entender as investidas do paciente para envolvê-lo numa forma sutil de atuação na tentativa de evitar ansiedades, e manter-se atento ao *clima* da sessão, deixando as emoções fluírem uniformemente para além das palavras. Joseph (1987) e Sandler (1987) alertam, também, que o paciente é capaz de perceber, inconscientemente, a maneira mais eficaz de acionar o analista, induzindo-o a assumir papéis. Por isso a interpretação da transferência seria o meio que levaria aos resultados efetivos da análise.

Talvez possamos considerar a essa altura que a *escuta* desses aspectos que revelam o funcionamento do paciente e que impõem dificuldades essenciais para a sua compreensão e tratamento, como a própria identificação projetiva, ao mesmo

tempo constituem uma oportunidade de acesso ao inconsciente. Identificada inicialmente por Bion (1962), esta contém um potencial saudável de comunicação entre a mãe e o bebê e, por analogia, entre analista e analisando, já que as relações primitivas tendem a reproduzir-se no contexto da análise.

Surge então o conceito de *rêverie* (Bion, 1962) como mais um marco que, gradativamente, passou a dar suporte à técnica psicanalítica, proporcionando uma escuta mais abrangente das comunicações verbais e não-verbais. Bion (1962) considerou que o desenvolvimento do aparato para pensar somente seria possível se, através da relação do bebê com o seio, a mãe pudesse permitir a projeção de todos os tipos de sentimento, devolvendo-os ao bebê de maneira mais tolerável para sua mente, de forma que pudesse ir além da saciedade física. Isso implica uma receptividade incondicional da mãe a tudo o que venha do bebê relativo a amor e ódio, sem importar-se se ele a sente como objeto bom ou mau e acompanhado de sentimento amoroso. Em caso contrário, esse tudo mantém-se impensável para o bebê (Bion, 1962; Corvo, 2002).

Sob essa perspectiva, o conceito de *rêverie* abre caminho para uma compreensão mais ampla e profunda dos movimentos que ocorrem no processo analítico, no qual, como o bebê, o analisando poderá exibir a sua maneira de lidar com a frustração, tolerando-a ou não e assim orientando o seu contato com a realidade externa, o que inevitavelmente dependerá da capacidade de *rêverie* da mãe-analista para ajudá-lo a representar e pensar os seus sentimentos, traduzindo-os e dando-lhes significado (Bion, 1962).

Etchegoyen (1987), inclusive, defende efusivamente que a *rêverie* do analista, entre outras manifestações de suas condições de trabalho nessa área, é um dos sinais que demarca a capacidade global de sua personalidade, independentemente do tipo de paciente que atenda, ou seja, quanto mais ele disponibilizar *rêverie* mais poderá receber e dar significado às projeções do paciente pouco ou muito doente.

Ainda como provável decorrência do conceito inicial de Freud a respeito da atenção flutuante, mas evidentemente com outra abrangência e em paralelo com a condição de *rêverie*, na concepção bioniana encontram-se as capacidades do analista para manter-se *sem memória, sem desejo e sem necessidade de compreensão* como um meio de auxiliar o paciente a produzir representações psíquicas para emoções que nunca antes alcançaram a representação mental (Hartke, 2006). Bion sugere a capacidade de criar, de fazer emergir, no contexto analítico, um potencial criativo capaz de propiciar conexões e permitir que se construam novos lugares para novos significados, colocando-se em sintonia com

a experiência emocional vigente em dado momento da sessão, levando-a à representação e trazendo-a para o domínio do conhecimento.

As colaborações de Winnicott (1971) sobre a utilidade da criatividade na análise parecem manter enfoque semelhante, tendo em vista que destina especial atenção ao desenvolvimento de um espaço potencial entre analista e analisando, no qual a imaginação impulsiona fortemente a relação criativa com a realidade. A escuta do analista envolve uma *postura mental básica* perpassada pelo *saber brincar*, por ser capaz de integrar num espaço transicional elementos da realidade interna e externa. Obviamente, tal processo não é desconhecido quando se refere à psicanálise, tampouco quando é lembrado como pré-requisito incontestável do desenvolvimento humano, estabelecido nas relações primitivas entre a mãe e o bebê. Constitui conceito claramente estabelecido por Winnicott (1971), que enfatiza a importância de um *espaço potencial* onde a vida acontece porque *fenômenos transicionais* permitem que aquilo que é objetivamente percebido coexista com o que é subjetivamente concebido, norteando ações em direção à comunicação e, portanto, em direção à descoberta de si mesmo orientada pela relação com o outro. Aproximação e afastamento com diferentes intensidades em diferentes momentos evolutivos podem expressar distintas vivências de vinculação, nas quais se manifestam condições de estar só na presença e na ausência de outro, de compartilhar espaços, de trocar experiências ou de, simplesmente, não conseguir brincar e usar a imaginação para lidar com a realidade.

Esses momentos que, partindo da relação mãe-bebê, podem ser transpostos para a relação terapêutica, no paciente implicam a possibilidade de oscilar entre diversas formas possíveis de fantasia, manifestando distintas espécies de vínculos e associando livremente para que sejam tratados, ao passo que ao analista cabe estar atento de maneira uniformemente flutuante, empenhando-se para fazer uma escuta verdadeiramente analítica. Deverá ele permitir-se, até certo ponto, que o seu inconsciente reflita o inconsciente do paciente, ao mesmo tempo que mantém o discernimento e é capaz de brincar sozinho na presença de outro (Hartke, 2006). Essa capacidade, parte do funcionamento mental do analista, inclui-se entre os elementos que constituem o que Winnicott chamou de *holding* e que não depende do funcionamento mental do paciente (Etchegoyen, 1987). Contudo, poderá constituir ferramenta básica de escuta e exercer papel importante na organização mental deste, já que reflete a posição do analista como alguém confiável e que oferece segurança, que suporta ser esquecido e lembrado, por vezes quase que simultaneamente, mantendo-se presente com sua forma de *brincar-interpretar* à semelhança da mãe com o bebê. O outro, *bebê-analisando*, poderá ser mais ou menos receptivo àquilo que vem de fora (Winnicott, 1971), o que enuncia não

apenas a qualidade de suas relações primitivas, mas a intensidade do momento criativo em que se encontra o próprio processo analítico como reflexo dessas relações a serem recriadas.

Ogden (1997a) considera Winnicott um dos principais pensadores da psicanálise. Saliencia que, para ele, o processo analítico ocorre quando há a expansão da capacidade de criar um espaço para viver e manter-se vivo nas mentes do analisando e do analista a partir de experiências que repousam entre a fantasia e a realidade e que exigem escuta específica.

4. A escuta analítica atual

Com base nas ferramentas conceituais básicas da psicanálise, organizou-se uma nova dimensão do processo analítico, que procura integrar a amplitude de elementos que influenciam sua capacidade de escutar, estabelecendo relações e desvendando pontos de intersecção. Inevitavelmente, o que parece reger os trabalhos atuais sobre escuta psicanalítica é o maior teor de aspectos ligados a processos individuais, mas também intersubjetivos, envolvendo ambos os componentes do par terapêutico, analista e analisando.

Green, Ogden, Ferro são os representantes desse momento atual entre outros tantos autores. Green (1995, 2005) enfatiza que a prática da Psicanálise nos coloca em contato com um funcionamento psíquico potencializado no *setting* analítico, no qual processos primários e secundários coexistem e lutam por sobreviver. Segundo ele, necessitam para isso manter um vínculo muito estreito e, ao mesmo tempo, poder existir separadamente. O que lhes permite tal movimento são os chamados processos terciários que “põem em relação processos primários e secundários de tal maneira que os primários limitam a saturação dos secundários e os secundários a dos primários” (Green, 1995, p. 186), fazendo com que seja assegurado o equilíbrio da mente. O próprio autor (Green, 1995), seguindo as correntes de Winnicott (1971), sugere que essa possibilidade cíclica de imersão e emergência de processos primários e secundários pode corresponder à predominância de realidade interna ou externa conforme acontece no espaço potencial onde se desenrolam os fenômenos transicionais. Um funcionamento psíquico desse tipo pode ocorrer tanto na mente do analisando quanto do analista, intermediado por associação livre e atenção flutuante, equivalentes de um mesmo estado mental. Por isso trazem consigo a riqueza da expressão das emoções e dos pensamentos que, interligados, movem o trabalho da análise, trabalho no qual os processos terciários refletem potenciais de evolução.

De maneira semelhante, Ogden (1995, 1996) desenvolve o conceito de *terceiro analítico* como consequência da união das mentes do analisando e do analista que se manifesta durante a sessão. O terceiro analítico é criado pelas subjetividades destes e, ao mesmo tempo, as cria. Mas, mesmo que seja produzido no *setting* analítico, constitui vivência diferente para cada um, o que subsidia também a necessidade de uma *escuta* que atente para aspectos intersubjetivos, pois, se, para o analisando, se constrói em um espaço potencial de expressão de experiências passadas e atuais, para o analista, o espaço da sessão deverá servir como momento de integração de experiências conscientes e inconscientes do analisando.

Paralelamente, nas raízes da concepção contemporânea de Ferro (1995a) sobre as comunicações que se manifestam contextualizadas no tratamento analítico, encontram-se interseções importantes de conceitos que configuram uma *escuta* analítica atual baseada nos modelos de Freud, Klein e Bion, essencialmente, nos quais esse autor procura identificar o papel das personagens na sessão. Centra-se de maneira especial no terceiro modelo ligado às idéias de Bion, agregando um teor fortemente relacional inspirado na noção de campo, no qual as personagens trazidos para o *setting* são um meio de expressar o que está acontecendo na sessão no que se refere às emoções mobilizadas que ainda não puderam ser pensadas, mas que, compartilhadas, aguardam o momento da co-narração e da transformação conjunta a partir da *escuta* do analista. A noção de personagem constitui, portanto, a forma de que o paciente dispõe para *falar* ao analista sobre as condições do campo analítico em cada momento. Segundo Ferro (1995b),

“[...] esse vértice de escuta [...] considero privilegiado entre todos [...] a escuta do que o paciente diz (ou não diz) como algo que narra continuamente o que aconteceu entre as duas mentes na sessão, vértice que devemos compartilhar para alcançar o paciente onde estiver” (p. 38).

Assim, o próprio paciente, possivelmente, assinalará as desconexões do *setting*, e o analista atento poderá manter a permeabilidade e a receptividade necessárias, restabelecendo-se em seguida de tais desconexões. Aquilo que emerge na sessão e o trabalho realizado são frutos da dupla (Ferro, 1997).

Compartilhando esse referencial, Hartke (2007) ressalta como objetivo maior do processo analítico a “expansão da capacidade de mentalização” (p. 10). Para tanto é essencial haver uma relação com um objeto capaz de acolher as emoções. Assumindo esse papel, o analista poderá intervir facilitando a criação de um ambiente emocional no qual sejam possíveis experiências relacionais

mutativas. Isso porque já se terá permitido uma escuta da relação analítica expressa pelo analisando, pelo analista ou pela dupla, que valorize “a necessidade e a importância de identificar e conceitualizar os diferentes tipos de fenômeno clínicos encontráveis no espaço analítico [...] e que demandam mudanças condizentes na modalidade de trabalho analítico” (p. 4-5), encaminhando-se, dessa forma, as transformações psíquicas.

5. A dinâmica da escuta

Considerando tantos fenômenos constitutivos da *escuta* analítica, vale pensar que aspectos dinâmicos estão presentes na sessão e podem ser úteis para o entendimento das oscilações mentais que acontecem no analisando e no analista. Para sintetizar tais aspectos é sugestiva a formulação de Bollas (1996) sobre a presença da *família edípica* na sessão. Assinala que paciente e analista tendem a assumir as funções da criança, a materna ou a paterna, sendo que ambos podem exercê-las em diferentes situações. Sob esse enfoque, identifica o pensamento alucinatório da criança nos sonhos e na busca da realização de desejos, a *rêverie* da mãe, que acolhe e procura dar sentido a tudo o que vem do bebê e a ordem simbólica do pai como representante do processo secundário. Na via de acesso ao inconsciente, as três funções são necessárias, entretanto, como seres edípicos, todos, inclusive paciente e analista, também tendem a eliminar uma ou outra função de acordo com o que está sendo mobilizado em cada momento. Contudo, mesmo que haja a tendência a excluir uma delas em diversas circunstâncias do trabalho da análise, a circulação das funções representadas no *setting* precisa acontecer de maneira a manter a vitalidade do processo. Para isso, paciente e analista devem ser capazes de oscilar, retomando funções e despojando-se de funções concomitantemente, pois, conforme a ocasião, uma ou outra será mais necessária. Caso um dos componentes da *família edípica* se envolver excessivamente em sua função, ou se uma das funções que compõem a tríade deixar de existir, o processo analítico ficará comprometido, as posturas estagnadas impedirão sua evolução e denunciarão problemas no analisando, no analista ou em ambos.

Essa forma de compreender a dinâmica da *escuta* parece complementar as demais contribuições sob a ótica psicanalítica de que todos os seres humanos são seres edípicos. Analisando e analista, pois, estão sujeitos a sentimentos e emoções que os impelem a assumir funções no *setting* que não podem passar despercebidas.

6. Comentários finais

O estudo da *escuta* em Psicanálise, passando por conceitos básicos clássicos e por características atuais, incrementa a construção da identidade psicanalítica, especialmente porque chama a atenção para algumas peculiaridades de uma *escuta* que não se propõe a *escutar* apenas o som dos fonemas formando palavras, mas abre-se para a busca do latente e daquilo que nunca foi representado. Sua especificidade consiste em se envolver com o psíquico, com o que nunca foi psíquico, ou com o que deixou de ser psíquico na mente do paciente, procurando dar significado a tudo isso integrado pela mente do analista. Analista este que contará com a uniformidade e flutuação de sua atenção para *escutar* não apenas tudo o que provém do paciente, mas também os próprios sentimentos mobilizados a partir da *escuta* ampla que faz, incluindo o que o paciente mostra do que está acontecendo no *setting*. Transitando por caminhos não planejados e respeitando os movimentos psíquicos do momento, poderá, juntamente com o outro da relação, criar um sentido para que tudo isso seja vivido, personificado, narrativizado e, assim, transformado terapeuticamente. □

Referências

- BARBERO, L.; CORNIGLIO, H. (1981). Beethoven: um carácter hepático. *Eidon*. v. 14. Buenos Aires: CIMP-Paidós.
- BION, W. (1962). *Aprendiendo de la experiencia*. Buenos Aires: Paidós, 1991.
- BOLLAS, C. (1996). Figures and their functions: oedipal structure of psychoanalysis. *Int. J. Psychoanal.* v. 65, n. 1, p. 1-20.
- CORVO, R. (2002). *Diccionario de la obra de Wilfred R. Bion*. Madrid: Nueva.
- ETCHEGOYEN, R. (1987). Introdução aos problemas da técnica. In: _____. *Fundamentos da técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- FELDMAN, M; SPILLIUS, E. (1989). Consolidação. In: _____. *Equilíbrio psíquico e mudança psíquica: artigos selecionados de Betty Joseph*. Rio de Janeiro: Imago.
- FERRO, A. (1995a). Um rápido zoom sobre os modelos teóricos. In: _____. *A técnica na psicanálise infantil*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1995b). Pequeno mapa de orientação. In: _____. *A técnica na psicanálise infantil*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1997). O diálogo analítico: mundos possíveis e transformações no campo analítico. In: _____. *Na sala de análise: emoções, relatos, transformações*. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. (1910). As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 11. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1912). Recomendações aos que exercem a psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

- GREEN, A. (1992). O desligamento. In: _____. *O desligamento: psicanálise, antropologia e literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- _____. (1995). Nota sobre los procesos terciarios. In: _____. *La metapsicología revisitada*. Buenos Aires: Eudeba, 1996.
- _____. (2005). Primary, secondary and tertiary processes. In: _____. *Key ideas for a contemporary psychoanalysis: misrecognition and recognition of the unconscious*. London: Routledge.
- HARTKE, R. (2006). A experiência do brincar e o espaço analítico na psicanálise de adultos. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 13, n.2, p. 287-303.
- _____. (2007). Repetir, simbolizar e recordar: el psicoanálisis cura aun mediante la rememoración? In: CONGRESS OF THE INTERNATIONAL PSYCHOANALYTICAL ASSOCIATION, 45, Berlim.
- HEIMANN, P. (1949). Sobre a contratransferência. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 2, n. 1, p.171-176.
- JOSEPH, B. (1982). Sobre compreender e não compreender: algumas questões técnicas. In: FELDMAN, M; SPILLIUS, E. *Equilíbrio psíquico e mudança psíquica: artigos selecionados de Betty Joseph*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- _____. (1987). Discussão do trabalho de Betty Joseph. In: SANDLER, J. *Projeção, identificação, identificação projetiva*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- MANFREDI, S. (1998). Estudo preliminar da contratransferência. In: _____. *As certezas perdidas da psicanálise clínica*. Rio de Janeiro: Imago.
- OGDEN, T. (1995). Analysing forms of aliveness and deadness of transference countertransference. *Int. J. Psycho-anal.* v. 76, n. 1, p. 175-188.
- _____. (1996). O terceiro analítico: trabalhando com fatos clínicos intersubjetivos. In: _____. *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- _____. (1997a). Privacy, reverie and analytic technique. In: _____. *Reverie and interpretation: sensing something human*. New York: Jason Aronson.
- _____. (1997b). Listening: three frost poems. In: _____. *Reverie and interpretation: sensing something human*. New York: Jason Aronson.
- RACKER, H. (1957). Sobre técnica clássica e técnicas atuais da psicanálise. In: _____. *Estudos sobre técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- SANDLER, J. (1976). Countertransference and role-responsiveness. *Int. J. Psycho-anal.* v. 3, n. 1, p. 43-47.
- _____. (1987). Discussão do trabalho de Betty Joseph. In: _____. *Projeção, identificação e identificação projetiva*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- WINNICOTT, D. W. (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Caso-limite e limites do acaso: obstáculo e senha

Sandra Luíza Nunes Caseiro

Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de
Psicanálise de Ribeirão Preto

A autora relata uma sessão de análise com uma paciente que apresenta características de funcionamento mental similares ao funcionamento mental dos denominados pacientes borderline e procura discutir algumas questões sobre a compreensão e o manejo técnico das sessões com esses pacientes.

Muito se tem escrito sobre a clínica psicanalítica contemporânea, os pacientes considerados “casos-limite” e o analista junto a esses pacientes. Se por um lado esses pacientes diferem daqueles que originalmente inspiraram as teorias e técnicas psicanalíticas, por outro lado os analistas de hoje também se distinguem daqueles do início do século passado. O analista saiu da “plateia”, de onde “observava” o mundo interno de seu paciente e se encontra “infiltrado nas cenas” que se sucedem durante a sessão de análise:

“[...] a noção de ‘pessoa do analista’ [...] está no centro da psicanálise contemporânea [...]” (Bonaminio, 2006, p. 1).

A pessoa do analista, a pessoa do analisando. Antes de qualquer coisa, duas pessoas. Quem somos?

Somos o que podemos apreender de nós num momento fugaz e estamos sempre um pouco atrasados em relação a nós mesmos. Nossa iniciação como “sujeito” no mundo apoia-se em nosso corpo biológico: os sentidos do tato, olfato, audição, paladar, visão. Nesta dimensão da mente estamos num “ponto sensorial”, seja para prosseguir numa expansão em todos os *sentidos* e sentimentos ou para encapsular e desumanizar. Em outra dimensão, nos encontramos no “domínio do bem ou do mal”, no mundo das bruxas e das fadas. Ao sermos “divinos”, o outro é “diabólico”. Quando o outro “pertence à realeza”, pertencemos à “escória do reino”. Aniquilamos com a continuidade do tempo e do espaço: a terra do “nunca mais” e do “para sempre”. Aniquilamos também com a completude de toda a experiência: precisamos decidir se é certo ou errado, se é bom ou ruim. Em outra dimensão ainda, chegamos a integrar os matizes de nossas vivências: a alternância e variedade da qualidade de nossas emoções e sentimentos, o registro de uma continuidade no tempo e no espaço, a percepção do outro como um ser separado. Perdemos a ilusão de um tempo e espaço paradisíacos, ganhamos a inexistência de um tempo e espaço abissais. Ao alcançarmos a condição de transeuntes por entre essas dimensões, nos tornamos autores ao menos de parte de nossa própria história (Ogden, 1994).

E o que podemos apreender sobre o trânsito de uma dimensão para outra durante uma sessão de análise? Quem somos, analista e analisando?

Não se pode conceber um analista fora de seu “fazer analítico” junto a seu analisando. Da mesma forma, só concebemos a um analisando enquanto no encontro com seu analista. Denuncia-se, assim, uma dupla indissociável que

entrelaça suas subjetividades, recriando-se continuamente como sujeitos no acontecer da relação (Ogden, 1994).

Débora – um caso-limite

Assim a conheci: Débora, um caso “nem, nem, nem”. Uma moça de 30 anos, não cabia nas rubricas da neurose, psicose ou perversão. Apresentava oscilações extremas e flutuações radicais no campo da vida pulsional e afetiva, no campo das relações de objeto e no campo das organizações do self (Figueiredo, 2004). Encontrava-se em estados disformes, precários, desde indefesa e incapaz de sustentar-se como um indivíduo, até estados de grande violência afetiva e pulsional, que a levavam a importantes atuações. Estados “tudo ou nada”. Sentia a mim, sua analista, ora como estando presente em excesso, ora ausente em excesso. Algumas vezes eu era a única possibilidade de vida, outras vezes não “servia para nada”; ora totalmente independente e não precisava de ninguém, ora necessitava sentir-se grudada num outro:

P (Paciente) – “Passei muito mal o final de semana. Você enche minha cabeça de coisas e elas não saem, senti raiva de você...”

P – “Sabia que você não ia responder meu recado. Liguei só para ouvir sua voz na secretária eletrônica. Às vezes o final de semana é muito tempo.”

P – “Muito cômodo para você, eu venho aqui por umas horas, você me diz coisas, mas não faz absolutamente nada por mim. Eu tenho que resolver tudo sozinha. Não me serve para nada vir aqui.”

P – “Acho injusto você saber tudo de mim e eu não saber nada de você. O que você faz no final de semana? Aonde você vai? Com quem você fica?”

P – “Você está com muita raiva de mim, posso sentir na sua voz. Você não está conseguindo trabalhar direito, está perdendo o controle.”

P – “Eu vou ‘jogar tudo para o alto’ e voltar para minha cidade. Não vejo sentido em ficar aqui.”

Nesse trânsito entre tudo ou nada e tudo e nada, nos encontrávamos cinco vezes por semana.

Sua mãe sofreu de depressão desde sua gestação até alguns anos após seu nascimento. Trazia na história de sua infância e puberdade um forte registro de negligência por parte de ambos os pais, chegando quase a um abandono. Procedia de uma família marcada por fracassos afetivos e profissionais dos pais, dos irmãos e de familiares de gerações anteriores. Sentia-se mergulhada, mesclada neste “caldo familiar”. A ideia de transgredir um “destino de fracassos”, diferenciar-se dos

familiares, era acompanhada de muita vergonha, culpa e medo. Ousar tal façanha, muitas vezes, significava lançar-se num espaço sem fim.

Por algumas semanas envolvia-se profundamente com sua análise, com seu trabalho, com as pessoas de seu convívio. Conseguia progressos em sua vida pessoal e profissional. Depois, descuidava-se de tudo, odiava a tudo e a todos. Nesses períodos, Débora colocava-se só e provocava em si mesma um efeito de microfonia¹, vivenciando suas emoções e sentimentos num sistema fechado até encontrar-se em intensa turbulência.

A sessão que passo a relatar é referente ao período de pouco mais de dois anos de trabalho.

O limite do acaso: obstáculo e senha “Não sei, só sei que foi assim...”²

O relato de uma sessão, das experiências que vamos vivenciando, quase sempre lembra uma “aventura fantástica”.

Quando chamo Débora para entrar para o consultório nada reverbera em mim. Débora deita-se no divã e logo inicia sua fala. Engaja-se num relato longo, muito longo, num tom de voz baixo, pobremente cadenciado:

P – “Ai, hoje é sexta-feira e estou com aquela preguiça que já te falei, tudo parece muito difícil, levantar da cama, ir para o escritório... Saindo daqui vou ter que ir até a empresa de um cliente, resolver algumas coisas do sistema que ele quer implantar... aí vou voltar para o escritório, tenho que registrar todos os dados desse cliente...”

Posso representar sua fala com a imagem de alguém andando a passos lentos, bem lentos, numa estrada deserta, empoeirada, sob um sol escaldante, carregando com muita dificuldade seu próprio corpo, avistando a grande distância que ainda tem de percorrer e com a crença de que não encontrará forças para chegar. Eu registrava mais os elementos sensoriais de sua comunicação: o volume de sua voz, a cadência de sua fala. Uma atmosfera na qual tudo é muito difícil vai

¹ um som nada excepcional entra pelo microfone, sai amplificado pelo amplificador, entra novamente pelo microfone, sai mais amplificado, e assim sucessivas vezes até transformar-se num barulho ensurdecedor.

² Parafraseando o personagem Chicó, contador de “histórias fantásticas”, no filme *O Auto da Compadecida*, de Guel Arraes, baseado na obra de Ariano Suassuna.

sendo criada e vou deixando-me envolver. Aos poucos vou me sentindo cansada: mais uma vez, após passar algumas semanas sentindo-se mais esperançosa perante sua vida, voltava um desânimo avassalador. Descobrimo-me impotente, passo a questionar a validade do nosso trabalho, a minha capacidade como analista. Nem mesmo pude questionar se a interrupção de final de semana era suficiente para levantar altos níveis de angústia, e se ela sentiria falta dos nossos encontros. A minha incapacidade como analista passa a ser vivida como uma “verdade absoluta para sempre”. Assusto-me diante de tal “constatação” e passo a procurar “provas” de que nosso trabalho estava sendo efetivo. Logo, procuro “provas” também de minha capacidade como analista. Recupero um tempo e espaço contínuos. Alcanço certa clareza sobre minha história com Débora, sendo esta a dimensão da experiência – e que coexistia com as outras dimensões da mesma experiência – que propiciava sentir-me autora de parte dos movimentos da sessão. Essas dimensões sucediam-se em circularidade: ora sentia-me muito incapaz, ora me encontrava envolta pelos elementos sensoriais de sua comunicação, ora recuperava minha história com Débora e minha capacidade como analista.

Débora passa então a descrever o desejo de um estado de total quietude. Um estado no qual não existiria dor, mas também não existiria vida. Um desejo de morte, não por desejar cessar a vida, mas cessar qualquer sofrimento ou esforço:

P – “... Sabe, queria ir para minha casa, tomar um banho, deitar no meu sofá, fazer meus exercícios de relaxamento e não fazer mais nada... ficar quietinha, deitada, não fazer nada, não pensar em nada... uma penumbra, nenhum barulho, nada para fazer...”.

Nesse momento o nível de angústia era muito intenso, e eu não tinha uma clara consciência dessa intensidade. Experimentava-a sensorialmente: irrito-me com o ruído do aparelho de ar-condicionado, movimento-me na cadeira, mudo a ventilação do aparelho; preocupo-me com as flores da sala, “que já deviam estar velhas”, pois pareciam “cheirar à velório”. O “cheiro de velório” propiciou-me uma consciência maior da qualidade daquele momento. Descrevo para Débora o seu desejo, o que sozinha não pode fazer:

A (Analista) – “Deseja um estado de total conforto e prazer, uma espécie de paraíso: luz e som suaves e agradáveis, nenhum pensamento na mente, nenhuma necessidade no corpo, nenhum movimento, tudo tranquilo e perfeito, só sossego!”

P – “É.”

A – “Eu precisei mudar a ventilação do ar-condicionado para poder te ouvir

de tão baixinho que você falava. Aqui também, deseja que eu possa adivinhar o que se passa com você, assim não precisaria sequer falar.”

Ao permanecer junto a ela numa espécie de “mar morto”, e oferecer-lhe idéias que representavam seu estado de mente, penso que eu, “analista-mãe”, encontrei-me psicologicamente disponível, permitindo que Débora permanecesse em meu “seio-mente” tempo suficiente para encontrar recursos naquele momento (Bion, 1967). Pôde, então, representar a experiência que vivenciava, formulando um modelo de sua dor e de seu desejo:

P – “Minha dor no braço está melhor hoje, mas eu já sei o que é. Lembrei que o médico me disse que não posso tomar analgésico, que o analgésico tem um efeito benéfico nas primeiras horas, mas depois a inflamação do tendão aumenta. Ele disse que eu tenho que fazer fisioterapia regularmente e quando doer demais tomar, no máximo, um anti-inflamatório... Quando começa a doer eu não aguento e acabo tomando analgésico. Quando estava vindo para cá me perguntei como que eu posso viver assim, com essa dor nesse braço?...”

O desejo de não sentir nada, o desejo de soluções mágicas, um vislumbre de apreensão de que “a mágica” não se sustenta: formular um modelo assim, mesmo que ainda sem consciência do que falava, implicava uma evolução do estado mental no qual havia iniciado a sessão. Sinto-me presenteada com este modelo e resolvo descrevê-lo para ela:

A – “Penso que a pergunta é mais ampla: como que eu posso viver assim sentindo coisas e tendo que fazer coisas, me movimentar? E movimento é movimento do corpo e movimento da mente também. Gostaria de não precisar usar sua mente, não precisar pensar, não sentir nada no corpo, no coração ou na mente. Ter analgésicos para tudo e mágicas para tudo: uma tranquilidade e quietude absolutas. Mas aí fica tanta quietude que até lembra um cemitério.”

Débora estava confundindo morte com vida e vida com dor e sofrimento; para estancar o sofrimento desejava um estado de morte psíquica. Um estado de total ausência de qualquer necessidade. Precisar movimentar-se, esforçar-se para satisfazer suas necessidades e seus desejos provocava-lhe um intenso ódio. Ao mesmo tempo, percebia as possíveis consequências dessa estagnação, mas não chegava a apreender o significado dessas consequências para sua vida; ou, melhor ainda, era como se houvesse duas realidades paralelas, coexistentes, cada uma

com seus significados, sem que os significados de uma interferissem ou transformassem os significados da outra. Cumpria seus compromissos por cumprir, de forma mecânica, sem envolver-se. Não se importava por prejudicar-se. Penso que nesse momento estava imersa no “caldo familiar” de descuido, negligência, abandono. Esse “caldo” parecia esparramar-se desde dentro até fora dela. Acredito que, na impossibilidade de representar um seu “objeto interno”, uma mãe negligente, que não se importa, “não liga”, Débora o concretiza, o encena:

P – “Minha mãe vem para cá neste final de semana. No final de semana que vem eu vou viajar de férias. Vou ficar fora 15 dias, já avisei no escritório. Meu gerente disse que se eu vou me ausentar 15 dias, então vou estar fora da montagem do novo programa e não vou participar da implantação. Vou perder a comissão também...”

Eu me senti muito confusa nesse momento, não me lembrava de tê-la ouvido falar dessa viagem de 15 dias. Senti uma espécie de perplexidade permeada por raiva:

A – “Estou um pouco confusa, você havia me falado desses 15 dias de férias?”

P – “Não. Eu ia fazer uma viagem curtinha, lembra? Mas resolvi que vou esticar. Quero descansar. Agora que essa contratação deve acontecer, eu não entendo nada do sistema que vamos ter que implantar. Não quero ficar quebrando minha cabeça, quero estar longe. Quero sossego. O último sistema que a gente implantou cansou demais, exigiu demais de mim. Quero uma folga...”

Essas férias, pelo que ela havia me relatado sobre a dinâmica do escritório no qual trabalhava, poderiam até resultar em sua demissão. E ela parecia não se importar. Pensei nas nossas sessões e no efeito que essa interrupção poderia provocar. Débora encenava “uma mãe que não liga”. Numa “completude dividida”, outra possibilidade de mãe, “uma mãe que liga”, já se encontrava dentro de mim. Eu estava mesmo “ligando” para o que ela resolveria. Sentia uma importância muito grande no fato de ela tirar ou não 15 dias de férias. Eu estava perplexa por ela “não cuidar” do seu emprego: havia sido difícil consegui-lo, uma conquista recente. Houve um impacto em minha mente e muita dúvida sobre o que eu deveria fazer. Seria melhor deixá-la na companhia da “mãe que não liga” até que ela criasse a outra possibilidade: “a mãe que liga”? Permanecer com ela no “caldo mortício” até que surgisse dentro dela um movimento de “cuidar, ligar”? E se,

como resultado de seu estado e de sua história, esse movimento de “cuidar” não ocorresse espontaneamente? Então, eu deveria revelar que eu estava “ligando”, demonstrar-lhe como eu me relaciono com o “não cuidar”? Ela precisava sentir que eu, de fato, “sentia” enquanto me relacionava com ela, que ela não me era indiferente? Essas e outras perguntas passaram pela minha mente, não formuladas claramente como as escrevo aqui. Mas de uma forma muito rápida, condensada, quase como num sonho. Havia uma espécie de “força” que me levava a decidir por demonstrar o quanto me importava com seus atos. Imaginando minha mente como “uma coisa concreta”, a sensação era a de ser fortemente puxada para uma dada direção. Acredito que o que estou tentando descrever aproxima-se dos fenômenos que os conceitos de “terceiro analítico” e “terceiro subjugador” procuram abarcar (Ogden, 1994). E também os conceitos de “enactment” e “enactment agudo” (Cassorla, 2004).

A – “Essas férias são um novo analgésico: afasta-se do trabalho, das dificuldades que, supõe, terá que enfrentar. Afasta-se daqui, da possibilidade de pensarmos sobre você, de sentir o que tiver que sentir. É o que tem feito em sua vida toda: tomar analgésicos, afastar-se de qualquer coisa que exija movimento, esforço, que te faça sentir. Mas você mesma está dizendo que o analgésico tem um efeito temporário e que a dor volta mais forte.

Falava com Débora com muita emoção: quase um apelo. Pensei que se ela apreendesse minha emoção como pura raiva – havia raiva também – isso poderia levá-la a interromper o trabalho. Ocorreu-me, como de um estalo, a idéia da “mãe que iria chegar”:

A – “Esta é a mãe que virá no final de semana: você sempre descreve uma mãe que “não liga”. Está fazendo como esta mãe de que tantas vezes já falou aqui. Sabe que com essas férias corre o risco de perder seu emprego, um emprego que foi difícil de conseguir, importante para sua carreira. Já pôde perceber como as interrupções das sessões atrapalham o trabalho que fazemos. Não tenho como impedi-la, vai decidir o que quiser, mas não concordo com essas férias agora.”

Débora e eu “personificamos” um “objeto cuidador, que liga” e um “objeto não cuidador, que não liga”. Uma forma cindida de “representação/atuação” de aspectos internos? A “cena” que atuamos foi um recurso para que Débora pudesse iniciar um movimento de integração desses aspectos?

Na sessão seguinte, com um ar leve e alegre, verbaliza logo ao deitar no divã:

P – “Engraçado, estava vindo para cá e me lembrei de uma coisa que não tem nada a ver. Lembrei que quando eu era bem pequena, eu acordava à noite apavorada, levantava da cama, saía andando, chorando aos gritos. Minha mãe nunca ouvia, mas minha irmã mais velha me levava de volta para a cama, me cobria e ficava comigo até eu dormir de novo.”

Se na sessão anterior o “cuidar” e o “não cuidar” surgiram de forma cindida – ou dividida entre analisanda e analista – o funcionamento mental de Débora, no início desta sessão, era de uma qualidade que permitia uma maior integração desses aspectos, ambos representados em sua fala?

A afirmativa para esta pergunta provoca-me satisfação. Mas o fato é que nosso trabalho era marcado por constantes situações nas quais eu era convidada – ou cooptada – a assumir uma posição bem demarcada e que explicitava importantes elementos de sua realidade interna e externa. Em outros momentos seu estado exigia que eu flexibilizasse o *setting* analítico, reacomodando-o para melhor acolhê-la.

Encerrando – são pensamentos, como dizê-los?

Toda experiência guarda o potencial de ser pensada, mesmo que demande um longo tempo. Pensar é o que buscamos alcançar em relação aos fenômenos que ocorrem numa sessão, nossa meta principal enquanto analistas.

Acredito que nós, analistas, tentamos descrever fenômenos que experienciamos, mas que são muito mais do que as palavras que encontramos ou dos conceitos já formulados. O que conseguimos é uma aproximação da experiência vivida.

Podemos encontrar um corpo sem mente, mas não existe uma mente sem um corpo, pensando no sentido concreto desta afirmação. Temos diferentes formas de construir nossa subjetividade, então, diferentes formas de nos relacionarmos com o mundo interno e externo: de apreendermos uma experiência.

No início de nossa vida tudo se resume a extremos: aproximar-afastar, tolerável-intolerável, bom-ruim, viver-morrer. Partindo de um sistema binário, como resultado de nosso relacionamento com o mundo externo, construímos um “universo em constante expansão”. Ocorre que, imagino, algumas experiências

ficam ilhadas em sua forma original, desconectadas; outras experiências não tiveram a possibilidade de ocorrer ou de se completarem. Essas experiências encontram-se à “espreita” de um “espaço partilhado” que viabilize seu “acontecer”. São com essas experiências arcaicas que lidamos na análise.

Numa das leituras possíveis para a sessão aqui transcrita, parece-me que primeiramente a paciente “revela” as águas profundas e lodosas por onde trafegava. A analista, aos poucos, vai encontrando disponibilidade para conter os elementos apresentados e os descreve para a paciente. A paciente mostra uma evolução de seu estado mental inicial quando apresenta um modelo de seu desejo, de sua angústia e da defesa almejada. A analista descreve-lhe o modelo apresentado. A paciente “salta” para outro estado de mente. A analista se vê *forçada* a assumir uma posição.

Como a sessão teria se desenvolvido se a analista continuasse “apenas” descrevendo para a paciente seu estado mental e seus desejos? O quanto a analista, por questões de limites seus daquele momento, apenas “adiou um mergulho num mar de morte”? O “salto” de um estado de mente para outro, que a paciente demonstra, teria sido provocado por algum fenômeno ocorrido na sessão? Durante alguns momentos da sessão parece ter se configurado uma condição de *reverie* por parte da analista. Poderia ser esse o fenômeno que provocou na paciente o “salto” de um estado mental para outro? Como pode ser pensada a “força” que “induziu” a analista a revelar seus sentimentos e a assumir uma posição perante a paciente?

Numa perspectiva, tanto analisanda quanto analista, estiveram imersas num “caldo mortício”. Talvez, por sentir “a morte psíquica” muito próxima, a analista esbarrou num limite seu e agarrou-se numa postura moralista enumerando para a paciente tudo o que ela “estava fazendo de perigoso”³. Tratar-se-ia, então, de uma rejeição de algo enviado pela paciente à analista, esta última não se encontrando em condição de *reverie* (Bion, 1967).

Em outra perspectiva, utilizando como modelo os conceitos de “enactment” e “enactment agudo” (Cassorla, 2004) analisanda e analista teriam colocado em cena aspectos internos ainda impossibilitados de simbolização verbal. Por essa perspectiva, ao assumir uma posição perante a paciente, a analista estaria colocando “um basta” numa situação recorrente na sua vida e na sua análise: uma repetição compulsiva de ações que sempre resultavam em “descuidos, negligência, estragos” (Cassorla, 2004).

³ E aqui recorro a Meltzer (1989): Assim como Freud teve que enfrentar a suspeita de ser um “amoralista”, atualmente, aquele que acredita na realidade psíquica terá de defrontar-se, interna e externamente, com a ainda mais hipócrita acusação de ser “moralista” (p. 23).

As duas perspectivas referem-se a aspectos internos do analisando e do analista e a fenômenos abarcados pelo conceito de identificação projetiva.

O conhecimento psicanalítico, no que concerne aos estudos e formulações sobre os processos de desenvolvimento do psiquismo, privilegia o sentido, a direção do indivíduo para o seu entorno, *do dentro para o fora*, daquilo que já nasce com o bebê, do que é constitucional ou inato – fantasias originárias para Freud, fantasias inconscientes para Klein, elementos beta e pré-concepções para Bion – e seu direcionamento para a interação com o meio externo. Winnicott (1945, 1954, 1971) procura equilibrar esta direção – partindo das “necessidades do lactente” – com outra oposta: do entorno para o indivíduo, *do fora para o dentro*. O meio ambiente que recebe o bebê, a sustentação que este meio ambiente propicia ao lactente, a “mãe suficientemente boa”, e a possibilidade de essa mãe falhar apresentando-se intrusiva ou ausente – como também o meio ambiente em geral.

Maia (2004), discutindo questões sobre os pacientes ditos fronteiriços, coloca que a sociedade contemporânea sofre uma carência de limites, seja na família, na escola ou na sociedade. Esses *limites rompidos* impediriam a constituição da criança como um sujeito total, tornando comum a existência das patologias *borderline*. Essas idéias vão ao encontro das de Anzieu:

Se eu devesse resumir a situação dos países ocidentais e talvez de toda a humanidade neste final de século XX, eu destacaria a necessidade de colocar limites: à expansão demográfica, [...] à invasão da esfera privada pelos meios de comunicação em massa, [...] à ambição de ir cada vez mais depressa, mais longe, [...] ao relaxamento das leis morais, das regras sociais, à absoluta afirmação dos desejos individuais, [...] No tempo de Freud e das duas primeiras gerações de seus continuadores, os psicanalistas se ocupavam de neuroses caracterizadas, histéricas, obsessivas, fóbicas ou mistas. Hoje mais da metade da clientela psicanalítica é constituída pelo que se chama estados-limite e/ou personalidades narcísicas [...] A cura psicanalítica dos estados-limite e das personalidades narcísicas requer disposições técnicas e uma renovação conceitual que permitam uma melhor compreensão clínica e aos quais a expressão de psicanálise transicional, emprestado de R. Käs (1979a), parece adequada (D. Anzieu, 1979). (Anzieu, 1985, p. 21)

Figueiredo (2004), explorando as questões concernentes às provas de realidade nos pacientes *borderline* – “teste de realidade”, “senso de realidade” e “processamento de realidade” – coloca que talvez a característica desafiadora

desses pacientes objetive mesmo a promoção de confrontos com a realidade. Assinala que as constelações familiares e conjugais, com as quais esses pacientes tiveram de lidar, quase nunca colaboraram para uma boa evolução nessas questões. Retoma Winnicott, lembrando que vivemos em uma “área intermediária” entre aquilo que é subjetivo e o que é objetivo, aceitando tranquilamente esta mescla.

Nas formulações de Winnicott sobre fenômenos transicionais e objetos transicionais, encontramos um “eu”, um “não eu”; uma sobreposição entre área de ilusão e área de realidade; e um longo processo de desilusão gradativa, até que esta mescla entre subjetividade e objetividade se torne um espaço interno, a “área intermediária”:

Os fenômenos transicionais representam os primeiros estádios do uso da ilusão; sem os quais não existe, para o ser humano, significado na idéia de uma relação com um objeto que é por outros percebidos como externo a esse ser (Winnicott, 1971, p. 26).

Acredito que esses pacientes-limite apresentam uma espécie de fixação num ponto desse processo de desenvolvimento, no qual a sobreposição entre área de ilusão e área de realidade ainda é necessária para que se possa retomar uma evolução. Então, o analista se prestaria a “ser” a fração objetiva dessas “experiências incompletas”, as quais esses pacientes-limite buscam insistentemente repetir, até que subjetividade/objetividade possam mesclar-se – tecer o espaço interno ainda inexistente, a área intermediária. Por esse vértice, esta singularidade do atendimento desses pacientes, que “força” o analista a uma menor “abstinência analítica” – seja na forma de um confronto ou da necessidade de remanejamento do *setting*, tornando-o mais elástico – teria uma função saudável, a retomada de um processo interrompido:

Há várias maneiras através das quais o indivíduo saudável lida com fracassos ambientais específicos, ocorridos no início da vida; é a uma delas que estou chamando aqui de congelamento da situação de fracasso. Deve haver uma relação entre isto e o conceito de ponto de fixação (Winnicott, 1954, p. 464).

Penso que o que experienciava com Débora e com outros pacientes com características semelhantes de funcionamento mental – mais marcadamente nos momentos em que a dinâmica das sessões tomava uma forma de *confronto* – possa ser de uma qualidade um pouco diferente da qualidade dos fenômenos cingidos pelo conceito de Identificação Projetiva. Parece não se tratar de algum

aspecto ou conteúdo pertencente a *um espaço interno do paciente* lançado para *fora* ou *enviado* ao analista, e sim, de algo *expandido desde dentro até fora*, flutuando no vínculo entre o paciente e o analista. O paciente, ao se deparar com um momento de disponibilidade do analista, *pinça* algo interno deste último que, então, estará cooptado para “ser” concretamente uma espécie de *fronteira e exercer a função de alfandegário*. Refiro-me a duas mentes assimetricamente arranjadas, onde uma delas se encontra disponível para as necessidades da outra. Suponho que esse algo *expandido* nunca possuiu a qualidade de *conteúdos ou aspectos internos*, por não existir ainda um espaço interno delimitado, uma fronteira entre *dentro e fora*, entre subjetividade e objetividade. Pensando nos primórdios do desenvolvimento da mente e, por exemplo, no modelo do narcisismo primário para Freud, ou da criatividade primária para Winnicott, todo o entorno centraliza-se onipotentemente no indivíduo, mas também o indivíduo se espalha por todo o entorno como uma *expansão mental*, em relação à qual o meio externo desempenha um papel fundamental, exercendo a função de *limitador*, por meio da apresentação lenta e gradual da “realidade externa”, da alteridade. É comum encontrarmos na história de vida desses pacientes ditos *borderline* uma precariedade emocional marcante por parte das pessoas que foram seus cuidadores no início de suas vidas, seja a mãe, o pai, ou outros, o que sugere um entorno deficitário no que concerne ao exercício dessa função de *limitador*. Quem sabe esses pacientes necessitem e busquem *um novo período inicial*.

Busco aprofundar conhecimento sobre o manejo técnico das sessões com os denominados pacientes-limite, o que não ocorrerá sem o aprofundamento teórico sobre o funcionamento mental destes e da dinâmica que se estabelece na dupla analisando-analista. Espero que as conjecturas aqui expostas possam ser úteis para o pensar sobre estas questões. □

Referências

- ANZIEU, D. (1985). *O Eu-Pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- BION, W.R. (1967). *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- BONAMINIO, V. (2006). *A clínica psicanalítica na contemporaneidade*. Trabalho apresentado no evento CAPSA “Psicanálise: singularidade e diversidade”. Rio de Janeiro.
- CASSORLA, R. M. S. (2004). Desenvolvimento do conceito *enactment* (“colocação em cena da dupla”) a partir do estudo de configuração *borderline*. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v.38, n. 3, p. 521-540.
- FIGUEIREDO, L. C. (2004). Os casos-limite: senso, teste e processamento de realidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 38, n. 3, p. 503-519.
- MAIA, M. V. C. M. (2004). Entre neurose e psicose: algumas considerações sobre os casos

fronteiriços na clínica psicanalítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 38, n. 3, p. 541-556.

MELTZER, D. (1989). *O desenvolvimento kleiniano I: Desenvolvimento clínico de Freud*. São Paulo: Escuta.

OGDEN, T. (1994). *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

WINNICOTT, D. W. (1945). Desenvolvimento emocional primitivo. In: _____. *Textos selecionados da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

_____. (1954). Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão dentro do *setting* psicanalítico. In: _____. *Textos selecionados da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

_____. (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Quem sou eu, quem é o outro?

Denise Junqueira

Instituto de Psicanálise da Associação Psicanalítica do
Estado do Rio de Janeiro Rio-4

Neste trabalho, através de um caso clínico, faço um breve estudo da teoria de Winnicott, a fim de compreendermos a dinâmica dos pacientes que se sentem limitados na sua própria identidade. É como se perguntassem: Quem sou eu, quem é o outro?

O Caso Vagner

Vagner tem 24 anos, tendo iniciado em novembro de 2007, na frequência de três vezes por semana. Na entrevista inicial, relata que procurou serviço de clínica social da APERJ, porque percebia que havia situações que o deixavam angustiado. Quando pedi que exemplificasse tais momentos, respondeu que era desagradável lidar com pessoas controladoras e, em determinada ocasião, percebeu que fazia o mesmo – controlava as relações. Com o tempo entendi que, na verdade, tentava através desse comportamento não ser invadido, atitude esta que é uma constante em sua relação com a figura materna.

Seus pais são separados há muitos anos e é o caçula de dois filhos homens. Vive com sua mãe e irmão, segundo ele, “de favor” na casa de sua avó paterna. Lá reside também uma tia solteira, que parece ter uma boa relação com os sobrinhos. Seu espaço restringe-se a um quarto, onde dorme com seu irmão e sua mãe. Não transita pela casa com liberdade, porque a mãe diz que não quer que “incomodem as pessoas da casa”. Vagner se ressentido e atualmente procura enfrentar a situação – estando com mais frequência com a avó e a tia. O analisando repete o mesmo comportamento em sua vida social – tem muito medo de “incomodar” as pessoas.

Seu pai é contador e, por não conseguir emprego em sua área, resolveu morar no estrangeiro, pois um amigo prometeu empregá-lo. Saiu do Brasil há 6 anos, quando Vagner tinha 18 anos e nunca mais o viu. Comunicam-se esporadicamente por telefone. Sempre se refere à figura paterna como “fracassado”, “fraco”, “o que não conseguiu cumprir com suas obrigações de pai”. Ao mesmo tempo, meu paciente teme ter um futuro parecido – não ser bem-sucedido na vida.

A relação com seu irmão sempre foi competitiva, sentindo-se desvalorizado por ser o caçula e, também, por ser visto como o “irmão do fulano” e não como uma pessoa com ideias próprias. Diz ainda que, para ser aceito e reconhecido pelos demais, optou por escolhas bem diferentes do irmão. Por exemplo: Enquanto o irmão gostava de pagode, Vagner passou a preferir rock.

A mãe é secretária e ele descreve-a como autoritária. Quando lembra do relacionamento entre seus pais, a visualiza dando “as ordens” e pai calado, quieto, sem ter voz ativa em casa. Lamenta nunca ter visto entre seus pais um contato afetivo. Conta que, quando pequeno, sua mãe o “usou”, isso é, saía com outros namorados e levava Vagner como álibi, e, ao voltar para casa, para não ter contato

com seu marido, em vez de ir para o quarto do casal, refugiava-se no quarto do filho. Antes disso, sempre frisava que “o marido era uma pessoa insuportável”, o que o paciente considera, atualmente, uma desculpa para ter relacionamentos extraconjugais.

Vagner, ano passado, fez um movimento de sair de casa alegando problemas financeiros, voltou... Ao decidir esse retorno, ficou clara a necessidade de viver um pouco mais relação com sua mãe, pois era como se “esticasse demais o elástico, que acabava voltando e unindo mais”. Seria um movimento de se desligar prematuro, por isso, ao voltar se fundia mais.

Alguns trechos das sessões de Vagner

Sessão 1

V – Sábado observei uma coisa: Quando estou no quarto e minha mãe entra, fico intimidado. Fecho todas as janelas do micro, como se ela fosse ver o que estou escrevendo. E também, quando ela foi ao mercado e me pediu para ajudá-la nas compras, me dei conta que estava com raiva. Não falei nada, não tive vontade.

A – E você sabe por que essa raiva?

V – Não. Não me vem nada, só esse sentimento de me sentir intimidado.

A – Esse termo também me reporta à palavra “sem intimidade”. Parece que você não consegue ter um relacionamento mais próximo com seus pais, mais estreito, à vontade.

V – É(riu). Lembro-me que quando pedi à minha mãe para me ajudar na análise, me surpreendi, porque na verdade não sei quem é ela, não me sinto à vontade, como se estivesse sempre incomodando. Eu sou assim, muito pirrcento, mas tem aquela coisa de me não sentir entendido. Outro dia, eu estava com uma calça meio feia, meio hippie, digamos assim... E meu irmão disse que eu estava um lixo, ele me ofendeu. Muitas vezes deixo de aceitar as opiniões deles, que poderiam até ser boas e faço ao contrário para não me confundir com eles.

A – Não vejo como uma pirraça, mas como um movimento de busca para se diferenciar deles. Seria procurar por sua autonomia. Garantir sua privacidade. Senão, você se perde e não sabe quem é você ou o-outro. Considero legítima essa sua busca.

O paciente, nessa sessão, demonstra como se sente diante da mãe: tolhido, sem nenhuma possibilidade de ser e, ao mesmo tempo, teme ser invadido por esta, assim “fecha as janelas do micro”. Por outro lado, ao “fechar as janelas”,

seria como se tivesse que se defender do desejo materno de ter uma relação mais íntima entre eles. Tem raiva da mãe por ser intrusiva e não deixá-lo ter uma vida própria. Essa raiva é geradora de culpa.

Quando fala da pirraça está se referindo a se opor para diferenciar-se, porque aceitar as sugestões dadas seria fundir-se. Esse é o grande medo de Wagner: não poder ser em sua singularidade, ficar sem vida própria. Assim, defende-se de qualquer contato mais estreito com sua mãe e, muitas vezes, faz o movimento de rejeitá-la. Ao rejeitar, sente-se culpado, o que lhe causa muito sofrimento.

Lendo a Dra. Rosa Albé, no artigo “Espaço Potencial – Autonomia ou Impasse”, sobre Winnicott: “Tudo que venha de outrem se torna persecutório” (Winnicott). É persecutório, parece-me porque significa invasão do espaço criativo cuja preservação é condição para uma vida autônoma e pessoal, ou seja, é condição para a própria alteridade. Diante dessa invasão, as alternativas parecem ser a submissão (falso self) ou a rejeição, quando já se tem força para isso.

Sessão 2

V – Eu me sinto meio sem ação nessas invasões e por conta disso acabo que não tomo iniciativa na vida. Eu me lembro de um dia que estava brincando com meus amigos e de repente mudou a brincadeira. Como não me chamaram, fiquei parado e me deu um aperto, comecei a chorar. Tinha uns 8 anos, fui para minha casa e minha mãe perguntou o que houve, mas eu não quis dizer.

A – Você sabia por que estava chorando?

V – Não, só sei que não me chamaram, fiquei na minha. Eu faço muito isso.

A – É, você se paralisa. Como se fosse excluído da brincadeira. Como se não soubesse até onde pode ir. Só pode ir quando chamado, autorizado.

V – É, mas vou contar outra bizarrice: Meu irmão quando tinha 13 anos, entrou na puberdade, minha mãe o chamou para ver os pelos dele. Ele mostrou. Quando chegou a minha vez, ela pediu também. Eu disse não.

A – O que você sentiu?

V – Senti que eu não ia corresponder às expectativas dela, já que eu mais uma vez me sentia menor que meu irmão.

A – Invadiu a sua intimidade. É um direito seu não aceitar o pedido de sua mãe. Afinal, é sua privacidade, seu corpo.

V – E por causa disso, tenho dificuldades também com as meninas. Só vou perto quando elas me dão um sinal. Com a Nádia (paquera) ela me deu. Mas perdi

tantas chances que acabei que a perdi. Acho que fui tão invadido que tenho medo de invadir.

A – Parece que é assim: Você ficou sem saber o que é intimidade natural. Aí, você perde oportunidades de ter qualquer contato mais próximo como no caso da Nádia.

Ao falar da invasão da mãe à sua sexualidade, vemos dois aspectos:

O primeiro, o sentimento de não ser capaz de fazer frente ao seu pai e irmão, ambos dotados de maior falo. E, também, ao ser invadido por sua mãe, não conseguir viver e dispor de sua sexualidade de forma livre e mantendo sua privacidade.

Mais uma vez nessa sessão, o analisando volta a falar como teme perder a sua identidade quando em contato com outras pessoas. Isso o paralisa e não deixa que crie um espaço seu, intima-se, retrai-se. Logo, fica se sentindo culpado e inadequado diante das relações.

Lendo no mesmo texto anterior da Dra. Rosa Albe:

“Desesperançados, conscientes das dificuldades que têm nas relações, sentem-se culpados, mas permanecem oscilando entre buscar a relação e não permitir que ela aconteça. No embaralhamento dos limites, nunca fica claro o que é a própria agressividade ou o que é invasão ou agressividade do outro”.

Sessão 3

Vagner falta à sessão anterior, o que é raro, e ao chegar, diz:

V – Faltei na terça-feira por um motivo bobo, mas ao mesmo tempo não houve jeito. O pintor está no meu quarto e colocou as camas encostadas no armário, assim eu não pude tirar nem minha roupa nem a carteira. E nem o telefone tinha para lhe avisar. Mas o interessante que eu fiquei no outro dia sem saber se ligava ou não.

A – Parece que deixar a roupa no armário, sem poder sair, seria um ato falho, Vagner. Porque, esses dois dias seguidos de atendimento traz resistências, por se sentir muito próximo a mim. E, por outro lado, quando diz que não sabia se ligava ou não, nem no dia seguinte, seria uma forma de não se ligar à mãe-analista. (Há sessões, segunda, terça e sexta-feira, e já havia mencionado como isso lhe deixava incomodado, porque as duas primeiras eram muito próximas).

V – (Riu) Pode ser sim. É... mas isso também tem a ver com o medo de ser intrusivo.

A – Parece que seu medo maior é das pessoas serem inconvenientes, intrusivas com você. E aí você projeta que elas também o sentirão incomodando.

Isso faz com que não se sinta à vontade nas relações. E ainda, ao não ligar para mim: parece que é para observar como eu reajo a sua falta.

V – Riu novamente. Sabe que outro dia estava pensando nisso? Já pensou você me ligar e me dar uma bronca porque eu faltei? Feito mãe quando o filho não chega na hora certa em casa? (silêncio) É engraçado!! Eu tento que você não interprete, não me diga as coisas. Eu mesmo vou buscando as interpretações, como se não quisesse que você falasse. Diferentemente do que acontece com os pacientes em geral, que querem que seu analista lhe diga alguma coisa. Como meus pacientes.

A – E por que você acha que acontece isso?

V – Não sei, mas dizer que é porque sou também da área é muito pouco!
(riu)

A – Será que é porque interpretar seria como “se eu lesse seus pensamentos”, ou seja, seria intrusiva? E tudo que você quer é que eu fique aqui quieta, vendo você associar, descobrir-se, crescer sozinho sem a ajuda da mãe-analista?

V – Interessante... pode ser... porque eu vou falando e buscando as respostas. (pensativo e surpreso com minhas palavras). Mas negócio de se sentir incomodado, faço também com meus amigos, porque me coloco disponível e depois afasto-me de supetão. Agressivamente. Acho que porque me incomoda me sentir ligado a eles. Assim é também com as meninas, mas é claro que se eu chego com tanta fúria, elas se assustam.

Meu paciente tenta que eu fique na imobilidade, que procure não interpretar e deixar que ele o faça, porque quer e tem o direito de viver o que lhe foi negado – criar autonomamente. Precisa de um espaço que faça por si, sem a ajuda de terceiros. Vagner teme que a mãe-analista repita o que sua mãe fez no passado; não deixou ter uma vida livre, “só podendo brincar quando é chamado”, enfim, quando autorizado pela mãe.

E a Dra. Rosa Albe diz: “Qualquer situação que mobilize mais intensamente os sentimentos na relação analítica desperta um movimento de retraimento, seja através da faltas, seja de um recolhimento”. E continua em outro trecho: “O analista deve ficar ‘excluído’ da relação, para que o paciente possa experimentar o próprio viver autonomamente”.

Conclusão

A constante atitude de invasão da mãe nunca permitiu que o paciente se apropriasse de sua vida, porque a figura materna estava sempre narcisicamente

presente e criando por ele, dificultando o processo de separação eu / não eu e impossibilitando de viver a sua singularidade.

Entendo que meu paciente começou a viver seu primeiro momento de relação mais independente ao procurar a análise, embora ainda assim, por precisar do crivo da mãe, se sentiu desconfortável, ao pedir ajuda no pagamento dos honorários. Para Vagner, significou não poder viver uma nova relação de ajuda, sempre sentindo a interferência da mãe.

A preocupação de não se fundir no outro reaparece nas relações sociais, quando se mostra disponível, mas sempre ameaçado pelo perigo de se ligar mais profundamente, precisando se certificar: quem sou eu, quem é outro. Assim, por medo de perder sua identidade, mostra-se confuso em relação aos limites: “sai de supetão”, “afasta-se”, “agride”. Daí, sobrevém a culpa, por não se ver capaz de manter relações afetivas satisfatórias.

Winnicott nos fala da importância do ambiente suficientemente bom, que possibilita a existência do processo criativo, da continuidade do ser. Percebo que o mesmo ocorre na relação analítica, ou seja, a mãe-analista necessita criar um setting adequado, no qual permita que Vagner viva uma relação, onde haja espaço para agir e criar subjetivamente. É importante que vivencie uma existência independente e que acredite na sua capacidade de estar só e ao mesmo tempo ter uma mãe-analista confiável e que não tema perdê-la.

E mais uma vez lembrando Winnicott: “O espaço potencial entre mãe e bebê, entre criança e a família, entre o indivíduo e a sociedade ou o mundo, depende da experiência que conduz à confiança. Pode ser visto como sagrado para o indivíduo, porque é aí que este experimenta o viver criativo”. □

Referências

- ALBE, R. (2007). Espaço potencial: autonomia ou impasse. *Suplemento Científico da APERJ*, Rio 4, setembro.
- WINNICOTT, D. W. (1975). A localização da experiência cultural. In: _____. *O Brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1958). A capacidade de estar só. In: _____. *O Ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- _____. (1963). A comunicação e a não-comunicação. In: _____. *O Ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

A Psicanálise na compreensão da personalidade psicótica

Rosa Maria Dal-Bó de Carvalho

Vanessa Dal-Bó de Carvalho

Núcleo Psicanalítico de Florianópolis

Este artigo propõe compreender fatores envolvidos na formação do quadro psicótico segundo a psicanálise. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, na qual se elegeram alguns teóricos clássicos: Freud e Klein, dando suporte à compreensão do tema. Realizou-se uma pesquisa em que foram entrevistados dois pacientes com diagnóstico de psicose e suas mães, delineando-se uma descrição das falas seguidas da compreensão dinâmica do conteúdo. Elaborou-se um questionário com perguntas abertas, para observar na fala dos pacientes e mães a origem da psicose, características, mecanismos de defesa e relações objetais do paciente. A análise dos resultados baseou-se nas construções teóricas dos autores referenciados. Concluiu-se, assim, que pela óptica psicanalítica, os fatores envolvidos na formação do quadro psicótico são relações de objeto patológicas, mecanismos de defesa regredidos, fixação na mais primitiva fase de desenvolvimento da libido e fantasias inconscientes mergulhadas nas mais fantasmáticas ansiedades persecutórias.

1. Introdução

A psicose ocupa um lugar extremo do sofrimento psíquico, dissociando o sujeito da realidade, impedindo-o de levar uma vida digna. Constitui-se atualmente num grave problema de saúde pública, conforme estatísticas epidemiológicas. De acordo com Klein *apud* Simon (1986), a psicose configura-se nos primórdios das vivências infantis, produzindo efeitos violentos na vida do indivíduo e da família.

A psicanálise como teoria contribui na elucidação de questões relacionadas ao desenvolvimento da estrutura psicótica. Nesse aspecto, vários autores de renome internacional dedicaram a vida ao estudo desse tipo de personalidade. Dentre eles, cita-se Melanie Klein, Herbert Rosenfeld e Sigmund Freud, os quais foram tomados como base para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Desde os tempos de Freud, porém, há controvérsias quanto à eficácia da psicanálise aplicada ao tratamento de personalidades psicóticas, bem como sobre a compreensão dos fatores envolvidos na formação desse quadro.

Configura-se, assim, uma lacuna teórica quanto à origem desta psicopatologia, bem como a forma de se conduzir o tratamento na prática.

Dessa forma, a descrição da estrutura clínica psicótica dentro da visão psicanalítica pode constituir-se no primeiro passo em direção ao aprofundamento teórico do assunto, ao manejo apropriado da técnica e ao possível sucesso das futuras intervenções.

De acordo com Rosenfeld (1988), nos últimos 50 anos, a abordagem psicanalítica da psicose passou por uma mudança bastante considerável. Atualmente não existe uma teoria unificada da psicopatologia e da técnica de tratamento das psicoses. Um método claramente definido de tratar estados psicóticos é importante, ao se pensar em realizar investigações para esclarecer a psicopatologia psicótica e não somente se preocupar com a eliminação dos sintomas.

As psicoses, os estados confusionais e as depressões profundamente arraigadas não se ajustam à psicanálise: pelo menos, não ao método que tem sido empregado até o presente momento. De modo algum acho impossível que, por meio de mudanças apropriadas no método, possamos conseguir superar essa contraindicação – e assim ser capazes de começar a psicoterapia das psicoses. (Freud *apud* Rosenfeld, 1988, p. 317)

O mesmo autor ainda afirma que “nossos métodos técnicos devem, por conseguinte, ser substituídos por outros: e ainda não sabemos se conseguiremos encontrar um substituto” (Freud *apud* Rosenfeld, 1988, p. 318).

Klein considera: “O conhecimento teórico será de grande valor para compreendermos a estrutura das psicoses” (Klein, 1930, p. 268).

Vê-se, assim, que a pesquisa neste campo é incentivada desde os tempos de Freud. Seus atuais seguidores tentam encontrar um método mais eficaz de intervenção e maior entendimento da psicopatologia psicótica.

A tentativa de compreensão dessa patologia por meio da pesquisa traz a esperança de auxiliar os pacientes em geral de forma mais eficaz, bem como contribuir para que todos os profissionais da área possam usufruir dos resultados em suas futuras investigações.

2. Referencial Teórico da Pesquisa

Considerando os autores pesquisados, vale dizer que, para a compreensão dos resultados da pesquisa, é necessário estabelecer-se a diferença entre saúde mental e a patologia psicótica, além de noções básicas sobre desenvolvimento da libido, mecanismos de defesa e relações de objeto.

2.1 Saúde mental

Klein define saúde mental como uma personalidade bem integrada, contendo elementos como: maturidade emocional, força de caráter, capacidade de lidar com emoções conflitantes, equilíbrio entre a vida interna e adaptação à realidade e uma bem-sucedida fusão das diferentes partes da personalidade em um todo (Klein, 1960, p. 306)

2.2 Psicose

Freud considera psicose como o resultado de um conflito entre o ego e o mundo externo. O mundo exterior não é percebido de modo algum e o ego cria um mundo externo e interno de acordo com os impulsos desejosos do id, e o motivo dessa dissociação do mundo externo é uma frustração muito séria de um desejo, por parte da realidade – frustração que parece intolerável (Freud, 1923, p. 189).

2.3 Desenvolvimento da libido

Segundo Campbell (2000), constitui-se em uma sequência normativa de

diferentes modos de gratificar os impulsos sexuais. Constituem-se nas fases: oral, anal, genital e latência.

2.4 Mecanismos de defesa

Segundo Freud e Abrahan *apud* Klein (1959), mecanismos de defesa configuram-se nas primeiras atividades do ego, cuja tarefa é de se defender das ansiedades.

2.5 Relações de objeto

Zimerman (2001, p. 360) define as relações objetais como sendo as formas como se configuram as inter-relações do sujeito com seu mundo exterior, como os objetos se organizam e se relacionam no mundo interno.

Segundo Klein (1959), as relações de objeto iniciam-se com o nascimento. A mãe, em seus bons aspectos, amando, ajudando e alimentando a criança é o primeiro objeto bom que o bebê torna parte de seu mundo interno.

3. Exposição e Análise dos Resultados

3.1 Exposição e análise dos resultados, segundo o relato do paciente R.O.

3.1.1 Origem da psicose

Paciente: “Tive uma visão aos 8 anos. Via umas luzinhas e corria para o quarto de meus pais. Conte para minha mãe, mas ela não ligou”.

Hipótese diagnóstica dinâmica: Quando o paciente diz que a mãe não ligou para suas visões, relata a percepção de uma mãe que não funciona como continente para o conteúdo de suas ansiedades paranoides. Pode-se supor assim, pela lei do determinismo psíquico, que esta também foi sua percepção quando bebê, o que originou dificuldades na elaboração da fase esquizo-paranóide, preparando o terreno para instalação de sua futura psicose.

Fundamentação teórica:

Se o bebê se vê a braços com angústias e frustrações intoleráveis, não poderá elaborar a fase esquizo-paranóide e, menos ainda, a posição depressiva. Essa falha na elaboração da posição depressiva fortalece regressivamente os temores persecutórios e fundamenta os pontos de fixação das severas psicoses do grupo das esquizofrenias (Klein *apud* Simon, 1986, p. 98).

Segundo Brenner (1975), pela lei do determinismo psíquico, cada evento psíquico é determinado por aqueles que o precederam.

De acordo com Klein (1959), para que se compreenda o adulto, é necessário investigar como ele se desenvolve. O bebezinho sente inconscientemente todo o desconforto como tendo sido infligido a ele por forças hostis. Se lhe é oferecido conforto prontamente como calor, o modo amoroso de segurá-lo e a gratificação de ser alimentado, dá origem a emoções mais felizes. Tal conforto é sentido como vindo de forças boas e torna possível a primeira relação de amor do bebê com o objeto.

A autora argumenta ainda que a agressividade inata está destinada a ser incrementada por circunstâncias externas desfavoráveis. A autopreservação depende da confiança que o bebezinho tem em uma mãe boa, sendo esta uma condição essencial para manter-se vivo.

3.1.2 Características do quadro

Paciente: “Tive uma visão aos 8 anos. Quando saí do exército, aos 19, comecei a ouvir vozes. Elas mandavam eu me matar se eu as contrariasse. Não gosto muito de TV, só de jornal um pouco, porque as vozes se misturam com as da TV e entram na minha cabeça”.

Hipótese diagnóstica dinâmica: a voz é o seu pensamento, seu objeto internalizado. Com seu frágil ego, os sintomas tendem a ser mais bizarros e fragmentados. Acontece então uma projeção maciça de conteúdo agressivo na voz, como tentativa de proteger seu ego da destruição. O paciente demonstra alteração do pensamento através das alucinações visuais, auditivas e idéias delirantes persecutórias. Na alucinação auditiva está embutida uma idéia persecutória. O paciente apresenta também inserção do pensamento, quando diz que as vozes da TV entram na sua cabeça.

Fundamentação teórica:

As psicoses são vistas como resultantes de defeitos na capacidade integrativa do ego, de um defeito na capacidade de fusão do ego e conseqüentemente de limitações na capacidade do ego para neutralizar energias instintivas. O ajustamento psicótico usa tipos mais primitivos de defesa, particularmente negação, distorção e projeção (Kaplan, 1984, p. 126).

Todo o organismo tende a busca do prazer e evitação da dor através da descarga de tensão. O princípio de realidade está relacionado com a maturação das funções do ego e pode ser prejudicado numa variedade de

perturbações mentais. Na psicose, então, a falha da função defensiva é mais completa, maiores quantidades de realidade externa são percebidas como perigosas e há maiores distorções do ego em sua tentativa de adaptação (Freud *apud* Kaplan, 1984, p. 126).

Ainda de acordo com o mesmo autor, os aspectos essenciais na caracterização da psicose são:

- Aparecimento antes dos 45 anos;
- Aparecimento de pelo menos um dos sintomas que se conserve presente pelo prazo de no mínimo seis meses: inserção do pensamento, delírios bizarros, quaisquer delírios acompanhados de alucinações, alucinações auditivas e visuais.

3.1.3 Relações de objeto

Paciente: “Tive uma visão aos 8 anos. Conteí para minha mãe, mas ela não ligou”.

Hipótese diagnóstica dinâmica: como já foi visto na origem da psicose, as relações e o objeto do paciente estão baseados em torno de uma má elaboração da posição esquizo-paranóide.

Fundamentação teórica:

Segundo Simon (1986), o caminho para os mais graves distúrbios mentais ocorre quando as angústias persecutórias são muito intensas, não permitindo a elaboração das posições esquizo-paranóide e depressiva.

3.1.4 Mecanismos de defesa

Paciente: “Quando saí do exército, aos 19, comecei a ouvir vozes. Elas mandavam eu me matar se eu as contrariasse”.

Hipótese diagnóstica dinâmica: A imaturidade de seu ego constrói, além dos sintomas já vistos, mecanismos de defesa também bizarros e fragmentados. No caso do paciente, a identificação projetiva, isso é, usada de forma patológica, já que predomina em relação a qualquer outro movimento psíquico e se manifesta em sua alucinação auditiva. É de se supor que o desencadeamento dessa identificação projetiva foi ocasionada pela situação de estresse vivenciada no ambiente do exército. Paralelamente a esse fato, o ambiente composto basicamente por homens, pode ter ativado nele lembranças de caráter homossexual, propiciando um quadro paranóide. Como o ego já apresenta fragilidade, uma situação percebida pelo sujeito como extremamente estressante (exército) pode desencadear o quadro psicótico. Na hipótese em estudo, a alucinação auditiva é uma tentativa de

organização do ego, através de uma projeção maciça de conteúdo agressivo, que se percebe na expressão “ela (a voz) manda eu me matar”. Ou seja, o ego do paciente cria um mundo interno e externo na tentativa de restabelecer seu equilíbrio. A projeção se manifesta no momento em que o paciente diz que o comando de se matar vem da voz, projetando, assim, seu desejo. A negação se verifica no momento em que o paciente não considera que a voz venha dele. Todos esses mecanismos de defesa são utilizados pelo paciente em questão, em consequência de sua extrema ansiedade paranóide, a ponto de fazer uma identificação projetiva maciça em sua alucinação auditiva de conteúdo agressivo.

Fundamentação teórica:

Identificação projetiva trata-se de um mecanismo de defesa que se forja na posição –esquizo-paranóide. Representa principalmente um tipo particular de relação de objeto. É uma relação em que o objeto enquanto tal desaparece, para dar lugar a um objeto que é o prolongamento do ego, isso é, uma identificação. Nesse sentido, trata-se de uma relação narcisista de objeto, ou seja, o ego se relaciona com uma parte que parece estar fora, no “objeto”, mas, na verdade, inconscientemente, é uma parte de si mesmo (Simon, 1986, p. 94).

As ilusões paranóides representam conflitos sexuais relativos às pessoas do mesmo sexo que haviam sido projetadas em outra pessoa ou força, que então era concebida como perseguidora. As ilusões, alucinações e certas formas de comportamento desorganizado representam esforços elementares por parte do paciente para restabelecer seus sentimentos perdidos para com os objetos (Freud *apud* Kaplan, 1984, p. 126).

A psicose é resultado de um distúrbio entre o ego e o mundo externo. O ego cria um mundo externo e interno de acordo com os impulsos desejosos do id, e o motivo dessa dissociação do mundo externo é uma frustração muito séria de um desejo, por parte da realidade – frustração que parece intolerável (Freud, 1923, p. 189).

Rosenfeld (1988) entende que os pacientes que usam extensamente processos de identificação projetiva são constantemente ameaçados por ansiedades paranóides.

3.2 Exposição e análise de resultados segundo o relato da mãe do paciente R.O.

3.2.1 Origem da psicose

Mãe: “O pai dele morreu de Alzheimer. Acho que tem alguma coisa a ver com a doença dele”.

Hipótese diagnóstica dinâmica: A mãe atribui a doença do filho ao esposo. Não relaciona perturbações mãe-bebê.

3.2.2 Características do quadro

Mãe: “Com 3 anos foi para o jardim. Ele não queria, não suportava, chorava muito. Não gostava de ir à missa também. No primeiro ano do segundo grau, perdeu o interesse pelos estudos. Vivía trancado no quarto desenhando direto e fumando. Ouvia zumbido e tinha cisma com uma vizinha de praia. Pegava o telefone e dizia muito desaforo para ela. O pessoal do CAPs conseguiu aulas de natação gratuitas para ele, só que ele desistiu porque disse que tinha preguiça”.

Hipótese diagnóstica dinâmica: O fato de, segundo a mãe, o paciente não gostar de frequentar o Jardim de Infância, nem de ir à missa, demonstra afastamento social. Assim também é o fato de ele ter perdido o interesse pelos estudos, o que mostra embotamento afetivo. Quando a libido é normal, há uma evolução da fase primária para a secundária, ou seja, a libido, de narcísica, passa a ser objetal. Nesse caso, sua libido permaneceu narcísica, retraindo-se para ele mesmo como forma de preservar seu ego. Já que toda sua libido está concentrada em sua própria manutenção, não resta nenhuma energia para ele colocar em outros investimentos objetais. O fato de ouvir zumbidos demonstra alucinação auditiva, e a cisma com a vizinha mostra delírios persecutórios. O fato de ter desistido da natação mostra mais uma vez seu narcisismo consistente na falta de energia libidinal para um novo investimento objetal. Consequentemente, desinteressa-se de tudo, pois para preservar seu ego precisa investir tudo que possui em si próprio.

Fundamentação teórica:

Uma forte catexia libidínosa de um objeto traz consigo uma diminuição das cargas individuais. Assim, há somente certa quantidade de libido à nossa disposição. Um grande aumento da libido objetiva tem como resultado uma diminuição do amor a si mesmo e vice-versa. Uma pessoa se despreocupa de seus próprios interesses, porque não há libido suficiente para suas próprias catexias narcisísticas (Sterba, 1946, p. 93).

“Os aspectos associados aos essenciais da psicose são: dificuldades nas relações sociais, afastamento social, afeto embotado, ideação bizarra, pensamento mágico” (Kaplan, 1984, p. 279).

3.2.3 Relações de objeto

Mãe: “Era mais ligado a mim. Sentia mais liberdade comigo porque o pai era muito durão. Não queria ir para o Jardim de Infância. Chorava muito. Não gostava de ir à missa. Perdeu o interesse pelos estudos. Conseguiu aulas gratuitas de natação e desistiu por preguiça”.

Hipótese diagnóstica dinâmica – Segundo o relato da mãe, o paciente demonstra com ela uma relação simbiótica com dificuldades graves de lidar com a separação, já que todas as situações (ficar no Jardim, ir à missa, desistir de estudar, não ir à natação) para ele podem ter significado separar-se de sua mãe. Seu ego primitivo fixado na fase esquizo-paranóide do desenvolvimento caracteriza-se pela clivagem e identificação projetiva maciça, tornando-se enfraquecido. Isso porque ao projetar os aspectos hostis de sua personalidade se livra dos aspectos bons, impedindo-o de desenvolver boas relações de objeto. Ao livrar-se dessas partes boas, torna sua mãe identificada com seu objeto ideal. Por consequência torna-se superdependente dela.

Fundamentação teórica:

Na etapa esquizo-paranóide da evolução, se a clivagem e a identificação projetiva se tornam excessivas como forma de se defender da desintegração e aniquilamento totais, o ego se torna enfraquecido, pois ao se livrar da destrutividade despoja-se da personalidade que estão intimamente ligados a sentimentos de poder, potência, força e conhecimento. Sem contar que também os bons excrementos são expelidos e a pessoa que os recebe passa a representar as boas partes do sujeito. Sem seus componentes positivos, o sujeito fica sem elementos para desenvolver boas relações de objeto e integrar o ego. A exagerada expulsão de partes boas faz com que a mãe fique identificada com o objeto ideal do bebê. Na vida posterior, por transferência, o sujeito fica superdependente das pessoas com quem identifica esse objeto ideal (Simon, 1986, p. 99).

3.3 Exposição e análise de resultados segundo relato do paciente R.F.

3.3.1 Origem da psicose

Paciente: “Minha prima ficou grávida e os sentimentos de minha mãe comigo, a partir disso, se diluíram. Ela só pensa no bebê de minha prima. Minha

prima está 'fazendo a cabeça' de minha mãe contra mim. Agora minha mãe está implicando de novo comigo porque saio à noite”.

Hipótese diagnóstica dinâmica: A afirmação do paciente de que os sentimentos de sua mãe para com ele “se diluíram” mostra que ele percebe o objeto interno (mãe) como desinteressado dele. Ao mesmo tempo, em sua realidade psíquica, mostra ser uma mãe perseguidora e controladora, não deixando o filho ter autonomia, o que se pode perceber de sua afirmação de que “a mãe está implicando de novo comigo, porque saio à noite”. Ao afirmar que a prima está “fazendo a cabeça” da mãe contra ele mostra uma ideia delirante persecutória com relação à mãe e à própria prima, enquanto objeto depositário desses afetos. Se na vida adulta esse paciente percebe sua mãe como desinteressada e perseguidora, pela lei do determinismo psíquico, pode-se construir a hipótese de que o mesmo tenha ocorrido quando ainda era bebê, levando-o a experimentar forte sentimento de angústia, prejudicando a elaboração da posição esquizo-paranóide, plantando dessa forma sua futura psicose.

Fundamentação teórica:

Quando a angústia persecutória é excessiva leva a resultados que preparam o caminho para os mais graves distúrbios mentais. Se o bebê se vê a braços com angústias e frustrações intoleráveis, não poderá elaborar a posição esquizo-paranóide e, menos ainda, a posição depressiva. Essa falha na elaboração da posição depressiva fortalece regressivamente os temores persecutórios e fundamenta os pontos de fixação das severas psicoses do grupo das esquizofrenias (Klein *apud* Simon, 1986, p. 98).

Segundo Brenner (1975), pela lei do determinismo psíquico, cada evento psíquico é determinado por aqueles que o precederam.

3.3.2 Características do quadro

Paciente: “O problema maior que enfrentei foi a mentira. A mentira é minha maior perseguidora. No mundo há o lado bom e o lado mau. A droga era do mau. Gosto da minha avó, mas ela é horrível. Comecei daí em diante a olhar as pessoas e achar que adivinhava o pensamento delas”.

Hipótese diagnóstica dinâmica: Quando o paciente diz que a mentira é sua maior perseguidora, demonstra uma ideia delirante persecutória, indicando um distúrbio da senso-percepção. A divisão que ele faz do mundo em lado “bom e mau” indica cisão do ego em objeto bom e mau, remetendo à fase esquizo-paranóide. Essa cisão demonstra uma provável fixação do ego nessa mesma fase.

O sentimento de ambivalência em relação à avó demonstra, mais uma vez, um ego imaturo e comprometido. No momento em que o paciente diz começar a achar “que adivinhava” o pensamento das pessoas percebe-se um ego onipotente, com perda de limites.

Fundamentação teórica:

Delírios são, por definição, falsas ideias que não podem ser corrigidas pelo raciocínio do paciente. Os mais comuns são delírios de percepção que constituem o sintoma-chave da psicose [...] O desligamento do psicótico da realidade e sua conseqüente ambivalência se manifestam em suas incertas afetividade e iniciativa [...] A perda dos limites do ego pode dar ao paciente a convicção delirante de estar lendo o pensamento de outros” (Kaplan, 1984, p. 273-274).

A clivagem é o passo inicial para desenvolver a capacidade de diferenciação entre bom e mau e a identificação projetiva, a primeira forma de relação com o mundo exterior. Mas quando a angústia persecutória é excessiva, leva a resultados que preparam o caminho para os mais graves distúrbios mentais (Klein *apud* Simon, 1986, p. 98).

3.3.3 *Mecanismos de defesa*

Paciente: “Comecei daí em diante a olhar para as pessoas e achar que adivinhava o pensamento delas. Conforme a pessoa passa para mim as coisas eu adivinho o pensamento. Se ela me passa coisas boas, adivinho bons pensamentos, caso contrário, são maus pensamentos... As drogas me perseguem, mas eu não cedo a elas (...) elas só pensam no bebê da minha prima. Minha prima está fazendo a cabeça da minha mãe contra mim”.

Hipótese diagnóstica dinâmica: o paciente, ao referir que adivinha o pensamento das pessoas, utiliza o mecanismo de defesa projetivo, já que coloca fora dele um pensamento que na verdade é seu. Ao afirmar que sua mãe só pensa no bebê da prima, é possível que esteja com raiva da prima pelo ciúme de estar recebendo atenção de sua mãe. Novamente, utiliza o mecanismo projetivo, colocando o próprio ódio na prima, ficando ameaçado com sua ideia persecutória, de forma que passa a sentir que a raiva é da prima contra ele, quando, na verdade, é dele mesmo. O mecanismo de defesa de negação ocorre simultaneamente, pois no momento em que diz ‘as drogas me perseguem’, fazendo o mecanismo projetivo, nega seu próprio desejo pelas drogas. Seu desejo está fora dele e não nele. O mesmo ocorre quando ele afirma que a prima tem raiva, negando sua própria raiva contra a prima, ou contra a mãe, que, em sua concepção, o abandona em

nome de outro bebê. Provavelmente, ele é quem quer colocar a mãe contra a prima. Em virtude de predominar mecanismos de defesa primitivos, característica de seu quadro psicótico, é possível que, quando bebê, tenha vivenciado em sua fantasia angústia de natureza persecutória, impedindo o desenvolvimento normal de seu ego. As fantasias inconscientes continuam através de todo o desenvolvimento do ser humano. Assim, vale dizer que, no momento atual, o paciente diante de sua percepção persecutória da realidade mobiliza o caráter hostil de suas emoções.

Fundamentação teórica:

A introjeção e a projeção funcionam desde o início da vida pós-natal, como algumas das primeiras atividades do ego. Introjeção significa que o mundo externo, seu impacto, as situações quer o bebê atravessa e os objetos que ele encontra não são vivenciados apenas como externos, mas são levados para dentro do *self*, vindo a fazer parte de sua vida interior. A projeção, que ocorre simultaneamente, implica que há uma capacidade na criança de atribuir a outras pessoas a sua volta sentimentos de diversos tipos, predominantemente, o amor e o ódio. No adulto, portanto, o julgamento da realidade nunca é completamente livre da influência de seu mundo interno. Os processos de projeção e introjeção são considerados fantasias inconscientes, as quais são uma atividade da mente que ocorrem em níveis inconscientes profundos e que acompanha todo o impulso vivenciado pelo bebê. Essas fantasias continuam através de todo o desenvolvimento e desempenham um papel importante na vida mental. Somos inclinados a atribuir a outras pessoas algumas de nossas próprias emoções e pensamentos e a natureza amistosa ou hostil dessa projeção dependerá de quão equilibrados ou perseguidos estejamos (Freud *apud* Klein, 1959, p. 282).

3.4 Exposição e análise de resultados segundo o relato da mãe do paciente R.F.

3.4.1 Origem da psicose

Mãe: “Tive um acidente na gravidez dele e quando fui para o hospital é que fiquei sabendo que estava grávida. Estava em Joinville (SC) na época. Meu noivo estava em Tubarão (SC). Foi marcado o casamento e no dia ele não compareceu. Deixou-me no altar. Fiquei muito infeliz. Passei a gravidez triste, rejeitada pelo meu próprio pai, que faleceu dois meses após o nascimento de meu filho. Não

tinha o prazer de mãe. Estava muito só. Não aceitava meu filho. Era como se fosse uma pedra que estava dentro de mim”.

Hipótese diagnóstica dinâmica: Na fantasia da mãe, seu acidente teve implicações com relação à doença de seu filho. Passou a responsabilizar o filho por sua própria infelicidade. A rejeição e a morte de seu pai completaram os ressentimentos para com o filho. Há indicativo, no caso em estudo, de grandes dificuldades ambientais pelas graves perturbações mãe-bebê, quando relata que o filho era como se fosse uma pedra dentro dela. Dessa forma, pode ter transmitido ao filho seus ressentimentos, sua raiva, gerando nele angústias intoleráveis, tornando comprometidas as relações objetais de seu bebê. Como consequência, houve dificuldades na elaboração da posição esquizo-paranóide, ao mesmo tempo que se iniciou um comprometimento egóico, uma vez que não houve boas relações de objeto.

Fundamentação teórica:

As relações de objeto iniciam-se com o nascimento. A mãe, em seus bons aspectos, amando, ajudando e alimentando a criança, é o primeiro objeto bom que o bebê torna parte de seu mundo interno. A atitude amorosa por parte da mãe contribui muito para o sucesso desse processo. Se a mãe é assimilada ao mundo interno da criança, como objeto bom, do qual esta pode depender, um elemento de força é agregado ao ego, contribuindo para a formação de uma personalidade estável (Klein, 1959, p. 283).

3.4.2 Características do quadro

Mãe: “Aos 3 anos meu filho dizia que via gente na janela. Aos 4, teve a primeira crise nervosa quando estava olhando uma tempestade pela janela e viu um raio cair. Aos 13 para 14 anos, conheceu a droga. Por volta dos 19 anos chegou um dia em casa louco. Ficou cinco dias e cinco noites sem dormir e comer. Tive que chamar a polícia e o levei ao Hospital Colônia Santana, onde ficou internado por três meses”.

Hipótese diagnóstica dinâmica:

Pelo relato da mãe, a primeira alucinação visual do paciente pode ter sido aos 3 anos. Aos 4, o barulho da trovoadas desperta nele ansiedades paranóides, desencadeando a primeira crise. Nesse caso, o significado que o paciente atribuiu ao barulho da trovoadas pode ter contribuído para o surgimento de sua crise. O contato com a droga, aos 14, também pode ter contribuído para o desencadeamento da crise aguda aos 19.

Fundamentação teórica:

“A ameaça da doença psicótica não está no acontecimento em si, mas no significado que o paciente lhe atribui. [...] Muitos outros fatores, inclusive as drogas, como o álcool, LSD, anfetaminas e maconha, podem desencadear a psicose” (Kaplan, 1984, p. 270).

3.4.3 *Relações de objeto*

Mãe: “Por volta dos 19 anos chegou um dia em casa louco. Ficou cinco dias e cinco noites sem dormir e sem comer direito. E eu também fiquei cinco dias e cinco noites sem dormir e sem comer direito. [...] Ele mamou até os 4 anos”.

Hipótese diagnóstica dinâmica:

Por ter ficado cinco dias e cinco noites sem comer e dormir direito com seu filho, aparentemente a mãe demonstra zelo. Na verdade, denota grande desinteresse pelo filho, pois fazer algo por ele somente após transcorridos cinco dias, estando o mesmo no estado em que se encontrava, pode revelar uma mãe inábil, não acolhedora ou com suas capacidades egóicas (crítica, julgamento, percepção e afetividade) alteradas.

O fato de ter amamentado até os 4 anos do paciente mostra uma hiperestimulação oral, levando a problemas relacionados a fixações na fase oral. Amamentação até aquela idade demonstra a estimulação de uma relação simbiótica com a mãe e também uma hiperestimulação sexual pelo excesso.

Fundamentação teórica:

“A gratificação ou privação oral em excesso podem resultar em fixações libidinais que contribuem para os traços patológicos” (Kaplan, 1984, p. 110). □

Referências

- FREUD, S. (1923). O ego e o id e outros trabalhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 19. Rio de Janeiro: Imago.
- HALL, C. LINDZEY, G.; CAMPBELL, J. B. (2000). *Teorias da personalidade*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed.
- KAPLAN, H. I.; SADOCK, B. K. (1984). *Compêndio de psiquiatria dinâmica*. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- KLEIN, M. (1959). *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1991). *Inveja e gratidão*. Rio de Janeiro: Imago.
- ROSENFELD, H. (1988). *Impasse e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago.
- SIMON, R. (1933). *Introdução à psicanálise*: São Paulo: EPU, 1986.
- STERBA, R. (1946). *Teoria psicoanalítica de la libido*. Buenos Aires: Paidós.
- ZIMERMAN, D. E. (2001). *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed.

Traduzindo o brincar, a dupla analítica revela os inconscientes

Kátia Barbosa Macedo
Núcleo Psicanalítico de Goiânia

O presente texto objetiva apresentar um breve percurso do desenvolvimento do método analítico, com vistas a focar o brincar como recurso analítico. Após um breve desenvolvimento teórico, apresenta duas vinhetas clínicas que ilustram o brincar da dupla analista-paciente, como forma de revelar e traduzir conteúdos inconscientes relacionados a angústias. Após as vinhetas, seguem-se as considerações finais.

“Presume-se que a tarefa de aceitação da realidade nunca é completada, que nenhum ser humano está livre da tensão de relacionar a realidade interna e externa, e que o alívio dessa tensão é proporcionado por uma área intermediária da experiência, que não é contestada. Essa área intermediária está em continuidade direta com a área do brincar da criança pequena que se ‘perde’ no brincar.” Winnicott (1975, p. 29)

Freud e o nascimento da Psicanálise: uma técnica que permitia acessar o inconsciente

O termo Psicanálise e o nome de Sigmund Freud são reconhecidos em todo o mundo. Para Schultz (1999, p. 323), comentando uma publicação da revista *Newsweek*, “suas idéias se tornaram tão penetrantes que seria difícil imaginar o pensamento do século XX sem ele... ele é um dos membros do pequeno grupo de indivíduos que foram fundamentais na história da civilização ao modificarem a maneira como pensamos a nosso respeito”.

A concepção do psiquismo dominante até Freud era de uma subjetividade identificada com a consciência e dominada pela razão. Para Garcia-Roza (1995, p. 209), antes de Freud “o termo inconsciente era empregado de forma puramente adjetiva para designar aquilo que não era consciente, mas nunca para designar um sistema psíquico autônomo e regido por leis próprias”. Após o desenvolvimento da Psicanálise por Freud, no entanto, o uso do termo “inconsciente” ganhou uma nova acepção, pois Freud o descreveu em sua estrutura, funcionamento e desenvolveu técnicas específicas para acessá-lo, compreendê-lo e interpretá-lo. A hipótese do inconsciente, sua estrutura e funcionamento ou dinâmica, descritos por Freud, compõe uma teoria denominada Psicanálise que, além de teoria, também abarca procedimentos e técnicas para acessar o inconsciente e trazer para a consciência conflitos para solução.

O adjetivo inconsciente é por vezes usado para exprimir o conjunto dos conteúdos não presentes no campo efetivo da consciência, isso num sentido descritivo e não tópico, quer dizer, sem se fazer discriminação entre os conteúdos dos sistemas pré-consciente e consciente. ... No sentido tópico, inconsciente designa um dos sistemas definidos por Freud no quadro da sua primeira teoria do aparelho psíquico, é constituído por conteúdos recalcados aos quais foi recusado o acesso ao sistema pré-consciente-

consciente pela ação do recalque. ... No quadro da segunda tópica freudiana, o termo inconsciente é usado, sobretudo na sua forma adjetiva: efetivamente, inconsciente deixa de ser o que é próprio de uma instância especial, visto que qualifica o id e, em parte, o ego e o superego (Laplanche e Pontalis, 2001, p. 235-6).

Já em seus primeiros textos, como o “Sobre o Inconsciente” (1915), Freud apresenta as características especiais do sistema inconsciente.

1 – O núcleo do inconsciente consiste em representantes instintuais que procuram descarregar sua catexia, ou seja, em impulsos carregados de desejos;

2 – Não há no sistema lugar para a negação, dúvida ou quaisquer graus de certeza;

3 – Domina o processo primário, que não é lógico, nem se relaciona com a realidade externa; os processos inconscientes dispensam pouca atenção à realidade, estão sujeitos ao princípio do prazer, seu destino depende apenas do grau de sua forma e atendimento às exigências da regulação prazer-desprazer;

4 – Os processos do sistema inconsciente são atemporais, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo, não tem absolutamente qualquer referência ao tempo;

5 – E, conforme Freud (1915, p. 214-215), “resumindo, a isenção de contradição mútua, o processo primário (mobilidade das catexias), a intemporalidade e a substituição da realidade externa pela psíquica, tais são as características que podemos esperar encontrar nos processos pertencentes ao sistema inconsciente”.

Uma grande contribuição de Freud em relação ao inconsciente está expressa em seu texto *Lembranças Encobridoras, Parapraxias e Sonhos* (1916), onde demonstra que mesmo as pessoas consideradas por ele como “sadias” desenvolviam ações que, aparentemente, não tinham um sentido consciente, mas que revelavam um sentido que somente poderia ser compreendido ao se considerar conteúdos inconscientes ligados aos desejos. Assim, o conceito de inconsciente passou a ser utilizado para explicar ações de todas as pessoas, não apenas de pessoas “doentes” mas também de pessoas “sadias”.

As parapraxias ou atos falhos, os sonhos e mesmo as lembranças encobridoras, que antes de Freud eram considerados como sem importância, passaram, após sua investigação, a se constituir como elementos importantes para acessar conteúdos inconscientes e, além disso, possibilitou o Freud descrever e compreender a estrutura e a dinâmica própria do processo primário.

Freud (1916, p. 61-80) afirmou sobre as parapraxias: “não são eventos casuais, porém atos mentais sérios; têm um sentido; surgem da ação concorrente, ou talvez, da ação de mútua oposição de duas intenções diferentes... o fenômeno tem um sentido, por sentido entendemos significação, intenção, propósito e posição em um contexto psíquico contínuo”.

Ele comentou ainda que a tarefa a que se propunha a Psicanálise era a de interpretar, ou seja, buscar um sentido oculto em algo. Em relação aos sonhos, constatou que estes também traziam conteúdos inconscientes, e conseguiu também descrever os mecanismos atuantes em sua formação, principalmente o deslocamento, a condensação.

Sobre os sonhos, afirmou que eles são influenciados por resquícios das vivências diurnas, pela realização de desejos relacionados com a sexualidade infantil; que ocorrem mecanismos de condensação e deslocamento e que funciona dentro do processo primário. Nas palavras de Freud (1916, p. 252-3).

Constatamos que o material das vivências esquecidas da infância tem acesso aos sonhos, como também vimos que a vida mental das crianças, com todas as suas características, seu egoísmo, sua escolha incestuosa de objetos de amor e assim por diante, ainda persiste nos sonhos, isso é, no inconsciente; e que os sonhos nos levam de volta, todas as noites, a esse nível infantil. Confirma-se assim o fato de que, na vida mental, o que é inconsciente é também o que é infantil. ... Inconsciente já não é mais o nome daquilo que é latente no momento; o inconsciente é um dos reinos da mente com seus próprios impulsos plenos de desejos, seu modo de expressão próprio, e com seus mecanismos mentais específicos que não vigoram em outros setores.

Freud conseguiu, com sua genialidade, desenvolver técnicas que possibilitam acessar e trabalhar o inconsciente. A técnica psicanalítica sofreu alterações desde seus primórdios. Pode-se afirmar que houve três fases importantes: a primeira delas, a da catarse, seguida da associação livre e posteriormente o trabalho focado na dupla paciente-analista, abordando as resistências, a transferência e a interpretação.

Na primeira fase, a da catarse de Breuer, o analista buscava acessar a causa ou formação do sintoma, visando reproduzir a situação para que pudesse ocorrer a descarga relacionada ao trauma. Freud (1914, p. 193) afirma que “recordar e ab-reagir, com o auxílio, era a que, àquela época, se visava.”

Sabe-se que Freud não era um bom hipnotizador, e ainda que desenvolvesse

outra técnica, chamada de associação livre. Essa mudança na técnica possibilitou o abandono da hipnose como técnica para acessar conteúdos inconscientes. Com a associação livre, a tarefa passou a ser a busca pelos conteúdos que o paciente “deixava de recordar”. Assim, Freud desenvolveu o conceito de resistência, e consistia tarefa do psicanalista saber que a resistência existia, e procurar contorná-la via interpretação, e ainda permitir que o paciente conhecesse os seus resultados. Mas mesmo nessa segunda fase, persistia a busca pelas causas da formação do sintoma.

A terceira fase, que ainda persiste atualmente, consiste em trabalhar com os conteúdos que surgem na relação diádica entre analista e paciente, durante o processo de análise. O aumento do foco nessa relação se deveu em grande parte às contribuições de analistas pós-freudianos. No presente texto abordará o uso dessa relação como fundamental para que a análise ocorra de fato, enfocando especificamente o brincar da dupla como recurso terapêutico.

Hoje, sabe-se que a análise é a possibilidade de construir um vínculo, e a partir dele auxiliar o paciente a entrar em contato, reviver e ressignificar seus traumas. Masud Kahn sugere que:

“A tarefa terapêutica que herdamos de Freud, a qual consiste em criar um ambiente onde o outro, a partir de sua carência e de sua incapacidade, poderia crescer e aprender a testar e a experimentar tudo aquilo que até então era uma tentativa de autocura emudecida, ferida e vingativa, a fim de transcendê-la em direção à verdadeira capacidade de confiar nos outros e de personalizar a si mesmo, sem mais sentir-se ameaçado nem pela aniquilação nem por aquela submissão conivente representada pela definitiva dissociação do verdadeiro eu”. (Kahn, 2000, p. 36)

E para cumprirmos com essa tarefa terapêutica, nos vemos diante do desafio de construir um vínculo com nossos pacientes que permita a emergência de conteúdos inconscientes, e podemos lançar mão de um recurso que é o brincar.

O brincar como recurso terapêutico: de Klein a Winnicott

Muitas pessoas imaginam que o brincar seja uma tarefa que pertence à infância, e, portanto, é coisa de crianças. No entanto, dentre os maiores avanços técnicos da Psicanálise se configura o uso do brincar como recurso terapêutico, primeiramente inaugurado por Melanie Klein e posteriormente por Winnicott.

Uma das principais contribuições do trabalho de Melanie Klein para a Psicanálise foi o fato de ela ter tornado possível à aplicação do método psicanalítico ao tratamento de crianças e pacientes psicóticos. Nesse sentido, sua teoria do brincar ocupa um lugar fundamental, como meio pelo qual o método psicanalítico ampliou seu poder de resolução de problemas clínicos. Pode-se afirmar que sua concepção sobre o brincar corresponde a uma radicalização do modelo heurístico freudiano. O brincar poderia substituir a associação livre, o que representou uma revolução na técnica psicanalítica.

Fulgencio (2008) afirma que para Klein o importante era o fato de que a brincadeira era uma maneira de a criança expressar o seu mundo interno, ou, noutros termos, a brincadeira era uma maneira pela qual as fantasias inconscientes infantis eram expressas. Então, a interpretação da brincadeira correspondia nada menos do que à interpretação dos conteúdos das fantasias inconscientes que a brincadeira tornava possível apreender a partir de seu simbolismo. A interpretação permitia revelar a fantasia inconsciente, e auxiliava a criança e os psicóticos na diminuição de sua fixação a essa fantasia inconsciente e aos objetos a ela associados.

Outro avanço se deu com Winnicott em relação a Klein, quando ele abordou o brincar como um aspecto universal da natureza humana. Para ele, o brincar em si mesmo já era psicoterápico, não propriamente por causa dos elementos simbólicos que veiculava ou expressava, mas pelo que realizava. Dentre as maiores contribuições de Winnicott para a Psicanálise, encontram-se exatamente o fato de demonstrar que o brincar também é uma linguagem, um recurso do qual o inconsciente lança mão para se comunicar. Afirma ele que “Devemos encontrar o brincar tão em evidência nas análises de adultos quanto o é no caso de nosso trabalho com crianças. Manifesta-se, por exemplo, na escolha das palavras, nas inflexões de voz e, na verdade, no senso de humor... É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: é e somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu. Assim, temos o fato de que somente no brincar é possível a comunicação”. (1975, p. 61-80).

O brincar e a brincadeira do adulto dizem respeito a determinada relação com o mundo, com o trabalho, com as pessoas com as quais convive, com suas atividades, etc. Correspondem à possibilidade de habitar uma área intermediária, na qual há uma união e separação do mundo subjetivo e do objetivamente dado, o que certamente não ocorre o tempo todo. É a esta área que Winnicott se refere como sendo o *lugar onde vivemos*; é a área da experiência em que o brincar se

realiza e que mais tarde compreenderá o espaço da arte, da religião, do trabalho e da vida social em geral, lembra Fulgencio (2008).

O brincar tem um lugar e um tempo. Não é dentro, em nenhum emprego da palavra (e infelizmente é verdade que a palavra dentro possui muitos e variados usos no estudo psicanalítico). Tampouco é fora, o que equivale a dizer que não constitui parte do mundo repudiado, do não-eu, aquilo que o indivíduo decidiu identificar (com dificuldade e até mesmo sofrimento) como verdadeiramente externo, fora do controle mágico. Para controlar o que está fora, há que fazer coisas, não simplesmente pensar ou desejar, e fazer coisas toma tempo. Brincar é fazer. ... É a brincadeira que é universal e que é própria da saúde: o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de se comunicar; finalmente, a psicanálise foi desenvolvida como forma altamente especializada do brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros. Winnicott (1975, p. 63)

Antes de Winnicott, a Psicanálise vinha superestimando a fantasia e subestimando as reais experiências traumáticas. Para ele, o brincar criativo era afim ao sonhar e ao viver, mas, essencialmente, não pertencia ao fantasiar. “O núcleo do desenvolvimento psíquico só poderá ser retomado na interação paciente-analista em uma nova versão da relação mãe-bebê. Diferentemente da posição neutra e espelhadora da análise clássica, a interação bipessoal, que assume conscientemente o impacto sobre o paciente e a responsabilidade do analista, são fatores de êxito no trabalho psicanalítico. O modo pré-verbal de se comunicar com o paciente provoca, no analista, estados subjetivos afetivos que poderão ser reformulados verbalmente. “Cabe ao analista encontrar as palavras para a realidade do sofrimento do paciente” Forlenza Neto (2008, p. 84).

Assim, além de demonstrar que o brincar era uma forma de comunicação, Winnicott enfatizou a interação entre analista-paciente como fundamental no processo analítico. Winnicott afirmava que “A psicoterapia se efetua na sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta. A psicoterapia trata de duas pessoas que brincam juntas. Em consequência, onde o brincar não é possível, o trabalho efetuado pelo terapeuta é dirigido então no sentido de trazer o paciente de um estado em que não é capaz de brincar para um estado em que o é” (1975, p. 59).

Apresento a seguir duas vinhetas que exemplificam em minha prática analítica o brincar da dupla analista-paciente durante a sessão de análise.

1 – A **primeira vinheta** ilustra uma sessão em que ocorreu uma comunicação não-verbal do conteúdo inconsciente de a paciente se sentir o terceiro excluído na sua relação primitiva com a mãe, revivida transferencialmente com a analista durante a sessão.

A paciente chegou junto comigo ao consultório, alguns minutos antes do horário da sessão. Pedi que me aguardasse na antessala. No seu horário, a convidei para entrar, então ela entrou, se deitou e disse que tinham acontecido duas coisas interessantes:

P (Paciente) – “A primeira é que minha filha me ligou chorando, então eu fui buscá-la na escola. Como eu tinha que fazer supermercado, foi junto. Conversamos, e eu consegui acalmar minha filha. Isso foi ótimo, pois se fosse antes eu teria dito para ela não ficar assim, ia fazer as compras sozinhas e pronto. A outra coisa foi que meu filho deixou o celular lá em casa, e eu fui bisbilhotar, vi que tinham umas mensagens para ele, namoradinhas. Achei bonitinho, mas fiquei preocupada. Só comentei com meu marido, e pedi que ele começasse a conversar com o filho sobre esses assuntos. Eu não sabia o que fazer.”

(Enquanto ela relatava os fatos, eu percebi que ela tinha tirado uma pulseira do pulso, com a qual começou a brincar). Enquanto falava, mexia com o fecho e os elos da pulseira.

Então, continuou falando:

P – “Minha irmã mais velha tinha três filhos, como não queria mais filhos, fez uma laqueadura”. Apesar disso, mesmo assim engravidou novamente, então nasceu mais uma filha, que até hoje é uma menina complicada, chata e depressiva”.

(notei que enquanto contava a história da sobrinha e da irmã, fechava a pulseira deixando um elo de fora). Então, ela disse:

P – “Fico pensando que comigo também pode ter sido assim. Fui à sexta filha, meu pai estava formando, as pessoas falavam que já eram muitos filhos...”.

A (Analista) – E essa pulseira fechando e deixando um elo de fora, será que é assim que você se sente excluída, não desejada, como sua sobrinha?

P – “É... desde sempre. Minha mãe não lembra de quase nenhuma história minha do meu tempo de criança, quase não tenho nem fotos de criança... Então, parece que fui ficando desse jeito... silêncio. Agora que você falou, lembrei que minha mãe me deu uma pulseira de ouro que era dela, daquelas que tem bolas,

pois é: todo mundo lá em casa já sabe que quando eu uso aquela pulseira, e vão me ajudar a abotoar, tem que deixar uma bola de fora, senão fica larga...”

Silêncio... Notei que enquanto falava, continuava brincando com a pulseira que estava em sua mão. Então ela disse:

P – “Essa pulseira mesmo, eu também abotoei deixando uma florzinha de fora, senão fica larga. Mas esses dias eu abotoei deixando todas para dentro e não ficou larga...” (sorriu... longo silêncio).

A – Com essa pulseira aqui, com a pulseira de ouro que ganhou de sua mãe, não importa: seu sentimento de solidão vive aí dentro de você... Igual àquela música que diz:

“A solidão é fera, a solidão devora, é amiga das horas, prima irmã do tempo, e faz nossos relógios caminharem lentos, causando um descompasso no meu coração, solidão...”

Silêncio... Mas será que tem que ser assim alguém?

(Notei que enquanto eu cantava, ela colocou os elos da pulseira emparelhados em duplas, e, como eram pares, não ficou nenhum de fora. Não abotoou a pulseira, e ficou nessa brincadeira até o final da sessão. Ao final, se despediu, se levantou e saiu com a pulseira na mão, desabotoada.)

Transcrevi essa sessão porque percebi que sua brincadeira possibilitou que ela falasse de conteúdos inconscientes que causavam muita angústia de uma forma lúdica, e assim foi possível conversarmos sobre isso. Tanto eu quanto ela estávamos conectadas em um nível que possibilitou a emergência dos referidos conteúdos.

A **segunda vinheta** apresenta também uma situação na qual a paciente só pode falar de sua dificuldade de contato, de formar vínculos, inclusive comigo se utilizando do brincar. Era a segunda sessão seguida em que ela arrancava um fio de seu cabelo e ficava dando nós enquanto falava de coisas de seu dia-a-dia. Eu denominei essa sessão de “a sessão do nós”.

2 – A paciente entrou e começou novamente a relatar vários acontecimentos de seu dia-a-dia, quase como uma repetição da sessão anterior, saltando de um assunto para outro, quase sem intervalo nem para respirar, o que indicava que estava angustiada. Notei que novamente, enquanto falava, ela arrancou um fio de cabelo, e ficou brincando por muito tempo na sessão, dava nós, desfazia os nós, era uma brincadeira que fazia enquanto falava...)

A – E esse cabelo aí? Que você dá nó, desfaz nó...

P – “Essa aqui? Pois é”.

A – Você arrancou? Já é a segunda sessão que eu vejo você mexendo em fio de cabelo...

P – “E isso aqui, você consegue explicar?” Silêncio.

A – O que você sente quando fica passando os dedos no cabelo?

P – “Eu gosto de fazer os nós, é bom quando eu consigo fazer outro nó exatamente em cima do primeiro nó...”.

A – E bom quando os nós coincidem?

P – “Não é coincidência não, é de propósito.”.

A – Eu disse coincidência... Parece que você gosta quando eles coincidem, encontram...

P – “É isso mesmo. Eu te disse que meu namorado está aqui na cidade? Conseguirmos nos encontrar, foi bom. Estou menos ansiosa, antes eu tinha mais medo do meu marido descobrir, mas depois daquele dia que ele me acusou e não disse mais nada, eu fiquei mais tranquila.”.

A – E esses outros nós aqui? Tem um para cá, outro para lá...

P – “Não, esse aqui, que está firme, é porque são dois em cima dou outro e um do lado, está forte, tá vendo? Esse aqui tá sozinho, esse tem uma alça...”.

A – E onde você está aí?

P – “Aí, você faz cada pergunta difícil de responder... não sei não. Às vezes eu penso que sou esse aqui sozinho, outras, que sou esses dois juntos... acho que a vida da gente é assim, tem hora que quero ficar sozinha, outras, com alguém de um jeito, outras, de outro...”.

A – E nós significa eu e você.

P – “Como assim, que nós?”.

A – A palavra nós, que é a mesma utilizada para nós, que você faz aí no cabelo, significa eu e você, vínculo. E você, onde está aí?

P – “Não sei”. Silêncio...

A – Talvez, quem sabe, você não seria o cabelo todo? Que em momentos diferentes tem nós, vínculos diferentes, com pessoas diferentes?

P – “É isso mesmo. Eu vim para cá, parei no sinaleiro e fiquei pensando que parece que eu estou mais calma porque não estou cobrando-me uma decisão rápida de com quem ficar antes eu tinha que decidir logo, medo do marido descobrir, agora não. Sabe, eu até conversei com meu namorado, ele pela primeira vez perguntou se eu ficava pensando sobre o futuro, e eu disse que sim, mas que achava que um dia isso ia acabar, e ele concordou, fiquei aliviada.”

A – Como é esse aliviada?

P – “É, antes eu ficara preocupada de ele ficar fazendo planos e depois

sofresse, e também se meu marido descobrisse e meu casamento acabasse...”.

A – Então, sente medo ao pensar na possibilidade de seu casamento acabar?

P – “É, fico pensando que às vezes todas essas coisas que eu reclamo do meu marido são coisas minhas mesmo, e às vezes sinto que ele é tão bom, que a vida é tão boa.”.

A – É a primeira vez que você fala dessas coisas boas em relação ao seu marido, e também que você relata uma conversa com seu namorado sobre esse assunto.

P – “É talvez por isso estou mais calma, acho que fizemos um pacto “infinito enquanto durar”, e depois, acabou. Então, eu não sei, vou deixar o tempo dizer o que e como será.” Ficou em silêncio até sair da sessão, antes de sair, olhou o fio de cabelo com os nós e o deixou em cima do divã.

A partir daquela sessão relatada, a paciente começou a usar a palavra e a demonstrar que ali comigo estava começando a se formar um nós.

Considerações finais

O brincar, como modelo para a prática analítica, é concebido em função do encontro com o si – mesmo, da comunicação e da interseção entre a realidade subjetiva e a objetivamente percebida, encontro que contribui para o amadurecimento, uma vez que corresponde a um tipo de integração da pessoa.

Kahn afirma que o maior legado de Winnicott para a Psicanálise foi a ideia de um perpétuo diálogo entre a *psique* e o soma, a ampliação dos fenômenos transicionais da primeira infância para a inclusão do espaço potencial da vida adulta no interior da cultura. E a importância do brincar como forma de apreender a dinâmica psíquica do indivíduo.

No testamento psicanalítico de Winnicott, na localização da experiência cultural, há uma tese central: o lugar onde se localiza a experiência cultural é o espaço potencial entre o indivíduo e o ambiente (originalmente, o objeto). O mesmo pode ser dito do brincar. A experiência cultural inicia-se com o viver criativo, que se manifesta em primeiro lugar no brincar. Para cada indivíduo, o uso desse espaço é determinado pela experiência de vida que ocorre nos primeiros estágios após o nascimento. Desde o início o bebê vive experiências de intensidade máxima no espaço potencial entre o objeto subjetivo e o objeto percebido objetivamente entre as extensões do eu e não-eu. Esse espaço potencial situa-se no interjogo entre o “não existe nada além de mim” e o “existem objetos e fenômenos fora do

meu controle onipotente”... O espaço potencial ocorre apenas em relação a sentimentos de confiança vinculados à dependabilidade da figura materna e dos componentes do meio ambiente, confiança essa que é a evidência de que a dependabilidade está sendo introjetada. A fim de estudar o brincar e posteriormente a vida cultural do indivíduo, é necessário estudar o destino do espaço potencial entre cada bebê e a figura materna humana (e, portanto falível), essencialmente adaptável (ao bebê), em decorrência do amor. (Kahn, 2000, p. 52)

Assim, que possamos todos ser capazes de brincar, de guardar dentro de nós a capacidade de brincar com palavras, imagens, pensamentos. □

Referências

- FORLENZA NETO, O. (2008). As principais contribuições de Winnicott à prática clínica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 42, n.1, 82-88.
- FREUD, S. (1915). O inconsciente. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- _____. (1916). *Lembranças encobridoras, parapraxias e sonhos*. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- FULGENCIO, L. (2008). O brincar como modelo do método de tratamento analítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 42, n.1, p. 124-136.
- GARCIA-ROZA, L. (1995). A. *Artigos de metapsicologia*. v. 3. Rio de Janeiro: Zahar.
- KAHN, M. (2000). Introdução ao livro a pediatria da psicanálise. In: WINNICOTT, D. W. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. (2001). *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. (1999). *História da psicologia moderna*. São Paulo: Cultrix.
- WINNICOTT, D. W (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (2000). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (2007). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre, Artmed.

Os pa (is) cientes e o analista. Um encontro pensável

Adriana Maria Nagalli de Oliveira
Núcleo Psicanalítico de Campinas e Região

Neste artigo, apresentado nos temas livres do VI Encontro do Núcleo de Psicanálise de Campinas e Região, a autora faz aproximações de estudos de autores contemporâneos e dos fenômenos de estados mentais primitivos e suas defesas. Apresenta o caso clínico de uma paciente adolescente com núcleos autísticos predominantes e um percurso original, construído lentamente, entrelaçando intensas emoções e trocas com os pais, a paciente e a analista, que buscam ampliar seus recursos mentais.

“Da incandescente escuridão do caos ele pisou na criação fresca e leve, sem possuí-la imediatamente...”

(M. Buber, I and Thou.).

Os pensamentos e observações clínicas que apresento a seguir reúnem idéias de Antonino Ferro sobre a técnica na Psicanálise Infantil (1995), e estudos sobre estados mentais primitivos e suas defesas, que prontamente se evidenciam na análise de pacientes com sofrimentos mentais intensos.

Segundo Tustin (1992), existem traumas soterrados, verdadeiros buracos negros que se abrem novamente na análise, nos oferecendo a chance de vivenciá-los numa outra linguagem e representação.

“A criança é quase sempre o portador da doença de todo grupo familiar” (Antonino Ferro, 1995), assumindo a específica angústia dos pais e um peso extra que essa realidade impõe. É importante levar em conta que as condições dos pais não determinam única e diretamente as condições da criança, pois existem inúmeras variáveis.

O espaço analítico, portanto, é o espaço inundado por angústias de todos que por ali passam (pais, paciente, analista) e de todos que por ali ficam.

As emoções que ventilam são de qualidades diferentes e durante um longo curso de trocas, nos mobilizamos diante de uma intensidade atroz e impactante de afetos, de um calor escaldante a um clima extremamente frio.

Concentro certa atenção no significado do encontro com os pais a fim de compartilhar experiências próprias e ideias que contribuam para a compreensão de casos que envolvem uma aparente sensibilidade ao encontro, sendo necessário acompanhar o balanço das ondas para não naufragar.

A condição do analista em ser continente às intensas angústias da família e do paciente pode colaborar com o acolhimento que esses poderão ofertar, contendo as emoções dolorosas de si mesmos e do outro (filho, companheiro). O analista que recebe esses estímulos e os devolve, em elaboração, favorece estabelecer um ciclo vital de trocas.

A busca da análise é a busca de algum tipo de relação, busca de leite psíquico (Teresa Hausdeschild). Se ali está o sol, vou buscá-lo e a disponibilidade em perceber as necessidades, desejos e dores acreditando que em determinadas mentes haverá um lugar para um ser, “um ser com alguém, para depois ser para si mesmo” (Winnicott, 1990), ajuda a suportar as vicissitudes desses tão frágeis vínculos.

É, portanto, na presença real do analista que poderá reconhecer uma condição importante para os vínculos que são os da estabilidade e constância dos

objetos internos (Tustin, 1972), podendo se realizar tanto no encontro com pais como com o paciente, incluindo em sua vida observar as experiências emocionais.

Esforçar-se em achar uma comunicação com o mundo interno, que através das projeções no filho e em qualquer membro da família aparecem, possibilitam desvelar os conflitos num ambiente facilitador (sala de análise) e essa experiência, se compreendida como quando estamos em contato com uma obra de arte, deixará à mostra sinais que tem a função de comunicar e de não comunicar, aparecendo códigos a serem decifrados, numa mesma sessão ou ao longo de um período.

As obstruções na comunicação com o analista podem aparecer em decorrência de uma falha na continência de aspectos agressivos¹, pois mobilizam os pontos cegos do analista, ou seja, as dificuldades próprias que imprimem defesas que estancam a circulação natural de afetos.

Chamam atenção também comunicações que simplesmente sugerem a não-comunicação (Winnicott), como uma transição natural, lembrando a comunicação de um bebê que se comunica apenas por continuar a existir, num processo pessoal de maturação.

Esse é um tipo de comunicação simples, como o repousar, até que num outro momento se apresente a troca. E nesse estágio (de troca), o silêncio pode ocupar o lugar de uma infinidade de sentimentos, expressando o melhor que o paciente pode fazer naquele momento, onde o analista, esperando ativamente, colabora para que o paciente possa criar.

A espera por aquela mente em desenvolvimento já representa um retrato da infância, um marco da história pessoal de todos nós, lembrando a espera pelo nascimento, recuperando um sentido para sua história, compartilhando uma intimidade de início de vida mental. Na delicadeza desse universo o espaço que vai sendo construído de reciprocidade pode revelar uma tentativa de pais ou pacientes agarrarem-se no outro (analista), para colar numa função continente.

Esse agarrar-se precede uma concepção de espaço interno e introjeção que corresponde a camadas profundas da mente, podendo observá-las se a experimentarmos em nossa análise. Tais movimentos podem ser iniciais e temporários, ou poderão manter-se num conluio infinitamente prolongado, negando a função analítica, num risco de usarmos moldes, encomendando uma família para aquele paciente, ou fixando (e asfixiando) numa forma de relação, que gratifique inconscientemente traços onipotentes, tão inevitáveis no encontro. Isso nos impele estarmos atentos, acordados mesmo que sonhando.

¹ Antonino Ferro (1995) diz, pág. 187... *"Devemos deixar fora da sala de análise estados mentais que interfiram em nosso trabalho com o paciente. Mas está longe de ser verdade, pois é provável que possamos ser nós mesmos a inverter o fluxo das identificações projetivas para o paciente"*.

Por vezes a procura por uma análise vem como último recurso para lidar com o sofrimento porque inúmeras tentativas de ignorar a mente já ocorreram. Mas a realidade não muda porque decidiram não saber, e alguns procuram algum caminho, e se por sorte no caminho a análise também os encontrar, as chances de fecundação aumentam, sucedendo a liberdade em escolher e ser escolhido para estarem juntos durante um longo tempo.

Na melhor das hipóteses conhecendo os recursos que temos e que nos faltam, elegemos o encontro e, a partir daí, podemos usar e ser usados, no sentido de Winnicott, por esses pais e pacientes.

Sermos sinceros nessa escolha colabora com a condição de recebermos bem as impressões que carregam sobre a realidade interna e externa e a resistência que vai operando com maior e menor intensidade, infinitamente.

“O conhecimento é uma obra temporal”

Bérgson

É extremamente traumático para uma criança e seus pais quando o vínculo entre eles está fundamentado em ausências psíquicas (Denys Ribas, 2001) e quando esse sofrimento tem como deficiência o ambiente. Este fica à nossa disposição, aparecendo intrusões, ódio, delírios e ausências nas quais não há integração para as emoções que permanecem difusas.

Um espaço reflexivo temporário oferecendo significado às falas pode entrar em cena.

É um trabalho vivo em que o analista sente e se importa com quaisquer sentimentos e procura mantê-los dentro de si até que compreenda melhor, transformando-os em palavras que façam algum sentido, quando ditas.

As fortes emoções presentes que encontramos nos pais reais de nossos pacientes demonstram a necessidade que têm de nosso trabalho, e de um trabalho pessoal em alguma oportunidade.

Diante de um bom prognóstico, clamam por algo que esclareça e acalme a dor, possibilitando a circulação de áreas paralisadas pela falta de comunicação e contato, retomando a vida.

Hanna Segal (1979) disse que um *setting* rígido permite que fantasmas mais profundos se expressem. Penso que o *setting* deve acompanhar certa flexibilidade cuidadosa e criativa do analista para favorecer observações valiosas que cooperem com a compreensão, num clima que valorize a espontaneidade.

As experiências vividas na infância e principalmente no primeiro ano de

vida são de fundamental importância no entendimento da vida atual da pessoa e desempenha um papel na maneira como ela viverá no futuro, mas essa recordação do passado não é um instrumento terapêutico tão mágico como davam ênfase.

As longas anamneses e investigações sugeriam justificar o comportamento atual.

Desde 1905, Freud declarava que o insight intelectual já não era suficiente e o entendimento no aqui e agora da relação transferencial com o analista, com a emoção presente, apontava para uma área crucial em que a mudança poderia ocorrer, pois esse processo incluiria uma repetição de certas relações e acontecimentos com seus correspondentes componentes afetivos. Ele nos deixou um método de trabalho investigativo para compreensão dos fenômenos psíquicos, inclusive para análise infantil.

Penso que Klein contribuiu para nos afastarmos radicalmente das confusões de ordem pedagógica, valorizando a observação do espaço mental, onde nosso lugar será determinado pelo paciente através de suas fantasias, e com isso a relação transferencial ganha maior nitidez com o colorido das relações objetivas do mundo interno e externo.

Em 1946, Klein amplia esse conceito de transferência, onde a projeção se dará dentro do objeto, alterando a identidade deste. “O analista não é mais o espelho sobre o qual o paciente projeta suas figuras internas, mas sim para dentro do qual são projetados sentimentos e ou funções mentais” (Vera L. Adamo, 2002).

No encontro com os pais, isso se expande num palco com projeções que virão de todos os lados, com interferências e contaminações. Sempre nos contaminamos, mas se desvelarmos tais contaminações elas poderão ser fonte de fortalecimento porque a assepsia é uma ilusão perigosa.

Importante lembrarmos que geralmente os impedimentos estão dentro do analista, que não consegue articular pensamentos e emoções, temendo o que virá, e precisando de um roteiro de viagem programado (com guia, mapas, passagem de ida e de volta).

Estamos pisando num terreno bastante movediço quando os pacientes e pais de pacientes nos procuram num estado de desamparo e vazios existenciais. Esses estados sugerem relacionamentos que não puderam conter e dar luz às ansiedades que continuam lá, quase em estado bruto, como nos lembra Bion. Penso que um trabalho útil, inicial, nos contatos com os pais poderá incluir pensar nas defesas usadas até então como aspectos fundantes possíveis do psiquismo, e, portanto, aliados ao desenvolvimento e que aos poucos poderão ser “trocados”, transformados, obtendo saídas mais evoluídas.

Bleger (1966) sugere quatro tipos de funcionamento familiar:

O sadio, que é capaz de organizar defesas múltiplas e elásticas; o de defesas simbióticas de tipo aglutinado; os de defesas de tipo esquizóide; os de tipo psicopático e hipocondríaco.

Essas são, a meu ver, formas de poder ser e estar que possibilitam a sobrevivência até que possam reconhecer o sofrimento envolvido e os prováveis rumos.

Meltzer cita com detalhes os meios de aprendizagem nas famílias:

– aprender com a experiência, onde com a participação numa experiência emocional aumenta a possibilidade de determinar uma mudança na estrutura da personalidade, aprendendo a resolver um problema pensando.

– a identificação projetiva, possibilitando acesso às capacidades e aos conhecimentos do outro, mesmo que por intermédio de identificações projetivas, com riscos de deslizamentos para a onisciência e a superioridade.

– a identificação adesiva: onde em situações onde falta uma disponibilidade emocional do objeto, resta ficar junto de outra maneira, com a fantasia de aderir à superfície dos objetos externos. O que pode derivar daí são capacidades de aprender papéis sociais sem internalizar as funções correspondentes.

– aprendizagem “por catação” baseada na idéia de furto, típica da parte invejosa da personalidade. O que é roubado não poderá ser usado livremente, pois remete à culpa do próprio furto onde segredos e inibições são seus corolários.

– colecionismo obsessivo; existem modalidades onipotentes de controlar os objetos, privando-os de toda a liberdade, força e vitalidade.

– delírio; o que conta é o que está escondido, a evidência está nas nuances, nos detalhes, na certeza absoluta.

– aprendizagem superficial e submissão a um perseguidor: há um método tirânico que impõe uma aprendizagem mecânica.

Reitero então que seguir os pais para ajudá-los a prosseguir no tempo, pretendendo encontrar algum sentido e “tomar para si o encargo da família” (Meltzer, 1967), se faz necessário em casos particulares, que trato de especificar a seguir.

*“O insuportável não é a dor, mas a falta de sentido da dor e,
mais ainda, a dor da falta de sentido.”*

(Oswaldo Giacoia Jr.).

Apresento o encontro de uma adolescente e sua família com seus sofrimentos mentais e com certas áreas que pareciam inatingíveis.

É um dos casos que recebemos, onde observamos intrusões violentas sobre o psiquismo da criança, e por consequência um empobrecimento e grave inibição no desenvolvimento. Essa paciente, em especial, passa pela vida contando com seu mundo interno recheado de hostilidade e refugiando-se em estímulos sensoriais, anulando em determinados momentos o encontro com o objeto.

Essa é uma manobra protetora, com a função de conservar uma sensação de continuidade com o objeto e assim adquirir um estado coeso. (Tustin, 1992). Algo parece estar escondido, não revelado.

Sidney Klein (1980) empregou o termo autismo para designar esse núcleo, diferenciando-o da patologia, em um artigo intitulado "Fenômeno Autístico em Pacientes Neuróticos".

Percebo que há toda uma organização decorrente de uma sensibilidade à separação real com a mãe, onde a angústia predominante é a de se perder.

Uma mãe seja por qual motivo for que não pense seu bebê (Tustin sugere que isso pode dar-se devido a três fatores, luto na gestação, mudanças geográficas e afastamento do parceiro) não favorece a existência do eu, não existindo um seio-pensante (Meltzer, 1992) disponível para ser introjetado, tornando precoce a separação entre ela e seu bebê.

Os pais de W., que tinha 14 anos na época, me procuram para atendê-la e ficam por algum tempo, para que esse mesmo tempo pudesse representar um investimento de sentido, um sentido de mundo interno, como diz Bion (1972): "a necessidade psicológica antes da lógica".

Percebo logo no início que precisariam incluir a dor mental como fazendo parte do desenvolvimento, reduzindo assim uma quantidade significativa da angústia, ao contrário do que imaginavam que este era um sentimento que deveria ser evitado, ao invés de compreendido. Nesse período, estive com W. por dois encontros, o primeiro junto de sua mãe e, no seguinte, um encontro para nós, e sobre nós me deterei adiante.

A mãe de W. amarga, sem cuidar de si mesma, e o pai onisciente, absolutamente lacrado, se tornam protagonistas dos encontros no início, até que W. assuma ou descubra seu desejo de estar ali.

O que deu margem a essa configuração especial também foi minha percepção de que não poderia desejar por W. a sua análise.

Qualquer manifestação que pudesse ir ao encontro dela pareceria uma invasão muito violenta, pois W. estava muito ferida.

Seus pais suportavam ficar ali, porque sabiam que W. estava doente e temiam por ela (narcisicamente por si mesmos), que eventualmente aparecia com cortes (automutilação), geralmente efetuados após alguma briga familiar.

Uma característica marcante era que W. não falava com o pai há anos e passava horas a fio em seu quarto.

Após meses de trabalho com os pais, devido à recusa de W. em vir para as sessões espontaneamente (dizia que só viria se obrigada pelo pai), W. comunica à mãe que queria falar comigo a sós... a partir daí W. vem para análise, com a condição de que eventualmente eu receba apenas a sua mãe... para esclarecimentos normais... recibos, férias, pagamentos, porque apesar de ter condições para isso W. não conseguia cuidar.

Na medida em que W. experimenta a relação analítica, o interesse por suas coisas de dentro vai aumentando. A concha vai se abrindo, e como diz Ane Alvarez: “o alvorecer de uma relação se conquista no prazer de se relacionar com o outro”.

Percebi com W. que o que acontece num encontro não se repete num outro encontro, mesmo que tudo pareça tão igual, tão comum. De sessão para sessão, a experiência se renova, mesmo que de maneira sutil e essa é uma forma de suportar e ir em frente.

W. trazia em cena um frio que inundava as sessões, segurando-se firmemente nos braços da poltrona, como se a qualquer momento pudesse despencar.

Alterna com episódios em que parece um aspirador que suga qualquer gesto ou palavra que eu apresente, numa pressão que me faz sentir muito cansada no final das sessões.

Camadas se alternam, leques se abrem e gradativamente a esperança domina o lugar do vazio.

Botella (2001) diz que na análise procuramos fazer a inscrição do inédito, e o inédito nesse caso parecia ser suportar estar com o outro.

O que veio a seguir, insinuando uma aproximação, foram cortes às minhas falas, ódio ao conhecer, e percebi que a serenidade de minha parte, aliada a uma comunicação franca e firme, oxigenava nossas mentes, até que pudéssemos esboçar um diálogo simples, geralmente no final das sessões.

Hoje W traz alguns sonhos e junto deles o medo e o desejo de compreender o que são esses sentimentos tão fortes que tem principalmente por certas mulheres que cuidam dela como a professora de línguas, outra amiga, pois parece que não suportaria viver sem elas, mas num minuto seguinte não tem o menor apreço, num clima de desesperança.

Em uma sessão após longos minutos de silêncio, apesar dos estímulos que propus, W. diz que se depender dela nada ali aconteceria... e nesse desespero aparente, entre a pressão e o vazio, conta um sonho:

Sonhei com você
Sonhei com você na sala
Era na sala de visita e eu entrava pela porta
Pela porta na sua direção
Você me deu uma folha
Uma folha em branco

E diz: folha em branco para mim não significa nada.

Penso: É um nada em branco que poderá ser colorido, e que hoje já representa uma cor. A cor de ter em sua memória-sonho a analista, que está esperando por ela na sala de visita.

“Abençoados aqueles que conversam sinceramente com os vizinhos e apreciam a prosa dos jardineiros e pintores. É possível que estejamos adormecidos nesse mundo.

Os problemas podem ser retirados do armário, desengavetados com uma comunicação que é saúde, verdade e felicidade”.
(Virginia Woolf).

Antonino Ferro enfatiza que a técnica psicanalítica deve incluir aquilo do que Bion se ocupa: antes que dos conteúdos do pensamento, cuidemos do aparelho mental necessário para poder pensar. “Isso nos mostra que, numa análise, não estará só em cena o trabalho sobre a repressão (Freud) ou sobre cisão (Klein), mas será necessário um trabalho em direção à fonte, ou seja, sobre o lugar para pensar os pensamentos, sobre o continente antes que sobre o conteúdo.”

A obstrução do desenvolvimento de fantasias, sonhos e pensamentos oníricos, que são os equipamentos básicos para as funções mentais de descoberta, contato e compreensão da realidade psíquica podem se desenvolver com o alargamento do continente. A capacidade de simbolizar se desenvolve num vínculo humano. Não há como criar com a falta extrema, e a saída para tolerar a dor (e a dor da separação) é a cooperação... “juntando, tolero ser separado” (Célia F. Korbijcher, 2001).

O prazer de se relacionar, sentido ao longo do tempo, no processo analítico, poderá trazer à tona a relação dos primeiros momentos de vida com algum objeto.

Esse é um caminho que se vai construindo lentamente e a maneira pela qual se entrelaçam os estados emocionais intensos e primitivos tanto do paciente,

como da mãe e do pai, abrem caminhos para ouvir e dar significado à experiência emocional, contribuindo para que o analista amplie seus recursos mentais. □

Referências

- BION, W.R. (1972). *Attention and interpretation*. London: Tavistock.
- BLEGER, J. (1966). *Simbiose e ambiguidade*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- BOTELLA, C. (2001). *Irrepresentável: mais além da representação*. Porto Alegre: Criação Humana.
- FERRO, A. (1995). *A técnica na psicanálise infantil*. Rio de Janeiro: Imago.
- KLEIN, S. (1980). *Fenômenos autísticos em pacientes neuróticos*. Rio de Janeiro: Imago.
- KORBIVCHER, C. F. (2001). A teoria das transformações e os estados autísticos. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 35, n. 4, p. 935-958.
- LAMANNO-ADAMO, V. L. (2002). Aspectos de um continente complacente. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 36, n. 3, p. 645-656.
- MELTZER, D. (1967). *O processo psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1992). *The claustrum*. Pertshire: Clunie.
- RIBAS, D. (2001). Autismo como desfusão de pulsões. *Livro Anual de Psicanálise*, v. 14.
- SEGAL, H. (1979). *Sonho, fantasia e arte*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- TUSTIN, F. (1972). *Autism and childhood psychosis*. New York: Science House.
- _____. (1992). *Barreiras autísticas em pacientes neuróticos*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- WINNICOTT, D. W. (1990). *O gesto espontâneo*. São Paulo: Martins Fontes.

O Pequeno Hans discutido e sentido entre o passado e o presente

Celso Gutfreind

Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de
Psicanálise de Porto Alegre

O artigo revisa o caso original de Freud sobre o Pequeno Hans, pioneiro na psicanálise da infância. Além de confirmar esse pioneirismo, o texto foca a leitura em novos aspectos, valorizados na psicanálise contemporânea, como, por exemplo, o fato de Freud ter valorizado a participação do pai no tratamento e ter aberto com ele um vasto campo narrativo.

Introdução

Este capítulo apresenta uma breve discussão sobre a obra de Freud referente ao caso do Pequeno Hans (Freud, 1909), a partir de um estudo mais amplo que realizamos sobre o tema (Gutfreind, 2008). A ideia, aqui, é salientar seus trechos ainda atuais e as portas que foram abertas com sensibilidade. Apontaremos também o que mudou e, a partir da fonte, espregueia seus frutos ou discórdias (frutos também). A ideia é poder repensar o momento atual da Psicanálise infantil a partir de suas origens. A empreitada pode parecer pretensiosa; tenta apenas ser ousada como as origens, corajosa como elas na liberdade de questionar o estabelecido. Portanto, mais que ousada, a viagem deseja ser livre como sempre pediu Freud; e brincalhona como ainda pede uma criança para se desenvolver.

Discussão – entre o passado e o presente

A ideia agora é nos determos no primeiro tópico da última parte de seu livro, onde Freud propôs uma discussão do caso. Dividiu-a em três partes, e o seguimos à cata de novos significados. A bem da verdade, tratou de aprofundar suas ideias, pois já vinha discutindo em cada entrelinha da apresentação. Mas Freud não era homem para superfícies e, continuando, sedimentou vários aspectos e levantou novos.

Ele apontou três objetivos para essa discussão: primeiro, rever as idéias expostas em seu “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” (Freud, 1905); segundo, contribuir com a compreensão da fobia e, finalmente, “projetar alguma luz” sobre a vida mental e/ou educacional das crianças.

A nosso ver, cumpriu os três. Mas para nós, cumprir é resgatar os ecos de Hans no que se pensou, depois dele, sobre a clínica da criança, nosso objetivo principal deste capítulo.

Após reconhecer que o caso confirmava as hipóteses dos “Três ensaios”..., Freud defendeu-se de duas críticas que a obra poderia suscitar; a primeira se referia ao fato de Hans ser considerado uma criança anormal, e não um parâmetro. Freud considerava que isso poderia impor limites, sem anular os méritos. Nada mais disse a respeito, mas podemos dizer agora que o próprio tempo se encarregou de desfazer o limite tênue entre o normal e o patológico. Mesmo as classificações mais rigorosas, em psiquiatria, sugerem que a diferença se limita à intensidade e ao comprometimento social de um sintoma, que pode estar presente na saúde e na

doença, no normal e no anormal (American Psychiatric Association, 1994). Em observações clínicas contemporâneas, o dito “anormal” pode até mesmo fazer parte da normalidade (Brazelton, 1990). Há medos considerados normais em crianças de 5 anos. Hans, hoje, talvez nem recebesse o diagnóstico de fóbico (Meltzer, 1989; Laplanche, 1998).

A segunda objeção refere-se à possibilidade de Hans ter sido sugestionado por seu pai, que, por sua vez, teria sido sugestionado por Freud, o que retiraria a objetividade do trabalho. Nesse caso, a criança teria feito o que o adulto deseja, em troca de atenção.

Freud começou a defender-se evocando velhos fantasmas, presentes desde que começou a publicar os primeiros trabalhos, ainda influenciado pelas idéias de Charcot sobre a hipnose e a sugestão; não evocou Charcot, mas o quanto enfrentou resistências por parte da comunidade científica e sua compreensão superficial da sugestão. O principal veio depois: Freud combateu a idéia em voga de que a palavra da criança era arbitrária e indigna de confiança. Para ele, não há arbitrário na vida mental, o que já era uma afirmação de peso. A leveza de Freud e o peso de sua obra conseguiram pensar livremente, apesar das idéias estabelecidas. Com essa liberdade, era capaz de confiar no discurso de uma criança como quem confia no de um adulto.

Permitindo-se levar a sério e compreender cada palavra, cada fantasia, cada mentira (verdade esquecida, para o poeta Mario Quintana), Freud estava dando um recado para o século: é necessário ouvir as crianças. Assim abria um campo enorme, que segue sendo aberto. Cem anos depois, começamos a ouvir melhor em algumas casas, escolas ou consultórios.

Para o psicanalista Sigmund Freud, não havia mentira no discurso do *Pequeno Hans*. Para o poeta Mario Quintana (1981), também não. Enquanto Hans esteve livre das zonas de conflito, conseguiu se expressar sem maiores contradições. Uma vez instalado o sofrimento, surgiram discrepâncias entre o que dizia e o que fazia, devido às dificuldades do conteúdo inconsciente e da relação com os pais. Freud acrescentou que ocorria o mesmo na análise do adulto. Ele estava compreendendo que há uma criança dentro de um adulto. Não confiar na expressão dos menores equivale, portanto, a não confiar nos maiores. A ser surdo para a vida e para todos os que estão nela. Freud ouvia muito bem.

Depois reconheceu que, durante a análise, Hans foi apresentado a novos pensamentos a partir do que era capaz de expressar. Também aqui equiparou o tratamento da criança ao do adulto. Assegurou que a Psicanálise não é uma “investigação científica imparcial”; ela utiliza idéias para reconhecer e compreender o material inconsciente. Alguns pacientes precisam mais ou menos

dessas idéias. Freud aprofundou o tema: é a entrada de outra pessoa, no mundo interno da criança, que pode fazer a neurose sair. Hoje podemos dizer o mesmo de outra forma: o que cura é o encontro.

A idéia de Freud era contundente. Sublinhava o caráter subjetivo de uma análise, o que o tempo só aprofundou, reafirmando. A técnica mudou, mas a importância do encontro ainda é a mesma.

Assim, em nossa própria discussão, agora, é possível pensar que a maior mudança não foi nos conteúdos expostos por Freud. E sim na forma, revista pelos psicanalistas que o sucederam, inspirados em suas idéias. É possível dizer que hoje se brinca mais do que se fala diretamente. E incluímos os pais, não apenas como porta-vozes do material de seus filhos, mas como protagonistas da cena-analítica. Freud foi precursor nisso também, embora o tenha feito mais com o pai. Pode ter sido considerado mero supervisor do caso como para alguns de seus leitores (Borgogno, 2006). Mas à nossa leitura transcendeu esse papel, e o que nos guia são os efeitos clínicos. Freud alterou a forma como os pais de Hans o representavam; modificou o relacionamento pais e filho. Não há análise de criança que não o almeje ainda hoje, buscando o apoio da família.

Retomando o tema da sugestão, Freud considerou a espontaneidade de Hans, que se aproximou dos temas sexuais e do parto através das vias excretórias. As fantasias do complexo de castração, como a do bombeiro no final do caso, também não estariam atreladas à sugestão.

A leitura e as releituras permitem pensar que Freud estava certo nesse ponto. De fato, o pai podia encharcar o filho com perguntas. Mas observamos que Freud não encharcava o pai com comentários. Eles são mais dirigidos ao leitor que ao paciente. A relação entre o analista e o pai é marcada pela escuta. E há muito de atualidade em considerar a análise suficientemente boa como aquela que não é um exercício do saber, mas sim o acompanhamento e a acolhida do que é espontâneo, autêntico, (re)construindo uma capacidade de se relacionar. O mesmo princípio pode valer para a educação e a parentalidade. Freud tentou não interferir, não atrapalhar, na grande arte dos tratamentos contemporâneos. Somos discretos acolhedores de uma história, que é co-construída ou tecida com o paciente durante o encontro terapêutico.

No final desse trecho, houve uma passagem peculiar. Freud afirmou que poderia aprofundar a tese de que não houve sugestão e que Hans pôde ser espontâneo. Aí disse que não o faria, ciente de que só poderia convencer aqueles que já estão convencidos da “realidade objetiva do material patogênico inconsciente” (obra citada, p. 98). Entramos nessa. Também não queremos convencer ninguém. Já antes da discussão, guardamos a liberdade de pensar sobre

a análise. Não há outra forma – sugeriu Freud – de valorizar um encontro. Também pensamos que não fomos feitos para a imposição de opiniões, convencimentos. O crescimento ou o efeito terapêutico parece vir de outras fontes como a sintonia, a empatia, a compreensão, a abertura de espaços narrativos. Do afeto.

Em seguida, Freud voltou a historiar o ocorrido. Retomou o começo, marcado pelo interesse de Hans por pipis. Era o que lhe permitia pensar a diferença entre os seres animados e os inanimados (Freud, 1909; 1923). Hans havia negado a diferença na irmã. Para Freud, foi como negar a possibilidade de ter o próprio pipi arrancado. O imbróglio aumentou com as ameaças da mãe em cortar seu pênis, que ele agora gostava de manipular. Freud evocou Adler na associação entre o prazer da descoberta do próprio órgão sexual e o desejo de olhar o dos outros (escopofilia). Isso valia para Hans e vale para as outras crianças, basta olhar como gostam de olhar. Hans desejava olhar e ser olhado, e os sonhos o confirmavam. Hans realizava-se livremente. Seu único pesar era não ter podido comparar o seu pipi com o de seus pais, a quem desejava ver nus. Hoje isso é mais permitido, mas o resultado não é melhor. Para Freud, o ego é o padrão com que medimos o mundo externo. O método que utilizamos é a comparação. Não vendo o pipi de sua mãe, imaginava-o grande como o de um cavalo; e se tranquilizava com a ideia de que o seu cresceria, concentrando em seus genitais o desejo (da criança) de crescer. Psicanalistas posteriores a Freud retomaram esse tema fundamental da infância, compreendido já a partir de Hans: não é fácil se sentir menor, dependente, vulnerável. Os contos tradicionais e suas tramas de finais felizes fornecem grande esperança aos pequenos; afinal, transmitem a ideia de que se o *Pequeno Polegar* ou os *Três Porquinhos* puderam se sair bem, a criança também poderá (Bettelheim, 1976).

Freud centrou a discussão em suas próprias teorias. Focado nelas, sublinhou as passagens em que Hans sentia prazer nas zonas genitais e excretórias. Freud observou a retomada do tema, na fantasia final, em torno do prazer que o menino experimentava ao se imaginar limpando seus filhos; e fez aqui uma suposição importante e atual: presumiu que Hans deve ter experimentado bastante prazer ao ser cuidado pela mãe, quando bebê. A ressalva nos parece essencial para reafirmar a noção de sexualidade para Freud, que é ampla e inclui as mais remotas atividades humanas como ser limpo, ser cuidado, ser amamentado. Trata-se da sustentação ou o *holding* de Winnicott (1965). Há prazer nas interações e, já na contemporaneidade, esse prazer às vezes ainda é negado.

Outro ponto importante refere-se à valorização dos primeiros cuidados e a ideia, já implícita em Freud, de que um bebê não existe sozinho. Ele sustentava

verão, com as sucessivas idas e vindas de seu pai. Mais tarde, morando em Viena, o desejo voltou-se para querer esse pai longe ou pior (melhor) ainda, morto. O medo originava-se do desejo parricida e fora desfeito, segundo Freud, durante a conversa em seu consultório. Fora desfeito quando nomeado. Podemos hoje discutir a técnica. Mas que um nome bem sentido e bem dado desfaz um medo ou um sintoma, isso não se discute e é atual. Basta olhar o dia a dia dos consultórios, casas e escolas, onde falar é melhorar, e o isolamento oprime, paralisa. A Psicanálise talvez seja um dos mais preciosos guardiões desse espaço.

Falando em nomes, Freud nomeou alguns aspectos ausentes na descrição do caso. Um dos que consideramos importantes é a impressão sobre o caráter da criança. Ele considerava Hans um bom caráter. O pai o descreveu como preocupado com os outros, sensível à tristeza alheia. Hans é descrito como uma criança capaz de ter empatia, porque a recebeu. E, assim, tornou-se provido de intersubjetividade e, portanto, rico em saúde mental (Fonagy, 2001). Tornou-se, enfim, menos vazio e mais capaz de regular os seus afetos. Hoje se busca isso desesperadamente, e aqui somos nós que estamos nomeando a partir de Freud. Para o psicanalista Albert Ciccone (2007), por exemplo, implicar-se com o outro é mais terapêutico do que explicar seja o que for. No caso de Hans, a implicação de pai e analista pode ter superado as interpretações ou explicações. Franco Borgogno, em artigo específico sobre Hans, exalta as “qualidades afetivas da interpretação” e o quanto a “busca do encontro” superou as teorias subjacentes a esse caso (Borgogno, 2004). Nos casos posteriores, também. O mesmo autor sustenta a hipótese de que Freud aprendera com um fracasso anterior, no atendimento à jovem adolescente Dora, que abandonou a análise quatro meses depois. De fato, Freud mostrara-se bem mais intrusivo em suas interpretações à Dora, sem o cuidado de dar tempo à paciente, como pediu ao pai de Hans (Freud, 1905; Schoenewolf, 1997). Vivendo, encontrando e aprendendo, Freud já era um gato escaldado capaz de olhar os próprios medos e aprender com eles.

Nada disso – avançava Freud – impediu que o sadismo de Hans se expressasse no desejo de bater em cavalos ou mesmo em seu pai, a quem queria beijar logo em seguida. Haja ambivalência em ser humano! Freud o compreendeu como manifestações do conflito edípico, ou a dificuldade de amar e odiar a mesma pessoa. São certas as palavras sobre a ambiguidade que compete a nós humanos. Somos feitos de pares contrários, observava Freud. Se assim não fosse – complementou –, não haveria espaço para o par formado pela repressão e a neurose.

Ora, aqui pensamos nos contos infantis, metáforas competentes do funcionamento psíquico e da Psicanálise. E dos quais Freud reconheceu o valor em suas obras, incluindo essa (Freud, 1913a e 1913b). Os contos representam a

ambiguidade nos pares contrários de nossas vidas como o bem e o mal, a agressividade e a ternura, o amor e o ódio, a vida e a morte. Talvez por isso sejam instrumentos tão benéficos para o desenvolvimento emocional das crianças. Os contos, contraditórios, nos representam, e representar é preciso (Propp, 1928).

Freud também valorizou novamente o nascimento de Hanna, quando Hans tinha três anos e meio. Acreditou que observar um bebê sendo cuidado reavivara a sensação de prazer e a curiosidade sexual do menino. Daí a influência em seu desenvolvimento psicosssexual, base da teoria de Freud.

Mas Freud não esqueceu o ambiente nem os demais afetos. Pode não ter sido explícito como alguns de seus sucessores, mas reconheceu que o nascimento de um irmão significa um evento estressante para a criança. No caso de Hans, sentiu-se privado e separado de sua mãe, impelido a ter de dividir o amor por ela. Freud reconheceu ali outra fonte de repressão, que era a hostilidade pela irmã, sentida como uma “representação incompatível” (Freud e Breuer, 1893; Freud, 1894 e 1896). Traduzindo, a escolha da neurose vinha de preferir experimentar um sintoma a reconhecer o desejo de que Hanna caísse no banho e morresse. Era muito ódio para uma só criança: ódio do pai e da irmã, os dois rivais no amor pela mãe.

Freud entendeu a fantasia final como a soma triunfante desses dois desejos. Afinal, Hans agora estava casado com a mãe e fez com ela muitos bebezinhos como Hanna.

Gostaríamos de destacar, cem anos depois, que Hans se tornara capaz de tecer um discurso ou construir uma (outra) história dos seus desejos malogrados. Dessa forma, já não havia malogro. Cantava e espantava seus males como canta a sabedoria popular, valorizada por Freud e por nós, cem anos depois.

Conclusões

Freud também foi um pioneiro no atendimento psicanalítico a crianças. Por mais que a abordagem tenha sido indireta, ou através do pai de Hans, ali foram lançadas as bases do que hoje se oferece a uma criança. Freud seguiu recebendo duras críticas também sobre esse caso (Borgogno, 2004), com a idéia de que foi incapaz de observar o conflito parental e de que Hans, adulto, não teria sido um modelo de saúde mental.

De fato, a evolução da Psicanálise infantil permite-nos não replicar o tratamento oferecido a Hans. Desde Anna Freud e Melanie e Klein, os atendimentos

são diretos. Desde Winnicott, são lúdicos. Mas se Freud era capaz de rever suas próprias teorias, por que não o seríamos passado um século?

Além disso, Herbert Graf ou o Pequeno Hans tornou-se um produtor de ópera, criativo, sonoro, musical (Major e Talagrand, 2007). E nossa hipótese, nesse breve tema livre, é a de que Freud pode ter utilizado uma técnica hoje defasada. Afinal, não deixaríamos de ver a criança, tampouco a encharcávamos com teorias sexuais ou não-sexuais. No entanto, passagens aqui apontadas e tantas outras descritas nesse longo caso permitem-nos pensar que Freud aproximou o pai do filho (sendo um terceiro), abriu espaço para a intersubjetividade, para a construção de uma história, de um discurso, uma metáfora. E lançou sementes do que ainda hoje cresce como novas dimensões possíveis a uma Psicanálise que, assim como o seu objeto de estudo, não cessa de se renovar. □

Referências

- ABERASTURY, A. (1989). *Psicanálise da criança – teoria e técnica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. (1994). *MINI DSM-IV. Critères diagnostiques (Washington DC, 1994)*, Paris: Masson, 1996.
- BETTELHEIM, B. (1976). *Psychanalyse des contes de fées*. Paris: Robert Laffont.
- BORGOGNO, F. (2004). *O caso clínico do pequeno Hans como artigo de técnica*, In: *Psicanálise como percurso*, Rio de Janeiro, Imago.
- _____. (2006). El «Pequeno Hans» revisado: homenaje a “un hombre invisible”. *Psicoanálisis APdeBA*, v. 28, n. 1, p. 45-63.
- BRAZELTON, T. B. (1990). *Ouvindo uma criança*. São Paulo: Martins Fontes.
- CICCONI, A. (2007). *Naissance à la pensée et partage d'affects*. In: Colóquio “Vínculos tempranos, clínica y desarrollo infantil”, Montevideo, agosto de 2007.
- FONAGY, P. (2001). *Théorie de l'attachement et psychanalyse*. Ramonville Saint-Agne: Éditions érès, 2004.
- FREUD, S.; BREUER, J. (1893). Estudos sobre a histeria. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- FREUD, S. (1894). As neuropsicoses de defesa. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- _____. (1896). Observações adicionais sobre as psicoses de defesa. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- _____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- _____. (1909). Duas Histórias Clínicas (o “Pequeno Hans” e o “Homem dos Ratos”). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- _____. (1913a). Matériaux des contes dans les rêves. In: _____. *Résultats, idées et problèmes*. Paris: Puf, 1984.
- _____. (1913b). Le Motif du Choix des Coffrets. In: _____. *L'inquiétante étrangeté et autres essais*. Paris: Gallimard, 1985.

- _____. (1923). A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- _____. (1927). L'humour. In: _____. *L'inquiétante étrangeté et autres essais*. Paris: Gallimard, 1985.
- GUTFREIND, C. (2008). *As duas análises de um caso de fobia em um menino de cinco anos – O Pequeno Hans – A Psicanálise da infância ontem e hoje*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- LAPLANCHE, J. (1998). *Problemáticas I – A angústia*. São Paulo: Martins Fontes.
- MAJOR, R.; TALAGRAND, C. (2007). *Freud – Biografia*. Porto Alegre: L&PM.
- MELTZER, D. (1989). *O desenvolvimento kleiniano I – Desenvolvimento clínico de Freud*. São Paulo: Escuta.
- PROPP, V. (1928). *Morphologie du conte*. Paris: Seuil, 1970.
- QUINTANA, M. (1981). *Nova antologia poética*. Rio de Janeiro: Pasquim.
- SCHOENEWOLF, G. (1997). The Oedipus Complex – Sigmund Freud and Little Hans. In: _____. *Turning points in analytic therapy – the classic cases*. Londres: Jason Aronson.
- WINNICOTT, D. W. (1965). *Los procesos de maduración y el ambiente facilitador – estudios para una teoría del desarrollo emocional*. Buenos Aires: Paidós, 1993.

Pulsão: caminhos e descaminhos na construção de um conceito freudiano

Heloiza Cabral Vargas

Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro

O presente trabalho tem como objetivo o estudo teórico do conceito de pulsão. Para tal tarefa foi necessário, num primeiro momento, esclarecer a terminologia usada por Freud e distinguir os termos pulsão e instinto. No capítulo que se segue foi feita uma trajetória histórica para percorrer os caminhos dos pensamentos de Freud e compreender melhor a construção teórica deste conceito.

Introdução

A partir dos seminários assistidos, no segundo ano de formação, interessei-me por pesquisar e entender melhor o conceito de pulsão. Como o próprio Freud afirma, pulsão possui um dos fundamentais conceitos metapsicológicos da Psicanálise e também o mais obscuro. Por essa razão, escolhi o tema para estudo. Não tenho pretensão de esgotá-lo, pois ele é um assunto para muitas discussões. Tentarei fazer uma trajetória histórica desse conceito para uma melhor compreensão da sua definição e características. Entretanto, discutirei, em primeiro lugar, um pouco sobre a terminologia, pois acho importante termos a clareza do que realmente está sendo dito por Freud.

Capítulo I: Terminologia e Definição

O primeiro ponto a ser discutido é sobre a terminologia. Vários estudos foram feitos acerca do termo utilizado por Freud. Roudinesco e Plon, em seu *Dicionário de Psicanálise* (1998), escrevem que “a escolha da palavra pulsão para traduzir o alemão *Trieb* correspondeu à preocupação de evitar qualquer confusão com instinto e tendência. Essa opção correspondia à de Sigmund Freud, que, querendo marcar a especificidade do psiquismo humano, preservou o termo *Trieb*, reservando *Instinkt* para qualificar os comportamentos animais. Em alemão como em francês ou português, os termos *Trieb* e pulsão remetem, por sua etimologia, à idéia de um impulso, independentemente de sua orientação e seu objetivo”.

Laplanche e Pontalis (1986), no *Vocabulário de Psicanálise*, acrescentam ainda que “na língua alemã existem os dois termos *Instinkt* e *Trieb*. O termo *Trieb* é de raiz germânica, de uso muito antigo, e conserva sempre a tonalidade de impulso (*treiben* = impelir)... .. Em Freud, encontramos os dois termos em acepções nitidamente distintas. Quando Freud fala de *Instinkt* qualifica um comportamento animal fixado por hereditariedade, característico da espécie, pré-formado no seu desenvolvimento e adaptado ao seu objeto.”

Portanto, as definições de pulsão e instinto em Freud são distintas. Pulsão significa, segundo Laplanche e Pontalis (1986), um “processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz tender o organismo para um alvo”. Eles ainda complementam a definição, dizendo que “segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado

de tensão); o seu alvo é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir o seu alvo”. Para o conceito de instinto, os mesmos autores dão outro significado. Para eles, quer dizer um “esquema de comportamento herdado, próprio de uma espécie animal, que pouco varia de um indivíduo para outro, que se desenrola segundo uma sequência temporal pouco susceptível de alterações e que parece corresponder a uma finalidade” (Laplanche e Pontalis, 1986, p. 314).

Capítulo II: A Trajetória Histórica

Do início da obra de Freud até 1905, o termo pulsão (*Trieb*) quase não aparecia em seus textos. Quando utilizado, era de forma tímida, com noções de contornos maldefinidos e pouca clareza. Garcia-Roza (2004), em seu livro *Introdução à Metapsicologia Freudiana*, faz uma pesquisa muito interessante sobre a questão terminológica nesses textos iniciais de Freud. Ele percebe que “Freud muito frequentemente utilizava substitutivamente os termos pulsão (*Trieb*), excitação pulsional (*Triebregung*), moção de desejo (*Wunschregung*), estímulo pulsional (*Triebreiz*), excitação (*Erregung*) e outros mais”; dificultando, assim, o rastreamento da origem do conceito. Porém, Garcia-Roza (2004) nota que mesmo com toda a imprecisão terminológica, Freud em nenhum momento empregou os termos pulsão (*Trieb*) e instinto (*Instinkt*) como sinônimos.

O desenvolvimento da teoria da pulsão dividiu-se em algumas fases principais. Na primeira, aproximadamente entre 1894 e 1911, Freud aceitava uma distinção, com bases na biologia, entre a pulsão de autopreservação e as pulsões sexuais. A primeira, dirigia-se à preservação do indivíduo e a segunda, à preservação da espécie.

A partir do material clínico das análises de seus pacientes, Freud percebe que a sexualidade tinha uma importância muito grande na etiologia das neuroses. Por isso, ele foi levado a estudar as aberrações, as perversões sexuais e as origens da sexualidade, ou seja, a sexualidade infantil. Com esses estudos, em 1905, Freud escreveu “Os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, e foi nessa descrição da sexualidade humana que Freud delineou a noção de pulsão.

No texto dos “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” (1905), Freud faz uma primeira definição do conceito de pulsão. Ele diz o seguinte: “Por pulsão deve-se entender provisoriamente o representante psíquico de uma fonte endossomática e contínua de excitação em contraste com um “estímulo”, que é estabelecido por excitações *simples* vindas de *fora*. O conceito de pulsão é assim

um dos que se situam na fronteira entre o psíquico e o físico. A mais simples e mais provável suposição sobre a natureza das pulsões pareceria ser que, em si, uma pulsão não tem qualidade, e no que concerne à vida psíquica deve ser considerada apenas como uma medida da exigência de trabalho feita à mente. O que distingue as pulsões uma das outras e as dota de qualidades específicas é sua relação com suas fontes somáticas e seus objetivos. A fonte de uma pulsão é um processo de excitação que ocorre num órgão e o objetivo imediato da pulsão consiste na eliminação desse estímulo orgânico” (Freud, 1905, p. 171).

Garcia-Roza (2004) faz uma observação muito interessante a respeito da construção da teoria da pulsão, dizendo que, desde o momento em que Freud produziu o conceito de pulsão sexual, ele deixou um lugar para o não-sexual, apesar da dificuldade que teve inicialmente em nomeá-lo. No seu artigo de 1910, “A Perturbação Psicogênica da Visão Segundo a Psicanálise”, parece que essa dificuldade desaparece quando Freud distingue, finalmente, as pulsões sexuais das pulsões de autoconservação: ...“Do ponto de vista de nossa tentativa de explicação, uma parte extremamente importante é desempenhada pela inegável oposição entre as pulsões que favorecem a sexualidade, a consecução da satisfação sexual e as demais pulsões que têm por objetivo a autopreservação do indivíduo – as pulsões do ego”... (Freud, 1910, p. 199).

Durante o período de 1911 a 1914, o desenvolvimento da teoria da pulsão passa por uma nova fase. No texto “Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Psíquico”, de 1911, Freud divide os dois grupos de pulsões conforme a modalidade de funcionamento do aparelho psíquico, ou seja, as pulsões sexuais encontram-se sob o domínio do princípio do prazer e as pulsões do ego ficam a serviço do princípio de realidade.

Já em 1914, com o surgimento do conceito de narcisismo, o dualismo defendido por Freud entre pulsões sexuais e pulsões do ego fica ameaçado. Ele descreve neste conceito que as pulsões sexuais retiram a libido investida nos objetos e volta-se para o próprio eu, constituindo, assim, a libido narcísica. Ou seja, o eu torna-se objeto de investimento das pulsões sexuais. Vale lembrar que Freud faz uma diferenciação da energia dessas pulsões. A energia da pulsão sexual é a libido, enquanto a energia enviada pela pulsão do ego denomina-se “interesse”. Com esse novo conceito introduzido, o próprio eu transforma-se em objeto de investimento libidinal, o que corresponde a uma sexualização do eu, perdendo o sentido essa distinção feita por Freud entre as pulsões sexuais e pulsões do ego, já que estas últimas são entendidas como não-sexuais. Mas, para não abrir mão do seu ponto de vista defendido, Freud encontra uma solução. A decisão tomada foi distinguir entre libido do eu (narcísica) e libido objetual, isso é, “a possibilidade

da libido tomar como objeto de investimento a própria pessoa ou um objeto exterior, ressaltando o fato de que tanto num caso como noutro trata-se de libido, portanto, de pulsões sexuais. As pulsões de autoconservação ou pulsões do ego continuam tendo como energia de investimento o interesse” (Garcia-Roza, 2004, p. 103).

No início de seu artigo “As Pulsões e seus Destinos” (1915), Freud deixa claro que depois de anos de estudos, o conceito de pulsão continua sendo fundamental para a Psicanálise, mas ainda permanece na obscuridade. Nesse texto, ele descreve que talvez tenha chegado à hora de defini-los melhor e que vai tentar dar um conteúdo ao conceito de pulsão, abordando-o por diversos ângulos. No primeiro momento e do ponto de vista da fisiologia, ele questiona qual a relação da pulsão com o “estímulo” e afirma que “uma pulsão é um estímulo aplicado à mente” (Freud, 1915, p. 138). Entretanto, ele previne que não se deve igualar pulsão e estímulo mental, explicando que existem outros estímulos à mente, além dos pulsionais, e que seriam mais fisiológicos.

Após essa explanação, Freud diferencia entre estímulos pulsionais e outros estímulos ditos fisiológicos que atuam na mente. Um estímulo pulsional ou pulsão surge de dentro do próprio organismo e não como o “estímulo” que surge do mundo exterior. Sendo assim, a sua fonte de estimulação é interna e não tem como fugir, diferentemente do estímulo externo que para evitá-lo basta uma única ação conveniente: a fuga motora. Uma pulsão atua como uma força constante, enquanto o estímulo atua como uma força que imprime um impacto momentâneo.

Num segundo momento do texto “As Pulsões e seus Destinos” (1915), Freud faz uma nova consideração sobre a vida mental. Ele descreve que “uma pulsão nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam à mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo” (Freud, 1915, p. 142).

A partir dessas descrições, Freud acha-se em condições de examinar e enumerar as características da pulsão. São quatro e ele as define da seguinte forma:

1) Pressão ou força (Drang) – É a essência da pulsão e o motor da atividade psíquica.

2) Finalidade ou alvo (Ziel) – É sempre a satisfação. Ela só pode ser obtida eliminando-se o estado de estimulação na fonte da pulsão. Apesar de a finalidade da pulsão ser sempre imutável, poderão existir caminhos diferentes que a leve a mesma finalidade última, ou seja, a satisfação. Essas são chamadas finalidades

intermediárias. Também existem pulsões que são inibidas em sua finalidade, mas se supõe que a satisfação ocorra parcialmente nesses casos.

3) Objeto (Objekt) – É a coisa em relação à qual ou através da qual a pulsão é capaz de atingir sua finalidade. É variável, não está ligado à pulsão e só lhe é destinado por ser adequado a tornar possível a satisfação. Não existe um objeto predeterminado. Não é necessariamente estranho, pois pode ser parte do próprio corpo do indivíduo. Podem ser modificados quantas vezes for necessário no decorrer das vicissitudes que a pulsão sofre durante a sua existência.

4) Fonte (Quelle) – É o processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo, cuja excitação é representada na vida mental pela pulsão.

Além das características da pulsão, Freud também descreve nesse artigo as várias vicissitudes pelas quais as pulsões passam no processo de desenvolvimento e no decorrer da vida. Ele deixa claro que está falando das pulsões sexuais e que as observações lhe mostraram que a pulsão sexual pode passar pelas seguintes vicissitudes ou destinos: a reversão a seu oposto, o retorno em direção ao próprio eu (self) do indivíduo, o recalque e a sublimação.

A reversão ao seu oposto pode acontecer de duas maneiras: como uma reversão das finalidades, ou seja, uma mudança da atividade para a passividade, ou como uma reversão de seu conteúdo. Têm-se como exemplos do primeiro processo os pares de opostos sadismo-masquismo e escopofilia-exibicionismo. A finalidade ativa de torturar e olhar é substituída pela finalidade passiva de ser torturado e olhado. No segundo processo, encontra-se o exemplo isolado da transformação do amor em ódio.

Na segunda vicissitude, o retorno de uma pulsão em direção ao próprio eu (self) do indivíduo, Freud vai dizer que “o masquismo é, na realidade, o sadismo que retorna em direção ao próprio ego do indivíduo, e de que o exibicionismo abrange o olhar para o seu próprio corpo” (Freud, 1915, p. 148). Portanto, a essência desse processo é a troca do objeto, enquanto a finalidade não foi alterada.

O recalque, a terceira vicissitude enumerada por Freud, foi examinado em um artigo à parte. Mas, a fim de citação e esclarecimento, decidi por usar o que Laplanche e Pontalis definiram como recalque: “operação pela qual o indivíduo procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão. O recalque produz-se nos casos em que a satisfação de uma pulsão – susceptível de por si mesma proporcionar prazer – ameaçaria provocar desprazer relativamente a outras exigências” (Laplanche e Pontalis, 1986, p. 552). Em suma, o recalque é o destino mais importante de uma pulsão, é o pilar fundamental sobre o qual descansa o edifício da Psicanálise. Não mais, essa definição é suficiente para o que o trabalho propõe a esclarecer.

Freud não desenvolve em seu artigo a quarta e última vicissitude, a sublimação. Como sabemos, parece ser um dos artigos metapsicológicos extraviados. Porém, no texto “Introdução ao Narcisismo” (1914), ele nos fornece uma definição mais clara sobre o assunto: “A sublimação é um processo que diz respeito à libido objetual e consiste no fato de a pulsão se dirigir no sentido de uma finalidade diferente e afastada da finalidade da satisfação sexual; nesse processo, a tônica recai na deflexão da sexualidade” (Freud, 1914, p. 111). Portanto, a sublimação não é uma exclusão da satisfação, mas uma das modalidades possíveis de satisfação.

Freud manteve esse dualismo pulsional entre pulsões do ego e pulsões sexuais, apesar da fragilidade, até 1920, quando a teoria das pulsões sofre uma mudança radical. A partir das observações de fatos cotidianos como a brincadeira de seu neto (o Fort-Da), os sonhos, as neuroses traumáticas (de guerra) e as neuroses de transferência, Freud percebe que existia uma compulsão à repetição de situações dolorosas, réplicas de experiências antigas. Portanto, “se essas formas de compulsão à repetição eram realmente o aspecto assumido pelo retorno do recalque, era impossível sustentar que obedecessem unicamente à busca do prazer: com efeito, restava uma espécie de resíduo que escapava a essa determinação, um ‘mais-além do princípio de prazer’” (Roudinesco e Plon, 1998, p. 657).

Sendo assim, Freud aprofundou-se nas suas reflexões e de forma especulativa desenvolveu a hipótese de que essa força pulsional repetitiva da dor (compulsão à repetição) é uma impossibilidade de escapar a um movimento de regressão, seja ela prazerosa ou não. Ele vai explicar esse movimento regressivo através da existência de uma tendência para o retorno à origem, ao estado de repouso absoluto, ao estado de não vida, àquele estado anterior à vida que pressupõe a passagem pela morte. Surge daí o conceito de pulsão de morte, que até os dias de hoje traz muita polêmica e vastas discussões.

Com essa descoberta, Freud reformulou a teoria das pulsões e propôs um novo e definitivo dualismo entre as pulsões de vida (onde se reúne as pulsões sexuais e as pulsões do ego) e as pulsões de morte. Ele também preserva e reafirma que a libido é a energia da pulsão sexual e não a energia do psiquismo.

Conclusão

Durante toda a construção desse trabalho pude perceber o quão difícil é elaborar uma teoria, principalmente aquelas que são referentes ao psiquismo dos seres humanos. Freud foi um vitorioso! Apesar de todos os percalços, contradições,

obstáculos, etc..., ele conseguiu desenvolver uma teoria que pudesse compreender a natureza das forças participativas num conflito mental. A teoria das pulsões nos mostra isso claramente. Porém, essa teoria foi construída durante toda a obra freudiana.

Poderíamos dizer que essa construção teórica divide-se em dois momentos. O primeiro momento, que chamamos de 1ª tópica, foi o período no qual Freud defendeu o tempo todo o dualismo entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação apesar das contradições. Em 1920, Freud dá uma grande virada na teoria psicanalítica e formula a 2ª tópica. A mudança também acontece no que se refere à teoria das pulsões. Ele escreveu o texto “Além do Princípio de Prazer” (1920), que é um marco dessa mudança, onde ele desenvolve o conceito de pulsão de morte e propõe um novo dualismo: a pulsão de vida que se caracteriza por ser ruidosa e de numerosas manifestações contra a pulsão de morte que é invisível e silenciosa, o retorno ao inorgânico. □

Referências

- FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. (1910). A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 11. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. (1920). Além do princípio de prazer. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- GARCIA-ROZA, L. (2004). *Introdução à metapsicologia freudiana*. v. 3. Rio de Janeiro: Zahar.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. (1986). *Vocabulário de psicanálise*. 9.ed. São Paulo: Martins Fontes.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

O futuro de uma ilusão e o embate entre mitos e logos

Beatriz Andreiuolo

Instituto de Psicanálise da Associação Psicanalítica Rio-3

O trabalho busca acompanhar as considerações de Freud acerca do sentimento religioso. Além, procura problematizar a restrição da religião a um fundamento psicológico.

O homem contemporâneo racionalizou os mitos, mas não pôde destruí-los. Muitas de nossas verdades científicas, assim como a maior parte das nossas concepções morais, políticas e filosóficas, são apenas novas expressões de tendências que antes encarnaram em formas míticas. A linguagem racional de nosso tempo apenas encobre antigos mitos (Paz, 2006, p. 190)

Quando lemos o índice da lista de volumes na contracapa dos livros da Edição Standard das obras completas de Freud, temos, já aí, a ideia de quão vastos foram os caminhos explorados pelo pai da Psicanálise. Não poderia ser diferente se entendemos que Freud procurava ler pela primeira vez a civilização humana a partir de suas descobertas do funcionamento mental e das leis inconscientes. A essa revisão radical do homem e da cultura não escapou o tema da religião. Assim como em todos os outros assuntos investigados por sua teoria psicanalítica, também na religião Freud buscava um fundamento psicológico.

A tese psicanalítica é a de que teria havido, desde a forma mais antiga de religião, o totemismo, uma motivação psicológica, a projeção de medos e desejos internos no mundo externo. Isso aparece com clareza em *Totem e Tabu* quando Freud imagina um tempo primitivo em que os homens viviam reunidos em pequenas hordas, cada qual submetida ao poder despótico de um pai que se apropriava de todas as fêmeas. Nessa fábula freudiana, os filhos põem fim ao reino da horda selvagem, rebelando-se contra o pai num ato de violência coletiva, e, após matá-lo, comem seu cadáver. Sentem, no entanto, uma mescla de remorso e medo do retorno de seu fantasma e, como medida protetora contra possíveis recaídas do clã, instauram simultaneamente a exogamia – que estipula a renúncia à posse das mulheres que pertençam ao mesmo grupo que eles, ou ao mesmo clã do totem – e o totemismo que estabelece uma ligação entre uma espécie natural (um animal) e o pai assassinado comum a cada clã. Teria havido, assim, a internalização das regras antes impostas por um pai externo. Freud reconhece o totemismo, a exogamia e a proibição do incesto como o tripé que sustenta todas as religiões, em especial o monoteísmo. Nesse contexto o Complexo de Édipo seria a expressão dos dois desejos reprimidos – o desejo do incesto e o desejo de matar o pai – contidos nos dois tabus próprios ao totemismo: a *proibição* do incesto e a *proibição* de matar o pai-totem. Seria, além disso, universal, uma vez que traduz as duas grandes proibições fundadoras de todas as sociedades humanas. Lemos em seu estudo sobre Leonardo da Vinci:

A Psicanálise nos tornou conscientes da íntima conexão entre o complexo-paterno e a crença em Deus, e nos ensinou que o Deus pessoal é psicologicamente nada mais do que um pai magnífico; mostra-nos todos os dias como os jovens podem perder sua fé religiosa tão logo a autoridade paterna entra em colapso. Nós, portanto, reconhecemos a raiz da necessidade religiosa como sendo subjacente ao complexo parental (Freud, 1910, p. 92).

Em 1927, mais de uma década depois de ocupar-se com as origens da religião, Freud escreve *O Futuro de uma Ilusão*. Aqui tratava-se, como o título indica, de uma mirada não para os primórdios das idéias religiosas, mas para sua natureza e futuro. Há, além disso, uma teoria da relação entre natureza e cultura. Quase sempre imposta à massa dos homens por uma minoria esclarecida, a cultura instaura um sistema de coerções destinado a favorecer a renúncia instintual. É que os homens devem lidar com dois perigos, os internos – provenientes de seus desejos proibidos e fomentados pelos instintos de vida e de morte; e os externos – as dificuldades que lhes são impostas pela natureza e pelo mundo humanamente organizado. A marca distintiva da civilização aparece justamente na oposição entre homem e mundo natural, uma oposição criada pelo homem através da sua capacidade de superar sua condição simplesmente animal. Freud entende que as restrições culturais erigidas por cada comunidade são o preço para que haja mínima harmonia no convívio humano:

Foi precisamente por causa dos perigos com que a natureza nos ameaça que nos reunimos e criamos a civilização, a qual também, entre outras coisas, se destina a tornar possível nossa vida comunal, pois a principal missão da civilização, sua *raison d'être* real, é nos defender contra a natureza (p. 26).

De todos os fenômenos e catástrofes naturais, há aquele enigma último que foge inteiramente ao controle humano, a morte “contra a qual remédio algum foi encontrado e provavelmente nunca será” (Freud, 1927, p. 27). Seria a finitude humana, então, o lembrete cotidiano da cruel inexorabilidade da natureza, seria ainda o cerne de nossa fraqueza e desamparo de que pensávamos ter fugido através do trabalho de civilização.

O homem vê-se, assim, numa situação difícil. Deve ser capaz de conciliar suas exigências instintuais com restrições em prol da civilização e ainda superar os golpes da natureza indomada, esta, chamada por Freud de Destino. Contra as privações impostas pela cultura o homem pode rebelar-se, adoecer, resistir... mas e contra os infortúnios do Destino, o que pode o homem? Pode emprestar à natureza

características humanas de maneira que tente lidar com o incontrolável como lida com aquilo com que possui ao menos a mínima intimidade, sua própria psique. Essa é a tese freudiana: as idéias religiosas são projeções dos desejos e medos humanos em Seres sobrenaturais que, uma vez humanizados, passam a habitar comportamentos não mais desconhecidos ou inexplicáveis, mas a agir e reagir como se fossem dotados de uma Vontade humana.

Contra esses violentos super-homens externos podemos aplicar os mesmos métodos que empregamos em nossa própria sociedade; podemos tentar conjurá-los, apaziguá-los, suborná-los e, influenciando-os assim, despojá-los de uma parte de seu poder. Uma tal substituição da ciência natural pela psicologia não apenas proporciona alívio imediato, mas também aponta o caminho para um ulterior domínio da situação (ibid., p. 28).

O alívio a que Freud se refere tem, na verdade, outro nome: ilusão. Com isso ele não quer dizer que a religião seja um erro, mas que ela não retira sua força nem da experiência real, nem do pensamento, e sim de antigos desejos humanos. O desamparo infantil desperta a necessidade de proteção proporcionada primeiro pela mãe, depois, e de forma mais permanente, pelo pai. Tal desamparo, no entanto, nunca é completamente aplacado, perdura através da vida e, por isso mesmo, a saída humana diante de um sentimento terrificante como esse foi aferrar-se à existência de um pai muito poderoso, Deus.

O caráter ilusório da religião reside também na impossibilidade de comprovação de seu conteúdo. Por isso mesmo, chamamos, como afirma Freud, “uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação e, assim procedendo, desprezamos suas relações com a realidade, tal como a própria ilusão não dá valor à verificação” (Freud, 1927, p. 44). Contra todas as evidências do mundo fenomênico, os homens insistem em acreditar em ideias que se não podem ser refutadas tampouco podem ser comprovadas.

Refutação, comprovação, verificação. Essas palavras tornaram-se critérios para a determinação da verdade a partir da ciência moderna. De fato, é sempre atravessado por uma preocupação racionalista que Freud olha e se aproxima da religião. A questão é que a experiência religiosa não consegue ser definida pelas perguntas da ciência, pelo contrário, é apenas na medida em que escapa às explicações plausíveis que tal experiência passa a merecer seu caráter de mistério.

Ainda assim não podemos negar que a prática religiosa tenha, em nossos dias, caído no vazio. A relação do homem com Deus ficou mais barata, tornou-se mesquinha. A barganha dos homens com os deuses a que Freud se referia em *O*

Futuro de uma Ilusão parece ter tomado completamente o cenário religioso. Também não reconhecemos mais a sinceridade do crente num mundo resolvido pela técnica e explicado pela ciência. De um lado, desconfiamos da ignorância mística que cisma em negar os novos conhecimentos e descobertas, do outro nos assombramos com a investida de um pensamento mecânico que nega tudo o que não esteja em acordo com os critérios científicos.

Essa situação é típica do momento incerto que vivemos, o fim da tradição. Na seara das religiões, esse fim fora anunciado, não por Nietzsche, mas por Hegel que declarou que “o sentimento subjacente à religião na Era Moderna é o sentimento: Deus está morto”. Com isso ele queria dizer não que de fato o Deus morrera, mas que a maneira pela qual ele foi pensado e compreendido durante milhares de anos não é mais convincente. O que está morto é, portanto, o pensamento tradicional sobre Deus. O fim da tradição é o fim de um início que, enquanto vigorou, se não harmonizou o mundo, ao menos manteve com ele um diálogo mais seguro. Entretanto, se o solo para o pensamento é menos firme, antigas certezas talvez pela primeira vez estejam expostas a uma avaliação mais livre, menos apegada aos parâmetros norteadores do passado.

Nesse ponto a visada positivista e evolucionista de Freud sobre a religião não é outra coisa senão uma das tentativas de substituir o Deus místico pelo Deus racional. De toda a forma é ainda a busca de um Deus, e, portanto, de um porto seguro que aplaque o desamparo humano. Se a crise dos preceitos tradicionais nos ensinou alguma coisa foi que as respostas que encontramos para as antigas perguntas já não nos ajudam a compreender nem o mundo, nem a nós mesmos. Talvez isso nos leve a fazer novas perguntas. Perguntas que não tenham como determinação prévia a separação entre o mundo das aparências e o mundo supracensível, ou entre pensamento e religião.

Houve um momento na história do Ocidente em que *mitos* e *logos* não estavam separados, em que a metafísica instaurada por Platão não havia ainda iniciado seu poder sobre o pensamento. Encontramos nessa passagem de Heidegger uma bela oportunidade para uma nova aproximação do nosso problema:

Mythos significa: a palavra eloquente. “Dizer” é para os gregos: tornar manifesto, fazer com que apareça, a saber, a aparição e o que nela, na sua epifania, se consubstancia. *Mythos* é o que se consubstancia no seu próprio dizer: o que aparece no desvelamento do seu apelo. O *Mythos* é o que, primeiro e fundamentalmente a partir do apelo que lhe concerne, convida cada ser humano a pensar no que se consubstancia, no que aparece. *Logos* diz o mesmo; *Mythos* e *Logos* não entram, como as usuais histórias da

filosofia acham, de forma alguma numa oposição devida à filosofia como tal, visto que exatamente os primeiros pensadores da Grécia (Parmênides, frag. 8) utilizam *Mythos* e *Logos* com o mesmo significado; *Mythos* e *Logos* só entram em oposição recíproca lá onde nem *Mythos* nem *Logos* podem conservar a sua essência. Isso aconteceu já em Platão. É um prejulgamento da história e da filologia, saído do racionalismo recente apoiado sobre a base do platonismo, achar que o *Mythos* tenha sido destruído pelo *Logos*. O religioso jamais é destruído pelo lógico senão, unicamente, pelo fato de que o Deus escapa (p. 7).

Deus escapa quando o pensamos em oposição ao real – este entendido como evidência simplesmente material –, quando o opomos ao *Logos*, ao pensamento racional. Parece ainda estranho que tal refutação da religião venha a ser feita nessas bases pelo pai da Psicanálise, justamente a teoria que descreve um desconhecido intangível no homem. Conseguimos comprovar, de acordo com os critérios da ciência contemporânea, a existência do inconsciente? Mas talvez a pergunta deva ser refeita: Precisamos ainda do aval de critérios científicos para acreditarmos na existência do inconsciente?

Nós sabemos que a Psicanálise pode ser um lugar de reconciliação entre *Mitos* e *Logos*. O próprio Freud, em muitos momentos de sua obra, apresentou um pensamento poético sem que isso significasse abrir mão do rigor. De fato, esse rigor pareceu depender da própria poesia, dela surgir e nela aparecer como a face mais nobre de seu pensamento. Isso encontramos em passagens como a que se segue, em que o intelecto não está em oposição à alma, em que a verdade não habita um mundo superior, distante, mas está na linguagem e, nela, se oferece sensivelmente aos homens:

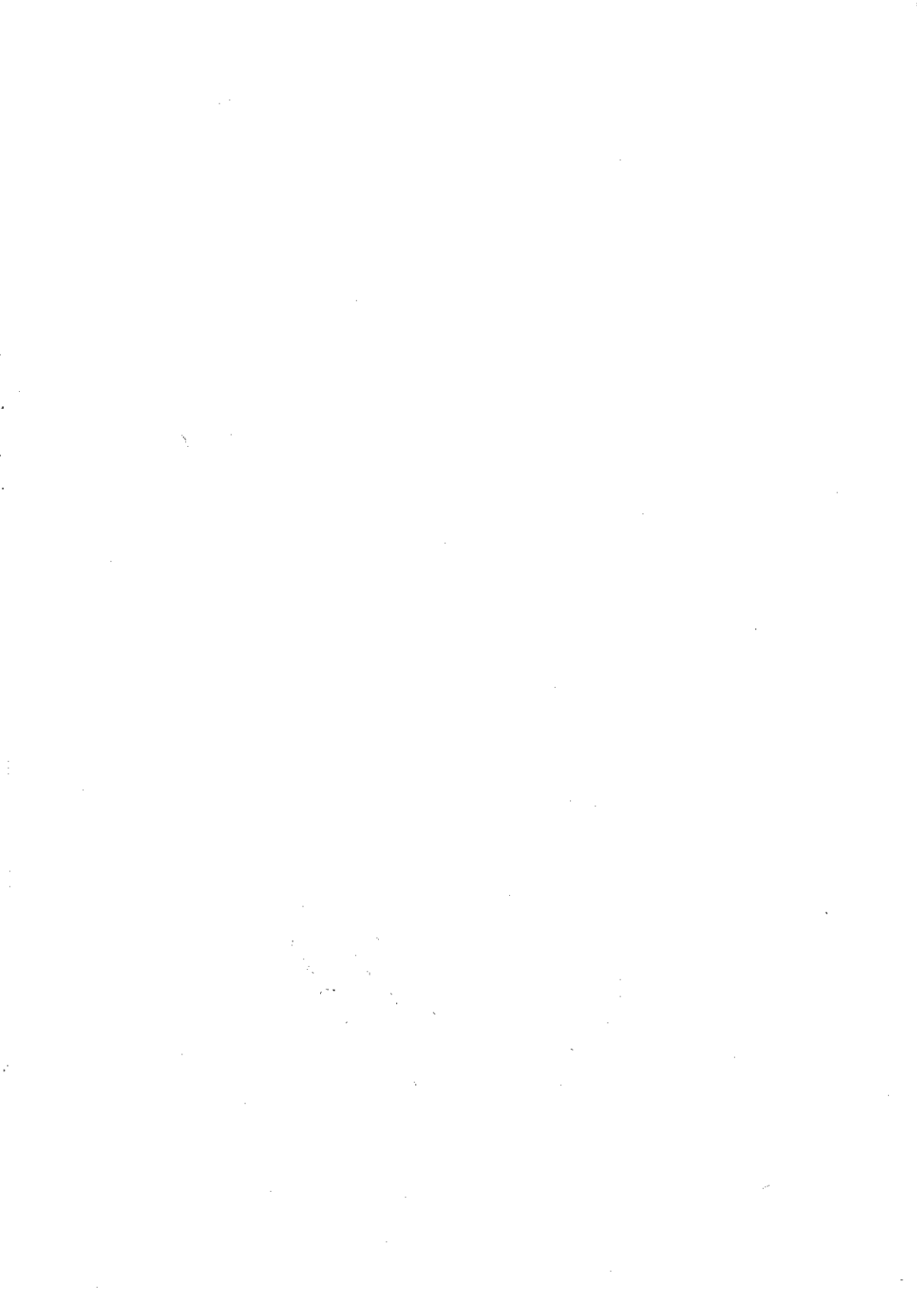
Se nos apoiarmos na prova da linguagem, foi o movimento do ar que proporcionou o protótipo da intelectualidade [*Geistigkeit*], pois o intelecto [*Geist*] deriva seu nome de um sopro de vento – *animus, spiritus*, e o hebraico *ruach* (fôlego). Isso conduziu também à descoberta da mente [*Seele* (alma)] como o princípio intelectual nos seres humanos individuais. A observação encontrou o movimento do ar mais uma vez na respiração dos homens, que cessa quando eles morrem. Até os dias de hoje um homem moribundo “exala o espírito”. Agora, contudo, o mundo dos espíritos jaz aberto aos homens. Eles estavam preparados para atribuir a alma que tinham descoberto em si próprios a tudo na natureza. O mundo todo era animado e a ciência que surgiu mais tarde muito teve que fazer para mais uma vez despir parte do

mundo de sua alma; na verdade, mesmo nos dias de hoje ela não completou essa tarefa (Freud, 1939, p. 137).

Não completou essa tarefa porque ainda nos resta algum contato com o pensamento anterior à divisão do mundo entre céu e Terra, entre corpo e espírito. É nessa medida que Freud talvez se situe a meio caminho entre o sensível e o suprassensível, por ser um fervoroso defensor da ciência empírica e, ao mesmo tempo, um crítico do racionalismo puro. Essa abertura freudiana lançou muitas vezes o caminho para uma compreensão menos dividida do homem, e permanece, ainda hoje, como um de seus expoentes mais instigantes. □

Referências

- FREUD, S. (1927). O futuro de uma ilusão. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1937). Moisés e o monoteísmo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- HEIDEGGER, M. O que quer dizer pensar? [Tradução em elaboração pelo professor Edgard Lyra no departamento de Filosofia da PUC-Rio].
- PAZ, O. *O labirinto da solidão e post scriptum*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.



Recordando, repetindo e elaborando na Psicanálise e na cultura de hoje – uma investigação em diálogo a partir da diferença kantiana entre pensar e conhecer – verdade e significado – na obra de Hannah Arendt e W. Bion

Gláucia Pessoa

Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de
Psicanálise do Rio de Janeiro

Com base na distinção kantiana entre razão (Vernunft) e intelecto (Verstand), o trabalho aproxima, num diálogo entre amigos, Hannah Arendt e Wilfred Bion. De um lado, a urgência em compreender o totalitarismo; de outro, uma teoria sobre o pensamento desenvolvida a partir da experiência com pacientes com graves distúrbios mentais. Reunidos, Arendt e Bion nos ajudam a esclarecer as relações entre pensar e agir, verdade e significado, teoria e prática.

“Todas as dores podem ser suportadas se você as puser numa história ou contar uma história sobre elas.”

(Isak Dinesen)

Hannah Arendt: Dr. Bion, ao desembarcar em Berlim me dei conta que o tema do congresso pode estimular-nos a começar uma significativa discussão no que se refere ao sofrimento humano, suas questões morais e políticas. Todavia, percebo que há uma crise de compreensão em nossa época acompanhada por um descrédito em relação a tudo o que não é tangível e palpável. Isso poderia nos levar a investigar as condições contemporâneas do pensamento. E a nos perguntarmos: O que significa pensar?

Dr. Bion: Eu mesmo estou até realmente curioso em saber o que poderia falar sobre isso hoje. Ainda não sei. Começarei por um sonho. Eu tive um sonho e devo admitir que era muito esquisito. Como todo sonho, por sua insolência habitual, me permitia numa única e mesma cena ver dentro de um campo de batalhas homens lutando entre um passado infinito e um futuro infinito. Lembrome de uma figura juntando histórias juntando traços que se demorava um pouco no passado. Ao mesmo tempo que essa visão forçava o futuro para a frente, mas se desfigurava rápido e se extinguiu. O sonho retornava e parecia repetir-se. Curioso! Pois nesse intervalo de tempo os homens não poderiam mais fugir. Hoje quando acordei e imaginei o nosso encontro fui tomado por sentimentos tão estranhos que não pude mais me impedir de sentir uma compaixão desmesurada pelos homens.

Hannah Arendt: Os sonhos... são certamente esquisitos e desconcertantes, mas contêm momentos de verdade. Nessa lacuna temporal na qual acredito habita o seu sonho habita também o pensamento. E, numa visão metafórica sob o ponto de vista do que ocorre na consciência dos homens se o senhor me permite, diria que o seu sonho se refere a um forte apelo ao pensamento. Um pensar que procura compreender coisas num intervalo de tempo determinado por coisas que não são mais e por coisas que não são ainda. Acredito que essa lacuna seja o que salva todas as coisas da recordação e da antecipação da ruína do tempo histórico e biográfico e nos reconcilia com a realidade enquanto vivemos.

Dr. Bion: Sra. Arendt, nesse sentido, não lhe parece que há algo de infinito em nossas reflexões psicanalíticas ou políticas que por meio de nossa compreensão nunca se completam e que não podem ser esgotadas por nenhuma teoria? Os

nossos pensamentos e a nossa capacidade de pensar não parece que quase sempre estão envoltos num estado de incertezas, mistérios e dúvidas? Em que sentido o conhecimento filosófico ou psicanalítico pode contribuir para as experiências pessoais capazes de pôr em ação o processo de pensamento?

Hannah Arendt: Acredito que a capacidade de pensar emerge da experiência, da vida, de incidentes que vivenciamos. Eu não creio, Dr. Bion, que possa haver qualquer processo de pensamento sem experiência pessoal. Todo pensamento é “repensado”. E essa capacidade deve permanecer ligada a esses acontecimentos, já que eles constituem os únicos marcos a nos orientar. Minha intenção é olhar a política sem os critérios metafísicos e científicos de verdade herdados da nossa tradição filosófica. Para mim, é necessário – assim como, acredito, para o senhor na clínica – compreender a natureza do pensamento em sua autonomia e observar como o pensamento se dá em sua relação com cada experiência. No meu caso, procuro focalizar a política com olhos, por assim dizer, despidos de qualquer filosofia. Isso é, livres daquelas categorias de acordo com as quais a filosofia tradicional compreendeu a política. Acredito que o pensamento filosófico, quando despojado de seu conteúdo doutrinário, pode fazer ressurgir as “experiências brutas”, daqueles que se dedicaram à atividade do pensar. Hoje temos a vantagem de poder olhar para o passado sem o peso de qualquer tradição a nos ditar como lidar com seus “tesouros”. Ao procurar compreender o significado político do pensamento, o que teve início em minha própria experiência com o nazismo, senti novamente a necessidade de me voltar para a filosofia e indaguei: será possível que o problema do bem e do mal, o problema de nossa faculdade para distinguir o que é certo do que é errado, esteja conectado com nossa faculdade de pensar? O que é o pensar?

Dr. Bion: Nesse caso Sra. Arendt me pergunto como aproximar a filosofia e a Psicanálise e encontrar nas reflexões filosóficas conceitos que ofereçam um instrumental para compreender as experiências emocionais ou políticas marcadas pela experiência da dor, do isolamento e da solidão do homem. O fato de o homem ser um animal político, não podendo realizar-se fora de um grupo, tampouco satisfazer qualquer impulso emocional sem que esse impulso de componente social se expresse, chama a minha atenção. Estimulado pela clínica, e antes de tudo motivado a compreender as experiências emocionais de cada paciente, elaborei uma teoria sobre o pensar. Percebi que não são os pensamentos que se desenvolvem como produto ou resultado do pensar, mas ao contrário, a atividade ou a faculdade do pensar é que passa a existir para dar conta dos pensamentos. E os dois se desenvolvem juntos. Dessa forma, a tarefa de cada homem é a de criar um espaço mental em que por várias maneiras de comunicação, inclusive a do pensamento

verbal, isso se desenvolve. Sobretudo e em grande parte pela capacidade social do indivíduo. Tal evolução, de grande importância na dinâmica das experiências de grupo, merece receber mais atenção do que a Psicanálise tem dado. O que a senhora acha?

Hannah Arendt: Ao analisar os elementos que, a meu ver, são comuns aos modos de pensar totalitários, percebi, Dr. Bion, que os modos totalitários de pensamento não estão restritos aos governos totalitários – existem em qualquer cultura de massas e podem ser encontrados em todas as sociedades livres. Desse modo, os governos totalitários não foram importados da lua. Suas ideologias surgiram no mundo não-totalitário, sedimentando elementos que ali já se encontravam. Nesse caso, uma vez que esse “corpo político absolutamente ‘original’ foi planejado por homens, de alguma forma, estava respondendo a necessidades humanas”. Sendo assim, a pergunta fundamental levantada por mim é a seguinte: que experiência básica na vida humana em comum poderia inspirar uma forma de governo sem precedentes na história, governo cuja essência é o terror e cujo princípio de ação é a lógica implacável de suas ideologias? Nas situações de tirania, os limites que asseguram as relações humanas são rompidos, e o isolamento entre os indivíduos pode impedi-los de agir politicamente. Mas as condições de isolamento também podem ocorrer na sociedade de massas. Nela, as pessoas se isolam, se privam de ver e ouvir os outros; se privam de ser vistas e ouvidas pelos outros. Tornam-se prisioneiras da subjetividade, da sua própria existência singular, privada. Nesse sentido, em meu esforço de compreender a experiência totalitária, observei os traços que a psicologia das multidões descobriu nesse meio-tempo – a solidão. A solidão em nosso século passou ser a experiência de massas cada vez maiores. E essa experiência da solidão é, para mim, uma incapacidade de pensar, incapacidade em que os governos totalitários “investiram” perversamente, por meio da lógica inflexível de suas ideologias. É, pois, a solidão que os governos totalitários recorrem, como forma de levar as massas à aceitação desses governos. Mas solidão não é estar só. Quando, por exemplo, Catão diz que “nunca estive menos só do que quando estava a sós”, nossos ouvidos modernos tomam essa afirmação como contraditória. Mas ela traduz a distinção entre solidão e ausência de companhia. Pode-se estar só, e nesse caso esse isolamento voluntário é a condição de possibilidade para que o homem crie algo ou se torne parceiro de seus próprios pensamentos. Na ausência de companhia, o homem pode estar só, mas tem a capacidade de se fazer companhia. O contato com o mundo não é interrompido; o homem pode iniciar um diálogo silencioso com o mundo e as pessoas. Na solidão, o homem pode estar acompanhado e ao mesmo tempo impossibilitado de estabelecer qualquer tipo de contato, tanto com os outros, quanto

consigo próprio. Sendo assim, a solidão aparece mesmo na presença efetiva de outras pessoas. Mais: é justamente aí que ela aparece mais claramente. O que torna a solidão tão insuportável é a perda do próprio eu, que pode realizar-se quando está a sós. Nessa situação, o homem perde a confiança em si mesmo, como parceiro dos próprios pensamentos. E perde aquela confiança elementar no mundo, necessária para que se possa experimentar a vida. O eu e o mundo, a capacidade de pensar e sentir, tudo isso se perde ao mesmo tempo. Nesse caso, a única coisa que pode confirmar a identidade de um homem (independentemente de todo relacionamento com o mundo e com as outras pessoas) é a sua capacidade de raciocínio lógico. Todavia, equacionar verdade e consistência lógica implica negar a ideia de verdade. Pois a verdade pode ser reveladora, ao passo que a consistência lógica é apenas uma forma de deduzir um dado conhecimento com coerência. Acredito que o raciocínio lógico da solidão não seja a mesma coisa que o pensamento e a compreensão. Equacionar pensamento e compreensão com essas operações lógicas significa nivelar por baixo a capacidade do pensamento. Dessa forma, pode haver verdades filosóficas e científicas que ficam além da linguagem e que podem ser de grande relevância para o homem no singular. Isso é, para o homem que, seja o que for, não é um ser político. Mas a meu ver, tudo o que os homens fazem, sabem ou experimentam só tem sentido na medida em que pode ser discutido. Mas os homens no plural, isso é, os homens que vivem e se movem e agem neste mundo, só podem experimentar o significados das coisas por poderem falar entre si e consigo mesmo.

Dr. Bion: Se a compreendo, acredito que, ao incluir a preocupação com relação à dominação totalitária, a senhora reconhece não apenas um fenômeno histórico, como também, em certa medida, indica questões centrais que inquietam o pensamento político em qualquer época. Nas situações políticas extremas, como as totalitárias, a experiência do pensamento é abolida. Em seu lugar, as ideologias são manifestações de um raciocínio automático, que eu chamaria de um não pensamento como forma de proteção à realidade. O automatismo do puro raciocínio destituiria o pensar de sua função, ou seja, o inibiria para a capacidade para pensar e buscar o significado de nossas ações no mundo.

Hannah Arendt: A meu ver, Dr. Bion, conhecer cientificamente e pensar são duas faculdades humanas inteiramente distintas. A primeira procura resultados, enquanto o pensamento procura significados. O pensamento “resulta” na compreensão do mundo e pode até mesmo ser uma forma de reconciliação com a realidade. Seguindo por esse caminho, reconheci do ponto de vista da filosofia crítica de Kant – *Crítica da Razão Pura* – não apenas uma investigação epistemológica, mais sobretudo as suas implicações políticas. Creio que ao ter

reconhecido os limites da razão e ter distinguido duas faculdades – razão e intelecto –, a filosofia de Kant estava ao mesmo tempo distinguindo duas atividades espirituais completamente diferentes: pensar e conhecer. Além disso, ressaltava dois interesses inteiramente distintos: o do significado, no primeiro caso, e o da cognição, no segundo. Segundo Kant, “os conceitos da razão nos servem para conceber, compreender”; os conceitos do intelecto “nos servem para apreender percepções”. O intelecto deseja apreender o que é dado aos sentidos. A razão quer compreender seu significado. E ainda: o critério da cognição é a verdade que se manifesta no mundo das aparências, no qual nos orientamos através das percepções sensoriais – que possuem um caráter autoevidente, inabalável por argumentos e substituível apenas por outra evidência. A razão – para Kant, diferentemente do intelecto – é a faculdade do pensamento que busca o significado. E essa faculdade não pergunta o que uma coisa é ou se ela simplesmente existe – sua existência é sempre tomada como certa – *mas o que significa, para ela, ser*”.

Dr. Bion: Olhando sob o vértice da Psicanálise, a “cura” de um não pensamento tem origem na verdade, e o que pode derivar do erro é falaz e fugitivo, assim como a sua origem. Nesse sentido, na minha opinião, a tarefa do analista no que diz respeito as suas funções analíticas, se refere à observação da transformação do pensamento que desde a sua origem parece estar sempre vinculada à experiência emocional da própria relação clínica e da necessidade humana de descobrirmos a verdade sobre nós mesmos. Mas a busca da verdade emocional é diferente da busca pela verdade racional. Há uma ruptura com o ponto de vista epistemológico, para a formulação da natureza do pensamento que procuro compreender. A razão é uma faculdade para pensar a respeito de experiências emocionais, suas representações simbólicas e tem como função orientar as paixões para o mundo da realidade, estruturando a personalidade. Desse modo, gosto de chamar a atenção para o *pensamento sem pensador*, pois o pensamento não é o produto das nossas representações mentais, mas a transformação das nossas relações com o mundo no processo do nosso desenvolvimento mental. O que procuro na clínica é compreender o pensamento e suas relações que não são nem do sujeito nem do objeto, mas da relação que os envolve. Assim, ao meu ver existe um tipo de conhecimento que vincula as nossas experiências emocionais quando as coisas nos afetam e que podemos chamá-las de conhecimento justamente por sermos afetados por elas. Mas o conhecimento é um estado mental de receptividade ao conhecer, embora a experiência da verdade emocional seja incognoscível. Por outro lado, se pensar não é conhecer as coisas em si, isso não significa para mim que o pensamento na experiência clínica não possa ser organizado segundo princípios diferentes do conhecimento. Nesse

sentido, o pensamento e o significado que as representações emocionais alcançam não são estáticos; transformam-se continuamente se há um compartilhamento emocional numa relação. Se essa relação pode evoluir, aquilo que preliminarmente era não compreendido ou impensado transforma e expande a mente. A experiência emocional se transforma e, na minha concepção, o observador neutro torna-se participante emocional. Dessa forma, procuro um pensamento que não esteja constrangido a encontrar respostas que automaticamente nos liguem ao mundo para determiná-lo com critérios de certeza e evidência. Na verdade, o que eu procuro é o significado que uma relação envolve. Assim, Sra. Arendt, a compreensão não seria uma tentativa pela qual, ao pensar, procuramos aprender e lidar com que irrevogavelmente passou?

Hannah Arendt: Lembrei-me de uma cena em que Ulisses ao escutar a história de sua própria vida se emociona e chora. No caso, há uma reconciliação com a realidade alcançada através das lágrimas da recordação. O motivo humano mais profundo para a história surge desses momentos ímpares. Como o diz a escritora dinamarquesa Isak Dinesen em um conto: “todas as dores são suportáveis se as incluímos numa história ou quando contarmos uma história acerca delas”. A compreensão e o significado surgem para os homens quando eles podem falar acerca dos fatos (ou contar uma história), do contrário sucumbiriam numa sequência repetida e sem sentido de ocorrências. No contar histórias se efetiva a “reconciliação com a realidade”, o que torna a compreensão possível é o pensamento. O pensamento revela o sentido da nossa experiência, sem, no entanto, defini-la. É ele que nos reconcilia com as coisas tais como são na realidade, estabelecendo a distância necessária para que possamos julgar de como queremos que o mundo pareça e seja para nós. Se é verdade que o surgimento dos governos totalitários é o acontecimento central de nosso mundo, ao compreendermos o totalitarismo não estaremos perdoadando coisa alguma, mas, antes, reconciliando-nos com um mundo em que tais coisas são definitivamente possíveis. Por esse motivo, Dr. Bion, ao procurar compreender o totalitarismo acredito que isso não significa negar os fatos do nosso século, diminuindo o impacto da realidade e o choque da experiência, tampouco significa perdoar. A compreensão não é condição necessária, nem consequência do ato de perdoar. Perdoar é, entre as capacidades humanas, a ação mais ousada, pois permite desfazer, num único ato, o que já foi feito. A compreensão, ao contrário, é interminável; é a maneira pela qual o homem se reconcilia com a realidade durante toda sua vida. Pois, Dr. Bion, cada nova geração e cada época se vê confrontada com o seu passado e a sua história, mas refleti-las ou falar sobre elas nos conduz para um mundo de como gostaríamos que as coisas do mundo parecessem e fossem para nós.

Dr. Bion: Eu deixaria para nossas próximas reflexões, que espero que aconteçam em breve, uma pergunta: Qual a relação do pensar com o cuidado com o mundo?

Hannah Arendt: Tenho uma forte esperança de esclarecer um dia essas questões por afinidade natural com o senhor e a sua capacidade para pensar os pensamentos. Pois acredito que há um pequeno espaço intemporal no âmago do tempo. Ao contrário do mundo e da cultura em que nascemos, não pode ser herdado e recebido do passado, mas apenas indicado a cada nova geração. Na verdade cada novo ser humano, inserindo-se entre um passado infinito e um futuro infinito, como em seu sonho, deve descobri-lo e, laboriosamente, pavimentá-lo de novo. □

Referências

- ARENDR, H. (1967). *The origins of totalitarianism*. London: Allen and Unwin.
- _____. (1958). *The human condition*. Chicago: University of Chicago.
- _____. (1963). *Eichmann in Jerusalem: a report on the banality of evil*. London: Faber and Faber.
- _____. (1968). *Between past and future – eight exercises in political thought*. New York: Wiking.
- _____. (1970). *Men in dark times*. London: Jonathan Cape.
- _____. (1978). *The life of the mind*. New York: Harcourt Brace Jovanovich.
- _____. (1982). *Lectures on Kant's political philosophy*, ed. R. Beiner. Chicago: University of Chicago.
- BION, W. R. (1959). Attacks on linking. In: _____. *Second thoughts*. Londres: Heinemann, 1967.
- _____. (1961). *Experiences in groups*. Londres: Tavistock.
- _____. (1962). *Learning from experience*. Londres: Heinemann.
- _____. (1965). *Transformations: change from learning to growth*. Nova York: Basic Books.
- _____. (1967). *Second thoughts: selected papers on psychoanalysis*. Londres: Heinemann.
- _____. (1970). *Attention and interpretation*. Londres: Tavistock.

O ritual da memória e o ciclo do universo: um ponto de reflexão

Eveline Braga Nogueira
Núcleo Psicanalítico de Maceió

A autora focaliza um viés reflexivo acerca da compulsão à repetição. Segue enfatizando a fala do sujeito compreendido pela Psicanálise como recurso para o tratamento da doença psíquica, através da associação livre. Compara os movimentos do universo com a dinâmica intrapsíquica humana, como parte desse mesmo universo. Abre essa reflexão como um ponto de apoio para a discussão sobre as possibilidades de transformações pessoais, interrupção do círculo vicioso afetivo-emocional, que encerram o trabalho analítico, no seu processo transferencial, na revivescência dos vínculos. Por fim, refere-se à possibilidade de evolução, como preconiza a grandeza do Universo.

Mar adentro, e na leveza do fundo onde se realizam os sonhos, se juntam duas vontades para realizar um desejo. Seu olhar e meu olhar como um eco, se repetindo sem palavras. Mas adentro, mais adentro. Até mais além de tudo pelo sangue e pelos ossos. Mas eu acordo sempre, e sempre quero estar morto para continuar com minha boca enredada em seus cabelos.

Carta de Ramon Sampedro a Julia. SAMPEDRO, Ramon. *Mar Adentro*. (Espanha, 2004, 120m, son., color).

A Psicanálise preconiza que a psiquiatria clínica não presta muita atenção à forma externa do conteúdo dos sintomas. A teoria psicanalítica estabelece nos sintomas um sentido e que se relacionam com a experiência de quem o produz.

Josef Breur (*apud* Freud 1917, p. 265) descobriu o sentido dos sintomas neuróticos entre 1880 e 1882, de um caso de histeria, em seu estudo e cura bem-sucedidos. Então Freud segue preconizando que os sintomas neuróticos são resultados de um conflito, e que esse surge pela frustração, em consequência da qual a libido, impedida de encontrar satisfação, é forçada a procurar outros objetos e outros caminhos. A condição necessária do conflito é que esses outros caminhos e objetos suscitem desaprovação em uma parte da personalidade, de forma que se imponha um veto que impossibilite o novo método de satisfação.

Não se trata de a Psicanálise não haver prestado atenção à parte não-sexual da personalidade. É, segundo Freud (1917, p. 354), a distinção entre ego e sexualidade que tornou possível conhecer que os instintos do ego passam por um processo de evolução que não é nem completamente independente da libido, nem desprovida de um efeito secundário sobre a mesma.

Sabe-se que o ego se esforça por permanecer em harmonia com sua organização sexual, apesar de a Psicanálise estar menos familiarizada com o desenvolvimento do ego do que com a evolução da libido. Pode-se esperar um paralelismo, uma correspondência entre as fases do desenvolvimento do ego e da libido; um distúrbio de correspondência poderia originar um fator patogênico. Assim, o conflito depende tanto do desenvolvimento do ego como do da libido. Essas duas linhas (do ego e da libido) são heranças do desenvolvimento pelo qual toda a humanidade passou, desde épocas primitivas. É a origem filogenética.

A manifestação das disposições inatas são efeitos secundários de experiências vividas pelos ancestrais no passado; foram, de alguma forma, adquiridas – a hereditariedade; mas as experiências infantis exigem uma consideração especial. Elas determinam as mais importantes consequências porque

ocorrem numa época do desenvolvimento incompleto, e então podem ter efeitos traumáticos.

Freud (1917, p. 305) fala de uma “série complementar”, em que o fator constitucional hereditário se junta com o fator da experiência infantil para um adoecer patológico e psicogênico.

Tem-se, então, a fala do sujeito como recurso para o tratamento da doença psíquica, que indica que o indivíduo com esse “sofrimento psíquico” não foi acometido ocasionalmente, ainda que desencadeado por acontecimentos cuja conta pode ser lançada ao acaso; será sempre uma resposta que indica os fenômenos de sua psicopatologia para que se construa uma possível explicação, um quebra-cabeças para as coisas estranhas que vive.

Claro que se trata aqui do sujeito compreendido pela Psicanálise, o *sujeito do inconsciente*, referido por Lacan (*apud* Lobosque, 2001, p. 42).

Freud (*apud* Lobosque, 2001, p. 43) postulou a *associação livre*, a fala endereçada, sem sentido ou censura, que implica vínculo criado entre o dizer e seu destinatário: a transferência (de sentimentos) que tropeça na sexualidade. Estranha sexualidade humana, que desde a infância, segundo Freud, tem como único recurso para situar-se no campo da identificação e indiferenciação-individuação “normal”, a saída problemática da castração, onde prazer e culpa se entremeiam, sem um aparecer sem enunciar o outro.

Associação livre – Transferência – Sexualidade – Castração
(Palavra) (Vínculo) (Libido) (Lei)

O ciclo infinito dos astros – o astro-rei: o Sol

A Terra gira em torno do Sol, em seu movimento de rotação e translação, definindo o tempo: os dias e as noites, as estações – a repetição.

O Astro-rei, com seu poder e luz própria, é soberano (ativo-masculino), e a Terra-mãe gira lentamente ao seu redor.

Freud nos fala da compulsão e repetição. Nas palavras do mestre:

[...] rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos instintuais que desde então foram reprimidos. (Freud 1920, p. 31).

Freud (1920, p. 49) nos leva a pensar que existe uma força que opera antes

do princípio do prazer – a pulsão de morte. Ele recorre à biologia, estudando os organismos unicelulares e multicelulares – toda substância viva pode morrer por causas que se encontram no interior do organismo. O que faz sobreviver é outra força oposta que procura juntar, ligar o que está no interior desse organismo – pulsão de vida. Então, todo organismo vivo tende à morte.

A teoria freudiana diz que todo desprazer está relacionado com uma elevação da tensão e todo prazer é uma diminuição da mesma. Segundo o autor, essa tendência de reduzir a zero, ou mantê-las no mais baixo nível possível, as excitações que operam no aparelho psíquico estariam a serviço do instinto de morte, cujo objetivo é a condução para o estado inorgânico.

Enquanto esse nirvana leva o organismo à morte, o princípio da realidade tenta alongar a vida, na medida em que procura regular a descarga da tensão.

O adoecer psicótico seria então a expressão da pulsão de morte pela não aceitação da interdição e criação da própria realidade (com o mínimo de tensão) que tende à destrutividade?

Freud (1914) postula que o que está reprimido não é recordado, mas expresso pela atuação. É reproduzido não como lembrança, mas como ação.

[...] o paciente não diz que recorda que costumava ser desafiador e crítico em relação à autoridade dos pais; em vez disso, comporta-se dessa maneira para com o médico. Não se recorda de como chegou a um impotente e desesperado impasse em suas pesquisas sexuais; mas produz uma massa de sonhos e associações confusas, queixa-se de que não consegue ter sucesso em nada e assevera estar fadado a nunca levar a cabo o que empreende. [...]. (Freud 1914, p. 196).

Então, compreende-se que a compulsão à repetição é uma maneira de recordar, e que a transferência é uma parcela da repetição; repetição essa que é uma transferência do passado esquecido. Pode-se dizer que a compulsão à repetição é um impulso a recordar; não apenas em atitude para com a pessoa do analista, mas também em todas as outras relações interpessoais que o indivíduo exerce.

É preciso a elaboração, uma compreensão vivenciada, ressignificada, não um *insight* intelectual, mas na relação da dupla analítica, no processo transferencial, na revivescência dos vínculos afetivos primevos e parentais, na nominação das angústias, para interromper (romper dentro) o ciclo infinito – repetitivo – dos astros que encenam e protagonizam num único verso (universo) de amor-falta. O poeta Manuel de Barros diz:

*O tempo não avança
Não muda nada
Porque tudo que vai ocorrer
Hoje e no futuro
Já ocorreu no passado
Voltar a sonhar
O já sonhado
É o destino dos poetas
É reiterar o ritual da memória.*

Uma nova perspectiva da própria história ascende, como uma luz que propicia uma “leitura” mais clara, nítida, livre da ação dos impulsos instintuais reprimidos, catexias objetais abandonadas, onde a libido objetal deve ter-se transformado em libido do ego; por ter superado as resistências (elaboração), que são dadas a conhecer os resultados pelo trabalho de interpretação, a partir das associações-livres, descobrindo o que deixara de ser recordado, preenchendo as lacunas da memória.

Modificar o próprio universo

Promover uma alteração do ego em oposição às forças instintuais constitucionais é tarefa árdua que demanda tempo e condições próprias. Em relação à etiologia traumática – acidental – predominante, a análise alcançará sucesso em realizar aquilo que é tão superlativamente capaz de fazer: fortalecimento do ego modificando o indivíduo.

Pode ser possível transformar os afetos que se repetem em “sabedoria”, para evoluirmos, senão seremos mero produto dos compostos químicos gerados no organismo, que nos mantêm presos no círculo em que vivemos nosso destino, cíclico e infinito. □

Referências

- FREUD, S. (1911[-1914]). Recordar, repetir e elaborar. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1916[1917]). Conferências introdutórias sobre psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v.16. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1920). Além do princípio do prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras*

Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. (1924). O problema econômico do masoquismo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. (1940). Análise terminável e interminável. Esboço de psicanálise e outros trabalhos *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

LOBOSQUE, A. M. (2001). *Experiências da loucura*. Rio de Janeiro: Garamond.

Filicídio ou suicídio?

Rossana Nicoliello Pinho

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Belo Horizonte

O presente trabalho aborda diferentes conceitos sobre o tema Filicídio, desde a definição adotada pela perícia médico – legal até o conceito de Racovsky denominado “Filho Interno” e não apresenta como objetivo o julgamento do ato filicida. Embora uma realidade, o Filicídio é antes de tudo, mesmo que distante de um ato, um acontecimento interno, simbólico e relacionado intimamente com a representação de filho que traz dentro de si. O trabalho objetiva abordar situações simbólicas, conflitos em relação ao filho interno em comparação ao filho real, tomando como base a trama das fantasias e a dinâmica das projeções.

Durante o “pré-natal” desse trabalho, dois procedimentos cuidadosos pareceram-me importantes: O primeiro, fugir ao vício do julgamento, mantendo em vista o funcionamento mental como objeto de estudo. O segundo, não cair no engodo do contraponto afetivo e relacional, adotando um tema tão denso com amortecedores conceituais que evocam o éden das relações objetais.

A ação filicida nos choca, embora nos faça pensar. Causa-nos horror, mas nos encaminha aos passos duros e necessários da origem da vida. Ao mesmo tempo, movimentava as fantasias e nos faz articular o tempo verbal na primeira pessoa, simples e singular.

Na ocasião da tragédia “Nardoni”, a diversidade de relatos perplexos divulgou discursos inflamados em defesa da inocência, poupando a mente das fantasias filicidas de cuidadores convictos.

De quem as pessoas falavam? À qual criança se referiam? Mães internas, madrastas, mães de fora, pai temido, por vezes protegido... Decerto, falavam do nascimento e da morte de todos nós.

A mídia cuidava da divulgação de imagens, contínuas repetições que no retorno pareciam inéditas. Notícias circulavam do oficial ao popular, do relato leigo às projeções psicanalíticas e o que se via era uma intensa mobilização ligada à temática dos cuidados aos filhos.

Assim, como todo fenômeno, a ação filicida daqueles passou de remoto acontecimento à grande probabilidade na vida das crianças. Câmeras vigiavam um possível desatino de babás, a desconfiança passou a ser o ingrediente básico na relação entre pais separados e a angústia tornou-se o companheiro diário de mães eternamente culpadas. Pais ausentes foram promovidos a bons e muitos deles juravam vingança àquele que teria sido capaz de negligenciar a função paterna.

De uns tempos para cá, mentes mergulhadas na inconsciência voltaram a se acalmar. Outras, aquelas que se dedicam a saber onde mora a intenção, mergulharam em associações e chegaram à superfície sem a “pena máxima”, geralmente dirigidas às fantasias filicidas. No divã deitaram Nardonis, Izabelas, juizes, bebês, gestantes, mães e pais sem filhos, órfãos, adotados, parricidas e gerais.

E no leva e traz das associações, o trabalho analítico se encarregava de cuidar daqueles que carregam a dor e delícia de serem o que são. Em relação ao fato real, até onde sabemos, o silêncio, lamentavelmente, cuidou do sepultamento.

A seguir, algumas histórias de amor, horror e dor:

Primeira história: **Gênesis ou A gravidez:**

“No princípio Deus criou o Céu e a Terra.”

E disse Deus:

“– Produza a terra seres vivos de acordo com suas espécies: rebanhos domésticos, animais selvagens e demais seres vivos da terra, cada um de acordo com sua espécie.”

E dessa forma ocorreu. Afirma o Livro Sagrado que o Criador aprovou a sua própria criação.

Por esse motivo, continuou.

Da Terra-Mãe, no hebraico denominada Adamah, nasceu Adão (Adam). Adão recebe ordens do Criador para que de filho (Ben) passe a homem (ISH). E do homem (ISH) nasce a mulher (Ishah). Diz Deus:

“– Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá a sua mulher e eles se tornarão uma só carne.”

A queda ou o parto:

A ruptura com as ordens internas do Éden culmina em separação. Homem e mulher partem juntos e levam consigo palavras e determinações. Diz Deus à mulher:

“– Multiplicarei grandemente o seu sofrimento na gravidez; com seu sofrimento, você dará à luz filhos.”

Ao homem, dentre outras palavras determina:

“(...) maldita é a terra, por sua causa: com seu sofrimento, você se alimentará dela, todos os dias de sua vida. Ela lhe dará os espinhos e as ervas daninhas, e você terá que se alimentar das plantas do campo. Com o suor do teu rosto, você comerá o teu pão, até que volte à Terra, visto que dela foi tirado; porque você é pó e ao pó voltará.”

Adão se une à mulher e dá a ela o nome de Eva. Eva passa a representar a Mãe de toda a humanidade.

Segunda história: **Acaso e descaso:**

O Bem-Achado

(conto dos irmãos Grimm)

Era uma vez um guarda florestal que gostava de caçar. Indo, certo dia, à caça ouviu um choro de uma criancinha recém-nascida. A mãe do menino havia

adormecido junto ao tronco de uma árvore e uma ave de rapina roubara a criança, depositando-a no galho de uma árvore muito alta.

Pegando o bebê, o guarda pensou:

– Vou levá-lo para casa e ele será um companheiro de folguedos para a minha filha Lena.

As duas crianças tornaram-se inseparáveis. Quando uma delas não via a outra se sentia infeliz.

Uma velha cozinheira, que trabalhava na casa do caçador, certo dia, pegou dois baldes e os carregou inúmeras vezes, de um lado para o outro.

– Diz-me uma coisa: para que tanta água? Perguntou Lena.

– Se não disseres a ninguém, contar-te-ei o segredo.

Lena jurou. E a velha cozinheira disse:

– Amanhã cedo porei água para ferver e quando estiver borbulhando joga o Bem-Achado dentro.

No dia seguinte, bem cedo, quando o caçador já havia partido para a caça, disse Lena ao Bem-Achado:

– Não me deixes e nunca te deixarei.

E este confirmou:

– Agora e sempre.

– Vou contar-te: a velha aproveitará a ausência de meu pai para jogar-te dentro de uma água fervente, onde já havia cozinhado a casca de várias árvores e que tingiriam para sempre os teus cabelos de verde. Por isso, vamos nos vestir e partir para longe dessa casa.

Ao perceber que as crianças haviam fugido, a velha ficou possessa de ódio e começou a falar sozinha:

– Que farei agora, quando o caçador voltar para casa e ficar sabendo que desapareceram as crianças? Preciso ir atrás deles enquanto é tempo.

A cozinheira mandou os três empregados atrás deles.

Quando Lena viu os três empregados correndo em direção a eles, disse ao Bem-Achado:

– Não me deixes e nunca te deixarei.

– Agora e sempre.

E Lena ordenou:

– Vire uma roseira e eu serei a Rosa.

Quando chegaram os três empregados, nada mais viram senão uma roseira com uma pequena rosa desabrochando. Das crianças, nem sinal. Então disseram:

– Aqui não há nada a fazer.

Quando contaram à cozinheira, ela disse:

– Como!? Deveríeis ter arrancado a roseira e cortado a rosa, trazendo-a para a casa.

Os criados retornaram, mas de longe foram avistados pelas crianças. Lena disse:

– Bem-Achado: não me deixes e nunca te deixarei.

– Agora e sempre, ele disse.

Lena diz:

– Transformar-me-ei em uma igreja e tu numa coroa.

Ao chegarem, os criados disseram:

– Que faremos? É melhor voltar para casa.

Diante do fato, a velha gritou furiosa:

– Seus bobos! Por que não destruíram a igreja e trouxeram a coroa para casa.

Dessa feita, a cozinheira resolveu ir pessoalmente atrás das crianças. Elas, porém, enxergaram-na de longe.

Mais uma vez, as crianças se prometeram fidelidade eterna e se transformaram. O Bem-Achado passou a ser um lago e nele nadava Lena, que era agora um pato.

A cozinheira veio chegando e, ao ver o lago, deitou-se na margem para apanhar o patinho. Esse lhe deu uma forte bicada que a deixou tonta. O patinho puxou-a com força para a água e assim morreu afogada a velha bruxa.

Depois, as crianças voltaram para casa muito alegres, e se ainda não morreram, continuam vivas.

Terceira história: **O horror:**

Da *Ópera do Malandro* (do cotidiano), uma música que se chama “Canção Desnaturada”.

Por que cresceste, curuminha
Assim depressa, e estabanada
Saíste maquilada
Dentro do meu vestido
Se fosse permitido
Eu revertia o tempo
Pra reviver a tempo
De poder

Te ver as pernas bambas, curuminha
Batendo com a moleira
Te emporcalhando inteira
E eu te negar meu colo
Recuperar as noites, curuminha
Que atravessei em claro
Ignorar teu choro
E cuidar só de mim
Deixar-te arder em febre, curuminha
Cinquenta graus, tossir, bater o queixo
Vestir-te com desleixo
Tratar uma ama-seca
Quebrar tua boneca, curuminha
Raspar os teus cabelos
E ir te exibindo pelos
Botequins

Tornar azeite o leite
Do peito que miraste
No chão que engatinhaste, salpicar
Mil cacos de vidro
Pelo cordão perdido
Te recolher pra sempre
À escuridão do ventre, curuminha
De onde não deverias
Nunca ter saído.

“Não tem saída para mim. Nunca haverá ninguém que vai convencer a minha mãe a me deixar em paz. Vai ser sempre assim: a vida inteira terei que suportar a presença dela. Para onde eu for, ela irá comigo.”

Quarta história: **Filhos: dor e temor**

Recebo um bebê de 27 anos. O motivo da consulta: o filho, de 1 ano e meio e um diagnóstico do neurologista: autismo. O psiquiatra e o pediatra preferem avaliar melhor. Ouço a história de nascimento do bebê, entremeada com o relato do nascimento da mãe.

– Ele nunca sorriu, nunca gargalhou, não me olha, não me segue. Vejo um

atraso muito grande nele. Mas por outro lado, eu também era assim. Fiquei muito tempo em uma cesta, ao lado de minha mãe, quietinha, sem dar trabalho, diz a mãe.

Peço que me traga fotos do filho. Queria vê-lo antes de conhecê-lo. A primeira foto: o bebê olha para a mãe, mamando. A segunda foto me emociona: o bebê sorri para o pai. Outras inúmeras fotos: o bebê entristeceu.

Algumas observações sobre o filicídio:

Do filho interno ao filho real:

“Mas o amor ergueu a sua mansão

No lugar do excremento;

Porque nada pode ser único ou completo

Que não tenha sido dilacerado.”

W. B. Yeats

Embora o filicídio apareça na maioria dos relatos históricos e mitológicos, esse não é o caminho pelo qual seguirei meu trabalho. Mais uma vez o real é justificado nos fatos e as histórias que trago caminham mais firmes e próximas à mente humana.

Não seria possível pela pontualidade temporal da apresentação, dar a cada uma das histórias citadas um berço psicanalítico. Parto de uma generalidade: cada uma delas contém uma ação filicida, da necessidade à crueldade.

Retomando o conceito de filicídio:

Do ponto de vista jurídico: a ação é desencadeada pela mãe, no período denominado Fase Puerperal. Do ponto de vista médico: inclui-se a ação do pai ou de ambos, independentemente da idade. Nos dois, o estado puerperal aparece como provável desencadeador da ação filicida.

Penso que o primeiro passo seria dar uma melhor definição sobre o que seria um estado puerperal. A literatura trabalha com conceitos como mulher previamente sã até a menção de colapso do senso moral, perda do controle e possíveis agressões ao filho.

Alguns autores associam ao estado puerperal Transtorno de Estresse Agudo (TEA), já que esse prevê um quadro dissociativo, com afastamento do bebê, redução da consciência e ausência de resposta emocional. Exatamente pelo tempo em que a mulher poderá permanecer no quadro de TEA é que se excluem algumas ações filicidas ocorridas muito tempo depois.

Por outro lado, na depressão puerperal, frequentemente observada, a

contradição diagnóstica: apesar do processo de afastamento e consequentemente desinvestimento em relação ao próprio filho, a atitude materna é a mais precisa forma de proteção ao bebê, mediante o reconhecimento das sombrias e terríficas fantasias agressivas da mãe.

Na psicose, relatos definem a gravidez como ação invasiva sobre o corpo. O bebê, mais que um “estranho no ninho”, passa a ser objeto do horror, dos delírios e alucinações. Apesar de distorções e fragmentações, não se vê como frequente consequência a ação filicida.

Seria inocente pensarmos que aquilo que mobiliza delírios e alucinações, e consequentemente inunda o Ego de horror, seria exclusividade das patologias mentais graves. O movimento das fantasias promove formas diferentes de reação e defesa. O que para um é real para outro é interno, sem deixar de ser terrífico ou conflituoso.

Trago a definição de Rascovsky, autor do livro *O Filicídio*, sobre o conceito de filho interno.

“Não menos importante é o estudo do ‘filho interno’ que cada um de nós contém. Quer sejamos pais ou não, forçosamente somos todos filhos e mantemos, endopsiquicamente, a organização pai-filho adquirida nos primórdios do nosso desenvolvimento infantil.”

Partindo desse conceito, caminharei mais um pouco.

Dentro de cada de nós, a representação de um filho. Grávidos estamos de memórias e relações. Nutrimos essas representações, embaladas em cânticos que proclamam a vida e a morte. Nas entranhas do nosso psiquismo, navegamos entre mares sombrios, partindo do éden ao árido. Somos expulsos e ao mesmo tempo contidos e, fatalmente, impregnamos de “eu” o que hoje é filho, terceiro do singular ou futuramente, o será.

Esse conceito de filho interno nos encaminha aos braços de Klein e à sua definição de Objeto Interno.

“Esse termo denota a experiência ou fantasia inconsciente de um objeto concreto fisicamente localizado no interior do ego (corpo), que possui seus próprios motivos e intensos para com o Ego e outros objetos. A experiência do objeto interno é profundamente dependente da experiência que se tem do objeto externo, e os objetos são, por assim dizer, espelhos da realidade.”

O “senso de si” e a bússola das nossas intenções seriam a base da relação filho-cuidadores. Difícil missão... Freud usou o termo “vozes internas” referindo-se à presença do par parental no psiquismo. Seriam funções paternas, representações relacionais e interdições.

Klein retoma esse conceito e nos coloca diante de representações mais

precoces e de intenso movimento de fantasias sádicas e amorosas, as quais movimentam o psiquismo da criança e tentam se equilibrar, em negociação contínua, entre mundo interno e realidade.

Conforme disse na introdução do trabalho, enaltecem-se as ações cuidadoras em detrimento das ações agressivas. Mas da mesma forma que as tendências eróticas, ternas e amorosas, as destrutivas têm o seu lugar, função e objetivo, antes mesmo de se tornarem filicidas. É o equilíbrio entre *Eros* e *Tanatus*, entre dar e retirar, entre cuidar e libertar.

Klein é contundente quando diz “da tentativa sempre renovada da criança em conseguir boas experiências e objetos, objetivando com isso paralisar a ação das fantasias agressivas dirigidas às representações relacionais.” E mais adiante, Klein salienta “a importância do balanço final entre representações boas e más, entre fantasias agressivas e amorosas, arsenal esse determinante do comportamento, do humor e senso de self.”

Na introdução do trabalho, citei a perplexidade das pessoas diante do filicídio. Entender a ação filicida é sair dos tribunais, optando por uma avaliação simbólica, tendo em vista a referência ao objeto-filho interno e aos movimentos concomitantes de vida e morte dentro de cada um de nós.

Passemos às histórias, do fim ao começo:

Reconhecer o filho interno dispensa de início a construção imaginária do desejo de ter um filho, mas demonstra o quanto é imprescindível ter o reconhecimento de ser pai e mãe de si mesmo. Uma vez reconhecido, nascido, integra-se nas ações exercidas no mundo externo.

O filho interno, fruto da recusa e da rejeição, exerce do limbo as funções no mundo externo, representando parte de um eu fragmentado. É no interjogo das projeções de partes do eu que as funções psíquicas, o trabalho real e o exercício da cidadania e da Ética se designarão bem-sucedidas ou fracassadas. Se projetados nos filhos reais, definiram o destino dessas crianças, a de filhos legítimos e reconhecidos ou frutos proibidos e negados. A parte que se projeta em um filho, resultante dos conflitos e fragmentações internas, define a ação filicida ou suicida.

Por isso, o primeiro passo é definir melhor a natureza das atitudes filicidas.

Apenas para ilustrar a natureza de uma ação filicida, cito um depoimento utilizado por Rascovsky, a respeito de um criminoso:

“A violência é algo como uma linguagem comum, algo no qual se criou uma pessoa como eu. Algo que comecei a usar muito cedo, como parte do cenário diário de minha infância. Não rejeito isso nem sinto uma espécie de desgosto inato que você sente. Até onde posso me lembrar, sempre vi o emprego da violência ao meu redor: minha mãe castigava seus filhos, todos os meus irmãos e irmãs

batiam em minha mãe ou em outras crianças, o homem do andar de baixo batia em sua mulher, etc.”

Passaremos da ação filicida à intenção.

Alguém morre quando deixa de ser visto e confirmado e não, necessariamente, quando deixa de viver. Por que um bebê que olhava fica “cego”? Uma mãe deixa de ver o filho sorrir apenas por desapego ou negligência?

O bebê de 27 anos passou mais tempo no cesto do que no útero, como os marsupiais. Foi embalada ao som dos gritos e preferiu brincar de fazer silêncio.

– “Fiquei com raiva do bebê porque ele nem se ressentiu quando eu voltei a trabalhar, disse a mãe”. Então eu disse para ele: - “É assim? Então fica aí, já que você não precisa de mim e prefere a babá. Achei que ele não gostava mais de mim. Depois de um tempo, comecei a observar que ele só ligava para um brinquedo e, então, demos outro igual para ele. Só que ele não ligou.”

Alguém morre quando está registrado em algum lugar que não deveria existir. Como nascer quando se é batizado como os pés do pavão? Como separar de si a placenta que embaça os contornos de si mesmo?

Da mesma forma, a criança da “Canção Desnaturada” é mantida no laço do cordão umbilical. E no sangue desse cordão corre a amarga certeza da ambivalência, a constante negociação entre o bem e o mal e o desconhecimento entre o que nasceu morto e aquilo que vivo ainda poderá ser.

A criança ingrata da “Canção Desnaturada” deseja fortalecer o caminhar e anseia por quebrar o espelho que transforma a filha em um pedaço da mãe.

A criança grande que escuto se desorganiza no desfiladeiro de projeções e introjeções:

– Não sei se sou eu ou se é ela. O que sei é que ela me faz sentir ódio. Ou será que eu é que sou má? No dia da discussão, imaginei cortar a minha mãe em mil pedaços. Mas tenho muita pena de ver a minha mãe tão doente... Mas será que sou eu que a faço assim?

Citando Rascovsky: “Ao lado das tendências filicidas, coexistem nos pais, em maior ou menor grau, os desejos ternos e amorosos, que permitem a sobrevivência do filho. Dessa ambivalência, e da oscilante proporção dos ingredientes essenciais, depende o destino definitivo da criança.”

E que seria de nós se não fôssemos *Bem-Achados*?

No início, a cumplicidade nos salva. A mesma redoma, o mesmo continente, nos sufoca.

Onde estava o caçador que apenas proporcionou a eterna ligação da menina com seu objeto de folgado?

Tanto quanto o movimento de vida, aquilo que frustra, quebra e destrói, é

imprescindível para a nossa subsistência. Durante todo o desenvolvimento, as castrações, vividas por vezes pela criança como ataques sádicos dos genitores, promove o movimento contínuo do canibalismo à identificação, do não ser ao ser, do duplo ao triplo, até a síntese de aprender a ser só.

A luta pela integração dos movimentos de vida e de morte acontece na mãe e no bebê. Tanto um quanto o outro são alvo de fantasias amorosas e agressivas e da mesma forma o pai, quando disposto a fazer parte da história.

Achei muito interessante a referência ao termo “Couvade”, citado por Rascovsky. Para os Tupinambás, o filho vem do lombo do pai e não da mãe. Em respeito ao pai, a mãe contém o filho para que esse cresça e se desenvolva. O parto feito pelo pai começa na identificação dele para com o bebê, até a interdição da simbiose aprisionada da dupla mãe e filho.

No *Bem-Achado* o pai traz o bebê e se retira, abandonando-o aos movimentos cuidadores de Lena e às ações filicidas da velha cozinheira, que seriam, na verdade, cara e coroa.

Ser alvo de movimentos duplos não é privilégio dos filhos adotados ou de mães atormentadas. Cabe ao Ego, àquele que em melhores condições estiver, lidar com os movimentos antagônicos dos instintos de vida e de morte. Quanto mais primitivo o Ego, maior a cisão e a presença de fragmentações. No bebê, uma situação esperada. No filicida, uma consequência de bombardeios internos sem anteparos de representações bem-sucedidas que facilitem a reparação.

Sem costume de matar, mas com medo de agredir, perambulam filhos-objetos na mira das retaliações, morrem identidades previamente desconhecidas e se endividam recém-nascidos pelo período em que foram parte das entranhas.

Finalizam, brilhantemente, os Irmãos Grimm:

“– Nunca me deixes e nunca te deixarei: de mãos dadas, se é que não morreram, continuam vivos...” Até quando?

Não estamos livres de projeções. Serão elas a matéria-prima para a construção de cada um de nós. A seleção dos fatos, o reconhecimento da genética e o que dos outros tornou-se verdadeiramente nosso, é trabalho de parteira e garimpo, de paciente e analista. Fazer do filho parte de si e somente depois se emancipar faz parte da nossa história de filhos e de pais.

A ação suicida e o pecado contra si, maior do que o original, é ser colado, fingindo ser emancipado, é ficar calado, mesmo que machucado. Redefiniria o Filicídio, que é matar a si próprio, antes de matar ao outro.

Para o julgamento encaminho o Homicida, pouco passional. Seu maior pecado não é fazer do outro alvo das suas projeções, mas é fazer-se de tolo, de morto-vivo, desconfirmado o óbvio das percepções.

Lamentamos, temos que reconhecer que se o nascimento do bebê não coincide com o parto de quem o gera, se a indefinição entre o filho interno prevalece e o filho real é esquecido, caminha solitário quem sozinho ainda não pode ser, antes de nascer ou fica impedido para sempre da possibilidade de crescer.

Dante, na primeira estrofe de *A Divina Comédia*, nos mostra, em contundentes palavras, o momento de um parto a caminho das trevas, um erro, um desvio, sem luz:

*A meio do caminho dessa vida
Achei-me a errar por uma selva escura
Longe da boa vida, então perdida.
Ah! Mostrar qual a vi é empresa dura,
Essa selva selvagem, densa e forte,
Que ao relembra-la a mente se tortura.
Ela era amarga, quase como a morte!
Para falar do bem que ali achei,
De outras coisas direi, de várias sortes,
Que se passaram.
Como entrei, não sei.
Era cheio de sono aquele instante
Que da estrada real me desviei.*

O nosso papel como analistas não é corrigir o inevitável, mas promover os caminhos de volta ao direito de nascer. O desenvolvimento humano promove, pelos movimentos peculiares das regressões, uma constante revisão de projeções, confusões de identidade, distorções de realidade, sem que estejamos diante da finitude da ação e filicidade. Através da análise, “faxinamos” o depósito onde guardamos frascos com as porções dos outros, pilhas de recados malescritos e missões impossíveis de dívidas de outrem.

O nascimento:
*O passado é aquilo que se foi.
O futuro, uma ilusão.
O hoje é uma dádiva e é por isso que
se chama presente.*

Chegando ao fim, voltamos ao princípio. Volto ao Gênesis:

“Era a Terra sem forma e vazia. Trevas cobriam a face do abismo e o espírito de Deus se movia sobre as faces da água...”

“Deus chamou à luz dia, e às trevas chamou noite. Esse foi o primeiro dia”

Depois do primeiro dia, nunca mais foi apenas um, o dia ou a noite, mas sempre dois, em aparições alternadas mas fenômenos de um mesmo lugar. De clarão em clarão, sem se esquecer das trevas, o Criador apontou para o caminho.

Retomo o conceito de Couvade. De acordo com os Tupinambás, o pai não é somente genitor e reprodutor, mas o pai dá a luz de diversas maneiras. Em cada uma das passagens do Gênesis, o Criador promove etapas, mata um para o nascimento de outro.

Do livro, *Os Caminhos do Islã*, de Marco Lucchesi, “ouro, incenso e mirra”:

Deus criou Adão para a terra e não para o paraíso. Eu estou colocando sobre a terra um substituto (Alcorão 2: 30). Ele criou Adão para a Terra, e não para o Jardim. A descida significa uma descida para a Terra.(...)”

(...) a queda pode ter tido certas consequências negativas, porém tudo fazia parte de um plano divino. Sem a queda, Adão não poderia ter sido o substituto de Deus na terra. Em termos cristãos, o comer o fruto foi uma *felix culpa*, “um pecado auspicioso”.

Lembremo-nos que a substituição implica a servidão. Para que seja possível se tornarem realmente servas, as pessoas devem aceitar a sua distância de Deus e reconhecer a sua cólera, severidade, magnificência, inacessibilidade e incompreensão. Entretanto, esses atributos não podem ser reconhecidos se virmos apenas o lado piedoso e amoroso de Deus. Alguns pensadores muçulmanos afirmaram que Deus colocou Adão e Eva no Jardim para que ganhassem força de forma a suportarem o que lhes esperava quando fossem colocados a grande distância de Deus, na Terra. Enquanto eles estiveram no Jardim, estavam próximos de Deus, e Ele algumas vezes lhes falava. Eles gozaram de sua companhia, de sua beleza e de sua gentileza. Todavia, uma vez que entrassem na Terra, ficariam longe de Deus e, a partir daí, deveriam encarar as consequências de seu poder e cólera. Para que pudessem alcançar todas as possibilidades da perfeição humana, eles deveriam provar a sua distância assim como a sua proximidade. (“Da profecia”, texto de Sachiko Murata e William Chittick, tradução de Cynthia Marques de Oliveira, do livro *Caminhos do Islã*, organizado por Marco Lucchesi.)

Cortes, desobediências, rompimentos e outras ações foram feitas sem

cerimônia ou ambivalências. Mas não se fala em morte. Fala-se em continuidade de vida, fora do éden-útero, onde cada um deverá carregar dentro de si treva e luz e fazer das contradições passos para lutas, perdas e vitórias.

Fala-se em transformação, em mudança, em saída, mas com a certeza do pertencimento, da evocação, da memória de tempos bons e de outrora fartura.

“Então, disse o Senhor Deus: “Agora o homem se tornou como um de nós, conhecendo o bem e o mal.”

E por esse motivo, não pela ação vingativa, o Criador encaminhou o homem para fora do Paraíso. Saber de cada um de nós e daquilo que nos cerca aumenta a chance de um caminhar menos atropelado.

Dos jardins do Éden ao cultivo do solo, do nascimento ao parto, é preciso levar a certeza de pertencer, a possibilidade de reparar e o direito de multiplicar. Mesmo que de ervas daninhas tiremos a nossa sobrevivência, mesmo que do suor do nosso rosto saia o pão, é melhor ser recém-nato do que falsamente grato. E a ideia de reparação, de integração nos agrada e nos traz esperança de nascimentos tardios.

Acaba de nascer um trabalho. E por ser recém-nato, precisa ser escutado, observado, debatido e, apenas se for por desejo, adotado. Diferente disso, seria apenas um espelho meu, um bastardo, um *Bem-Achado*, alienado. □

Referências

- BÍBLIA SAGRADA (1993). Nova versão Internacional. Sociedade Bíblica Internacional, 2000.
- GREENBERG, J. R.; MITCHELL, S. (1994). *Relações objetais na teoria psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- MANUAL DE DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICAS DAS PERTURBAÇÕES MENTAIS. 4. ed. American Psychiatric Association.
- RASCOVSKY, A. (1974). *O filicídio*. Rio de Janeiro: Artenova.
- SPILLIUS, E. B. (2000). *Melanie Klein hoje*. Rio de Janeiro: Imago.
- WINNICOTT, D. W. (1993). *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Vinícius ao som de Freud, Bion e Winnicott

Catherine Lapolli

Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Pelotas

No biênio comemorativo dos 50 anos da bossa nova e dos 15 anos da ABC (Associação Brasileira de Candidatos), o presente trabalho propõe uma leitura de Vinícius de Moraes, usando conceitos de Freud, Bion e Winnicott. A partir de poemas e de uma biografia do Vinícius por um lado, e de conceitos sobre o próprio trabalho artístico, o processo de pensar, o fazer criativo e sobre sintomas de outro, busca-se compreender o "Poetinha", sob o vértice psicanalítico. Ao longo do texto, Vinícius "rима com pulsão", em prosa e verso.

Vinícius, múltiplo, senão seria Viniciu de Moral

Sérgio Porto

Vinícius de Moraes, o *Poetinha*, é um personagem rico, como são ricas suas rimas, poesias, prosas e sonetos. Com a vida e obra carregadas de muita carga afetiva, foi tratado por seu biógrafo, Jose Castello, como o poeta da paixão, e definido pelos amigos por sua passionalidade na vida e na poesia. Drummond diria que “Vinícius é o único poeta brasileiro que ousou viver sob o signo da paixão, quer dizer, da poesia em estado natural”. O mesmo Drummond gostaria de ter sido Vinícius, traduzindo um sentimento de muitos, poetas ou não. Vinícius era múltiplo, pelas muitas habilidades estimuladas pela família desde cedo, pelas atividades profissionais desempenhadas ao longo da vida, pela amplitude das experiências que viveu, pelas várias e variadas mulheres que teve, atraindo múltiplos olhares sobre si. Neste tom, proponho uma escuta (ou uma audição?) psicanalítica de Vinícius de Moraes, com arranjos de Freud, Bion e Winnicott. A ousadia da proposta harmoniza com Vinícius, para quem poesia sem paixão podia ser tudo, menos poesia, e a poesia era o próprio retrato de sua vida. Ao escolher três autores para falar de Vinícius, acompanho Franco de Masi (2002), em seu trabalho *O Inconsciente e a Psicose*, onde sugere que, para determinar a técnica analítica mais procedente, é preciso identificar o modelo de inconsciente mais adequado para compreender o objeto em questão. Masi propõe que existem diversos modelos de inconsciente, não necessariamente intercambiáveis, e que o estudo das psicoses, seu exemplo, exige mais de uma teoria. Assim, proponho que falar de Vinícius pode ser mais rico a partir de mais de um vértice. O *Poetinha* nos brinda com muito sonho, muita poesia e, se nos arriscarmos, muitos sintomas, como escracha sua afirmação de que passava a gostar do mundo depois da segunda dose, ao falar do álcool, que faria parte de sua morte. Freud, Bion e Winnicott são bons parceiros para ouvir Vinícius, porque apuraram nossa escuta sobre tudo isso: sonhos, poesia, sintomas e morte, cada um a seu modo, como diria Masi.

Freud (1906), em *A Gradiva de Jensen*, mostra relações entre o sonho, a criação artística e os sintomas neuróticos, inaugurando este pensar psicanalítico das criações artísticas como fonte para entender o funcionamento inconsciente. Na novela, o autor aborda o sonho (e a patologia) de seu protagonista, um antropólogo que sai em busca de sua Gradiva, misturando sonho e realidade, aliás um tema presente em muitas obras literárias. A comunhão entre os sonhos e as obras artísticas é partilhada por Jorge Luis Borges, quando afirma que “a literatura é um sonho dirigido”. Freud (1907) também se ocupou dos poetas em

“O Poeta e os Sonhos Diurnos”, propondo que o poeta faz o mesmo que a criança que brinca; cria um mundo fantástico e o toma a sério, estendendo ao longo da vida e para os outros esse prazer de moldar a realidade a partir dos desejos. A poesia, assim como o sonho, o brincar e o sintoma patológico, satisfaz um desejo relacionado ao passado infantil, despertado por um acontecimento atual, rompendo as limitações impostas pela realidade ao criar símbolos em que condensações, deslocamentos e elaborações são possíveis. O desejo vinculado ao sonho e à poesia é um desejo escondido e censurado, e o trabalho do poeta diminui a repugnância a este desejo por meio de ocultações, levando a um prazer estético que entranha o caráter de um prazer preliminar, proporcionando, então, gozo pela descarga de tensões psíquicas. Vinícius carrega seus poemas de desejo e chega ao extremo do brincar quando amplia o conceito de poesia “retirando o domínio restrito dos gêneros literários e espalhando-o pelo mundo real” (Castello, 1994). Freud diria que o poeta cruza o limite da realidade, mas sabe o que está fazendo. Vinícius confunde a própria vida com a poesia ao dizer: “julgar minha poesia seria julgar minha vida. E eu me considero um ser tão imperfeito...”. A vantagem da obra literária é a universalidade que alcança, a desvantagem é que nos ligamos ao escritor por um terceiro, o biógrafo, que acrescentará suas transformações à personagem de que se ocupa. Somos empurrados a aceitar as limitações que o desconhecido impõe. E, em se tratando de Vinícius de Moraes, este desconhecido surge em lendas e até mitos que revestem sua vida e sua obra, estimulando o trabalho de procurar o sentido de cada verso ou de cada etapa da vida do poeta. Vinícius escreve sobre o mistério, a paixão e a morte. A partir disso, nos remete ao conteúdo do nosso mundo interno, o que sustenta o nosso interesse. Em seus escritos, amor e morte se juntam, e nada impede que invoquemos Freud para dar conta dessa dualidade, dessa coexistência da vida e da morte na mente. Aqui, a obra atinge sua função: dar o que temos em nós mesmos; esse mistério, esse desejo, esses conflitos, que *no fundo* são nossos conhecidos.

Bion (1965), inicia seu livro *Transformações* exemplificando o processo que ocorre quando um pintor representa uma paisagem em uma tela, salientando a transformação que opera a partir dos elementos invariantes da paisagem, expressos em pinceladas. Vinícius foi um mestre na transformação da vida e das emoções em poesia, acreditando que, em alguns momentos, a vida fazia poemas e, em outros, os poemas faziam a vida. Passagens como o início e término de casamentos, em que sua primeira atitude era escrever um poema, ou outra situação em que, ameaçado por estudantes portugueses que o consideravam reacionário, decidiu enfrentá-los recitando poesia, são algumas que atestam este pensamento. Poderíamos pensar que Vinícius leu Bion quando diz que a poesia não é uma arte

que se ergue sobre conceitos, mas sobre emoções, ponto de partida e de chegada dos poemas. Bion, empenhado em unir experiência ao pensar, dirá que “as transformações do artista variam de acordo com a compreensão que seu quadro deve transmitir, as transformações do analista vão variar de acordo com a compreensão que ele deseja transmitir”. Nas transformações, a experiência emocional norteia o resultado a que se chega. Bion envolveu-se na apreensão dessa experiência emocional para entender o funcionamento mental. A partir disso, podemos supor que Vinícius criou sua notação da vida a partir das emoções; sua poesia. Para Bion, o sonho estabelece uma barreira de contato por meio da qual elementos rudimentares da mente, impassíveis de armazenamento e arranjos, são transformados em fragmentos de pensamento, possibilitado o acesso à consciência (De Masi, 2002). No “Soneto de Fidelidade”, Vinícius explora este trânsito entre elementos, chegando a alcançar um novo significado para as palavras a partir da construção de seus versos, falando sobre amor “que não seja imortal/ posto que é chama /mas que seja infinito/ enquanto dure”. “Posto que”, neste poema, passa a significar “porque”, e não “ainda que”, como era o uso vigente da expressão, levando Aurélio Buarque de Holanda a desabafar: “Seu soneto é belíssimo. Mas ele estragou o meu dicionário”. Afinal, “a vida existe, tantas vezes, para desmentir os dicionários”, como disse seu biógrafo.

Winnicott (1975), o terceiro parceiro para ouvir Vinícius, garante: “é no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação”. Winnicott liga a criação artística ao seu conceito de objeto transicional e de espaço transicional, que une o espaço interno ao espaço externo do indivíduo. O espaço transicional surge na vida mental depois de uma fase em que o espaço externo deixa de ser *concebido* como própria criação e passa a ser *percebido* como não-eu. A partir dessa experiência, a possibilidade de criar se consolida e se manifesta pelo uso do objeto transicional, como um brinquedo ou uma obra de arte, que ocupa esse espaço situado entre o eu e o não-eu. Winnicott é mais incisivo: “é no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral”; e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu. Ainda assim um poeta aclamado não garante que houve um encontro com o eu (*self*), porque o artista que busca a si na sua obra pode ter fracassado no campo do viver geral criativo. Muitos escritores são monotemáticos, denunciando esta busca por algo que não é alcançada. E sobre Vinícius: foi criativo ou não conseguiu encontrar-se consigo mesmo? Talvez a resposta seja composta: criou de várias formas; aproveitou esse fruir entre o seu interior e o exterior, mas também buscou algo que não alcançava, ou mesmo criou reagindo ao mundo à sua volta. A maneira compulsiva como trabalhava em algumas fases, e até períodos

de brancos, denuncia essas várias facetas, que Winnicott relaciona à incapacidade de “atingir o estado de repouso a partir do qual um alcance criativo pode acontecer”. Vinícius foi também conhecido como poeta da imperfeição, e aqui se vale da incompletude para criar seu objeto transicional, a poesia, que se torna uma necessidade e nunca perde o sentido ao longo de sua vida.

Agora, Vinícius por ele mesmo:

Autoretrato

*Nome: Vinícius. Por quê?
O Quo Vadis, saído em 13
Ano em que também nasci.
Sobrenome: de Moraes
De Pernambuco, Alagoas
E Bahia (que guardo em mim).
Sou carioca da Gávea
Bairro amado, de onde nunca
Deveria ter saído.
Fui, sou e serei casado
E apesar do que se diz
Não me acho tão mau marido.
Filhos: três e um a caminho
Altura: um metro e setenta
Meão, pois. O colarinho
Trinta e nove e o pé quarenta.
Peso: uns bons setenta e três
(precisam ser reduzidos...)
Dizem-me poeta; diplomata
Eu o sou, por concurso
Jornalista por prazer
Nisso tenho um grande orgulho
Breve serei cineasta
(Ativo). Sou materialista.
Deito mais tarde que devo
E acordo antes do que gosto.
Fui auxiliar de cartório
Censor cinematográfico
Funcionário (incompetente)
Do Instituto dos Bancários.*

*Atualmente sou segundo
Secretário da Embaixada.
Formei-me em Direito, mas
Sem nunca ter feito prática.
Infância: linda que mesmo longe
Continua em mim ainda.
Prefiro vitrola a rádio
Automóvel a trem, trem
A navio, navio a avião
(De que já tive um desastre).
Se voltasse a vida atrás
Gostaria de ser médico
Pois sou um médico nato.
Minhas frutas prediletas
Por ordem de preferência:
caju, manga, abacaxi.
Foi com meu pai, Clodoaldo
de Moraes, poeta inédito
Que aprendi a fazer versos
(um dia furtei-lhe um
Para dar à namorada).
Tinha dezenove anos
Quando estreei com meu livro
O Caminho para a Distância
Meu preferido é o último:
Poemas, sonetos e baladas.
Toco violão, de ouvido
E faço sambas de bossa
Garoto, lutei jiu-jitsu
Razoavelmente. No tiro*

*Sobretudo em carabina
Sou quase perfeito. As coisas
Que mais detesto: viagens
Gente fiteira, fascistas
Racistas, homem avarento
Ou grosseiro com mulher.
As coisas que mais gosto:
Mulher, mulher e mulher
(Com prioridade a minha)
Meus filhos e meus amigos.
Ajudo bastante em casa
Pois sou um bom cozinheiro
Moro em Paris, mas não há nada
Como o Rio de Janeiro
Para me fazer feliz
(E infeliz). Desde os 7 anos
Venho fazendo versinhos
Gosto muito de beber*

*E bebo bem (hoje menos
Do que há dez anos atrás).
Minha bebida é o uísque
Com pouca água e muito gelo.
Gosto também de dançar
E creio ser essa coisa
A que chamam de boêmio.
Em Oxford, na Inglaterra
Estudei literatura
Inglesa, que foi
Para mim fundamental.
Gostaria de morrer
De repente, não mais que
De repente, e se possível
De morte bem natural.
E depois disso, ao amigo
João Conde nada mais digo.*

Este autorretrato tem valor pelo o que mostra e pelo o que esconde sobre o Poetinha. Vinícius é de nascença Marcus Vinitius Cruz e Mello de Moraes, nome cuidadosamente escolhido pelo pai, doutor em latim. Aos 9 anos, o próprio Vinícius trocou seu nome e registrou em cartório a mudança para Vinícius de Moraes, abandonando o Cruz e Mello. Esse fato foi percebido por Manoel Bandeira: “Marcus Vinitius/ Cruz de Moraes,/ Eu não sabia/ Que no teu nome/ Tu carregavas/ A tua cruz/ De fogo e lavas”. Vinícius abandonou a retórica do pai e o nome da mãe, que, aliás, não aparece neste autorretrato. D. Lídia casou-se aos 19 anos e teve 4 filhos; Vinícius foi o segundo. Sua bagagem de erudição foi herdada tanto do pai quanto da mãe, exímia pianista, como a avó de Vinícius. Em sua árvore genealógica encontramos nobres, poetas, intelectuais, fanfarrões e inclusive relações incestuosas como a dos avós, que eram primos. Carioca da gema, Vinícius viveu anos, a partir do primeiro, com os avós paternos e conviveu muito com tias, que o mimavam a ponto de a irmã mais moça entornar: “não fosse a excelente matéria-prima de que é feito, ela (leia-se tia Aspásia) o teria transformado num monstro de egoísmo ou num maricas”. A convivência com os tios foi intensa e estimulante, mas Vinícius viveu um afastamento de sua mãe, no início de sua vida escolar. D. Lídia teve um tumor no útero e vai repousar na Ilha do Governador sem os dois filhos mais velhos, Lygia e Vinícius (que se manteriam unidos até o

fim da vida), que ficam em Botafogo para continuarem na escola. Suspeito que no poema Vinícius falou que nunca deveria ter saído da Gávea onde nasceu, porque saiu para a casa dos avós e ficou afastado da mãe, ou talvez ela não devesse ter saído... Lúcia se recuperou e só vai falecer em 1968; Vinícius remeteu-se à casa materna como a sede da felicidade primitiva, sem excessos ou complicações. Outra decorrência da doença da mãe foi um período de dificuldades financeiras da família, aparecendo nos escritos “o licoreiro magro, a bandeja triste, o absurdo bibelô”. O pai, Clodoaldo, era um funcionário público, que se orgulhava de não fugir ao trabalho, mas não alcançou prestígio e viveu uma vida modesta. O pai foi omissivo, e Vinícius foi buscá-lo nos poemas; seu primeiro poema resgatado foi um poema roubado de seu pai, para dar à sua primeira amada, nos primórdios da sua vida escolar. Vinícius dirá que se tornou poeta para não precisar roubar mais poemas de ninguém. O pai não apoiou sua carreira artística, e parece não ter desfrutado dos sucessos do filho. Clodoaldo não foi um modelo de admiração, embora Vinícius relacione com ele sua estreia na poesia e também se torne um funcionário público, como o pai fora. Vinícius seguiu almoçando com a mãe aos domingos, e chocou-se porque ela faleceu em um domingo, a hora do almoço, na ausência dele... Lúcia acolhia o filho em alguns períodos de fossa e o aconselhou sobre seus casamentos confusos, com mulheres muito jovens, contra a vontade dos sogros. Advertiu-o para que não se comparasse ao mulherengo Chaplin, mas esses conselhos não promoveram mudança nas atitudes do filho. Aliás, Vinícius não se achava mau marido como o achavam. Teve nove esposas, fato que ganha um verso em seu poema e atraiu muita atenção. A maioria das companheiras se assustava com a aproximação, temendo sofrimentos, pelo seu histórico de separações. Seu primeiro casamento foi o mais longo e sólido, com Tati, mãe dos seus primeiros dois filhos, Susana e Pedro. Depois, casou escondido, fugiu para casar e fugiu de casamentos, praticamente raptou uma das companheiras, abandonou uma grávida. Não conseguia ficar só, nem casado! Suas relações eram marcadas por turbulências; mudanças constantes, traições, álcool, desencontros, brigas até físicas, angústia. Como ex-marido, respeitava suas mulheres, aliviava a tensão, e saía das relações com a roupa do corpo, sua escova de dentes e seu retrato feito por Portinari. Apesar das múltiplas separações (escreveria que “a vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”), morreu casado com a jovem Gilda de Queiros Mattoso. Em meio a essas relações, pouco conviveu com os filhos, Susana, Pedro, Georgiana, Luciana e Maria. Não mostrava muita empatia com as crianças, a ponto de desejar que os filhos já nascessem aos 15 anos. Achava que filhos davam trabalho (escreveu em um samba que Herodes tinha razão), mas também traziam alegria, e não aceitava a idéia de aborto, cogitada

pela mãe de sua última filha, Cristina Gurjão. Sua relação com os filhos limitava-se ao brincar esporádico, ao sustento financeiro, e não propriamente à educação; Vinícius não se ocupou com limites para si nem para sua prole. No fim da vida, os filhos se aproximaram dele e até o acompanharam em trabalhos, bem como nos seus últimos dias. Ao falar de si, ria de sua imperfeição, assumia sua incompletude, mas não deixava de ostentar uma postura sedutora onde estivesse. Postura essa que desfilou diversas roupagens ao longo de sua vida, chegando a matizes hippies no fim. Seus múltiplos trabalhos têm muito para contar: fez dois concursos para ser diplomata. No primeiro, gerou polêmica ao assinar uma prova de francês, que, se fosse assinada, o desclassificaria. Alguns pensaram que foi pelo temperamento desligado que ele a assinou, outros sustentam que Vinícius, percebendo-se rodado, preferiu a desclassificação. Diplomata, exerceu muitas funções no Itamaraty, viveu vários períodos fora do Brasil (Oxford, Los Angeles, Paris, Montevidéu), mas atraiu antipatia quando negligenciou protocolos e manifestou-se contra a ditadura em shows. No período do golpe militar foi afastado da diplomacia. Como jornalista, escreveu crônicas, críticas literárias e até foi responsável por um consultório sentimental, respondendo a cartas dos leitores do semanário *Flan*, encarnando o papel de uma mulher – Helenice. Como cineasta, proporcionou bons roteiros a outros diretores, como Orfeu da Conceição; mas não soube dirigir. Censor cinematográfico, nunca censurou um filme. Não exerceu a advocacia, mas aprendeu na faculdade muito com seus colegas, antipáticos aos modernistas e comunistas, especialmente Otávio de Faria, que teve ascendência sobre Vinícius. Vinícius abandonaria o direito e essas inclinações no contato com novos parceiros, novas realidades. Se não fosse direito, gostaria de ter feito medicina, mais por ser hipocondríaco do que médico nato. Diabético, temia por sua saúde, contudo, evidentemente não a cuidava. Junto com isso, fala, em seu retrato, sobre frutas, que se relacionam a uma de suas crenças: nunca misturar álcool e manga. Optou, durante a maior parte do tempo, pelo álcool, mas, quando adoeceu gravemente e foi proibido de beber, encheu sua fruteira de mangas. Estilos e “tipos” foram muitos, até chegar à música e inaugurar um gênero: a bossa nova. Vinícius a chamaria de *easy music*, e ficou chateado com a tradução para “música fácil”, preferindo “música simples”. Com o tempo, também aprimorou seu gosto pelas coisas simples, sua postura política, suas alianças com parceiros de samba e com seus amigos. Teve quatro parceiros com estilos diferentes (Tom Jobim, Carlos Lyra, Baden Powell e Toquinho), que enriqueceram a sua arte e sua vida; era generoso em todos os sentidos com eles, oferecendo apoio, amizade, músicas, dinheiro... Também dividia com os amigos o uísque que foi consumindo sua saúde, levando-o a morte aos 67 anos, visivelmente enfraquecido, com sintomas

neurológicos afetando sua cognição e motricidade. Teve várias internações clínicas pelo uso de álcool, chegou a procurar dois terapeutas (Katerine foi a primeira, ora vejam!), mas nunca abandonou o vício, nem nos últimos momentos. Morreu (já que não era imortal, mas chama) como gostaria: em sua banheira, onde costumava passar muitas horas, porque dizia que, assim, voltava ao útero. Sempre exaltou as heranças que teve dos clássicos, dos vanguardistas, e, por seu turno, deixou um legado cultural vasto.

De posse dessas notas da vida do poeta, voltemos aos mestres para a leitura, não só da obra, mas do homem. Vinícius se assume melancólico (“Por isso sofria/ de melancolia/ sonhando o poeta/ que quem sabe um dia/ poderia ser”), e Freud (1915) em “Luto e Melancolia” trata os melancólicos como quem reage a uma perda, perda de parte de si mesmo. Acontece uma perda, abandono de um objeto muito valorizado, e então o indivíduo, identificado com esse objeto, vivencia a perda como perda de si, transformando o conflito entre o eu e a pessoa amada perdida em um conflito entre a instância crítica do próprio sujeito com seu ego. Essa relação objetual rompida deve ter bases narcísicas, o que explicaria o retorno libinal ao ego no momento da ausência do objeto. No mesmo texto, Freud aborda a mania, como o resultado desse retorno libidinal para o ego, que, investido maciçamente, tornar-se-á inflado, grandioso. Na mania, o ego goza da satisfação de reconhecer-se melhor do que o objeto perdido. Nesse processo, o indivíduo abandona o objeto e a dor relacionada a ele, dor também manifesta na ambivalência presente na relação rompida. Freud ainda agrega pensamentos sobre o alcoolismo, como uma forma de triunfo sobre a dor, similar à mania, em que se dá a suspensão do gasto de energia com a repressão, necessária para afastar os conteúdos penosos da mente. Terá Vinícius vivido o afastamento da mãe doente como uma perda, suprimindo sua mãe de seu nome, de seu autorretrato e de mais algum lugar da sua mente? Como terá sido o susto com a doença de D Lúcia, um tumor em seu órgão feminino reprodutor, ameaçando sua vida? Vinícius passará muitas horas em sua banheira, dizendo sentir-se de volta ao útero... Aliás, na mesma época em que a mãe o deixou em Botafogo e foi tratar-se, Vinícius roubou o poema de seu pai para entregar à sua primeira amada, inaugurando sua relação com as mulheres e a poesia. Buscou mulheres incessantemente e se desiluiu porque não encontrava a mãe ou a si mesmo nas companheiras? Precisou do álcool para aplacar sua dor persistente e se interessar pelo mundo como dizia? Em seu “Soneto de Fidelidade” fala do amor que teve, qual seria? A persistência ou repetição de alguns problemas na vida do poeta remete a outro texto de Freud: “Recordar, Repetir e Elaborar”, de 1914. Chamam atenção os nove casamentos do poeta. Vinícius dizia-se sempre casado, mas com nove mulheres diferentes, podemos pensar que era bom marido

muito a seu modo! Neste trabalho, Freud estuda as repetições de padrões de relacionamento sem que o indivíduo perceba que o faz. Essa repetição aparece na patologia e na dificuldade de abandonar estilos que, na verdade, fazem sofrer. Paradoxalmente, nesse padrão repetitivo, os doentes revivem no presente sofrimentos antigos que mantêm afastados da consciência, porque o que não pode ser lembrado é vivido. Em 1920, a teoria freudiana será enriquecida pela presença do instinto de morte, conceito explorado em “Além do Princípio do Prazer”, que introduz uma metapsicologia baseada em uma nova dualidade instintual: instinto de vida x instinto de morte. O princípio do prazer baseia-se na busca da diminuição das tensões desencadeadas pelas necessidades instintuais, como os instintos sexuais. A repetição fica, então, vinculada à vida sexual infantil e, conseqüentemente, ao complexo de Édipo. E, ainda que o passado encerre insatisfação nas relações iniciais da vida, Freud considera que insatisfação para uma instância mental pode ser satisfação para outra. Os elos entre a infância e a vida adulta se estreitam pela reedição de estados primitivos, que carregam a urgência do princípio do prazer e seus correlatos instintos de vida, sempre ocupados em aplacar os permanentemente ativos instintos de morte, impondo tensões ao aparato mental. Vinícius quase exige que pensemos em prazer quando lemos suas poesias ou sua biografia, mas não escapa da presença constante da morte na obra e na vida. Desde o medo precoce da morte, presente na sua relação com a mãe, passando pelo medo de morrer que o acompanhou (a ponto de não viajar de avião facilmente), atingindo clímax nas tensões insuperáveis em seus relacionamentos. Seus poemas e seus casamentos são marcados pela finitude, como ele escreveu e viveu!

Em Bion buscarei inspiração em seu texto “Ataques a Ligação” (1959) para abordar os rompimentos de Vinícius; rompimentos com objetos, com formalismos, com sua própria história. Bion estuda o ataque aos vínculos criativos entre os pais, ou do indivíduo com objetos que possam promover uma criação. Similarmente, trabalha sobre os vínculos entre os pensamentos, que, atacados, geram o emprego ostensivo da identificação projetiva, reforçada quando predomina o instinto de morte. Textualmente: *“a psique do paciente contém um objeto interno que se opõe e é destrutivo para com todo e qualquer elo, desde o mais primitivo (que sugeri ser um grau normal de identificação projetiva) às mais sofisticadas formas de comunicação verbal e as artes”*. Mais contundente, dirá que os elos que persistem são perversos, cruéis e estéreis. Neste trabalho reporta-se a parte psicótica da personalidade, o que facilita o uso dessas ideias aqui, pois não podemos dizer que Vinícius atacou vínculos o tempo todo, melhor pensar que isso esteve *também* presente em sua vida. O rompimento mais chamativo em seu autorretrato

é com a mãe, que nem aparece. Mãe que carregou a capacidade criativa, mas também gerou em seu próprio útero a sombra da morte. E essa sombra da morte manteve a mãe afastada de Vinícius, unida ao pai e aos irmãos mais novos, o que sugere mais de uma modalidade de emoção, incluindo-se a inveja, ingrediente necessário para os ataques. Vinícius fará muitos pares criativos pela vida, com mulheres, com parceiros, mas romperá com praticamente todos, incapaz de suportar as pressões que essas uniões lhe traziam, por não conseguirem conter todas suas necessidades. Os rompimentos também aparecerão na obra, em mudanças de estilos ou até no rompimento com o dicionário, mas aqui, uma parte sua é capaz de integração e de novidades. Vinícius integra-se nos poemas, que agregam pedaços de suas ideias e emoções.

Alguém que produz tanto e se casa tantas vezes pode ser apreciado a partir de sua criatividade, denominador comum de homens e mulheres, segundo Winnicott (1975), que não incorpora o instinto de morte em seus escritos como Freud e Bion. Vinícius criou tanto que foi múltiplo, como já dito. Com suas criações, incorporou muitos papéis e atravessou muitas situações, mas também teve transições difíceis ou incompletas. E uso como exemplo seu apelido de Poetinha, “título” ligado ao papel que mais revela Vinícius e seu eterno lúdico. O apelido, que carregou por toda sua vida, foi dado por seu amigo Antonio Maria, de uma forma mais carinhosa do que pejorativa, apesar da inevitável ambiguidade. Vinícius, que usava bastante os diminutivos, dizia que nada no diminutivo poderia fazer mal. Esse diminutivo de poeta reflete-se na displicência com sua obra, que levou muito tempo para ser reunida em uma publicação abrangente, e não foi bem recebida pela Academia, embora Vinícius se comportasse como quem se vê grande, ao apostar muito na sua poesia. Difícil separar Vinícius do que fez, porque fez muito, principalmente versos. E como se ocupou de arte, Winnicott também pode ajudar com o uso do objeto transicional. O uso do objeto evolui de um objeto controlado onipotentemente para um objeto de posse, não de controle. Aqui, arrisco que os limites entre o eu e o não-eu foram borrados, porque Vinícius se confundia com sua poesia, como dizia. Talvez “alucinasse”, para suprir suas carências, talvez não aceitasse não controlar seus objetos. Mas também podemos pensar que conseguiu, com seu objeto poesia, superar a própria morte, “infinito enquanto dure”. □

Referências

- BION, W. R. (1957). *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
———. (1962). *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

- _____. (1965). *Transformações*. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- CASTELLO, J. (1994). *Vinicius de Moraes – o poeta da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras.
- DE MASI, F. (2002). O inconsciente e a psicose. *Livro Anual de Psicanálise*, v. 16, p. 9-27, 2002.
- FREUD, S. (1906). O delírio e os sonhos na “Gradiva” de W.Jensen. *Obras completas*. Madrid: Nueva, 1981.
- _____. (1907). O poeta e os sonhos diurnos. In: *Obras completas*. Madrid: Nueva, 1981.
- _____. (1914). Recordar, repetir e elaborar. In: *Obras completas*. Madrid: Nueva, 1981.
- _____. (1915). Luto e melancolia. In: *Obras completas*. Madrid: Nueva, 1981.
- _____. (1920). Além do princípio do prazer. In: *Obras completas*. Madrid: Nueva, 1981.
- MORAES, V. *O poeta não tem fim*. Vergara e Riba, s/l.
- WINNICOTT, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- WINNICOTT, C; SHEFRERD, R.; DAVIS, M. (1994). *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed.

Pensando em Chapeuzinho Vermelho

Maria Valéria da Silva Coelho
Núcleo Psicanalítico de Aracajú

Neste trabalho a autora utiliza o conto Chapeuzinho Vermelho, nas versões dos autores Perrault, Grimm e Tatar, para desenvolver, sob o prisma dos conceitos Freudianos, algumas reflexões a cerca de questões relativas à sexualidade infantil.

Era uma vez um lobo mau
Que resolveu jantar alguém
Estava sem vintém
Mas arriscou e logo se estrepou
Um chapeuzinho de maiô
Ouviu buzina e não parou
Mas lobo mau insiste
E faz cara de triste
Mas chapeuzinho ouviu
Os conselhos da vovó
Dizer que não pra lobo
Que com lobo não sai só
Lobo canta, pede promete
Tudo até amor
E diz que fraco de lobo
É ver um chapeuzinho de maiô
Mas chapeuzinho percebeu
Que o lobo se derreteu
Pra ver você que lobo
Também faz papel de bobo
Só posso lhe dizer, chapeuzinho agora traz
O lobo na coleira que não janta
Nunca mais, lobo lobo, uh!

João Gilberto
Lobo bobo

I. Introdução

Os contos de fadas, mesmo em nossos conturbados dias de realidade nua e crua, ainda exercem uma atração fascinante sobre as crianças, mesmo sobre aquelas que existem em cada um de nos, adultos.

Antigamente essas histórias fantásticas, folclóricas, eram direcionadas para os adultos. Depois que a infância passou a ter importância social, nos últimos quatro séculos, as histórias foram gradativamente sendo adaptadas para o público infantil.

Freud em *Sobre as Teorias Sexuais da Criança* (1908) escreve: “O conhecimento das teorias sexuais infantis, tais como as concebe a mente da criança, pode ter interesse em mais de um sentido – até mesmo, surpreendentemente, para a elucidação dos mitos e contos de fadas”.

Bettelheim (1980) em seu livro *Psicanálise dos Contos de Fadas* descreve como essas histórias podem ajudar a compreender e elaborar os desejos infantis, suas fases de desenvolvimento, seus medos e angústias.

Como pensar em vida sem fantasia? Não seriam também essas fantasias que despertariam a nossa criatividade para construirmos possibilidades de vidas diferentes? Podemos ouvir e assistir uma história que ilustre de muito perto temores, desejos, situações vívidas e vividas. Não seria justamente por essa razão que, independentemente do passar dos anos, ainda surpreendemos os pequenos e a nós mesmos com o rosto perspassado pelas emoções provocadas pelas narrativas através da televisão, do cinema e teatro? Talvez seja uma oportunidade para termos nossos pontos frágeis e doloridos tocados e, quem sabe, uma possibilidade de começarmos a enxergar outras formas de ser.

Este trabalho aborda um desses contos de fadas: Chapeuzinho Vermelho visto sob o prisma dos conceitos freudianos da sexualidade infantil e tece algumas considerações sobre a sua atemporalidade.

II. As versões de Chapeuzinho Vermelho

A primeira versão em papel da história de Chapeuzinho Vermelho foi feita por Charles Perrault em 1697 que, por sua vez, a compilou do folclore do século XVII. Nela a menina é devorada pelo lobo, sendo o caráter da história uma fábula moral que ensina que quem transgride as regras e se expõe aos perigos é punido.

Em 1857, os irmãos Grimm publicaram uma continuação da história em que, após ter sido devorada, tanto a menina quanto a avó são salvas por um lenhador que, escutando os roncoss do lobo que dormia após a farta refeição, entra na casa da avó, abre a barriga do lobo com uma faca e as retira do ventre do animal sãs e salvas. Depois os três enchem o estômago do lobo com pedras. Este acorda com sede, vai beber água em um poço e, com o peso das pedras, cai e morre afogado.

Em 1885, Maria Tatar publicou uma edição comentada e ilustrada chamada *A História da Avó*. Essa história foi compilada a partir de narrativas orais francesas, não dirigidas para as crianças e parece ter origens mais antigas que as histórias de Perrault e dos irmãos Grimm. Nela, a história se inicia quase da mesma forma, porém mais sucinta. A ênfase maior é dada com o lobo já na casa da avó; após tê-

la devorado deixando um pouco de carne e uma garrafa de sangue. Com a chegada de Chapeuzinho, o lobo pede ela deixe a cesta na despensa e a convida para comer a carne e beber o vinho, que nada mais era do que o sangue da avó. Ao fundo, um gato comenta que seria preciso ser uma porca para comer a carne da avó e beber o seu sangue. A menina não dá atenção ao comentário, pois está mais atenta ao convite do lobo para irem para cama. Daí segue-se um detalhado *strip-tease* protagonizado por Chapeuzinho. A cada peça de roupa tirada, a menina pergunta ao lobo onde colocar, ao que ele responde: “Jogue no fogo, minha filha, não vai precisar mais dela”. O colorido erótico da cena depende do narrador. Finalmente, a menina se deita e acontece o diálogo já conhecido sobre partes grandes e peludas do lobo. Em seguida, a menina tem uma súbita vontade de urinar e pede para se aliviar fora de casa. O lobo não concorda, dizendo que ela faça na cama mesmo. Porém, devido a insistência da menina, ele amarra um cordão em seu pé e a deixa sair. Já do lado de fora, a menina amarra o cordão numa árvore e dispara para sua casa.

III. Freud e a sexualidade infantil

Em 1879, Freud abandonou sua teoria da sedução anunciando esse fato em sua carta a Fliess (carta 69) e sua descoberta do complexo de Édipo através de sua autoanálise (cartas 70 e 71). A partir daí reconheceu que os impulsos sexuais atuavam normalmente nas crianças de mais tenra idade, sem nenhuma necessidade de estimulação externa.

Somente em 1905, ousou publicar *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* e, dentro dele, a “Teoria sobre a Sexualidade Infantil”, causando um imenso incômodo no pensamento vitoriano de sua época. Nos anos posteriores, foram acrescentados comentários, conforme o amadurecimento de suas ideias e, também, artigos complementares.

Em 1907 publicou *O Esclarecimento Sexual das Crianças*, onde escreveu: “Na realidade o recém-nascido já vem ao mundo com sua sexualidade, sendo seu desenvolvimento na lactância e na primeira infância acompanhado de sensações sexuais”.

No capítulo II dos *Três Ensaios*, discorre minuciosamente sobre a sexualidade infantil, assunto até então evitado. Ele coloca que um recém-nascido já viria ao mundo com “germes de moções sexuais” e que a vida sexual da criança poderia ser observada em torno dos 3 ou 4 anos de idade. Depois disso, seguiria um período de latência total ou parcial, onde apareceriam “forças anímicas”, que

serviriam como barreiras à pulsão sexual, como o asco, o sentimento de vergonha e as exigências dos ideais estéticos e morais. Seriam essas barreiras que, através de um processo sublimatório, desviariam esses impulsos sexuais para o desejo de aquisição de conhecimentos e relações sociais de amizade. Na puberdade, finalmente, a pulsão sexual retornaria com novas condições de se organizar e se subordinar à função reprodutiva.

Freud descreve as manifestações da sexualidade infantil como o chuchar (sugar com o leite), o autoerotismo, quando a atividade sexual se baseia numa das funções somáticas vitais; e, fala também, que qualquer parte do corpo ou órgão poderia ser uma zona erógena. Nessa fase em que a satisfação sexual estaria vinculada à nutrição, já existiria um objeto sexual externo: o seio materno. Segundo a sua classificação das fases de desenvolvimento da organização sexual, essa fase foi chamada de oral-canibalesca, em que a atividade sexual não está separada da nutrição e o alvo consiste na incorporação do objeto. É nesse momento que fala na identificação que, posteriormente, terá importante papel no psiquismo. A perda desse objeto, o seio materno, coincidiria segundo Freud, “justamente na época em que a criança consegue formar para si uma representação global da pessoa a quem pertence o órgão que lhe dispensava satisfação”.

É através da mãe ou da pessoa que cuida que vêm todos os elementos que vão despertar a sexualidade da criança. Com a mãe, a criança aprende a amar. Através dos seus cuidados, seu olhar, seus carinhos que deverão vir numa dose tal que não se produzam distúrbios posteriores. A angústia surge quando é percebida a falta ou excesso em relação a essa primeira pessoa amada. Quanto mais desenvolvida a pulsão sexual na criança mais sua libido se transformaria em angústia quando não pudesse satisfazê-la.

Ao falar das manifestações sexuais masturbatórias, comenta a atividade da zona anal e sua importância para a compreensão da linguagem psíquica. Seria o componente principal da segunda fase do desenvolvimento: a organização sádico-anal. Nela, já existiria a divisão em opostos que não seriam ainda masculino e feminino e sim ativo e passivo. A musculatura corporal seria o ativo (pulsão de dominação) e a mucosa intestinal seria o alvo sexual passivo. Concomitantemente, existiriam outras pulsões parciais que atuariam de forma autoerótica. Seria possível já se distinguir a polaridade sexual e o objeto externo, faltando, contudo organização e subordinação à função reprodutiva. É característico dessa fase que “os pares opostos de pulsões estejam desenvolvidos de maneira aproximadamente igual”, caracterizando-se a ambivalência.

Freud descreve três fases da masturbação genital infantil: a masturbação da lactância, masturbação em torno do terceiro ano de idade e a masturbação na

puberdade. É na segunda fase de atividade sexual infantil que seriam deixadas marcas inconscientes na memória de cada um, possibilitando a formação de seu caráter ou seu tipo de neurose. Acrescenta que distúrbios miccionais nessa época podem ser denunciadores de perturbações sexuais, já que o aparelho serve como “guia” do aparelho sexual ainda imaturo.

A disposição perversa polimorfa estaria presente em toda a criança que estejam fortalecidas as barreiras contra os “excessos sexuais”: o asco, a vergonha e a moral.

Na sexualidade infantil, apesar da dominância das zonas erógenas, existiriam outros componentes que desde o início envolveriam outras pessoas como objetos sexuais. Assim, Freud coloca as pulsões do prazer de olhar e exibir e, também, a crueldade, como fazendo parte desses componentes que somente mais tarde teriam importância na vida genital. Na criança pequena, existe o prazer em se desnudar e exibir-se sem nenhuma vergonha e, também, a curiosidade de ver a genitália de outras pessoas.

A crueldade seria natural do caráter infantil, pois a capacidade de compadecer-se tem um desenvolvimento mais tardio. Dessa forma, pode-se suspeitar que, crianças com crueldade exacerbada com animais e companheiros de brincadeira, tenham histórias de uma atividade sexual precoce e intensa que tem origem nas zonas erógenas e que “mesmo com o amadurecimento precoce e simultâneo de todas as pulsões sexuais, a atividade sexual erógena parece ser primária”. O perigo é que o vínculo estabelecido na infância entre as pulsões cruéis e as erógenas sem a barreira da compaixão se perpetue vida afora.

É também nessa mesma época, entre os 3 e 5 anos, que se manifestaria a pulsão do saber. A criança começa sua investigação sobre a diferença sobre os sexos, tece teoria sobre a origem dos bebês, fantasia as relações sexuais, o casamento, tudo sob a ótica infantil e de acordo com suas possibilidades de acesso às informações. Se nessa fase sentir-se frustrada e, muitas vezes, enganada em seus anseios de descobrir, sua pulsão de saber poderá ficar seriamente prejudicada com futuras dificuldades de compreensão em sua vida escolar.

Em nota acrescentada em 1924, Freud coloca uma terceira fase de desenvolvimento que exhibe um objeto sexual e certo grau de convergência das aspirações sexuais para esse objeto, que seria a fase fálica da organização sexual, quando se desenvolveria o complexo de Édipo. Na visão de Freud, tanto o menino quanto a menina têm como primeiro objeto de amor a mãe. O menino mantém esse objeto e zona erógena durante a formação de seu complexo de Édipo e por toda a sua vida. Já a menina, tem que mudar de zona erógena e de objeto. O menino deseja a mãe, tem seu pai como rival. Porém, a ameaça de castração faz

com que desista dessa atitude. Assim o complexo de Édipo é abandonado e reprimido. Na menina o complexo de castração prepara o complexo de Édipo. A castração já existe. Ela responsabiliza sua mãe pela falta do pênis e não a perdoa pelo fato de ter sido fabricada tão incompletamente. Dessa forma, volta-se para o pai pelo desejo de possuir um pênis e, por simbolismo, deseja ter um bebê do seu pai, iniciando aí a situação do complexo de Édipo.

A latência viria a acalmar, em parte, todas as representações pulsionais até a puberdade.

Na puberdade, os objetos infantis teriam que ser abandonados para eleição de outros objetos, já com uma corrente sensual.

Quando a corrente infantil não consegue se juntar à corrente sensual, poderá ficar impossível conjugar todos os desejos num único objeto.

Cada fase do desenvolvimento da organização sexual seria passível de pontos de fixação com suas consequências.

Articulação – Algumas interpretações da história

Cada passagem do conto infantil *Chapeuzinho Vermelho* evoca os textos de Freud sobre a sexualidade infantil.

Já no título do conto, podemos nos perguntar: por que justamente um chapeuzinho vermelho? Vermelho nos faz pensar em paixão, vida, desejos. Uma menina envolta por uma capa com capuz vermelho, ou seja, carregada de desejos. Desejos infantis, sem ainda um objeto bem-definido, sem a maturidade para realizá-los.

Sua mãe, já sabedora da curiosidade da filha, recomenda que não se desvie do caminho e que não fique bisbilhotando a casa da avó. Porém, quando encontra o primeiro lobo no caminho, a Chapeuzinho se deixa levar por sua lábia. Assim como, talvez algumas mulheres, de uma forma geral, poderão ser seduzidas pelas palavras no ouvido ditas por lobos sabidos.

Mas, que lobo seria esse? O que estaria por trás deste lobo?

Para essa menina ingênua, porém curiosa e cheia de desejos confusos, o pai tem que ser temido de alguma forma. No entanto, é importante fantasiar que ele também a deseja e a corteja.

O que seduz Chapeuzinho é ver o desejo do lobo e o que seduz o lobo é sua inocência curiosa. O mesmo ocorreria em todos os abusadores infantis que, provavelmente, estariam regredidos e fixados em sua fase perversa e polimorfa e,

apesar de adultos, se sentem atraídos por crianças inocentes, perturbadas e curiosas sobre suas sensações sexuais.

Chapeuzinho descreve com precisão o caminho para a casa da avó e se deixa ficar distraída pelas flores e borboletas, como havia sugerido o lobo. Esquece totalmente do dever que lhe foi confiado (princípio da realidade), para se deixar conduzir pela brincadeira (princípio do prazer).

Será que nunca tinha ouvido falar dos lobos? Bem, a forma doméstica do lobo o cão que poderia também simbolizar o papai bonzinho.

Segundo Bettelheim (1980), a menina envia o lobo para a avó, pois esta estaria mais madura para lidar com a situação.

Poderíamos pensar também que foram dadas as exatas coordenadas desejando um reencontro. Enfim, a menina só parou de colher flores quando não mais conseguia carregá-las. Só então seguiu caminho para a casa da avó. No simbolismo dos sonhos, Freud cita que colher flores seria equivalente à masturbação infantil.

Chegando à casa da avó, apesar de achá-la estranha, continua a jogar o jogo da sedução mútua.

Na *História da Avó*, aceita o convite do lobo, de comer a carne e beber o sangue. Podemos pensar nesse momento na fase oral canibalística descrita por Freud, e que nos remete a um processo de identificação de Chapeuzinho com a avó-mãe, uma mulher mais madura, apta sexualmente.

Chapeuzinho tem uma sexualidade, está muito curiosa sobre essa sexualidade, mas ainda não estaria pronta para exercê-la.

Nessa mesma *História da Avó*, um gato comenta: “que é preciso ser uma porca para comer a carne da avó e beber seu sangue”. A menina não toma conhecimento do comentário. Está hipnotizada, seduzida pela promessa de prazer através do convite do lobo de ir para cama. Nesse momento, e no *strip-tease* que se segue, as “barreiras anímicas” do asco, vergonha e moral caem por terra ou, não existem, pois Chapeuzinho está totalmente entregue à realização dos desejos imediatos.

Ela ainda pergunta ao lobo onde colocar cada peça de roupa que tira, ao que ele responde sempre do mesmo jeito: “Jogue no fogo, minha filha, não vai precisar mais dela”.

O fogo está presente. É grande a excitação, o desejo entre ambos. Parece que a menina confia muito no lobo. Como a um pai. O lobo, inclusive, a trata por “minha filha”. Ela confia nas mãos do lobo o destino de suas roupas e o seu próprio destino. Poderíamos pensar que Chapeuzinho não precisaria mais de roupas

para cobrir sua inocência. O lobo sabia bem o que queria e Chapeuzinho se entregava às sensações.

Finalmente, a menina deita-se com o lobo. E vem o diálogo sobre partes grandes e peludas do corpo do lobo. Na *História da Avó*, a menina sente uma súbita vontade de urinar e pede para se aliviar lá fora.

Freud nos diz que o aparelho urinário dá seus sinais na sexualidade infantil como prenúncio da excitação sexual irrefreável em meninas, já que o aparelho sexual ainda é imaturo.

O lobo pede que se alivie na cama mesmo. Porém, a menina de alguma forma percebe que não está preparada para a situação, pois insiste em sair e acaba se safando. Já nas outras versões, acaba literalmente devorada, comida pelo lobo.

Como já sabemos, a criança vê o ato sexual como uma coisa sádica, de devoramento. Mesmo atualmente, não é difícil escutarmos: “fulano comeu beltrana”, quando querem referir-se a relações sexuais.

Na versão dos Irmãos Grimm, aparece um lenhador que ouve os roncos do lobo que dormia satisfeito com a refeição, na cama da vovó. Esse lenhador entra e executa uma “cesariana” no lobo, retirando a menina e a avó sãs e salvas. Com ajuda delas, preenche a barriga do lobo com pedras. Tanto a menina quanto a avó, portanto, renascem após toda a confusão. A menina, com certeza, perde sua inocência infantil para entrar na sexualidade adulta.

Talvez o lenhador possa simbolizar o pai que salva. Respeita e preserva as mulheres da família contra os possíveis lobos em vez do outro lobo que pensa que todas as mulheres da família lhe pertencem.

V. Conclusão

O segundo objeto de desejo de uma menina é seu pai ou representante, por quem se sentirá seduzida e tentará seduzir. Se esse pai ou substituto não tiver sua própria sexualidade resolvida, poderá desempenhar o papel de lobo mau como em tantas histórias que temos ouvido e lido nos meios de comunicação.

A narrativa pode nos dar um olhar sob a aparência de um conto infantil, do que pode acontecer às nossas crianças, cheias de desejos e sensações sexuais, sem que tenha havido um amadurecimento, passarem por experiências concretas com os potenciais lobos da vida.

Um melhor esclarecimento sexual na infância pode possibilitar menos angústias e medos, oportunidade de conversas francas com os pais, relacionamentos mais transparentes. Assim, a criança se sentirá mais segura e

confiante, não tendo a sensação de estar sendo enganada e usada, mais atenta às investidas dos possíveis lobos. □

Referências

- BETTELHEIM, B. (1980). *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- CORSO, D. L.; CORSO, M. (2006). *Fadas no divã: Psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed.
- FREUD, S. (1887[1897]). Extratos dos documentos dirigidos à Fliess: Carta 69, Carta 70 Carta 71. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v.1. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1901). A questão do simbolismo nos sonhos das pessoas Normais: a interpretação dos Sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 6. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. (1901). Psicopatologia da vida cotidiana. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 6. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. (1907). Esclarecimento sexual das crianças. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. (1913). A ocorrência, em sonhos, de material oriundo de contos de fadas. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v.12. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. (1923). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. (1924). A dissolução do complexo de Édipo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. (1925). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. (1969). Conferencia XXXIII: feminilidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- GRIMM, J.; GRIMM W. (1857). *Contos de fadas*. Belo Horizonte: Reunidas, 1994.
- PERRAULT, C. (1697). *Contos de Perrault*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.
- TATAR, M. (1885). *Contos de fadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

Dores intestinais substituindo dores psíquicas

Walkiria Nunez Paulo dos Santos

Instituto de Psicanálise Durval Marcondes da

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

Trabalhando em processo de análise de pacientes com Diagnóstico de Retocolite Ulcerativa Inespecífica e Doença de Crohn, levantei hipóteses de que repetiam ali na relação transferencial dores profundas não nomeadas e não reconhecidas por eles, que se apresentavam como descargas de elementos Beta, como acúmulo de tensão sendo descarregados no órgão somático. Minha experiência tem me mostrado através desses pacientes, um sofrer crônico por falta de uma mãe continente, nutriz. A partir do vínculo formado com a analista, puderam gradativamente ir pensando suas dores e acalmando os sintomas orgânicos, no caminho de uma elaboração. Durante estes anos todos, as colonoscopias foram se modificando, inclusive as aftas foram desaparecendo, a luz intestinal voltando a existir e os pacientes com muito maior condição de suportar frustração e realidade tanto interna quanto externa.

Problema a ser pesquisado: Hipóteses Psicanalíticas levantadas a partir de pacientes com diagnóstico de Retocolite Ulcerativa Inespecífica e Doença de Crohn.

Esta pesquisa a que me refiro nasceu em 1999 com a chegada de pacientes com problemas intestinais e com diagnóstico grave e crônico, mas trazendo dúvidas e suas próprias teorias a respeito do motivo de terem sido acometidos pela doença. Desde o início suspeitavam de algo em relação à doença, além do diagnóstico recebido. Os pacientes tinham teorias explicativas, sempre relacionadas a culpas, castigos.

Minhas hipóteses nestes anos todos, assim como as deles, se romperam tantas vezes, quanto foram necessárias. Fui com cada paciente construindo um trabalho singular, pertencente a cada dupla, baseando-me em nossas vivências em cada sessão de análise.

O número desses pacientes foi aumentando à medida que meus pacientes começaram a se sentir melhor e eles próprios os encaminhavam ou então os recebia através de médicos, geralmente gastro e proctologistas.

Através de uma investigação profunda da transferência e contratransferência, estamos até hoje tecendo essas construções.

Tanto os pacientes com Retocolite Ulcerativa Inespecífica, quanto os de Crohn apresentaram alguns aspectos semelhantes, como dificuldades para lidar com a separação sujeito-objeto e com as diferenças. Assim como uma necessidade de se sentirem misturados, justamente para não se responsabilizarem por si próprios. Todos mostraram, principalmente, uma falta de integração Id-Superego.

O sofrimento psíquico assustador, que menciono, foi-me sendo esclarecido pelas sensações, percepções, sentimentos provocados em mim, que muitas vezes eu não conseguia transpor em palavras. Sentia que era “uma coisa que me dava um frio no estômago”, que era “uma sessão pesada, densa”. Em uma delas, lembro-me que, quase por terminar a sessão, olhei por debaixo da porta, e a luz da sala de espera que permanecia acesa pareceu-me estar apagada. Um medo começou a tomar conta de mim, não conseguia nomear esse medo, só o que me veio à mente é que tinha a ver com algo morto; mas a sessão estava terminando. Pensando depois, investigando dentro de mim e relembrando o material trazido pela paciente, percebi que estava trazendo um medo, um pavor, que eu não pude compreender, e que tinha ficado do lado de fora.

Penso que, com esses pacientes, há sempre um acúmulo de sentimentos, experiências que não foram elaborados pela psique.

Todos apresentaram desde o início relações com a mãe muito comprometidas, experiências muito ruins com elas. Queixas de frieza, distância, olhar vazio, falta de diálogo, e, principalmente, proibições. Mães vistas por eles como pudicas, em que falar sobre sexualidade jamais era permitido. Contam-me que viveram tempos sobre a égide de um “não pode” indiscriminado, ou de um “pode tudo”, que os fazia sentirem-se largados, abandonados.

Assim, se apresentaram em suas análises comigo. Na transferência, eu era a analista/mãe-fria, que não os compreendia, que não estava presente. Quantas vezes me senti totalmente impotente perante tantas necessidades, o que podia fazer por eles? Eu não era importante, não existia!

Freud, em seu ensaio de 1910, “A Conceção Psicanalítica da Perturbação Psicogênica da Visão”, levantou a idéia da possibilidade de um órgão estar forçado a servir a dois senhores; é esse conflito que dá significado a um sintoma orgânico (forças contraditórias podem entrar em conflito em um único local somático). Freud fala da importância do sexual, conseqüentemente do corpo, na constituição do psíquico.

Os intestinos, como órgão somático, na Retocolite, com suas aftas, pus intestinal, sangramento retal; e no Crohn, com sua inflamação crônica, estreitamento, fístulas, podemos hipotetizar que sejam expressões e manifestações de proibições do Superego, proibindo o corpo de funcionar com o prazer que o Id desejava.

No meu entender, quando nessa luta interminável entre Superego e Id, não dominada pelo Ego, a doença se agrava tanto física como mentalmente. As ordens ao ser obedecidas travam os movimentos peristálticos e ao ser desobedecidas levam ao conflito e possível paralisação. Sem vencedor, a doença se agrava; com um vencedor, o frágil ego fica sob o domínio do id ou do Superego, que desrespeitam a realidade “objetiva” e levam à doença mental.

Estabelece-se a gangorra: doença mental \leftrightarrow doença orgânica.

Muitas vezes, esses pacientes foram tomados por falta de ânimo, falta de vontade de viver e contínuos problemas no trabalho. Alguns passaram por vários desempregos, com um grande sentimento de inutilidade. Outros tiveram problemas com o sono, trocando o dia pela noite ou insônia. O apetite também era afetado, causando grande emagrecimento. Nessas épocas, o desalento tomava conta das sessões e tinham que recorrer sempre a algum familiar, até para continuarem com o compromisso financeiro da análise. Nesses momentos, mais frágeis, aceitavam mais minha colaboração e colo/analítico.

Em relação à alimentação, geralmente eram muito perseguidos: tudo tinha de ser vigiado, tudo fazia mal. Eram os alimentos que provocavam dores. O leite

era visto como proibido. Por exemplo, “leite não: fermenta, provoca diarreias/ evacuações”. Se algo acontecia no dia, provocando algum afeto, o motivo alegado era o feijão, o macarrão. Sentiam e somatizavam. Elementos Beta eram evacuados no corpo, pois não podiam pensar. Não existiam elementos Alfa por falta de mãe, que os possibilitassem pensar, nomeando suas dores psíquicas, significativas, compreendendo-as.

O corpo se apresentava como um campo de guerra. Os afetos migravam para o corpo e para a descarga de elementos Beta.

Na análise, traziam, além do suspeitar do alimento que eu oferecia, conteúdos de terem sido envenenados. Até que um dia numa sessão, uma paciente chega com pãozinhos de minuto quentinhos para mim. Entendi e senti que era como se fosse um teste: se eu acreditasse que ela me trazia um “bom alimento”, e também se eu aceitasse que ela me alimentasse.

As sessões, com o passar dos anos, começaram a ser exatamente assim: sessões mescladas de amor, ódio e conhecimento. Os afetos cada vez mais estavam podendo ser nomeados.

Apareciam aspectos mórbidos, sádicos, perversos (sonhos em que sempre estavam correndo perigo, casas sendo destruídas, assaltos, roubos, invasões, flechas, lanças varavam a cabeça, situações das quais no final sempre conseguiam se safar, ou situações que permaneciam no lugar do perigo, mas que não se davam conta dele).

A desvalorização de si ora era imensa, ora supervalorizavam-se em momentos de onipotência sem nenhum sentimento de humildade. O outro era sempre o torturador, o que abandonava e em contradição ao que mais tinha valor.

Relato de falas de mãe sempre apareceu no sentido de valorizarem todas as outras pessoas, menos o filho ou a filha. Quando conseguiam fazer algo de bom, a mãe nunca os valorizava ou via como um ato de crescimento. Se elogios apareciam, eram louvores para a mãe. Por exemplo: “minha mãe exigia que eu tirasse dez, só para ela mostrar para as amigas como era uma boa mãe”. Quando faziam algo julgado como errado, a mãe dizia: “O que os outros vão pensar, o que vão dizer”! Mais tarde percebemos que esse padrão foi assumido por eles, na vida adulta, (refiro-me às introjeções e relações objetais do mundo interno).

Alguns pacientes passaram por morte real da mãe, outros não. De qualquer forma o sentimento que me transmitiam é que houve falta de mãe que contém, nutre e proporciona crescimento.

O relacionamento do casal de pais é relatado como baseado em aparências: o pai como figura fraca e a mãe como fria, desvitalizada, não desejante.

Penso neste momento em pulsões, que só se concebem em relação a um

objeto. Sem objeto, frio e distante, não há pulsão de vida ou de morte: todo objeto é bipulsionalmente investido por um psiquismo. E é na relação com o objeto que a fusão das pulsões pode se dar, ou então se dará a desfusão, levando à morte.

Por essa falta de objeto que acolhesse os investimentos do sujeito, no início da análise só havia um falar sem sentido, sem emoção. Exemplo disso é a fala de um paciente: “Se minha mãe entrar em contato consigo mesma ela morre, não se pode tocar em assuntos sérios com ela”. Assim, na maioria das vezes, os fatos eram somente narrados, mas não vividos e experienciados junto comigo. Provavelmente apenas quando fui perdendo o medo de estar junto a eles e tomar contato com meu próprio “trato digestivo”, é que pudemos compartilhar dessas experiências juntos digerindo-as.

Para eles, entrar em contato com essas experiências era quase que impossível, pois não tinham como elaborá-las, pensá-las. A ingestão parecia ser extremamente dolorosa, e, no meu entender, podendo corresponder à doença autoimune (Retocolite e Crohn) e suas dores, resultando em autodestrutividade. Sem aparelho para pensar, para digerir as experiências, articulando-as através de significados emocionais, estas iam se acumulando, como um excesso de excitação que, em vez de proporcionar prazer, só podia se repetir continuamente, ao mesmo tempo que podia servir para preencher esse vazio de significação, vazio de vida mental.

Uma paciente traz um trauma de sua primeira infância. Presenciou a morte da irmãzinha de 2 anos, que, ao subir em uma cadeira para ficar perto da mãe que acendia uma espireiteira e pede à paciente que lhe passe a garrafa de álcool, morre em consequência da explosão, após muito sofrimento com as queimaduras.

Ela tem sentimentos profundos de culpa e de ódio por uma mãe que não cuidou, por uma mãe assassina, os quais perduraram por muito tempo durante a análise. Aparecem associações de que “fogo” mata, destrói, provoca dor, o melhor é ficar longe dele, o que em nossas construções aparece como o medo às pulsões, sentidas como perigosas, medo de que eu não pudesse ajudá-la a contê-las, fosse como uma mãe imprudente que as incrementasse, em vez de acolhê-las e lhes dar significado, levando-a à morte, como sua irmãzinha.

Penso que essa paciente estava proibida de ser uma pessoa desejante: não podia amar, porque tem a ver com entregar-se a alguém, o que é extremamente perigoso. A irmãzinha não quisera estar junto à mãe e morrerá? Talvez devagarzinho o “fogo” que mata pode ir se transformando em “fogo” que dá vida...

Anos depois traz um sonho: “Era aqui no seu consultório, cheio de gente na sala de espera. Eu estava com um bebê no colo dando mamadeira. O bebê era

aquele menino de 3 anos, com problemas no intestino, sobrinho do meu ex-marido. Ele começou a passar mal, de medo, com dor nos olhos. Fomos para o Hospital Ana Costa, não nos atenderam, fui para a Santa Casa, e só aí é que ele conseguiu ser medicado. No sonho iriam descobrir que alguém matou alguém, mas viram que essa pessoa estava viva”.

Sua parte adulta já pode dar um colo à sua parte infantil, doente do “intestino” e com “dor nos olhos”, que afinal encontra “medicação” na Santa Casa da análise.

Penso que, a partir de nosso trabalho de análise, ela pode ir construindo uma Casa mental suficiente para acolher a sua criança com doenças intestinais (mundo interno) e dores nos olhos (visão do mundo). Há também a referência à pessoa viva, dada como morta. Penso que ela aqui fala dessa “criança doente”, mas não morta, que requer cuidados para atingir uma vida mental saudável.

Cada paciente, com seu modo próprio de funcionamento mental, mesmo desconfiando, como esta paciente, foi se entregando a mim e à análise. Dificilmente faltavam e lentamente me deixavam participar de sua intimidade, o que sempre senti como um apelo de ajuda e busca de conhecimento, apesar de todas as dificuldades.

Um deles conseguiu se firmar no trabalho, outro conseguiu sua aposentadoria, outra atualmente foi convidada para um novo projeto de trabalho, outro mudou completamente de área profissional, outro conseguiu namorar. Enfim, cada um a seu modo tem mostrado progressos em seu mundo interno e externo, começando como que a florescer.

A vida mental, como o intestino, tem grandes chances de recuperação.

Durante as análises, em cada par que eu formava com cada paciente, gradativamente foi possível experimentarmos afetos de toda a natureza. Esses afetos nos permitiram aprender a apreender, a refletir, a amadurecer. Muitas vezes tivemos medo, de não conseguir nos compreender, achar as raízes mais profundas, medo que a distância afetiva ocorrida outrora continuasse a gerar repetições e não nos permitisse vislumbrar o novo. Sempre que esse medo se tornava maior, a crise somática aparecia somada à desconfiança e a sentimentos de abandono. Em contrapartida, o desejo de prosseguir, e de se encontrar sempre se fazia presente.

Penso na possibilidade de mudanças na estrutura psíquica desses pacientes, a partir da penetração na intimidade de nossas relações. Aos poucos, através dos sentimentos transformados em palavras ou, principalmente, por poder sentir com significados relacionais, o sentir junto com o objeto/analista, foram propiciando que os sintomas orgânicos se acalmassem.

O Ego, valorizando o objeto e trabalhando através do vínculo, introjetando,

foi sendo fortalecido e o Superego foi se tornando menos rígido, menos destrutivo.

Na relação transferencial, as imagens das interações vividas pela dupla vão podendo construir uma vida mental na qual essas representações servem de fundo para outras que virão numa estrutura benigna de relações vivas.

“Só um objeto de amor inspira outro ser humano”.

A seguir trago uma vinheta clínica que, no meu entender, ilustra bem essa passagem da desconfiança do objeto para a confiança num objeto cuidador.

P., assim que deita no divã fala: “Estou com calor. As blusas velhas eram finas e não esquentavam. Esta aqui é nova, esquentada e é confortável. Preciso de sua ajuda para resolver uma coisa. É sobre meu dente. Tive que ir a um dentista homem, do convênio, e quando ele me examinou viu que tem duas raízes; uma ele conseguiu tratar, mas a outra está escondida. Só com radiografia. Ele não é especialista. Então voltei para a minha dentista que estava de férias e ela me avisou que esta raiz está calcificada. Precisa ir colocando remedinho para ir fazendo um caminho. Avisou-me que iria doer, vai ser sem anestesia, mas que é preciso cuidar”.

Ela fala de uma nova blusa (pele psíquica), que esquentada (dá amor) e é confortável (dá o conforto da continência mental, que é como um abrigo psíquico já introjetado). E percebe que há coisas profundas ainda a serem tratadas, o que vai ocasionar dor psíquica. Mas ela confia na sua dentista (analista), a qual percebe como um objeto separado (pode sair de férias), o qual valoriza.

Penso que, em todos esses anos, fui chamada a participar vivamente (com meus afetos reais), para uma nova oportunidade desses pacientes refazerem a “unidade perdida”.

Ajudá-los a tecer uma pele psíquica, acolher um olhar significativo, tem sido uma experiência extremamente fértil. Na verdade, são pacientes que nos incitam a usar o mais profundo de nossa alma (psique), a níveis não-verbais, pois há neles ainda alguma esperança de encontrar alguém que os ajude. Assim, na relação transferencial, a repetição estéril pode ir dando lugar a novas relações, a partir de nossas construções no aqui e agora da sessão.

Atualmente alguns desses pacientes começam a enfrentar seus medos mais profundos. Dentre eles, o se dar conta de si, o poder ficar só, mas não abandonados desta vez, medo de amar, de se responsabilizar e enfrentar a vida com menos medo de usufruir, de “aproveitar” a vida...

Alguns já conseguem sentir e não somatizam. Começam a acolher seus

desejos e a considerá-los. Já conseguem perceber que o preço pago até então, com a somatização, foi grande demais: é melhor ousar se enfrentar.

Começam a aprender com a experiência, a existência de um “fogo de vida”, que, se não permitido, reconhecido, vivido e adaptado ao que é possível, na realidade, é o que os levará à morte precoce.

Enfim, depois de enfrentarmos muitas “tempestades de afetos”, é tempo de produzir, dos pacientes, da analista. A mente cada vez mais toma o lugar do somático.

Comentários finais

Ao redigir este trajeto de anos com meus pacientes, senti-me fazendo um movimento em espiral, que ora desce, ora sobe, repete, caminha. Senti-me esforçando-me para poder mostrar um trabalho árduo, mas com coerência de sentimentos, ao escrever. Mas no dia-a-dia, a viva turbulência emocional se fez presente todo o tempo, junto a eles. Talvez por isso até estejamos caminhando...

A multidão dos que não viveram o suficiente... Não é de uma carpideira que precisam, é de um adivinho. Precisam de um Édipo que lhes explique seu próprio enigma, cujo sentido não detém... É preciso ouvir palavras que jamais foram ditas, que ficaram no fundo dos corações (perscrute o seu coração: elas estão lá); é preciso fazer com que os silêncios da história falem.

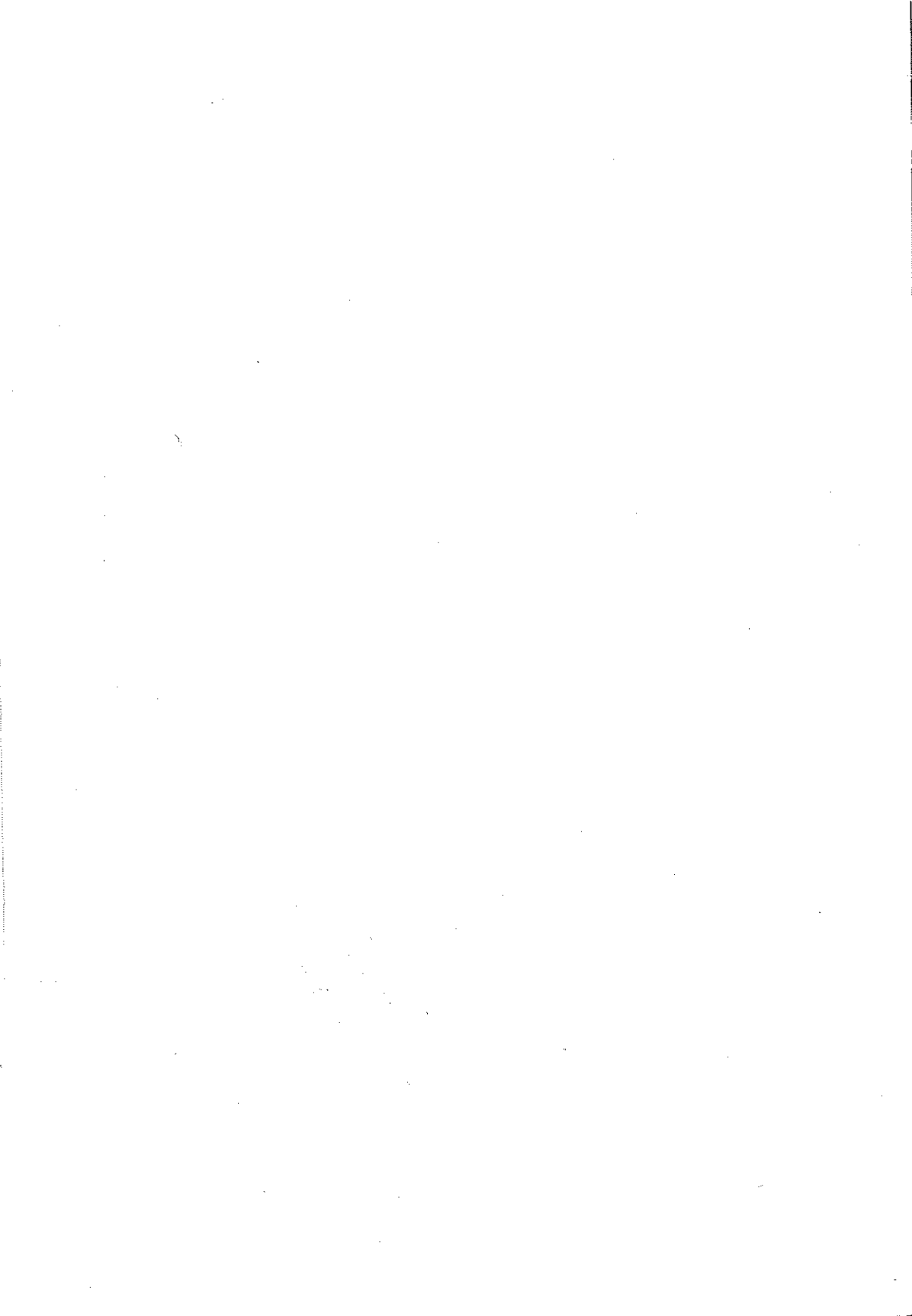
Jules Michelet

(Journal, 30 de janeiro de 1842) □

Referências

- AISENSTEIN, M. (2004). O doloroso enigma: o enigma da dor. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 11, n. 1, p. _____.
- _____. (2006). O antipensamento e a psicossomática. *IDE*, v. 29, n. 43, p. 142-145.
- _____. (2003). Face a face, corpo a corpo. *Trieb*, v.2, n.1, p. 145-155.

- BION, W. R. (1962). *Aprendiendo de la experiência*. México: Paidós, 1991.
- DAMIÃO A.; HABR-GAMA A. (1993). Retocolite ulcerativa idiopática. In: DANI R.; CASTRO, L. P. *Gastroenterologia clínica*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- FREUD, S. (1917 [1915]). Luto e melancolia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. (1904 [1903]). O método psicanalítico de Freud In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. (1895[1950]). Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- HABR-GAMA, A. (1988). Doença de Crohn do Intestino Delgado e do Intestino Grosso. In: *Clínica Cirúrgica Alípio Corrêa Neto*. 4ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Savier.
- MEZAN, R. (1993). Que significa “pesquisa” em psicanálise? In: *Investigação e Psicanálise*. Campinas, SP: Papyrus.
- MISZPUTEN, S. J. (2002). Retocolite Ulcerativa Inespecífica. In: *Gastroenterologia e Hepatologia: diagnóstico e tratamento*. 3 ed. rev. e ampl. São Paulo. Temos.
- MCDougall, J. (2000). *Teatros do corpo: o psicossoma em psicanálise*: Martins Fontes: São Paulo.
- MIRANDA, M. R. (2007). Em busca das palavras perdidas: corpo-carcereiro da mente nos distúrbios alimentares. *IDE*, v. 30, n. 45, p.28-34.
- STEINER, R. (1992). *A arte da educação II. Metodologia e didática no ensino Waldorf*. Antroposófica.
- ZIMERMAN, D. E. (1995). *Bion: da teoria à prática – uma leitura didática*. Porto Alegre: Artes Médicas.



Panorama da Formação Analítica no Brasil

Léia Maria Silva Klöchner

Vice-presidente da Associação Brasileira de Candidatos
Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de
Psicanálise de Porto Alegre

Patrícia Cabianca Gazire

Instituto de Psicanálise Durval Marcondes da
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

Este trabalho é o resultado de um esforço conjunto, movido pelo desejo de conhecer o perfil da formação em nosso país. Partimos da pesquisa iniciada por Patrícia Gazires. Através de contatos com os colegas representantes dos Candidatos dos 12 Institutos do Brasil e dos dados do site da Febrapsi, chegamos às informações aqui reunidas. Como adendos, aparecem os dados relativos à formação em outros países da América Latina, levantados no trabalho inicial, e que poderão ser aproveitados em uma futura retomada deste projeto.

Partindo da função integradora e propiciadora de reflexões da ABC, que visa contribuir para a aquisição de uma identidade de grupo para os Candidatos, foi realizado este trabalho de pesquisa das características da formação psicanalítica no Brasil. Os diferentes eventos que nos reúnem têm sido espaços para maturação de um processo contínuo de busca de vínculos, de semelhanças e diferenças e do quanto isso pode enriquecer nossa identidade psicanalítica. Temos observado que alguns temas se repetem ao longo dos anos, nos diferentes eventos, em diferentes contextos e um deles é:

“Como é a formação dos colegas de outros Institutos?”

“Será que há problemas em comum, lições a serem aprendidas?”

“Podemos contribuir com eles e eles conosco?”

Diversas vezes se tentou estabelecer um traçado de nosso perfil. Em 2008, novamente se iniciou uma tentativa. Foi elaborado um instrumento de pesquisa, dando conta de variáveis importantes relativas à formação. Mas um momento de reflexão foi decisivo. Já havia um instrumento, elaborado por colegas interessados, iniciado em um encontro latino-americano em São Paulo. Começar do zero, de novo? Se pensarmos em termos de funcionamento de grupo, as partes compõem o todo. Se não for assim, ficamos fragmentados. Entramos em contato com a colega Patrícia Gazires, da SBPSP, que havia elaborado o protocolo e dado início à pesquisa. Começou, então, um trabalho conjunto, de continuidade em vez do eterno recomeço. O resultado desse esforço está aqui.

Havia uma diferença no trabalho original: a pesquisa era sobre a formação psicanalítica na América Latina. Neste momento, porém, consideramos somente os dados relativos ao Brasil. Esperamos, no entanto, que o trabalho maior iniciado na primeira pesquisa possa ser ampliado em outro momento. Os dados já existentes sobre os Institutos da América Latina estão presentes em forma de anexo, e não foram atualizados.

Desejamos que o projeto não pare, e que tenhamos contribuído para a construção de uma continuidade através das sucessivas gerações de psicanalistas em formação, na qual a criatividade e espírito de grupo sejam predominantes e produtivos.

Panorama da Formação Analítica no Brasil

	Tamanho da Sociedade	Pré-requisito para ingresso	Tripe		Problemas	Nome
			Análise pessoal	Seminários		
SBPSP	78 didatas 177 membros efetivos 268 membros associados 285 membros filiados	Graduação em Medicina ou Psicologia e 3 entrevistas.	4 sessões semanais, durante 5 anos, com analista didata.	7 Freud 1 Klein 1 Bion Clínicos Eletivos	2 casos, 80 horas cada, apresentação de relatório p/ banca de 3 analistas.	Alto custo. Supervisões iniciadas após análise. Membro Filiado ao Instituto
SBPdePA	22 membros efetivos; 18 em função didática 33 membros associados 7 membros convidados 54 membros do instituto	Graduação em Medicina ou Psicologia. 2 entrevistas com didata; se houver dúvida, poderá ser realizada uma 3ª entrevista; é exigido do pretendente a realização de 1 ano de análise com didata, antes de iniciar os seminários.	4 sessões semanais, com analista didata, no mínimo até a entrega do relatório final do 2º caso.	Total: 32 seminários (22 obrigatórios, 2 livres e 8 seletivos) Obrigatórios: 8 Freud; 4 Psicopatologia; 4 Técnica; 2 Klein; 2 História da Psicanálise e 2 Seminários Clínicos Seletivos: Bion; Winnicott; Piera; Lacan; Joyce; Green; Laplanche, Ferro, e outros. É obrigatório escolher 8 autores, e fazer 2 semestres de cada. Livres: Interfaces Psicanálise e Filosofia, Mitologia, Religião, Música, etc. Prata da Casa: autores da Sociedade que oferecem seminário sobre sua própria produção. Obrigatório escolher 2 livres e fazer 2 semestres cada.	2 casos de adulto em 4 sessões semanais, 80 horas cada; 2 relatórios de cada caso. Os dois casos podem ser supervisionados simultaneamente.	S/ relato Membro do Instituto

Tamanho da Sociedade	Pré-requisito para ingresso	Tripé		Problemas	Nome	
		Análise pessoal	Seminários	Supervisão		
SBPRJ Rio 2 139 membros efetivos, sendo 50 didatas 111 membros associados 3 membros convidados 65 candidatos	Graduação em Psicologia ou Medicina. É necessário que a análise pessoal seja feita com um analista em exercício de função didática, com a frequência de quatro ou cinco sessões semanais, por um período mínimo de 18 meses prévio ao início do curso. São feitas 3 entrevistas modelo I e 3 entrevistas modelo II.	Recomendado um mínimo de 4 sessões semanais com analista didata durante o maior tempo possível ao longo da formação. Fica a critério da dupla qualquer alteração nessa recomendação.	Aprendizado teórico e clínico consta de três períodos: 1. Período Introdutório: duração de 2 anos, é pré-requisito para o Período de Qualificação. Esse período é composto de 3 cursos: Estudo da Obra de Sigmund Freud; Desenvolvimento Emocional (do Bebê à Adolescência e Observação Mãe-Bebê) e Curso Temático de Técnica. 2. Período Complementar: se distribui por 5 semestres a partir do 2º ano de formação e é constituído por 5 cursos de conceitos básicos de: Melanie Klein, Donald Winnicott, Wilfred Bion, autores da Escola Francesa e autores da Psicologia do Self. 3. Período de Qualificação: composto por cursos eletivos (mínimo de 4 cursos), seminários clínicos (12 módulos de 8 seminários clínicos) e 2 casos de análise sob supervisão oficial.	2 casos de adultos de sexos diferentes, supervisionados por didatas da SBPRJ. Inicia-se o 1º caso, que deve ter duração de 2 anos, após conclusão do período introdutório. Para este primeiro caso, são apresentados 2 relatórios - um no final do primeiro ano e outro no final do segundo ano. Após aprovação do relatório do primeiro ano do primeiro caso, pode-se iniciar o segundo caso de supervisão, com duração de 1 ano e meio e apresentação de relatório no final deste período.	s/relato Candidato	
SPPA 191 membros: 37 membros efetivos, sendo 24 didatas 60 membros associados 94 membros do instituto	Graduação em Psicologia ou Medicina, estar há 1 ano em análise c/ didata ou há 2 anos com membro efetivo, falar inglês, experiência em serviço psiquiátrico. 3 entrevistas com membros da Comissão de Ensino (didatas e professores)	4 sessões semanais, com analista didata ou membro efetivo autorizado pelo Instituto. Após o término da supervisão do 1º caso, poderá ter alta da análise pessoal.	5 Seminários semanais obrigatórios (4 teóricos e 1 supervisão coletiva), durante 4 anos. Conteúdo: Freud, Klein, Bion, Winnicott, Pós-Kleinianos, Técnica Psicanalítica, Autores Franceses, Psicanálise da Infância e Adolescência e Psicologia do Ego.	Início após 1 ano de seminários teóricos, paciente adulto em 4 sessões semanais. 2 casos de 100 horas cada. Relatórios às 50 e 100 horas de cada um, que é lido somente pelo supervisor. Após 50 horas da 1ª supervisão pode-se iniciar a 2ª, e seguir simultaneamente.	Desproporção entre o valor cobrado dos pacientes em análise para supervisão oficial e o valor da análise didática do membro aspirante.	Membro aspirante

Tamanho da Sociedade	Pré-requisito para ingresso	Tripe		Problemas	Nome	
		Análise pessoal	Seminários			Supervisão
<p>SPB</p> <p>46 membros 52 membros do instituto</p>	<p>Entrevista por uma Comissão de Seleção, constituída por 3 professores do Instituto, um dos quais analista didata. Não é necessário graduação em Medicina ou Psicologia. Aprovado na seleção, o pretendente não graduado em Psicologia ou Medicina deverá ter experiência em Clínica ou Instituição de Saúde Mental, por período mínimo de 250 horas, obrigatoriamente.</p>	<p>4 sessões semanais, por 5 anos, no mínimo, pelo menos até o término da 1ª supervisão oficial e dos seminários teóricos e clínicos.</p>	<p>Seminários</p> <p>Após 1 ano de Análise Didática, o selecionado poderá matricular-se no Curso Teórico-Clinico.</p> <p>Duração: 4 anos. Aulas 2x/ semana, total de 3 horas semanais. Programa em Módulos: 5 Freud; 2 Klein; 2 Bion; 8 Seminários Clínicos; 2 Livres; 6 Técnica; 2 Estudos dos Casos Clínicos de Freud; 4 Psicopatologia; 1 Desenvolvimento Emocional Primitivo e 1 Autor Contemporâneo.</p>	<p>Supervisão</p> <p>80 horas no 1º caso e 100 horas no 2º caso, pacientes em 4 sessões semanais.</p>	<p>Membro do Instituto</p>	
<p>SPMS</p> <p>Sociedade reconhecida em 2007; 29 membros, 13 didatas; 18 Candidatos (3 turmas)</p>	<p>Graduação em Medicina ou Psicologia há pelo menos 2 anos, com experiência pessoal em psicoterapia ou psicanálise. Apresentação de memorial dirigido à Comissão de Seleção e Admissão do IP sobre motivações pessoais e profissionais para a formação psicanalítica. 3 entrevistas individuais com 3 analistas designados pelo IP</p>	<p>Durante todo o período da formação, até completar a última supervisão, com frequência de 4 sessões semanais.</p>	<p>Antes do início dos seminários oficiais, o IP oferece pré-seminários sobre temas gerais de Psicanálise: Origens da Psicanálise, Mitos, Epistemologia e outros. Os seminários oficiais duram 5 anos, 2x/semana, com 2 horas e meia cada.</p> <p>Teoria Psicanalítica: Freud, Klein; Fairbairn; Hartmann; Kohut; Winnicott; Bion; Lacan; Ferro; Green e outros.</p> <p>Teoria da Técnica Psicanalítica e Seminários Clínicos.</p>	<p>100 horas no 1º caso e 80 horas no 2º caso. Os supervisores são didatas do IP. Relatórios Parciais (semanais) e um Relatório Final.</p>	<p>No início da formação, os Candidatos não podem ter seminários com seus analistas. Por ser uma sociedade pequena, alguns Coordenadores ficam fora da grade de seminários, independentemente do desejo das turmas.</p>	<p>Candidato</p>

Tamanho da Sociedade	Pré-requisito para ingresso	Tripe			Problemas	Nome
		Análise pessoal	Seminários	Supervisão		
<p>APRIO Rio 3</p> <p>22 membros, dos quais 10 didatas; 8 Candidatos</p>	<p>Graduação em Medicina ou Psicologia e ter completado um período mínimo de 160 horas de análise pessoal. São realizadas 3 entrevistas com membros tutelares</p>	<p>4 sessões semanais, com Analista didata da própria sociedade. É possível análise condensada para moradores de outra cidade. Duração até pelo menos a 2ª supervisão ser completada.</p>	<p>Seminários</p> <p>1º Ano: Estudo Evolutivo de Freud; Curso de Teoria da Técnica Psicanalítica</p> <p>2º Ano: Estudo Evolutivo de Freud; Curso de Melanie Klein; Curso de "ligação" Klein e Freud; Abraham; Ferenczi; Fairbairn; Estudos Complementares de Técnica Psicanalítica</p> <p>3º Ano: Estudo Evolutivo de Freud; Bion; Perversões; Narcisismo e Desordens Fronteiriças; Winnicott; Autores contemporâneos de M. Klein.</p> <p>4º Ano: Freud segundo outros autores; autores Kleinianos e pós-Kleinianos; Hartmann (Psicologia do Ego); Psicologia Psicanalítica do Self; Psicoses e Distúrbios da Oralidade; Psicossomática e Autores Brasileiros.</p> <p>Seminários Clínicos semanais até o final do curso teórico ou da 2ª supervisão (o que ocorrer por último).</p>	<p>Supervisão</p> <p>80 horas no 1º caso, paciente em 4 sessões semanais, por 2 anos</p> <p>60 horas no 2º caso, paciente em 4 sessões semanais por 1 ano e meio.</p>	<p>Sem relato</p>	<p>Candidato</p>
<p>SPRP</p> <p>50 membros, sendo 10 didatas e 30 candidatos</p> <p>5 turmas, sociedade nova, reconhecida como sociedade plena em 2005.</p>	<p>Graduação em Medicina ou Psicologia; outras áreas o caso é estudado.</p> <p>É examinado currículo, autobiografia e 3 entrevistas, experiência clínica comprovada.</p> <p>Se é aprovado, é chamado de pré-candidato, faz 1 ano de análise didática e depois faz mais 3 entrevistas.</p>	<p>Exigida média de 5 anos de análise, 4 sessões semanais.</p>	<p>Seminários teóricos 4 anos, ministrados por analistas didatas e Membros: 1 ano de Freud e Técnica. Após 6 meses pode-se começar os seminários clínicos e supervisões. 1 ano de Klein e Bion e nos últimos 6 meses seminários Temáticos, solicitados pelos Candidatos (Ferro, Meltzer, e outros).</p> <p>2 anos de seminários clínicos semanais, ministrados por analistas didatas.</p>	<p>3 casos, pacientes em 4 sessões semanais. 1º caso 80 horas; 2º caso 80 horas e 3º caso 50 horas.</p> <p>Após 1 ano supervisionando o 1º caso, pode começar com o 2º caso e na metade da supervisão do 2º caso pode começar a do 3º.</p> <p>Apresenta-se um relatório para cada supervisão, para três analistas.</p>	<p>s/ relato</p>	<p>Candidato.</p>

	Tamanho da Sociedade	Pré-requisito para ingresso	Triplê		Problemas	Nome	
			Análise pessoal	Seminários			Supervisão
SPRJ Rio 1	150 membros 16 candidatos 50 anos de existência.	Graduação em Medicina ou Psicologia.	Análise em 4 sessões semanais.	2 anos Freud, obra de Klein, obra de Bion. Seminário clínico por turma.	Total de 150 horas de Supervisão: 1º caso de 100 horas; 2º caso de 50 horas. 1 paciente homem e 1 paciente mulher. Supervisões coletivas entre as turmas, um caso apresentado por candidato supervisionado por didata, acompanhado em supervisão por 4 ou 5 semanas, em sessão de supervisão aberta.	Difícil encontrar pacientes para análise, DAP (Centro Clínico) atende e encaminha pacientes para análise e psicoterapia para membros e Candidatos. Alto custo para Candidatos.	Membros do Instituto Auto-denominados Candidatos.
APERJ Rio 4	Sociedade nova, reconhecida em 2005 26 membros 14 Candidatos em 3 turmas.	Entrevista com 3 membros da Apej que tenham mais de 5 anos de experiência clínica psicanalítica. Graduação na área de saúde ou estudantes que estejam cursando o último ano. Memorial de próprio punho, currículo, diploma e uma declaração de estar fazendo análise com frequência de 3 sessões semanais, com um Membro da Apej ou analista de outra Instituição da IPA autorizado a analisar Candidato em formação.	s/ relato	Seminários semanais. Aspectos Históricos, Sociais e Filosóficos da Psicanálise; textos básicos de Freud; Metapsicologia; Principais Conceitos Psicanalíticos. São exigidos no mínimo 2 anos para iniciar. Seminários Clínicos e Supervisões Oficiais. Teoria da Técnica: 3 semestres. Seminários Clínicos: 5 semestres 2 anos: Textos de Freud; Seminário Clínico e Teoria da Técnica; Desenvolvimento Pós-Freudiano (Klein, Lacan, Hartmann), e outros. 3 créditos a serem escolhidos.	1º caso: 150 horas/2º caso: 100 horas - 2 relatórios de Supervisão, 2 Membros são sorteados para avaliar	s/ relato	s/ relato

	Tamanho da Sociedade	Pré-requisito para ingresso	Tripe		Problemas	Nome
			Análise pessoal	Seminários		
SPPel	14 membros (4 Didatas, 2 em função didática) 13 candidatos	Graduação em Medicina ou Psicologia. Estar em análise com didata do Instituto, um ano antes de iniciar a formação.	Pelo menos 4 sessões semanais, pelo menos até ter o relatório do primeiro caso de supervisão aprovado.	Durante 4 anos com seminários fixos: Freud, Melanie Klein, Bion, Winnicott, Kohut, Técnica Psicanalítica, Psicopatologia Psicanalítica, outros variam; Uma reunião científica semanal para todos os membros, aberta aos Candidatos, sobre diversos temas, autores atuais.	Supervisão Dois casos durante dois anos. Possível fazer supervisão com didatas de outros lugares, como Uruguai (Montevideu), das duas Sociedades de Porto Alegre.	Membro Candidato Número pequeno de didatas traz poucas opções em seminários e supervisões. Poucas pessoas fazem formação. Alguns Candidatos concluem seminários e não chegam a analistas. Ausência de Clínica Institucional. Valores dos seminários e mensaldades são altos (ainda somados aos custos de análise e supervisão).
SPR	30 membros efetivos, sendo 17 didatas 17 membros associados 63 Candidatos, incluindo Recife e os Núcleos de Natal, Fortaleza, Maceió e Aracaju	Graduação em Medicina ou Psicologia. Estar em análise com analista didata por pelo menos 1 ano antes de iniciar a formação. Três entrevistas com analistas didatas membros da Comissão de Seleção.	Quatro sessões semanais até a aprovação do relatório da primeira Supervisão Oficial.	Seminário teórico por 3 anos sobre Freud, Klein e Bion. Seminários de Teoria da Técnica por 2 anos com trabalhos de diversos autores desde Freud até a contemporaneidade. Seminários Clínicos com 4 didatas, 15 horas com cada um.	2 casos: 80 horas o primeiro e 60 horas o segundo. Apresentação de relatórios p/ banca de 3 analistas.	Candidato. Dificuldade em conseguir pacientes oficiais de 4 sessões semanais para as Supervisões e Seminários Clínicos. Custo elevado da formação.

ARTIGOS

- Um quarto eixo potencial para a formação**
Maria Nilza Mendes Campos / 25
- A pessoa do analista em criação e o desejo de ser mãe durante o processo de formação em Psicanálise
Estefânia Sarubbi, Joselane A. T. Campagna da Silva, Paula Francisca de Andrade Mittelstaedt / 33
- O conflito estético – algumas aproximações
Maria Carmelita Teixeira Gorski / 41
- Espelho meu, existe alguém mais bela do que eu? (Percurso do Narcisismo na Clínica Psicanalítica)
Lourdes Negreiros / 53
- Quando a escuta é analítica: sobre escuta em Psicanálise
Carla Brunstein / 71
- Caso-limite e limites do acaso: obstáculo e senha
Sandra Luiza Nunes Caseiro / 83
- Quem sou eu, quem é o outro?
Denise Junqueira / 97
- A Psicanálise na compreensão da personalidade psicótica
Rosa Maria Dal-Bó de Carvalho, Vanessa Dal-Bó de Carvalho / 105
- Traduzindo o brincar, a dupla analítica revela os inconscientes
Kátia Barbosa Macedo / 119
- Os pa (is) cientes e o analista. Um encontro pensável
Adriana Maria Nagalli de Oliveira / 131
- O Pequeno Hans discutido e sentido entre o passado e o presente
Celso Gutfreind / 141
- Pulsão: caminhos e descaminhos na construção de um conceito freudiano
Heloiza Cabral Vargas / 151
- O futuro de uma ilusão e o embate entre mitos e logos
Beatriz Andreiuolo / 159
- Recordando, repetindo e elaborando na Psicanálise e na cultura de hoje – uma investigação em diálogo a partir da diferença kantiana entre pensar e conhecer – verdade e significado – na obra de Hannah Arendt e W. Bion
Glaucia Pessoa / 167
- O ritual da memória e o ciclo do universo: um ponto de reflexão
Eveline Braga Nogueira / 175
- Filicídio ou suicídio?
Rossana Nicolliello Pinho / 181
- Vinícios ao som de Freud, Bion e Winnicott
Catherine Lapolli / 195
- Pensando em Chapeuzinho Vermelho
Maria Valéria da Silva Coelho / 207
- Dores intestinais substituindo dores psíquicas
Walkíria Nunez Paulo dos Santos / 217
- Panorama da Formação Analítica no Brasil
Léia Maria Silva Klöchner, Patrícia Cabianca Gazire / 227